



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE  
CAXIAS DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO DO CENTRO  
UNIVERSITÁRIO RITTER DOS REIS  
PROGRAMA DE DOUTORADO EM LETRAS – ASSOCIAÇÃO AMPLA  
UCS/UNIRITTER**

Aline Brustulin Cecchin

**MAPEAMENTO E ANÁLISE DO CENÁRIO EDITORIAL E LITERÁRIO DA  
SERRA GAÚCHA (2000-2016)**

Caxias do Sul  
2018



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE  
CAXIAS DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO DO CENTRO  
UNIVERSITÁRIO RITTER DOS REIS  
PROGRAMA DE DOUTORADO EM LETRAS – ASSOCIAÇÃO AMPLA  
UCS/UNIRITTER**

Aline Brustulin Cecchin

**MAPEAMENTO E ANÁLISE DO CENÁRIO EDITORIAL E LITERÁRIO DA  
SERRA GAÚCHA (2000-2016)**

Tese apresentada como requisito parcial à  
obtenção do título de Doutora pelo Programa de  
Doutorado em Letras – Associação Ampla  
UCS/UNIRITTER.

Orientador: Prof. Dr. João Claudio Arendt

Caxias do Sul  
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade de Caxias do Sul  
UCS - BICE - Processamento Técnico

C387m Cecchin, Aline Brustulin, 1988-  
Mapeamento e análise do cenário editorial e literário da Serra Gaúcha  
(2000-2016) / Aline Brustulin Cecchin. – 2018.  
215 f. : il. ; 30 cm

Apresenta bibliografia.  
Tese (Doutorado) – Universidade de Caxias do Sul em associação  
ampla UniRitter, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2018.  
Orientador: Prof. Dr. João Claudio Arendt.

1. Editores e edição – Serra Gaúcha (RS). 2. Escritores e editores. 3.  
Sociologia da literatura. I. Título.

CDU 2. ed.: 655.41(816.5)

Índice para o catálogo sistemático:

1. Editores e edição – Serra Gaúcha (RS)	655.41(816.5)
2. Escritores e editores	821.134.3(81).09
3. Sociologia da literatura	82:316

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária  
Carolina Machado Quadros – CRB 10/2236.

# Mapeamento e análise do cenário editorial e literário da Serra Gaúcha (2000-2016)

*Aline Brustulin Cecchin*

Tese de Doutorado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS/UniRitter, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Letras. Área de Concentração: Leitura e Linguagens. Linha de Pesquisa: Literatura e Processos de Linguagem

Caxias do Sul, 18 de dezembro de 2017.

Banca Examinadora:

---

Dr. Gerson Roberto Neumann  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Dr. João Claudio Arendt  
Orientador  
Universidade de Caxias do Sul

---

Dr. Márcio Miranda Alves  
Universidade de Caxias do Sul

---

Dra. Rejane Pivetta de Oliveira  
Centro Universitário Ritter dos Reis

***Parecer emitido à distância***

Dr. Roberto Henrique Seidel  
Universidade do Estado da Bahia

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade que a mim foi creditada, por ter me dado saúde e coragem para enfrentar todas as dificuldades e pelas pessoas que colocou em minha vida para iluminar o meu caminho.

Ao professor e orientador João Claudio Arendt, pela sua permanente disponibilidade e dedicação, exemplo de trabalho, rigor científico e experiência. Muito obrigada por todas as suas valiosas contribuições, tanto para esta pesquisa como para minha trajetória acadêmica.

Ao sempre presente Tiago, pelo incentivo, compreensão e encorajamento em todos os momentos.

Ao Fábio e Marlene, incomparáveis como pais, pelo carinho e por terem me feito sentir como se estivesse perto, mesmo quando longe fisicamente.

A minha irmã, Natália, pelo incentivo e parceria fundamentais.

A todos os escritores e editores, pela generosidade em conceder longas entrevistas que culminaram na realização desta tese.

Às bibliotecas municipais de Antônio Prado, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Cotiporã, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, São Marcos e Veranópolis, pelas informações concedidas.

À Universidade de Caxias do Sul, pelo apoio em forma de bolsa para a realização deste trabalho.

Ao Núcleo de Estudos e Pesquisa Estatística (NEPAE), da Universidade de Caxias do Sul, especialmente, à professora Ma. Adriana Speggorin pelo auxílio para a organização dos dados coletados.

À Daniela, pelo atendimento sempre cordial e solícito na Secretaria do PPGLet.

Aos colegas, Bruno Misturini, Carina Fior Postinger Balzan e Odair José Silva dos Santos, pelos diálogos, ideias, estímulos e provocações intelectuais.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

*“A intensidade e a riqueza da vida literária de um país (ou região) não se medem pelo seu número de best sellers, mas pelo número de escritores e leitores, pela sua diversidade de talentos e gostos, pela multiplicidade de intercâmbios, pela variedade de muitas espécies de experiências culturais.”*

(ESCARPIT, 1976, p. 116)

## RESUMO

O foco desta tese centra-se na investigação do cenário editorial da Serra Gaúcha/RS/Brasil. Ao compreender a literatura como um sistema que se forma a partir de uma ampla e complexa rede de relações, tem-se como objetivo mapear e analisar os mecanismos de produção, publicação e circulação literária na região, sob o ponto de vista de seus escritores e editores. Inicialmente, parte-se de uma ampla pesquisa sobre escritores e obras que compõem a paisagem literária serrana do ano 2000 até 2016, com o propósito de estruturar o panorama de publicações e de produtores de ficção na região. Em seguida, realizam-se entrevistas pessoais com 25 escritores e 4 editores, com o intuito de verificar como eles percebem sua atuação no sistema literário em questão. Finalmente, as entrevistas são tabuladas e analisadas à luz da sociologia da literatura. Fatores sociais, históricos e culturais específicos da região, assim como as condições de produção, difusão, leitura e público literário, compõem os elementos investigativos desta pesquisa e colaboram para que se compreenda a vida literária na Serra Gaúcha, na atualidade.

**Palavras-chave:** Sistema literário regional; Cenário editorial e literário; Serra Gaúcha; Escritores; Editores.

## ABSTRACT

This thesis focuses on the investigation of the editorial scenario of the Serra Gaúcha/RS/Brazil. Understanding literature as a system that is formed from a wide and complex network of relations, the objective is to map and analyze the literary mechanisms of production and publication in the region, from the perspective of its writers and editors. Initially, it is based on an extensive research on writers and works that compose the literary scenery from 2000 to 2016, with the purpose of structuring the panorama of publications and fiction producers in the region. Then personal interviews with 25 writers and 4 editors are carried out, in order to verify how they perceive their work in the literary system under discussion. Finally, the interviews are tabulated and analyzed according to the sociology of literature. Particular social, historical and cultural factors of the region, as well as the conditions of production, diffusion, reading and literary public, compose the investigative elements of this research and collaborate to understand the literary life in Serra Gaúcha, at the present time.

**Keywords:** Editorial and Literary Scenario; Serra Gaúcha; Regional Literary System; Writers; Editors



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. SOCIOLOGIA DA LITERATURA E DA LEITURA.....	18
1.1 A teoria dos polissistemas.....	26
1.2 A literatura como sistema.....	30
1.3 Sistema literário regional.....	35
1.4 A literatura enquanto prática cultural.....	39
2. O APARECIMENTO DOS LIVROS.....	46
2.1 O livro no Brasil.....	49
2.2 O livro no Rio Grande do Sul.....	53
2.3 O livro na Serra Gaúcha.....	57
3. CONSIDERAÇÕES ACERCA DA COLETA DE DADOS DA PESQUISA.....	62
3.1 O contato com as bibliotecas.....	63
3.2 A busca de informações adicionais sobre os escritores e o mapeamento acerca dos editores da Serra Gaúcha.....	65
3.3 Métodos, técnicas e abordagens.....	65
4. A CONFIGURAÇÃO DA CENA EDITORIAL DA SERRA GAÚCHA DE 2000 ATÉ 2016.....	70
4.1 Os resultados totais encontrados.....	71
4.2 Verificação de associação entre as variáveis.....	79
5. OS ESCRITORES DA SERRA GAÚCHA: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	96
5.1 Panorama geral: quem são esses escritores?.....	99
5.2 As entrevistas: escritores no sistema literário da Serra Gaúcha.....	101
5.2.1 Editoras e publicações.....	104
5.2.1.1 As editoras serranas sob o ponto de vista dos escritores entrevistados.....	105
5.2.1.2 Os planos literários regional, estadual e nacional.....	113
5.2.1.3 Considerações sobre as publicações regionais em geral.....	117
5.2.2 Os escritores serranos e a publicação na internet.....	119
5.2.3 A literatura e a vida social.....	124
5.2.3.1 Os escritores serranos e seus contatos literários.....	124
5.2.3.2 Os escritores serranos e suas leituras.....	126
5.2.3.3 A literatura na vida social da Serra.....	128
5.2.4 Referências regionais.....	132
5.2.4.1 A presença de temas regionais nos textos literários.....	132

5.2.4.2 As diferentes formas linguísticas e a expressão literária.....	136
5.2.4.3 A influência que a região exerce sobre a produção literária.....	138
5.2.5 Literatura serrana: passado, presente e futuro .....	140
5.2.5.1 Passado: os desenvolvimentos percebidos .....	140
5.2.5.2 Presente e futuro: os objetivos literários.....	141
6. AS EDITORAS DA SERRA GAÚCHA: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS .....	146
6.1 Panorama geral: quais são as editoras serranas? .....	149
6.2 O cenário editorial da Serra Gaúcha .....	151
6.2.1 Considerações sobre a literatura serrana.....	153
6.2.2 As chances de um escritor publicar .....	156
6.2.3 As mídias digitais e os escritores serranos.....	160
6.2.4 O mercado literário da Serra Gaúcha.....	162
6.2.5 Questões de prestígio e difusão da literatura serrana.....	165
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	171
REFERÊNCIAS .....	179
APÊNDICE .....	185
ANEXOS .....	215

*“Escrever, para mim, é como um ato religioso. Tenho montes de cadernos com relações de palavras, de expressões. Acompanhei muitas boiadas, a cavalo, e levei sempre um caderninho e um lápis preso ao bolso da camisa, para anotar tudo o que de bom fosse ouvido — até o cantar de pássaros. Talvez o meu trabalho seja um pouco arbitrário, mas se pegar, pegou. A verdade é que a tarefa que me impus não pode ser só realizada por mim.”*

(GUIMARÃES ROSA, 1966)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> FONTE: Entrevista realizada pelo escritor e jornalista Arnaldo Saraiva, em 24 de novembro de 1966. Disponível em <http://www.revistabula.com/383-a-ultima-entrevista-de-guimaraes-rosa/>. Acesso em 17 de novembro de 2017.

## INTRODUÇÃO

As pesquisas no âmbito da sociologia da literatura e da leitura vêm ganhando cada vez mais fôlego nos estudos literários de natureza regional. Isso se deve ao fato de que pesquisadores de literatura regional começaram a perceber que, muito além da presença de temas regionais nos textos, há fatores que se mostram decisivos para restringir ou transbordar autores e sua produção literária de determinada região cultural<sup>2</sup>.

As manifestações artísticas, segundo Escarpit (1969), são inerentes à vida social, ou seja, fazem parte da sobrevivência de determinada sociedade e contribuem, inclusive, para o seu equilíbrio, visto que são necessárias para expressar modos de comunicação e integração. Assim como os fenômenos políticos, econômicos e religiosos, entre outros, a arte, sob o ponto de vista (multi)funcional, corrobora a existência de determinado grupo social.

Para Candido (2009), a arte, percebida como um sistema simbólico de comunicação, pressupõe uma permanente rede de relações entre autor, obra e público. O autor precisa do público para se realizar enquanto artista, já que é o receptor, de um modo geral, quem dá sentido à obra. O público estabelece o vínculo entre criador e criação; se não houver o seu reconhecimento, é como se autor e obra nunca tivessem existido. A obra tem a função de estabelecer o contato entre autor e público, despertando o seu interesse em relação ao produtor.

Sob esse ponto de vista, compreende-se o texto literário como mediador entre o autor e o seu público, e o público, como mediador entre o autor e a sua obra, levando em consideração que o autor só tem dimensão da sua obra quando essa é mostrada a terceiros. Lembra-se, também, que o reconhecimento do autor (aprovação de suas ideias e de sua técnica, remuneração financeira) deve-se ao sucesso da sua obra, ou seja, à sua aceitação. Entretanto, não se pode ignorar que é o autor quem desencadeia todo o processo de comunicação em relação à produção, circulação e recepção artísticas.

Apesar de Candido (2009) compreender a literatura como um sistema, ele apresenta, principalmente, autores, obras e leitores como parte desse circuito de relações. Já para Zohar

---

<sup>2</sup> Neste trabalho, assim como para Joachimsthaler (2009), compreende-se que uma região cultural constitui-se a partir de condensações e sobreposições em determinado espaço. Esse fenômeno contribui para a formação das identidades regionais e proporciona o autorreconhecimento dentro do próprio espaço cultural e, ainda, o reconhecimento de quem está inserido em outra região cultural.

(1990), a literatura constitui um sistema que interage com outros sistemas, todos incluídos em um sistema de âmbito maior: o cultural. É preciso compreender a literatura como parte de um conjunto de relações dinâmicas e heterogêneas, que compõem intersecções múltiplas e de grande complexidade, que vão além da relação entre autores, obras e leitores. O texto literário existe na medida em que promove a sua relação com outros segmentos, assim, contribuindo para a formação, consolidação ou renovação de determinado sistema.

A partir do pressuposto de que a literatura faz parte de uma ampla e complexa rede de relações, acredita-se que a noção de sistema está vinculada à verificação de uma paisagem literária<sup>3</sup> que sofre transformações ao longo do tempo e no espaço, em sua relação com os meios de difusão e prestígio do texto literário. Há uma conexão direta entre a produção literária e a vida social. A produção de textos não deve ser identificada de modo simples, sem levar em consideração a rede de intersecções na qual determinado texto está inserido. O local e o meio de publicação, a presença ou a ausência de crítica literária, o comércio livreiro e as bibliotecas são apenas alguns exemplos de fatores literários que podem estar envolvidos em investigações dessa natureza.

Pesquisas que buscam sondar os mecanismos de produção, recepção, circulação e publicação da literatura colaboram para a verificação de uma paisagem literária em determinado contexto social. À vista disso, os trabalhos nas áreas da sociologia da literatura e da leitura podem ser aprofundados e contribuir para que sejam coletadas informações sobre escritores, leitores e obras que, até então, não apareciam nos registros realizados, por questões de qualidade ou distribuição.

Polar (2000) destaca que a compreensão da literatura como um sistema que contribui para a criação de histórias da literatura e da leitura confirma que a literatura na América Latina, por exemplo, é formada por muitos sistemas literários, que se relacionam mediante vínculos de contradição, tendo como pressuposto a opressão e a discriminação de sua ordem social. Esses sistemas não são independentes, mas “produzidos dentro de um processo histórico comum que essa mesma história explica” (POLAR, 2000, p. 11).

É papel do pesquisador determinar os limites dessas relações, que podem ser do tamanho de um continente, de uma nação ou de uma região. Portanto, a literatura, não apenas na América Latina, é um sistema construído por vários subsistemas que emanam de relações contraditórias. Ademais, deve-se levar em consideração que a determinação dos mesmos padrões por diferentes sistemas também precisa ser observada, uma vez que poderá contribuir

---

<sup>3</sup> A análise das redes de relações estabelecidas entre produção, recepção e temática, segundo Joachimsthaler (2009), forma o que o autor denomina como uma paisagem literária.

para o surgimento de novas redes de relações. Dessa maneira, tanto as contradições entre os diferentes sistemas, quanto o acordo entre as partes, devem ser investigados, porque poderão colaborar na composição de determinada história da literatura e da leitura regionais.

Conforme Stüben (2013), literatura regional é definida como aquela que se encontra restrita à região por questões temáticas, de produção e/ou de recepção. Nesta perspectiva, é preciso compreender a literatura regional enquanto um sistema com leis próprias, que se organiza essencialmente por meio de produtores, receptores e produtos. As obras devem ser tomadas como um canal de comunicação que possibilita o contato humano entre escritores e leitores. O texto tem ação comunicativa e promove a integração e, portanto, tornam-se importantes para esse campo de estudos as relações estabelecidas entre autor, obra, leitor e outros elementos que possam vir a compor a rede de relações.

Neste trabalho, não temos como propósito escrever uma história da literatura da Serra Gaúcha/RS, ou fazer o simples registro de escritores e suas obras, mas, sim, contribuir para o aprofundamento dos estudos que já têm sido desenvolvidos sobre a produção, a circulação, a publicação e a recepção literárias na região<sup>4</sup>.

Esta pesquisa será conduzida, principalmente, tendo em vista a Teoria dos Polissistemas, de Itamar Even Zohar (1990). Um sistema literário é composto basicamente por escritores, leitores e obras, entretanto, há elementos que podem variar nessa rede de relações. Acredita-se que as universidades, as academias de Letras, os concursos e os eventos literários em geral também são exemplos de fatores literários que contribuem para impulsionar a produção, a recepção, a publicação e a circulação da literatura na região. Parte-se da condição de que a literatura regional constitui um sistema que, conforme Berumen (2005), está inserido em um conjunto maior de sistemas hierarquizados, que coexistem e interagem uns com os outros. Portanto, temos como hipótese de pesquisa que, ao passar por um processo de consolidação na década de 1960, o sistema literário da Serra Gaúcha, atualmente, está em fase de renovação e fortalecimento de suas redes de relações estabelecidas no passado, nos planos regional, estadual e nacional.

Ressalta-se que o objetivo geral desta tese é investigar os mecanismos de produção e publicação da literatura produzida na Serra Gaúcha, entre 2000 e 2016, sob o ponto de vista da

---

<sup>4</sup> Veja-se, de modo especial, o Projeto “Para uma história da leitura e da literatura em contextos regionais”, iniciado em 2012, coordenado pelo professor João Claudio Arendt, que investiga a formação de sistemas literários regionais a partir da produção, mediação, circulação e recepção de textos literários e extraliterários em contextos regionais e suprarregionais, com o objetivo de elaborar uma história da literatura e da leitura *na* Serra Gaúcha, no período de 1897 a 1967.

experiência de seus escritores e editores. A sondagem do ambiente literário neste período, a partir da realização de entrevistas com seus escritores e editores, tem, em suma, como base teórica contribuições da sociologia da literatura e da leitura.

Os objetivos específicos desta tese são: aprofundar o conceito de sistema literário com base na sociologia da literatura e aplicá-lo à noção de sistema literário regional; fazer um levantamento dos escritores que residem na Serra Gaúcha/RS e possuem obras literárias publicadas entre 2000 e 2016; elaborar uma lista com todos os editores que atuam na Serra Gaúcha/RS; entrevistar uma amostra de escritores e editores que integram o sistema literário serrano contemporâneo; analisar as entrevistas com escritores e editores à luz da sociologia da literatura e da leitura.

Para alcançar tais objetivos, optou-se por conduzir, em um primeiro momento, uma pesquisa de caráter quantitativo, a partir do levantamento de dados acerca de quem são os escritores da Serra Gaúcha, suas obras, local, meio e ano de publicação, e gênero textual literário. Os dados coletados foram organizados e introduzidos no *software IBM® SPSS® Statistics19*<sup>5</sup>, que sistematizou as informações apresentadas ao longo desta tese. Em um segundo momento, a partir de uma perspectiva qualitativa, foram selecionados os escritores e editores a serem entrevistados. As perguntas<sup>6</sup> foram retiradas do estudo sobre a literatura escrita por mulheres em Sarre, na Alemanha, no qual Katja Leonhardt (2013) entrevistou 64 escritoras da região. Com pequenas adaptações, as perguntas tornaram-se pertinentes para a investigação da paisagem literária da Serra Gaúcha.

A realização das entrevistas colaborou para responder às seguintes questões: Como se dá a relação entre escritores e editoras na Serra Gaúcha? De que forma os escritores compreendem os planos literários regional, estadual e nacional? Qual é a relação entre os escritores e os recursos midiáticos contemporâneos, como a internet? Que tipo de contato existe entre os escritores da Serra? Qual é a cena editorial atual da Serra Gaúcha? Quais fatores sociais e culturais específicos da região agem sobre a produção e recepção da literatura serrana?

É preciso ressaltar que foram encontrados 250 escritores vivos que residem nos dez municípios mais populosos da Serra Gaúcha. O pré-projeto desta tese previa que seriam entrevistados todos os escritores da região. No entanto, diante do grande número de autores

---

<sup>5</sup> Agradeço o apoio do Núcleo de Estudos e Pesquisa Estatística (NEPAE), da Universidade de Caxias do Sul, especialmente, à professora Ma. Adriana Speggin, pelo auxílio para a organização dos dados coletados.

<sup>6</sup> O questionário original encontra-se traduzido e publicado na resenha *Escrita feminina em estruturas regionais* (2011a), de autoria de João Claudio Arendt.

encontrados, optou-se, através do estabelecimento de critérios próprios<sup>7</sup>, selecionar 25 escritores a serem entrevistados. Em relação aos editores, não foi necessário realizar essa filtragem, uma vez que, na época da realização da pesquisa, foram encontradas apenas seis editoras na região<sup>8</sup>.

Destaca-se que há 54 municípios que compõem a Serra Gaúcha/RS. Para a definição dos municípios que foram contemplados nesta pesquisa, delimitou-se a escolha entre as 19 cidades que formam a microrregião de Caxias do Sul (denominação estabelecida pelo IBGE), sendo que todas elas fazem parte do rol de cidades que integram a Serra Gaúcha. Os municípios contemplados nesta pesquisa são: Antônio Prado, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Cotiporã, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, São Marcos e Veranópolis<sup>9</sup>.

Durante a escolha dos escritores a serem entrevistados, procurou-se contemplar autores das dez cidades citadas. Evidentemente, tendo em vista as especificidades de cada município, a grande maioria dos entrevistados está concentrada na cidade de Caxias do Sul, onde há maior número de autores e, conseqüentemente, de livros publicados.

Sabe-se que esta tese não esgotaria as muitas possibilidades de estudo do cenário literário da Serra Gaúcha, mesmo que todos os seus escritores e editores fossem entrevistados. Tornando-se inviável entrevistar todos os envolvidos no cenário editorial serrano, optou-se por entrevistar todos os editores com os quais foi possível estabelecer contato, além de 10% da população total de escritores encontrados nos dez municípios já mencionados. A partir disso, acredita-se que seja possível obter uma amostragem dos mecanismos de produção, publicação e circulação da literatura na região.

Destaca-se que esta tese está estruturada em seis capítulos. O primeiro tem como objetivo refletir sobre questões teóricas oriundas da sociologia da literatura e da leitura, autores como BOURDIEU (1996); CANDIDO (2001, 2009 e 2011); CHARTIER (1998, 2001a, 2001b, 2002 e 2006); DARNTON (2009); ESCARPIT (1969 e 1976); LAFARGE e SEGRÉ (2010), entre outros, fundamentam a discussão. Além disso, são aprofundadas questões teóricas sobre a Teoria dos Polissistemas (ZOHAR, 1990), que compreende a literatura enquanto um mecanismo de comunicação entre autores, leitores e obras, bem como a noção de sistema literário regional (ARENDETT (2011, 2012, 2015); JOACHIMSTHALER (2009); STÜBEN (2013), entre outros), que busca verificar os âmbitos de produção, publicação e recepção da

---

<sup>7</sup> Os critérios de seleção para a escolha dos escritores que foram entrevistados podem ser observados na sessão 5.1 *Panorama geral: quem são esses escritores?*

<sup>8</sup> Os detalhes sobre os editores entrevistados podem ser encontrados no capítulo 6 desta tese.

<sup>9</sup> Informações detalhadas sobre o processo de seleção dos municípios contemplados nesta investigação podem ser encontradas no capítulo 3 desta tese.



literatura, os quais se concentram em determinada região cultural. Por fim, há a discussão acerca da concepção de literatura enquanto prática cultural.

No capítulo 2, são apresentadas informações sobre o aparecimento dos livros na história da humanidade, no Brasil, no Rio Grande do Sul e na Serra Gaúcha. Parte-se de um âmbito amplo, o aparecimento dos livros, até chegar à sua ocorrência na Serra Gaúcha, recorte espacial deste trabalho. Esta seção tem como objetivo refletir e apresentar aspectos sociais, culturais, históricos e econômicos que contribuíram para o aparecimento do objeto de leitura: o livro.

Visando a uma melhor compreensão dos processos de investigação e elaboração deste trabalho, optou-se por organizar o terceiro capítulo a partir de informações de cunho prático acerca da pesquisa. Nele, encontra-se a proposta de pesquisa, além de esclarecimentos sobre o processo de coleta de dados para o mapeamento dos escritores e editores da Serra Gaúcha. Ao final do capítulo, tem-se a descrição dos métodos, técnicas e abordagens de pesquisa.

O quarto capítulo concentra-se na apresentação e análise dos dados coletados no processo de mapeamento da paisagem literária da região. Aqui, são exibidos quadros, organizados pelo *software IBM® SPSS® Statistics19*, com informações que contribuem para a visualização do cenário editorial da região investigada. Além das frequências dos dados coletados, há cruzamentos de informações, organizados pelo próprio programa, que favorecem a realização de análises mais aprofundadas.

No quinto capítulo, podem ser encontrados os dados coletados durante as entrevistas com os 25 escritores selecionados. O objetivo central da discussão é verificar como os escritores compreendem e atuam no sistema literário do qual fazem parte. A apresentação das informações oriundas das entrevistas com os escritores está organizada em cinco áreas temáticas “5.2.1 Editoras e publicação”; “5.2.2 Os escritores serranos e a publicação na internet”. “5.2.3 A literatura e a vida social”; “5.2.4 Referências regionais”; “5.2.5 Literatura serrana: passado, presente e futuro”.

No capítulo 6, o foco volta-se às entrevistas realizadas com os editores serranos. Nessa seção, podem ser encontradas informações sobre o cenário editorial da região, sob o ponto de vista de seus editores. Além disso, há reflexões acerca de como se estabelecem as relações entre as editoras e os escritores serranos.

Cabe ressaltar que, conforme informações obtidas junto ao Conselho de Ética da Universidade de Caxias do Sul, decidimos preservar a identidade dos entrevistados, evitando

possíveis constrangimentos aos participantes. O projeto de pesquisa para a presente tese foi submetido, também, à Plataforma Brasil e aprovado em 8 de novembro de 2016<sup>10</sup>.

Tendo em vista a exposição de informações realizada até aqui, acredita-se que esta tese pode contribuir com os estudos literários regionais e aprofundar as discussões no campo da sociologia da literatura e da leitura. Ademais, a observação e análise do sistema literário serrano oportunizam a utilização prática da Teoria dos Polissistemas. Portanto, este trabalho não se detém apenas no aprofundamento teórico, mas também na aplicação da referida teoria a uma situação concreta.

No processo de revisão da literatura para a elaboração desta pesquisa, não foram encontrados muitos trabalhos acadêmicos que contemplassem a investigação da paisagem literária da Serra Gaúcha, tendo em vista questões de produção, publicação, difusão e prestígio da literatura. Destaca-se o trabalho que vem sendo desenvolvido pelo projeto de pesquisa “Para uma história da leitura e da literatura em contextos regionais”, sob coordenação do professor João Claudio Arendt, que busca, a partir da pesquisa em jornais locais, investigar a paisagem literária da Serra Gaúcha entre 1897 e 1970.

Ressalta-se também a minha própria dissertação de mestrado, *Poetas em “reunião”*: o Grupo Matrícula e a consolidação de um sistema literário regional na Serra Gaúcha<sup>11</sup>, que teve como intuito investigar a contribuição do Grupo Matrícula na consolidação da produção, da recepção e da circulação literária na região serrana. A partir de uma investigação realizada em jornais de produção e circulação locais, para analisar o ambiente literário em que surgiu o Grupo e a sua primeira e única publicação em conjunto, observou-se que entre as décadas de 1950 e 1980 foram criadas condições de leitura e público literário regionais. Além disso, fica em evidência, ao final do trabalho, a relevância do Grupo para atrair o olhar dos críticos literários do Estado e de fora dele, de modo que a produção literária na Serra Gaúcha conquistasse novos horizontes, além dos regionais.

Por fim, destaca-se o *Dicionário bibliográfico de escritores da região de colonização italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: das origens a 2005* (2006), organizado pelas professoras Cecil Jeanine Zinani, Lisana Teresinha Bertussi e Salette Rosa Pezzi dos Santos. Nesse trabalho, as pesquisadoras elaboraram uma lista exaustiva dos escritores que já publicaram na região. Além disso, elas apresentam informações biográficas e bibliográficas sobre cada um dos autores contemplados no livro.

<sup>10</sup> O parecer substanciado do CEP pode ser observado na seção de anexos (Anexo A).

<sup>11</sup> CECCHIN, Aline Brustulin. *Poetas em “reunião”*: o grupo matrícula e a consolidação de um sistema literário regional na serra gaúcha. 2014. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, 2014.

Apesar desses avanços na busca de informações acerca da literatura produzida na Serra, ainda não há estudos específicos que proponham a leitura da paisagem literária serrana a partir de entrevistas com escritores e editores que integram o sistema. Do ponto de vista metodológico, este trabalho foi estruturado levando em consideração a pesquisa realizada por Katja Leonhardt, na Alemanha, a qual elaborou um questionário que envolve questões sobre “a produção, a publicação, a circulação, as influências literárias e os aspectos históricos e políticos de caráter regional relacionados à literatura produzida por mulheres do estado de Sarre” (ARENDR, 2011a, p. 245). A pesquisadora entrevistou 64 autoras, com a finalidade de construir um panorama da poesia publicada por mulheres na atualidade, além de ter como objetivo “pesquisar o impacto de fatores sociológicos regionais sobre a produção e publicação literárias” (LEONHARDT, 2013, p. 127).

Com o intuito de aprofundar os estudos sobre a sociologia da literatura e da leitura, bem como as pesquisas acerca da paisagem literária serrana, considera-se de suma importância a sondagem de questões de produção, publicação e circulação literária, a partir da realização de entrevistas com os escritores e editores pertencentes ao sistema literário do Nordeste Sul-riograndense.

Em suma, além de apresentar os escritores, obras e editoras que compõem a paisagem literária em questão, esta tese tem, como já se afirmou, o objetivo de analisar as relações estabelecidas entre esses e outros segmentos que compõem o sistema, observados sob o viés da sociologia da literatura e da leitura. Acredita-se que este trabalho poderá contribuir para os estudos literários regionais, especialmente para a verificação do cenário editorial da Serra Gaúcha/RS, desde 2000 até 2016.

*“Acho que escrever bem tem a maior importância e todo escritor que se preze tem o dever de procurar fazê-lo. Tudo está em saber o que é escrever bem...”*

(MANUEL BANDEIRA, 1944)<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> FONTE: Entrevista realizada por Homero Senna. Publicada originalmente na *República das letras* (Rio de Janeiro). Disponível em <http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/ManuelBandeira.htm>. Acesso em 10 de novembro de 2017.

## 1. SOCIOLOGIA DA LITERATURA E DA LEITURA

Antes de tratar sobre o que se entende acerca da relação entre literatura e sociedade, cabe salientar que muitos autores que se dedicam/dedicaram aos estudos nessa área, por diversas vezes, utilizam/utilizaram nomenclaturas um pouco distintas para o campo de estudo em questão. Escarpit escreveu a *Sociologia da literatura* (1969), ao passo que Lafarge e Segré publicaram a *Sociologia da leitura* (2010). Assim como Escarpit, Candido (2011 [1965]), Zohar (1990), entre outros, utilizam com maior frequência o termo “sociologia da literatura”. Tendo como pressuposto que todos os estudos são de extrema importância para fundamentar este trabalho e que concentram as suas pesquisas na relação entre sociologia e literatura, será respeitada a singularidade de cada pesquisa e, portanto, serão mantidas as duas terminologias.

Escarpit (1969) destaca que o campo de estudos da sociologia literária deverá respeitar o fato literário, ou seja, aspectos culturais, históricos e sociais, não se limitando apenas a transações comerciais. A compra, a venda, a troca e o mercado livreiro também farão parte desses estudos, mas não serão os únicos elementos a serem analisados no sistema, pois, aqui, o livro é considerado um objeto de intercâmbio também cultural, e não apenas material. Dessa maneira, informações sobre os escritores, os leitores, os editores, os críticos literários, os produtores culturais, entre outros, também são de interesse.

Ao discorrer sobre a sociologia da literatura, Candido (2011 [1965]) alerta para a diferença de papéis entre críticos literários, que estabelecem relações entre a obra e os aspectos da sociedade, e pesquisas com foco na sociologia da literatura:

[...] é preciso estabelecer uma distinção de disciplinas, lembrando que o tratamento *externo* dos fatores *externos* pode ser legítimo quando se trata de sociologia da literatura, pois esta não propõe a questão do valor da obra, e pode interessar-se, justamente, por tudo que é condicionamento. Cabe-lhe, por exemplo, pesquisar a voga de um livro, a preferência estatística por um gênero, o gosto das classes, a origem social dos autores, a relação entre as obras e as ideias, a influência da organização social, econômica e política etc. É uma disciplina de cunho científico, sem a orientação estética necessariamente assumida pela crítica” (CANDIDO [1965], 2011, p. 14).

Para a sociologia da literatura, na maioria dos casos, não interessa a qualidade estética do texto, mas o fato de ele estar inserido em um sistema de produção, publicação, circulação e recepção literárias. Desse modo, não é necessário analisar enredo, personagens, tempo e espaço da obra, pois torna-se de grande relevância compreender os locais pelos quais circulam

escritores, editores, livreiros, leitores e obras, bem como as relações que estabelecem entre si e com a sociedade. O autor denomina esses aspectos como *externos*, entretanto, isso não significa que eles não sejam intrínsecos a aspectos internos (personagens, enredo, qualidade estética etc.) de determinada obra. Portanto, neste trabalho de pesquisa, diferentemente de Candido, os *fatores externos* serão identificados como *fatores sociais* que influenciam os mecanismos de produção, publicação, circulação e recepção da literatura.

Ainda de acordo com Candido, além do pesquisador, é o crítico que pode estabelecer relações entre as características temáticas e estéticas da obra e questões sociais, históricas e culturais. O autor cita o exemplo da obra *Senhora*, de José de Alencar, na qual fica evidente a presença de elementos da sociedade burguesa da época, como a representação do casamento por conveniência entre Aurélia Camargo e Fernando Seixas. Para o estudioso, esse tipo de análise é apenas um viés das possibilidades de estudo que se concentram na relação literatura e sociedade.

O autor destaca seis modalidades de estudo que marcam as relações entre a literatura e a sociedade. A primeira vem a ser um método tradicional, explorado no século XVIII, que tem como objetivo relacionar o conjunto de uma literatura, um período e um gênero com as condições sociais. Para Candido, esse tipo de estudo é decepcionante, pois normalmente os pesquisadores analisam condições políticas e econômicas e, após, discorrem sobre as obras segundo suas intuições e (pré)conceitos. A segunda modalidade tem por objetivo verificar em que medida as obras espelham ou representam a realidade social. Conforme Candido, esse tipo de análise é a mais frequente nessa linha de abordagem. Há, ainda, os estudos voltados ao campo da sociologia literária, nos quais são investigadas as relações entre a obra e o público, e aqueles que se dedicam à análise da posição e da função social do escritor. Destacam-se também as pesquisas que investigam a função política das obras e dos autores, tentando perceber o intuito ideológico de seus discursos. Finalmente, há estudos que se voltam para a busca de informações acerca das origens da literatura em geral, de determinados gêneros.

Como podemos observar, as linhas de pesquisa que integram a relação entre literatura e sociedade são inúmeras. Consoante Candido, acredita-se que a pesquisa que envolve a investigação de traços da sociedade representados no enredo de um texto literário é o tipo de estudo mais difundido na atualidade. Entretanto, é inegável que grandes avanços têm sido conquistados na investigação sobre a relação entre escritores, obras e leitores. Em síntese, o autor ressalta que:

Todas estas modalidades e suas numerosas variantes são legítimas e, quando bem conduzidas, fecundas, na medida em que as tomarmos, não como crítica, mas como teoria e história sociológica da literatura, ou como sociologia da literatura, embora

algumas delas satisfaçam também as exigências próprias do crítico. Em todas nota-se o deslocamento de interesse da obra para os elementos sociais que formam a sua matéria, para as circunstâncias do meio que influíram na sua elaboração, ou para a sua função na sociedade” (CANDIDO [1965], 2011, p. 21).

Os estudos que se detêm em investigar essa relação (literatura e sociedade) têm como pressuposto compreender os aspectos sociais que fizeram parte da vida literária e artística em seus diferentes momentos. Contudo, deve-se levar em consideração que a literatura não apenas sofre influências de fatores históricos, sociais e culturais, mas também atua sobre eles. Observa-se que essa relação é dialética e difícil de ser dimensionada, pois muitos elementos poderão fazer parte de determinado universo literário.

Para Candido, “a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, e como tal interessa ao sociólogo” (CANDIDO [1965], 2011, p. 31). Acredita-se que não apenas para o sociólogo venha a interessar essa rede de relações, mas para todo aquele que deseja compreender a arte em seus contextos de produção, publicação, circulação e recepção. O pesquisador esclarece o que significa compreender a arte como um sistema de comunicação: para ele, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante (o artista), um comunicado (a obra) e um comunicando (o público).

A literatura e a sociedade constituem “um vasto sistema solidário de influências recíprocas” (CANDIDO [1965], 2011, p. 34). Assim como a sociedade opera na organização literária de determinada comunidade em determinado tempo, a literatura também age sobre a sociedade da qual faz parte, uma vez que pode quebrar paradigmas, proporcionar a reflexão acerca de questões históricas, sociais e culturais, contribuir para o surgimento de um público leitor etc.

Para demonstrar a relação entre literatura e sociedade, Candido resgata informações sobre valores e técnicas de comunicação de determinada comunidade que influenciam a estrutura das obras. O primeiro exemplo que o escritor apresenta é a poesia. Na construção do refrão, na recapitulação ou na própria medida dos versos, percebe-se que ela se originou em uma sociedade em que não havia escrita, buscando, assim, atender aos requisitos de enunciação verbal, audição e memorização.

No entanto, a partir do momento em que a escrita surge como meio de comunicação, o cenário literário sofre grandes transformações, dado que a poesia deixa de ser essencialmente auditiva e passa a se dedicar aos valores intelectuais. Além disso, esse gênero pode também ser visual, como no caso da produção de poesia concreta. Assim, há uma mudança de interlocutor, que agora não é mais ouvinte, mas leitor “atento e reflexivo, capaz de viver no silêncio e na meditação o sentido do seu canto mudo” (CANDIDO [1965], 2011, p. 43).

Outro caso a ser observado é o dos jornais. A partir de sua criação, novos gêneros – como os folhetins, por exemplo – foram criados para atender às necessidades desse meio de comunicação. A ocorrência da internet também tem permitido que diferentes gêneros textuais ganhem espaço na vida social, como o *e-mail*, os *blogs*, o *scrap*, entre tantos outros que surgem a cada dia.

Nos casos discutidos por Candido, fica nítida a influência da vida social na configuração das obras literárias. Conforme as condições sociais existentes nos diversos espaços e tempos, há diferentes padrões estéticos e temáticos na literatura. Algumas dessas características sobreviveram ao longo dos anos, outras desapareceram, e há ainda aquelas que se renovaram, acompanhando o surgimento dos mais variados suportes de comunicação (livro, jornal, internet...).

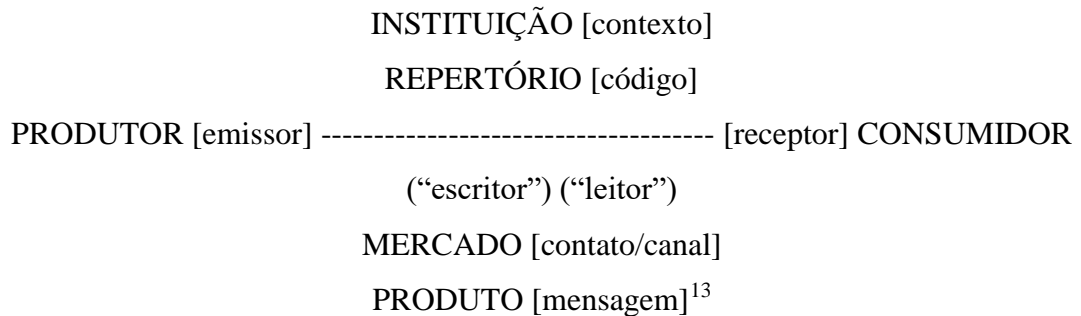
Para além disso, o estudo sociológico através da literatura ajuda a compreender a formação e o destino das obras, ou seja, sua produção, publicação, circulação e recepção. No entanto, segundo Candido, esse campo de estudo não consegue explicar a essência do fenômeno artístico, constatação que também tem sido difícil para outras áreas dos estudos literários. Nesse contexto, fator agravante é a falta de interesse pela qualidade estética do texto, que, muitas vezes, não importa ao estudo que busca investigar os meios pelos quais a obra é produzida, difundida e recebida.

Candido considera a relação entre literatura e sociedade tão intensa, que chega a afirmar que ambas são inseparáveis, e que não há sociedade que sobreviva sem manifestações artísticas, visto que são parte da *performance* dos indivíduos sobre o espaço e o tempo dos quais fazem parte. Nas palavras do autor, “as manifestações artísticas são inerentes à própria vida social, não havendo sociedade que não as manifeste como elemento necessário à sua sobrevivência, pois, como vimos, elas são uma das formas de atuação sobre o mundo” (CANDIDO [1965], 2011, p.79).

É válido acrescentar que toda arte é necessária para expressar os modos de comunicação e integração dos seres sociais. Além disso, ela é essencial à existência de determinados grupos, assim como os fenômenos políticos, econômicos, religiosos etc. Os estudos desenvolvidos por Escarpit (1969), na França, parecem confirmar a premissa proposta por Candido: literatura e sociedade exercem e sofrem influência uma da outra. Em seu livro, após apresentar e analisar diversas informações, Escarpit ressalta que a literatura e a leitura estão ligadas às circunstâncias sociais, históricas e culturais e, de uma maneira geral, constituem um todo com a vida cotidiana.



Com base em estudos linguísticos desenvolvidos por Roman Jakobson, Zohar (1990) adapta para a literatura o esquema de comunicação e linguagem produzido por aquele linguista. Observe-se:



A partir das afirmações de Escarpit (1969) e Candido (2011 [1965]), e do esquema produzido por Zohar (1990), pode-se inferir que a literatura constitui um sistema de comunicação. Para o estudioso brasileiro, apenas artista, obra e público compõem esse sistema. Apesar da ausência de escritores, obras e/ou leitores anular a existência de determinado sistema literário, para Zohar e para Escarpit, elementos como as instituições, a língua e o mercado comercial também estão inseridos nessa rede e são de suma importância para a manutenção e/ou transformação dos diferentes sistemas literários ao longo do tempo e do espaço.

Diferentemente de Candido (2011 [1965]), Zohar atenta para questões simbólicas que envolvem os sistemas literários. Tendo em vista as reflexões sobre campo desenvolvidas por Bourdieu em *As regras da arte*, o pesquisador israelense ressalta a importância de se observar que um sistema literário não surge, se transforma, se renova, se consolida ou desaparece de forma natural, mas, sim, porque há questões de poder simbólico que constituem as suas redes de relações.

Bourdieu (1996) não cita o termo sistema literário em seus estudos, mas desenvolve o conceito de campo literário. O autor define campo como uma rede de relações objetivas entre posições, ou seja, um espaço de forças opostas. O pesquisador compara o campo a um jogo, no qual os jogadores deixam-se envolver e apenas se opõem em situações em que as suas crenças e valores estão sendo ameaçados. Assim como em um jogo, no campo, os agentes possuem estratégias, que podem variar conforme o capital econômico, cultural, social e simbólico que os diferentes campos possuem. É importante salientar que para a noção de campo literário, assim como para a noção de sistema literário, a possibilidade de subversão das regras sempre

---

<sup>13</sup> FONTE: ZOHAR, 1990.

existe. As estratégias utilizadas pelos jogadores são de extrema importância para a renovação que, normalmente, é almejada pelos grupos com menor capital simbólico.

O campo literário é marcado por agentes que possuem um *habitus* idêntico. O *habitus* compõe a inserção do indivíduo em determinado campo e o faz sentir-se aceito em suas relações sociais, além de perceber o mundo como natural; no entanto, seu comportamento, suas escolhas não são inatas, e, sim, o produto de múltiplas aquisições sociais. Os indivíduos que têm o mesmo *habitus* não precisam dialogar para entrar em acordo: as suas escolhas são inconscientes, como os lugares que frequentam, a forma como se vestem, os autores que gostam e não gostam de ler, os eventos dos quais participam etc. A harmonia de escolhas que há entre o gosto pessoal de cada um contribui para a prática coletiva involuntária de todos os agentes do campo. No entanto, não se pode indagar o *habitus* apenas em sua imobilidade; deve-se ter em mente que ele sofre alterações com o passar do tempo, através das diferentes influências que o indivíduo recebe e compartilha, como se pode observar, muitas vezes, nas distinções de *habitus* entre pais e filhos.

Zohar (1990) destaca em seu texto que a teoria do *habitus* de Bourdieu é de extrema importância para a ligação entre o repertório gerado socialmente e os procedimentos de imposição e internalização individual. Além disso, as escolhas de um indivíduo ou de um grupo são realizadas por meio da experiência que depende do tempo e lugar. Portanto, para Zohar, “this repertoire of models acquired and adopted (as well as adapted) by individual and groups in a given milieu, and under the constraints of the prevailing system relations dominating this milieu, is labelled habitus” (1990, p. 42).

Tanto a confecção quanto o uso dos produtos literários acontecem a partir das normas que regem o “repertório”. São essas regras que determinam os procedimentos de produção e consumo. Então, quanto maior for a comunidade de produção e o uso dos produtos, maior será a afinação entre emissores e receptores. Conforme Zohar, pré-conhecimento e acordo são noções de suma importância para o conceito de repertório.

No sistema literário, deve-se entender que o autor é um agente social que sofre as influências do meio em que está inserido e que exerce força sobre esse espaço também. As escolhas do escritor operam em um espaço de tomadas de posições artísticas que poderão se unir à determinada corrente e se separar, em certos casos. Isso pode ser observado nos momentos em que agentes que pertencem ao mesmo campo tomam decisões iguais ou diferentes uns dos outros, o que pode de certa forma afastá-los ou aproximá-los.

Bourdieu (1996) elucida que, no século XIX, os escritores e artistas que se dedicassem à representação da arte burguesa, ou seja, que compartilhassem em seus textos as mesmas

opiniões éticas e políticas dos burgueses, estariam garantindo proveitos materiais e simbólicos, dentre eles prêmios acadêmicos, emblemas de consagração e reconhecimento do público. A adequação aos parâmetros da época impulsionou muitas carreiras de escritores e artistas.

Após a crise que houve em 1880 em relação à produção literária, desenvolve-se no interior de cada gênero um setor mais autônomo – uma vanguarda. O surgimento das vanguardas e o processo de distinção dos gêneros contribuíram para a sua unificação em um espaço mais amplo, o campo literário. Assim, o campo literário tende a se organizar em duas oposições mais básicas: a produção pura (dirigida para os produtores) e a grande produção (dirigida para satisfazer os desejos do público).

Como pode ser observado nos exemplos citados, não apenas o campo literário, mas os campos em geral, constituem-se a partir de suas lutas externas (com outros campos) e internas (vanguardas). Bourdieu exemplifica:

Se as lutas permanentes entre os detentores de capital específico e aqueles que ainda estão desprovidos dele constituem o motor de uma transformação incessante da oferta de produtos simbólicos, não é menos verdade que apenas podem levar a essas transformações profundas das relações de força simbólicas que são as alterações da hierarquia dos gêneros, das escolas ou dos autores quando podem apoiar-se em mudanças externas de mesmo sentido. (1996, p. 148)

Para Bourdieu, o processo de aumento de escolarização da população foi um dos fatores que mais determinou mudanças no campo econômico, o que influenciou o aumento do número de produtores e também de leitores potenciais. Assim, houve uma alteração também no campo literário, com a maior produção de trabalhos que é consequência do aumento do número de receptores.

Destaca-se ainda que a imposição de um novo produto e um novo produtor no mercado, que introduza uma nova “vanguarda” no campo, pode desestruturar todos os atos artísticos anteriores. Além disso, o campo de produção, segundo Bourdieu, contribui para estabelecer a temporalidade das preferências dos leitores. Ressalta-se que, por serem localizáveis em editoras, academias, galerias específicas, as diferentes posições no “espaço hierarquizado do campo de produção correspondem a gostos socialmente hierarquizados”. Assim, “toda transformação da estrutura do campo acarreta uma translação da estrutura dos gostos” (BOURDIEU, 1996, p. 149).

Zohar (1990) ressalta que o mercado é constituído por um conjunto de fatores que envolvem o comércio dos produtos literários e a promoção do consumo literário. Fazem parte do mercado não apenas instituições abertamente dedicadas a isso, como livrarias, bibliotecas e

clubes de leitura, por exemplo, mas também todos os fatores que participam do intercâmbio semiótico (simbólico). O autor ainda destaca que:

While it is the literary “institution” which may try to direct and dictate the kinds of consumption, determining the prices (values) of the various items of production, what determines its success or failure is not the kind of interaction which it is able to establish with the market. In the social-cultural reality, factors of literary institution and those of the literary market may naturally intersect in the same *space* (...) (1990, p. 38-39).

Portanto, entender a criação literária a partir de uma perspectiva romântica, como livre e original, não é mais conveniente. Isso se deve ao fato de que o ato de criação tem de ser percebido em seu contexto de aplicação de modelos conhecidos, da mesma forma que “the very notion of artistic achievement was connected to the producer’s capacity to successfully implement such models (and the consumer’s capacity to decipher them)” (ZOHAR, 1990, p. 40-41).

A essência da abordagem do sociólogo francês, citado por Zohar (1990) no texto em que discorre sobre a Teoria dos Polissistemas, está na relação do campo literário com o campo de poder que perpassa os terrenos simbólico, econômico e social. Zohar, tendo em vista os estudos desenvolvidos por Bourdieu, destaca que a posição do escritor e do leitor dentro do campo, suas escolhas (temáticas, editoriais, estéticas etc.), seu comportamento diante da sociedade, seus valores e suas crenças dependerão de sua bagagem simbólica, econômica e social.

Zohar recorre em alguns momentos às reflexões de Bourdieu, especialmente sobre o conceito de *habitus*, pois percebe que o sistema literário sofre influências econômicas, sociais e históricas que não podem ser ignoradas diante de uma abordagem baseada na sociologia da literatura. Todos os elementos de um sistema são resultado de influências histórico-sociais de determinada(s) comunidade(s) ao longo do tempo e do espaço, as quais, através da prática literária, promovem a formação, a renovação, a consolidação e o desaparecimento das redes de relações dos sistemas literários.

As noções de campo e *habitus* são importantes para que se compreenda que um sistema literário não é apenas integrado por escritores, obras e leitores, conforme apresenta Candido (2011 [1965]). É preciso levar em consideração que editoras, livrarias, incentivos públicos, universidades, entre outros fatores, estão envolvidos nos processos de vida útil do livro no tempo e no espaço. É, ainda, pertinente observar que os estratos<sup>14</sup> que constituem o sistema compõem um jogo de relações simbólicas e de poder que organizam e regem os mecanismos

---

<sup>14</sup> Termo utilizado por Zohar (1990).

de funcionamento do sistema. Por fim, sem esquecer as noções de campo e *habitus*, propostas por Bourdieu (1996), e como elas se relacionam com o conceito de sistema, este estudo será desenvolvido principalmente a partir da noção de sistema literário proposta por Zohar (1990).

### **1.1 A teoria dos polissistemas**

Os modelos de comunicação humana regidos pela cultura, linguagem, literatura e sociedade já foram estudados diversas vezes, conforme afirmação de Zohar (1990). Entretanto, normalmente eram percebidos como “conglomerados de elementos díspares” (ZOHAR, 1990, p. 1), e não como um sistema. A noção de sistema já tem sido utilizada, por exemplo, em análises literárias, mas ainda há incompreensões teóricas que precisam ser esclarecidas, segundo o autor.

A proposta de análise teórica apresentada pelo crítico israelense deve ser percebida como uma rede de relações, o que permite verificar a atuação de cada um dos elementos que fazem parte do sistema. Além disso, também poderão ser observadas e analisadas as leis que regem determinado sistema e qual o seu grau de complexidade. Antes dos avanços teóricos, eram realizados apenas os registros e a classificação dos elementos, sem a análise das relações estabelecidas entre eles.

Zohar explica que há dois campos distintos de estudo, os “sistemas estáticos” e os “sistemas dinâmicos”. O primeiro ignora a sucessão temporal e procura explicar as mudanças e variações de cada elemento do sistema através da função que desempenha e das leis que o regem. O autor não condena que estudiosos tenham se apropriado dessa teoria no passado, mas destaca que a compreensão dos sistemas como fechados, a-históricos e extratemporais foi conveniente naquele momento, para que, então, surgisse a teoria que compreende o sistema em movimento.

Para que se entenda a teoria dos sistemas dinâmicos, Zohar elucida que tanto a sincronia como a diacronia são históricas. Ele ressalta que a sincronia não deve ser percebida como estática, pois, muitas vezes, em determinado sistema, ela funciona com mais frequência e melhor do que um complexo diacrônico. Portanto, “on the one hand a system consists of both synchrony and diachrony; on the other, each of these separately is obviously also a system” (ZOHAR, 1990, p. 11). Além disso, ele destaca que um sistema pode ser constituído em uma estrutura aberta e heterogênea, tratando-se, assim, de um polissistema: “a multiple system, a system of various systems which intersect with each other and partly overlap, using

concurrently different options, yet functioning as one structured whole, whose members are interdependent” (ZOHAR, 1990, p. 11).

Para que um sistema funcione, não é necessário postular uniformidade, pois ele é heterogêneo e possui variáveis que devem ser consideradas. Portanto, o sistema é “both the idea of a closed set-of-relations, in which the members receive their values through their respective oppositions, and the idea of an open structure consisting of several such concurrent nets-of-relations, then the term “system” is appropriate and quite adequate” (ZOHAR, 1990, p. 12). Destaca-se que o termo não retém mais as noções antigas, que compreendiam o sistema como homogêneo, a-histórico e fechado.

A noção de sistema organizado no âmbito da semiótica torna possível integrar à pesquisa objetos impensados até então ou simplesmente deixados de fora. Zohar (1990) cita um exemplo literário, no qual destaca que a literatura para crianças não será considerada peculiar, mas estará relacionada à literatura para adultos; a literatura traduzida não estará desvinculada da literatura original; e a produção de literatura de massa não será considerada “menor” ou “não literatura”. Nesse contexto, é interessante perceber quais são as relações que se estabelecem entre os elementos do sistema, como eles se comportam e quais são as leis que os regem.

Ao aceitarmos a hipótese dos polissistemas (entenda-se o termo como sinônimo de sistema), é necessário também reconhecer que o estudo não poderá limitar-se apenas às chamadas “obras-primas”, apesar de alguns considerarem estas a única maneira de se iniciar os estudos literários. Isso também pode ser observado na historiografia literária, contudo, não é mais possível termos apenas a narração de uma única história da literatura. Conforme o autor, não se pode ignorar qualquer estrato do mecanismo literário, visto que todos têm sua importância para a composição integral do sistema em determinados tempo e espaço.

A luta permanente entre os elementos (estratos) do sistema constitui o seu aspecto dinâmico, e a vitória de um estrato sobre o outro colabora para que ocorram mudanças no sistema. Enquanto alguns elementos são arrastados do centro à periferia, outros fazem o movimento contrário. Ressalta-se que não se deve pensar o sistema composto por apenas um centro e uma periferia, de modo que os elementos possam ser transferidos de uma periferia a outra, por exemplo.

Em contrapartida, essa luta não seria possível, caso acreditássemos na existência de um único sistema com uma cultura oficial, aliado a uma língua também oficial e à literatura canonizada, no qual as periferias são consideradas extrassistêmicas. Zohar explica com clareza as vantagens da abordagem da teoria dos polissistemas, em detrimento das teorias sistêmicas tradicionais:

First, there was no awareness of the tensions between strata within a system, and therefore the value (function, "meaning") of a variety of items went undetected; these items stood in clear opposition to other concurrent items, the existence and nature of which were ignored. Secondly, as already stated, the process of change could not be accounted for, and changes had to be explained in terms of the individual inventions of imaginative minds or "influences" from another source, normally on the individual, often isolated level (another writer, a specific work, etc.). Thirdly, the materially manifested changes (as distinct from the process of change) could not be interpreted, since their nature was concealed from the observer's eye. Consider, for example, the reduction of the writer's creativity to vague notions such as "imagination" and "inspiration." Using them in fact is a renouncement of the possibility of disentangling the knotty complex which constitutes the conditions under which a writer works, part of which consists of certain pertinent constraints, while part is a function of the writer's personal ability to create new conditions not imposed on him but by him (ZOHAR, 1990, p. 14).

Essa passagem evidencia aspectos importantes que podem ser levados em conta a partir da teoria em discussão. Ter consciência das tensões e da pluralidade existente entre os estratos que compõem o sistema e poder explicar com maior exatidão a ocorrência das mudanças, inclusive materiais, são avanços que possibilitam a melhor compreensão do funcionamento dessa rede de relações. A partir da verificação da existência de leis que regem o sistema e do entendimento de que este não possui apenas um centro e uma periferia, é preciso levar em consideração uma discussão acerca de seus estratos canonizados e não canonizados.

Ao direcionar seus estudos para a área da literatura, Zohar (1990) estabelece a diferença entre as obras que pertencem ao cânone e aquelas que não são consideradas por ele. O autor ressalta que as primeiras são obras e normas literárias aceitas como legítimas pelos círculos dominantes de uma cultura. Já as outras são rejeitadas como genuínas por esses grupos e, a longo prazo, provavelmente serão esquecidas pela comunidade, diferentemente da literatura canonizada, que será preservada como parte de sua herança histórica. Para Zohar, as tensões entre a cultura canonizada e a não canonizada estão presentes em toda a cultura humana, pois, segundo ele, não existe sociedade que não seja elitista e minoritária, isto é, estratificada. Ao discorrer sobre o tema, o autor faz uma dura crítica às ideologias dominantes, que regem os sistemas. Isso se deve ao fato de elas não admitirem a existência de outros estratos, além dos canonizados:

The ideology of an official culture as the only acceptable one in a given society has resulted in massive cultural compulsion affecting whole nations through a centralized educational system and making it impossible even for students of culture to observe and appreciate the role of the dynamic tensions which operate within the culture for its efficient maintenance. As with a natural system, which needs, for instance, heat regulation, cultural systems also need a regulating balance in order not to collapse or disappear. This regulating balance is manifested in the stratificational oppositions. The canonized repertoires of any system would very likely stagnate after a certain time if not for competition from non-canonized challengers, which often threaten to replace them. Under the pressures from the latter, the canonized repertoires cannot remain unchanged. This guarantees the evolution of the system, which is the only

means of its preservation. On the other hand, when no pressures are allowed release, we often witness either the gradual abandonment of a system and movement to another (e.g., Latin is replaced by its various Romance vernaculars), or its total collapse by means of a revolution (overthrow of a regime or the total disappearance of hitherto preserved models, etc.) (ZOHAR, 1990, p. 16).

Ao criticar a ideologia de uma cultura oficial, o autor destaca que os sistemas culturais precisam de equilíbrio para que não desapareçam. Para ele, o fator regulador do mecanismo dos sistemas é a luta dos vários estratos (centrais e periféricos) para se manterem no centro do sistema ou para alcançarem tal posição. É essa pressão que faz com que haja a renovação e a manutenção dos repertórios canonizados, caso contrário, eles desaparecerão. Conforme Zohar (1990), isso também contribui para o desenvolvimento do sistema, pois o coloca em movimento, desestabilizando-o, para que o avanço aconteça, e, enfim, para que retorne ao seu equilíbrio e evite sua degradação. Portanto, se não houver subculturas<sup>15</sup> (literatura popular, arte popular etc.), ocorrerá a fossilização da cultura canonizada.

O autor ressalta que um repertório canonizado é apoiado pelas elites, que podem ser conservadoras ou inovadoras. Para o estudioso, a seleção de certas características visando ao consumo de determinado grupo de elite não é especificamente em relação ao repertório. No âmbito literário, o sistema não pode ser concebido apenas a partir de uma junção de textos e repertórios, pois eles são manifestações parciais da literatura. Certamente, o texto é o produto mais visível da literatura, entretanto, sua estrutura nem sempre explica o seu comportamento e o do público leitor.

No nível do polissistema, isso pode ser explicável, uma vez que é possível verificar as relações que o texto e o repertório estabelecem com outros estratos. Para Zohar, os textos não apenas desempenham uma função nos processos de canonização, como também são o resultado desses processos. Nesse caso, os textos tornam-se ativos nas relações sistêmicas ao desempenharem a função de representantes de modelos estéticos, temáticos e estruturais.

O estudioso apresenta dois tipos de cânone em suas reflexões: o estático e o dinâmico. No primeiro caso, um texto é aceito como concluído e, por isso, inserido em um conjunto de textos considerados “santificados”, aqueles que determinada cultura deseja conservar. Por sua vez, o cânone dinâmico pressupõe que certo modelo literário se estabeleça como tentativa de princípio produtivo em determinada rede de relações. Para o autor, a existência de um cânone é favorável à manutenção do sistema. Ele acredita que um cânone estático é uma condição

---

<sup>15</sup> Subcultura é um termo usado por Zohar (1990).



essencial para que o sistema seja reconhecido como uma atividade distinta em determinado grupo.

Em síntese, a teoria dos polissistemas contribui para a compreensão dos processos de interferência entre os estratos do próprio sistema, e desses em relação a outros sistemas. Admite-se, nessa teoria, que a instabilidade/mudança não deve ser entendida como o colapso de determinado sistema, assim como a estabilidade não deve entrar em um processo de fossilização. As transformações e crises que ocorrem no sistema não significam seu fim, quando forem controladas pelo próprio sistema. Nesse caso, elas trazem vitalidade, e não degeneração. O que se deve entender é que, na maioria das vezes, as mudanças colocam em perigo as posições dos estratos do sistema, mas não o sistema em si. A estabilidade e a instabilidade fazem parte da dinâmica das diferentes redes de relações e dos elementos que as compõem.

## **1.2 A literatura como sistema**

Candido (2009), ao discorrer sobre a formação da literatura brasileira, afirma que a literatura compreendida em seu estudo é “um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes de uma fase” (CANDIDO [1959], 2009, p. 25). O autor explica que no sistema há a distinção entre um grupo de produtores, um grupo de receptores (sem os quais uma obra não sobrevive), e um mecanismo transmissor – a língua em comum entre escritores e leitores. Candido (2009 [1959]) ainda ressalta que:

O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sobre este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade (CANDIDO [1959], 2009, p. 25).

Para o crítico brasileiro, através integração entre escritores, leitores e obras como sistema, ocorre a continuidade literária. E o papel do escritor é muito importante para que isso aconteça, pois é ele que define temáticas e estilos de escrita para os textos, e propaga essas ideias, através de sua adesão. Apesar de o autor considerar a noção de sistema literário, ele acredita que a sobrevivência dos diferentes sistemas depende apenas de escritores, obras e leitores. Entretanto, sob a perspectiva de Zohar (1990), bibliografia fundamental para esta discussão, o sistema não se organiza de forma tão simples. O autor apresenta outros estratos que estão envolvidos no processo, como as instituições, o mercado e o repertório.

Zohar (1990) define sistema a partir de sua proposta de pesquisa. Para o estudioso, sistema é uma rede de relações formada por um conjunto de fenômenos/eventos observáveis.

Além disso, esse conjunto de dados observáveis não é insubordinado à realidade, mas está de acordo e é dependente das relações que o sujeito-pesquisador está disposto a propor. Então, sistema literário é:

The network of relations that is hypothesized to obtain between a number of activities called "literary," and consequently these activities themselves observed via that network.

Or:

The complex of activities, or any section thereof, for which systemic relations can be hypothesized to support the option of considering them "literary". (ZOHAR, 1990, p. 28).

Nessa passagem, fica visível que o mecanismo de funcionamento de um sistema literário dá-se por meio do estabelecimento de vínculos entre os seus estratos, resultando em uma rede de relações. Entretanto, ainda é necessário um observador (pesquisador) que investigue as relações existentes no sistema, que determine o que será explorado e, por fim, execute a análise dessa rede. Como a relação entre o sistema e a realidade é de dependência, sua configuração sempre será submetida àquilo que o observador conseguir verificar em sua análise. Portanto, não é necessário que haja um acordo acerca dos fenômenos investigados e considerados em um sistema. O leque de possibilidades é muito diverso, e o pesquisador adota-los-á ou não como parte de seu trabalho, conforme o foco que desejar seguir em sua investigação.

Além da ideia de sistema, é importante compreender o conceito de vida literária, que permeia esta tese. Conforme Zohar (1990), o seu entendimento surgiu a partir dos estudos desenvolvidos por Ejxenbaum, que averiguou as relações existentes entre as leis que regem a produção de textos literários e as forças que fazem com que essas leis sejam criadas ou eliminadas do sistema. É preciso ter cuidado para não compreender a vida literária como fator contextual, “but as part and parcel of the intricate relations which govern the aggregate of activities which make literature” (ZOHAR, 1990, p. 30).

Consoante o que foi apresentado até aqui, além de escritores, obras e leitores, o sistema literário envolve as instituições, o repertório e o mercado (vide página 21). Zohar (1990) explica seu entendimento acerca do esquema que apresenta, o qual está, como já se afirmou, baseado nos estudos do linguista Jakobson:

Thus, a CONSUMER may "consume" a PRODUCT produced by a PRODUCER, but in order for the "product" (such as "text") to be generated, a common REPERTOIRE must exist, whose usability is determined by some INSTITUTION. A MARKET must exist where such a good can be transmitted. None of the factors enumerated can be described to function in isolation, and the kind of relations that may be detected run across all possible axes of the scheme (ZOHAR, 1990, p. 34).

O autor fundamenta sua teoria nas pesquisas realizadas por Eijxenbaum, para quem o sistema literário é compreendido em sua composição como uma gama de atividades, que na visão sistêmica devem ser percebidas como partes (estratos) que formam um todo, e que estão submetidas às leis que regem o sistema. Além disso, um estrato não precisa necessariamente desenvolver apenas uma função no sistema. Há aqueles que possuem diferentes atividades na mesma rede de relações ou, até mesmo, que poderão ser funcionais em duas redes ao mesmo tempo. Isso pode acontecer com escritores e leitores, por exemplo. Ambos os grupos podem ser tanto produtores de literatura, como também consumidores dela, participando, assim, dos âmbitos de produção e de recepção do texto literário.

Zohar (1990) faz apontamentos sobre cada uma das partes que compõem o seu esquema de comunicação literária. Em primeiro lugar, ele destaca que o produtor (escritor) procura vincular o seu discurso, ou está vinculado, a um repertório que seja considerado legítimo diante da sociedade da qual faz parte. Os leitores, por sua vez, não se interessam por textos literários apenas por instinto ou porque a própria obra gera interesse por si mesma. Nessa escolha, estão envolvidos os valores creditados às obras (pela crítica, por exemplo) e que podem motivar a preferência dos leitores por algumas delas.

No que tange às instituições, o autor ressalta que são elas as responsáveis pela manutenção da literatura enquanto atividade sociocultural. Além disso, elas também têm o papel de administrar as regras que regem o sistema, portanto, as instituições estabelecem as normas que deverão vigorar e aquelas que deverão ser rejeitadas pela rede de relações literárias.

Essas organizações são, muitas vezes, potencializadas umas pelas outras, de modo que tenham autonomia para remunerar ou penalizar seus participantes e produtos. São elas que estabelecem quais obras e escritores serão lembrados por determinada comunidade durante maior período de tempo. As instituições são consideradas parte da cultura oficial, o que, de certo modo, lhes confere liberdade para realizar tal julgamento. Isso posto, é importante salientar que elas integram apenas parte da diversidade de escritores, obras, editoras, críticos, clubes de leitores, entre outros, existentes em determinado sistema.

É dentro da instituição que existem lutas para ocupar seu centro e tornar-se o grupo dominante. Diferentes instituições podem atuar simultaneamente em diferentes “seções” do sistema. Isso ocorre quando um grupo inovador passa a ocupar o centro de determinada instituição, e a academia, por exemplo, ainda tolera certas normas que já não aceita mais. Assim, a academia (mesmo estando no centro do sistema como uma das instituições que rege suas normas) poderá, ao mesmo tempo, atuar na periferia da rede de relações em determinados tempo

e espaço. Isso pode acontecer porque elas, possivelmente, não reconhecem as inovações que chegam legitimadas (por outras instituições, é claro) ao centro do sistema.

Por fim, ressalta-se que, quando falamos em instituições, não nos referimos a um edifício em específico, uma rua, um café, onde encontramos as pessoas que compõem tal organização, “but any decision taken, at whatever level, by any agent of the system, depends on the legitimations and restrictions made by particular sections of the institution” (ZOHAR, 1990, p. 38). Então, “the nature of production, as well as that of consumption, is governed by the institution; naturally, inasmuch as it may be successful in its endeavors, given the correlations with all other factors working in the system” (ZOHAR, 1990, p. 38).

O mercado é outro elemento dentre aqueles apresentados pelo autor como essencial para a observação e análise da paisagem literária. Ele não tem como única função comercializar produtos literários, mas também promover o consumo de novos produtos. Aqui, não se trata apenas dos locais dedicados ao intercâmbio de textos literários, como livrarias, clubes de leitura, bibliotecas, entre outros; estão incluídos todos os fatores que contribuem e participam do intercâmbio simbólico dessa atividade.

Conforme apresentado anteriormente, as instituições são aquelas que estabelecem as normas que regem a rede de relações literárias e podem tentar impor classes de consumo ao estabelecer os preços dos artigos produzidos. Contudo, elas não conseguem prever o motivo do êxito ou do fracasso das obras no mercado, visto que o maior interesse do sistema literário é fomentar a cada dia o crescimento do mercado literário (ZOHAR, 1990).

O repertório é o que determina as regras de produção e consumo literário, conforme apresentado anteriormente. É preciso que exista algum conhecimento em comum entre os leitores e o repertório, pois, caso isso não ocorra, não haverá intercâmbio entre as partes. O repertório literário diz respeito a um número mínimo de regras com as quais os textos são produzidos e entendidos. Zohar (1990) acrescenta que:

(...) a "repertoire" may be the shared knowledge necessary for producing (and understanding) a "text," as well as producing (and understanding) various other products of the literary system. There may be a repertoire for being a "writer," another for being a "reader," and yet another for "behaving as one should expect from a literary agent," and so on. All these must definitely be recognized as "literary repertoires (ZOHAR, 1990, p. 40).

Fica em evidência que o repertório envolve estratos muito complexos do sistema, além de um conjunto de conhecimentos compartilhados. Questões como o comportamento que se espera dos sujeitos envolvidos, uma língua em comum, escolhas estéticas e temáticas são relevantes para as pesquisas nessa área.

Por fim, o autor discorre acerca do que entende por produto, ao se falar em sistema literário. Ele afirma que produto é “any performed (or performable) set of signs, i.e., including a given ‘behavior’. Thus, any outcome of any activity whatsoever can be considered ‘a product’, whatever its ontological manifestation may be” (ZOHAR, 1990, p. 43). Nesse ponto, deve ficar claro que *produto* não se refere apenas às obras produzidas, mas também a todos os resultados das atividades do sistema literário.

Ao aprofundar o tema, Zohar (1990) propõe questionamentos, convidando à reflexão. Dentre eles, destacam-se: Qual é o produto da literatura? Existe um produtor por excelência para toda a atividade do sistema? A ideia corrente de que os textos são um produto evidente ou, muitas vezes, o único produto da literatura, pode ser aceita como resposta satisfatória ou é necessário aprofundar mais o tema?

O próprio autor discorre sobre essas questões, mas não apresenta respostas aprofundadas. Para Zohar (1990), o produto literário circula entre as sociedades das mais diversas formas: pode ser o texto integral, como também fragmentos de citações, parábolas curtas, poemas, entre outros. Esses textos podem ser utilizados pelos indivíduos sociais diariamente durante a comunicação, o que também contribui para que entrem em contato com novos fragmentos e textos. É preciso levar em consideração que esses fragmentos, sob o ponto de vista da teoria dos polissistemas, não podem ser compreendidos como um catálogo neutro, uma vez que contribuem para que os sujeitos conservem e expressem seus “modelos de realidade” (ZOHAR, 1990, p. 42).

Em suma, o sistema deve ser analisado como um todo, e deve-se lembrar que ele é regido por leis próprias (ZOHAR, 1990), consistindo um complexo jogo de relações de poder (BOURDIEU, 1996). Acredita-se que as discussões realizadas por Candido (2009 [1959]) e Zohar (1990), apesar de conterem algumas divergências acerca dos fatores que integram os processos de formação, consolidação, renovação, manutenção e desaparecimento de determinado sistema, são importantes como aporte teórico deste trabalho, pois ambas compreendem a literatura enquanto um sistema de comunicação inter-humana. A relação entre literatura e sociedade, elaborada por Candido (2009 [1959]), e a teoria dos polissistemas, proposta por Zohar (1990), podem ajudar a compreender a noção de sistema literário, a partir de uma abordagem da sociologia da literatura. Entretanto, ainda é necessário delimitar o sistema literário no seu âmbito regional, tarefa que será desenvolvida na próxima seção deste capítulo, a fim de contribuir para as discussões sobre o tema e aprofundar os estudos acerca da literatura regional.

### 1.3 Sistema literário regional

Tendo em vista que este trabalho de pesquisa objetiva compreender a paisagem literária da região da Serra Gaúcha na atualidade, é preciso esclarecer o que se entende por literatura regional. Essa noção está baseada principalmente nos estudos desenvolvidos pelo pesquisador alemão Jens Stüben. Em seu texto *Literatura regional e literatura na região* (2013), o estudioso tem como objetivo principal discutir questões concernentes à construção de uma história das literaturas regionais na Alemanha. Mesmo que o objetivo do presente trabalho não seja escrever uma história literária da Serra Gaúcha, interessa a sua definição das relações entre a literatura e a região.

A região é compreendida como um espaço construído a partir das práticas sociais, culturais e artísticas de autores e leitores. Conforme Stüben (2013),

Autores, assim como seus leitores, movimentam-se desde sempre em *espaços de sentido, espaços de experiência*. Esses se configuram através da atividade cultural e artística e são providos de significado por meio da interpretação de seus protagonistas. O espaço percebido em sua significância reage sobre objetivações artísticas. Surge uma relação de troca entre a localidade geográfica e o construto de significação cultural (STÜBEN, 2013, p. 39).

Portanto, nesta tese, a região, em um primeiro momento, é percebida enquanto espaço físico. Contudo, ao se estabelecer a rede de relações entre os estratos do sistema literário, ela passa a ser tomada como espaço sociocultural, pelo qual transitam escritores, leitores, editores, críticos etc. Destaca-se que a interação entre todos esses sujeitos poderá transformar determinada região cultural.

O autor alemão apresenta possíveis categorias para sistematizar a relação de dependência entre literatura e região: literatura *em* uma região (literatura ofertada em uma região); literatura *de* uma região (literatura surgida em uma região); literatura *sobre* uma região (a região como tema da obra); literatura regionalmente localizada; literatura regional; literatura regionalista; literatura provinciana, patriótica. Essas categorias representam prováveis combinações entre a literatura e a região. Além disso, vale salientar que mais de uma delas poderá ocorrer na mesma região, contribuindo para a formação, consolidação ou transformação de determinada paisagem literária.

Para Stüben (2013), a paisagem literária é constituída através das relações que se estabelecem entre a produção, a circulação e a recepção literárias. O autor ressalta a importância de outro estrato do sistema: a temática das obras. Diferentemente deste trabalho de pesquisa, que explorará apenas os aspectos sociais do texto literário, ponderar sobre a temática de uma

ou mais obras interessa aos estudos que procuram analisar a representação de determinada região no texto literário.

Ao discorrer acerca dos trabalhos desenvolvidos por Mecklenburg e Heydebrand, Stüben (2013) também explica que:

seria necessário observar a vida literária regional como ‘sistema literário’, como subsistema social. Conforme Renate von Heydebrand, o funcionamento literário deve ser visto como uma forma de “comércio comunicativo” social que satisfaça as necessidades dos leitores na “rede de relações” da história econômica e política, da história social e cultural da região (STÜBEN, 2013, p. 51).

Nessa passagem, percebe-se a semelhança entre o posicionamento teórico de Jens Stüben e Itamar Even-Zohar, ao compreenderem a literatura enquanto um esquema de comunicação social que envolve não apenas escritores, obras e leitores, mas outros estratos que atuam de forma direta ou indireta na paisagem literária. Nessa abordagem, ocorre a descentralização do texto. Porém, ele continua sendo indispensável à análise das relações entre literatura e região, pois, consoante o exposto anteriormente, autor, obra e público são estratos imprescindíveis do sistema; sem eles, não há sistema literário.

Stüben (2013) apresenta um catálogo que designa cada um dos aspectos que podem ser explorados durante a análise da vida literária em determinada região. O autor também explica que esses itens deverão ser considerados respeitando as particularidades dos diferentes sistemas literários e de acordo com o foco de interesse de cada pesquisador. Para esclarecer as possibilidades de pesquisa, será apresentada a lista de elementos proposta por Stüben:

- condições políticas e históricas;
- relações econômicas e desenvolvimento demográfico (agricultura, industrialização, urbanização);
- meio social (em macro e microestrutura);
- comunidades religiosas;
- realidade étnica, histórico-colonial, geográfico-cultural, sociocultural e histórico-mental, questões de autopercepção coletiva, especialmente:
  - significado dos centros culturais dentro e fora da região, métodos de comunicação, relações culturais;
  - situação linguística (particularidades da fala e da escrita, área de emprego da língua, processos de intercâmbio entre dialetos e idiomas contíguos, bi ou plurilinguismo);
  - consciência regional, identidade nacional, étnica e cultural (existência de regiões fronteiriças e minorias, multiculturalismo), e seu reflexo na literatura;
  - tradições culturais, convenções, hábitos e costumes;
  - estruturas de pensamento, padrões de (auto)interpretação, atitudes, valores, padrões de comportamento, ideologias;
  - percepção do próprio e do outro pelos grupos da população (estereótipo);
- educação;
- escolas, universidades (como locais de formação dos autores e seu público, como locais de pesquisa das ciências humanas);
- ensino da língua, formação literária;
- métodos e meios de difusão da literatura (‘vida literária’), instituições culturais, imprensa;

- jornais, revistas, calendários, almanaques;
- antologias;
- publicação, comércio livreiro;
- bibliotecas, bibliotecas circulantes;
- associações de escritores, sociedades culturais, círculos de leitura, salões, saraus;
- teatro, cabaré, *media* modernos;
- crítica literária e teatral;
- parâmetros político-culturais;
  - política cultural estadual, censura,
  - política cultural regional e local,
  - instituições de incentivo à literatura,
  - processos de transferência cultural (histórica-ideária e literária), interconexões entre diferentes culturas/idiomas e literaturas dentro e fora dos limites regionais e estaduais, efeitos sobre autores e público, especialmente:
    - recepção da literatura alemã de outras regiões (vizinhas), simultaneidade ou não simultaneidade de correntes literárias nas regiões isoladas;
    - recepção da literatura de língua estrangeira (no original e em tradução);
    - recepção possibilitada por tradução em línguas estrangeiras pelos leitores não alemães dentro e fora da região;
    - influências sobre a literatura de regiões vizinhas, sobre a literatura alemã em geral e sobre as literaturas de outras línguas;
    - capacidade de intermediação de autores alemães e estrangeiros como mediadores entre os povos e culturas. (STÜBEN, 2013, p. 54-56)

Os elementos expostos por Stüben, nesse longo excerto, não devem ser analisados separadamente ou servir de motivo para apenas produzir listas com nomes de escritores, obras e outras categorias. É preciso ter em mente a necessidade de se observar e compreender esses elementos inseridos em sua rede de relações, atuando uns sobre os outros e, assim, contribuindo para formação/consolidação/renovação da paisagem literária em determinados tempo e espaço.

Zohar (1990) destaca seis estratos que compõem o sistema literário: leitores, obras, escritores, instituições, mercado e repertório. Stüben (2013), por sua vez, elabora uma listagem detalhada de fatores que podem ser analisados em determinado sistema literário regional. Acredita-se que Stüben apresenta aspectos que possivelmente poderão ser pesquisados e, de certo modo, expandem as seis categorias anteriormente apresentadas por Zohar. Observa-se a convergência dos estudos utilizados como aporte teórico desta tese, que busca compreender a literatura enquanto um sistema regido por leis próprias que exerce e sofre as influências histórica, cultural e social.

Para Arendt (2011b), são as relações estabelecidas entre recepção, produção e temática que devem orientar os trabalhos de pesquisa que buscam abordar a literatura como um sistema. O autor destaca, ainda, que “a conjugação dos fatores produtivos, de recepção e temáticos contribui para o delineamento das paisagens literárias, dentro das quais se perfila todo tipo de obra, desde a mais trivial até a mais complexa (ARENDR, 2011b, p. 227). Assim, não haverá uma seleção prévia de obras durante a pesquisa, para que sejam contempladas apenas aquelas de alta qualidade estética, já que toda a produção que fizer parte da vida literária da região em



destaque deverá contribuir para a observação e análise de seus mecanismos de produção, publicação, circulação e recepção.

Arendt (2011b) formulou conclusões importantes a partir dos estudos alemães, entre as quais destacam-se: editoras e periódicos desempenham papel fundamental para o “transbordo” ou não do texto literário; os públicos da literatura regional e suprarregional se estabelecem por intermédio de editoras, eventos literários, periódicos, entre outros; o registro das especificidades de uma região, através da literatura, contribui para manter a diversidade cultural e evita seu desaparecimento. Além disso, o autor advoga que é preciso desprender-se da dicotomia regional *versus* universal e deter-se nos processos de produção e recepção do texto literário para descortinar as paisagens literárias nos âmbitos regionais.

Para Arendt, “a literatura regional não pode ser confundida com a literatura regionalista, nem restringida apenas ao espaço rural” (ARENDR, 2015, p. 120). O autor ainda acrescenta que o termo “região” não deveria estar apenas associado às áreas rurais, pois se “as regiões existem como fenômenos empíricos, discursivos ou simbólicos capazes de organizar espacialmente a vida social, isso significa que delas também fazem parte as cidades” (ARENDR, 2015, p. 120). Portanto, assim como o espaço interiorano e rural, as cidades “contribuem para a diversidade das paisagens culturais regionais e podem ser, igualmente, inseridas em programas regionalistas” (ARENDR, 2015, p. 120).

Parte-se do pressuposto de que o termo “regionalista” está associado a uma literatura que tem como propósito a exaltação de determinada região cultural. Já o termo “regional” compreende que “alguma coisa – a literatura – pertence ou é própria de uma região” (ARENDR, 2015, p. 120).

Compreende-se, ainda, a literatura regional como aquela que está distante dos grandes centros de cultura e, normalmente, está isolada no que diz respeito à sua relação com outras regiões. Pensando nisso, a literatura regional pode ser analisada a partir de diferentes perspectivas, das quais destacam-se a temática do texto, que pode revelar determinadas especificidades regionais no texto ficcional, e os meios de produção, difusão e prestígio, ou seja, as características regionais de caráter social em relação ao texto literário.

Neste trabalho a literatura regional também é percebida a partir do seu ponto de vista sociológico. Para Arendt (2015), a literatura regional “diz respeito à circulação ou à abrangência de autores e de obras dentro de um sistema literário situado em um sistema mais amplo (nacional e até supranacional)” (ARENDR, 2015, p. 120).

Além de explicitar as diferenças entre os termos “literatura regional” e “literatura regionalista”, Arendt chama a atenção do leitor para as particularidades de duas categorias,

propostas por Stüben (2013), que explicitam a relação entre literatura e região. Segundo o pesquisador, a literatura *sobre* uma região “abrange produções literárias que tematizam uma região, mas que não são necessariamente produzidas na região a que se referem” (ARENDDT, 2015, p. 122). Portanto, essa categoria está relacionada a questões de temática do texto literário, ou seja, são especificidades de determinada região que podem ser observadas a partir da leitura da obra.

Por outro lado, a literatura *em* uma região abrange “a literatura localizada em uma região, mas não uma região localizada dentro da literatura, porque nela estão em jogo as denominadas regionalidades externas” (ARENDDT, 2015, p. 121). Dessa maneira, ainda conforme o pesquisador, interessa saber “quem escreve, quem publica, quem critica, quem lê; quem incentiva, quem patrocina, quem fatura; o que se publica (gêneros), quanto se publica; quem vende, onde se vende, para quem se vende etc.” (ARENDDT, 2015, p. 121). Tratam-se das especificidades de caráter social da obra que contribuem para a formação, consolidação ou transformação de determinado sistema literário regional que não está isolado, mas em contato com outros sistemas que podem ser regionais, estaduais, nacionais ou transnacionais.

A partir da proposta de pesquisa que visa a compreender o atual sistema literário na Serra Gaúcha, entrevistar escritores e editores da região torna-se um dos principais objetivos. Portanto, a observação e a análise do sistema literário serrano serão realizadas, ao menos inicialmente, sob a perspectiva das regionalidades externas e sob o ponto de vista dessas duas categorias (escritores e editores) pertencentes ao sistema.

#### **1.4 A literatura enquanto prática cultural**

Determinar o que é literatura constitui tarefa muito complexa, que não está livre dos conceitos adquiridos pelos sujeitos que tentam defini-la, assim como do contexto simbólico do qual críticos, obras e escritores participam. Candido (2001), em seu texto “O direito à literatura”, apresenta o seguinte conceito de literatura:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional, ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 2001, p. 174).

Percebe-se que Candido (2001) tem como pressuposto uma visão ampla acerca do que é literatura: uma forma de manifestação artística da linguagem das sociedades ao longo do tempo e nos diferentes espaços. Para o crítico, a literatura é uma manifestação cultural e histórica que colabora para o equilíbrio social das comunidades, pois é considerada fator

indispensável à humanização dos agentes sociais. Destaca-se, ainda, que “cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e a atuação deles” (CANDIDO, 2001, p. 175).

Abreu (2006), por sua vez, destaca que a literariedade<sup>16</sup> não está apenas no texto, mas também na maneira como ele é lido. Portanto, “um mesmo texto ganha sentidos distintos de acordo com aquilo que se imagina que ele seja: uma carta ou um conto, um poema ou uma redação. Saber que algo é tido como *literário* provoca certo tipo de leitura” (ABREU, 2006, p. 29).

Segundo a maioria dos críticos, o critério de seleção para uma obra ser considerada literatura é a “literariedade”. Sob esse ponto de vista, a literariedade consiste apenas nas características imanentes aos textos, ou seja, o que faz um texto qualquer ser considerado uma obra literária são seus elementos internos, sem estabelecer qualquer relação com os aspectos sociais da obra, como difusão, prestígio do autor e da editora, por exemplo. No entanto, isso não acontece na prática, “não são critérios linguísticos, textuais ou estéticos que norteiam essa seleção de escritos e autores. Dois textos podem fazer um uso semelhante da linguagem, podem contar histórias parecidas e, mesmo assim, um pode ser considerado literário e outro não” (ABREU, 2006, p. 39). Isso ocorre porque entra em jogo o “valor”, que “tem pouco a ver com os textos e muito a ver com posições políticas e sociais” (ABREU, 2006, p. 39).

Eagleton (2003) procura mostrar várias definições apresentadas por teóricos ao longo do tempo sobre o que é a literatura. No século XVI e princípios do século XVII, definia-se literatura como a escrita criativa ou imaginativa. Ela foi também definida como o emprego da linguagem de forma peculiar, ou seja, uma organização particular da linguagem. Já para os formalistas russos, o caráter literário pode ser observado a partir das relações diferenciais entre um tipo de discurso e outro. No entanto, esse uso especial da linguagem não era apenas encontrado no texto literário, mas também em outros textos e circunstâncias.

O autor também apresenta a ideia de que literatura já foi definida como um discurso não pragmático, ou seja, sem uma finalidade prática imediata. Essa definição esbarra na forma como os textos serão lidos: não é possível saber se determinada leitura ocorrerá de maneira não pragmática.

Sobre a “literatura” ser definida como uma prática de leitura não pragmática, Eagleton considera que:

---

<sup>16</sup> A autora compreende literariedade como o conjunto de características específicas que tornam um texto literário. Aqui, a autora refere-se a questões linguísticas, semióticas, sociológicas etc. que envolvem o texto literário.

alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros tal condição é imposta (...). O que importa pode não ser a origem dos textos, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram. Se elas decidirem que se trata de literatura, então ao que parece, o texto será literatura, a despeito do que o seu autor tenha pensado” (2003, p. 12).

Sob esse ponto de vista, podemos definir literatura não apenas como uma qualidade inerente ao texto, mas, principalmente, a forma como as pessoas, de modo geral, relacionam-se com a escrita. Nesse sentido, não há uma “essência” da literatura, pois qualquer texto ou fragmento poderá ser lido como literário.

O autor também questiona essa definição de literatura, pois é muito complicado distinguir entre as maneiras “prática” e “não prática” de um indivíduo se relacionar com o texto. O estudioso justifica sua resposta afirmando que a leitura de um romance, feita por prazer, e a leitura de um sinal rodoviário, em busca de informação, são nitidamente diferentes. No entanto, ele indaga se a leitura de um manual de biologia teria o objetivo de ampliar os conhecimentos. Seria isso uma maneira prática ou não prática de se relacionar com o texto?

Eagleton discorre acerca da prerrogativa de que a literatura é um tipo de escrita altamente valorizada por alguma razão. O autor explica que é ilusão pensar que “a categoria literatura é objetiva, no sentido de ser eterna e imutável. Qualquer coisa pode ser literatura e qualquer coisa pode ser considerada literatura, inalterável e inquestionavelmente, pode deixar de sê-lo” (EAGLETON, 2003, p. 14 e 15). Ele explica que o conceito do público sobre qual tipo de texto deve ser considerado literatura pode variar muito, assim como uma obra pode ser considerada filosofia em um século e literatura no século posterior, por exemplo. Acrescenta-se ainda que os critérios que indicam o porquê de um texto ser considerado valioso também mudam ao longo do tempo e nos diferentes espaços.

O autor destaca que não existe uma obra literária que seja valiosa em si. Ele afirma que o vocábulo *valor* “significa tudo aquilo que é considerado como valioso por certas pessoas em situações específicas, de acordo com critérios específicos e à luz de determinados objetivos” (2003, p. 16). Eagleton explica a sua afirmação com a apresentação do relato de um professor de inglês que propôs para a sua turma a análise de textos de autores consagrados e de autores desconhecidos, nos quais a autoria foi omitida. Os alunos fizeram suas avaliações, e a conclusão do professor foi que “a maneira pela qual reagiram a um poema dependeu de muitas outras coisas além de fatores puramente ‘literários’. Suas reações críticas estavam profundamente ligadas aos seus preconceitos e crenças mais gerais” (2003, p. 21). O autor acredita que aspectos imanentes ao texto podem torná-lo literário, mas é também preciso levar em consideração as diferenças de avaliação, que estão diretamente ligadas a uma estrutura social e a uma maneira

específica de determinado grupo de pessoas ver o mundo no tempo e no espaço em que se encontram.

Em síntese, Eagleton (2003) faz as seguintes reflexões sobre o que é literatura:

Se não é possível ver a literatura como uma categoria “objetiva”, descritiva, também não é possível dizer que a literatura é apenas aquilo que, caprichosamente, queremos chamar de literatura. Isso porque não há nada de caprichoso nesses tipos de juízos de valor: eles têm suas raízes em estruturas mais profundas de crenças, tão evidentes e inabaláveis quanto o edifício do Empire State. Portanto, o que descobrimos até agora não é apenas que a literatura não existe da mesma maneira que os insetos, e que os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, mas que esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais. Eles se referem, em última análise, não apenas ao gosto particular mas aos pressupostos pelos quais certos grupos sociais exercem e mantêm o poder sobre outros (EAGLETON, 2003, p. 22).

Em consonância com Eagleton, Abreu (2006) acredita que uma obra só será considerada “Grande Literatura” se ela for reconhecida por “instâncias de legitimação”, como universidades, revistas especializadas, crítica literária, histórias literárias etc. Desse modo, o que faz um texto ser “literário” não são apenas as suas características internas, mas, também, o espaço que lhe é destinado pelas instituições ao considerarem determinado texto “literário”.

A pesquisadora ainda destaca que a maior parte das definições de “literatura” são muito vagas e pouco aplicáveis. Para a autora, a literatura é apresentada como algo universal, “como se sempre e em todo o lugar tivesse havido literatura, como se ela fosse própria ao ser humano” (ABREU, 2006, p.41). Abreu destaca que “nós precisamos discutir o que é literatura pois ela é um fenômeno cultural e histórico e, portanto, passível de receber diferentes definições em diferentes épocas e por diferentes grupos sociais” (p.41).

Estamos habituados a pensar que um texto se torna literário apenas por suas características internas, como o trabalho com a linguagem, a estrutura textual, o modo como determinadas temáticas são exploradas etc. Para Eagleton e Abreu, não são apenas as qualidades do texto em si que o consagram como Literatura. Eles acreditam que a literariedade também tem a ver com os elementos externos ao texto, como o nome do autor, a editora de publicação, o grupo cultural ao qual pertence, os critérios críticos em vigor, as instituições de legitimação, entre outros.

Abreu relata um episódio ocorrido em 1999, no qual o jornal *Folha de São Paulo* encaminhou para algumas editoras um texto pouco conhecido de Machado de Assis, denominado “Casa Velha”. Algumas editoras envolvidas, sem saber o real autor do texto, recusaram-no, enquanto outras não deram retorno para o suposto escritor. Abreu acredita que os leitores especializados das editoras devem ter levado em consideração aspectos como a existência de mercado para esse tipo de enredo, se o arcaísmo linguístico seria um empecilho

para a leitura e se os leitores iriam gostar de uma história à moda antiga. Percebendo que essas não seriam as necessidades do mercado na atualidade, optaram por não publicar o texto de um autor, até então, desconhecido.

No entanto, se as editoras fossem procuradas para publicar um texto de Machado de Assis, provavelmente a sua postura seria outra. O texto não passaria por uma avaliação acerca de sua qualidade estética, e tomariam a decisão de publicá-lo ou não a partir de outros critérios, como a existência de um público leitor consolidado para a obra do autor e a obrigatoriedade de leitura da obra de Machado de Assis em escolas e faculdades, por exemplo.

Tendo em vista o estudo de caso realizado por Abreu (2006), observa-se que aspectos estruturais e estéticos da obra não são absolutos para que o texto seja publicado, mas há aspectos do âmbito social, cultural e histórico que também interferem na decisão das editoras em publicar ou não determinada obra. Se considerarmos as exigências do mercado editorial na atualidade, os critérios de valor, já pré-estabelecidos, para publicar um romance de um autor consagrado são diferentes daqueles tomados para publicar um romance de um autor ainda desconhecido.

Acredita-se que os especialistas contratados pela editora não tenham se equivocado ao recusar a obra. A função deles é identificar quais textos podem atender às necessidades de leitura de uma fatia do mercado, para, então, “aumentar o capital simbólico e financeiro da editora para a qual trabalham” (ABREU, 2006, 49-50). Pensando nisso, admite-se que os profissionais fizeram a escolha certa ao recusarem a publicação do texto. Se soubessem que o texto tinha sido escrito por Machado de Assis, provavelmente a obra seria publicada, porque, possivelmente, contribuiria para ampliar o capital simbólico e financeiro da editora.

A partir do exemplo apresentado, considera-se que a literatura deve ser compreendida como uma manifestação cultural, histórica e social de determinado grupo de pessoas. As instituições (instâncias de legitimação) definem o que deve ser considerado Literatura. Isso ocorre porque elas têm grande influência no âmbito social, são elas que determinam quais leituras deverão ser realizadas na escola e obrigatórias no vestibular, por exemplo. É preciso considerar, ainda, que há diferentes critérios para a produção, publicação e circulação das obras, além de se compreender cada obra “dentro do sistema de valores em que foi criada” (ABREU, 2006, p. 111).

Pensando nisso, a literatura considerada erudita será percebida como uma produção de determinado grupo cultural e não como um conjunto de obras consideradas superiores a outras produzidas por outros grupos culturais. Sob a perspectiva da literatura enquanto prática cultural, conforme Eagleton (2003) e Abreu (2006), obras boas ou ruins não existem: existem escolhas

e o prestígio que possuem aqueles que escrevem. Portanto, “a literatura não é apenas uma questão de gosto: é uma questão política” (ABREU, 2006, p. 112).

Não é de interesse desta pesquisa tentar estabelecer parâmetros para os textos que podem ou não ser considerados literatura de massa ou erudita, muito menos diferenciá-los entre literatura de boa e de má qualidade. Os escritores e seus textos, aqui, não foram elencados de acordo com as propriedades estéticas de sua produção, mas, sim, porque se ajustavam aos critérios da pesquisa que estão explicitados no capítulo 3 desta tese.

Os estudos que se dedicam à busca de informações acerca de um cenário literário regional têm como um de seus princípios a valorização de escritores e obras que não aparecem em histórias da literatura nacional por motivos de *status*, de qualidade de texto e de espaço para divulgação. Stüben (2013) destaca que:

Autores ou obras que foram típicos ou marcantes para a vida literária regional devem ser analogamente realçados. Mesmo assim, sob aspectos regionais, pode ser aconselhável tratar de nomes – que mal ou de forma alguma seriam reconhecidos em uma história da literatura alemã – com grande minúcia. A limitação a vetores individuais torna possível que também ressurgam aqueles autores que foram bastante lidos em seu tempo e por isso têm importância do ponto de vista do seu impacto, mas que permanecem excluídos de histórias literárias nacionais, em função de seu status comparativamente baixo e por motivos de espaço. Obras de qualidade estética inferior devem ser significativas do ponto de vista histórico-regional e cultural-sociológico e, por isso, até mesmo encontrar-se em primeiro plano (STÜBEN, 2013, p. 70).

Consoante essa passagem, Stüben, ao desenvolver suas reflexões acerca da literatura regional alemã, ressalta que é necessário considerar todos os textos literários que fazem parte do sistema analisado. Dessa forma, tanto os textos do cânone literário como aqueles que possivelmente nunca receberiam destaque em uma história da literatura nacional/estadual deverão ser contemplados na abordagem. O objetivo não é analisar a temática e a estética das obras, mas perceber como elas se comportam em relação aos demais estratos do sistema literário regional.

Por isso, com base nos critérios estabelecidos, todos os escritores de obras ficcionais encontrados na Serra Gaúcha foram contemplados neste estudo. Cabe ainda salientar que foram identificados autores nos municípios pesquisados, muitos dos quais já não estão mais vivos e alguns dos quais residem em outras cidades, e, por isso, não se enquadram nos requisitos de seleção da pesquisa. Há, ainda, aqueles que publicam livros nas áreas da história, filosofia, sociologia, psicologia, administração, direito, linguística, entre outras, e, por não condizerem com o preceito de publicação de obra ficcional, também não aparecem neste trabalho.

*“ Não faço diferença entre o ato de escrever e o ato de viver. Sou um escritor, consequentemente, vivo me realizando no ato de escrever. É aquilo que me dá realmente alegria. Eu escrevo com prazer, com alegria. O momento da invenção é uma das melhores coisas que considero. Quando estou inventando alguma coisa no domínio da literatura, seja no romance, seja no teatro, seja na poesia, é um momento de grande alegria. Foi pra isso que eu nasci!”*

(ARIANO SUASSUNA, 2003)<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> FONTE: Ariano Suassuna: um homem chamado Nordeste. *O Mossoroense*, Natal/RN, 2003. Disponível em <http://www2.uol.com.br/omossoroense/120903/entrevista.htm>. Acesso em 10 de novembro de 2017.



## 2. O APARECIMENTO DOS LIVROS

Na Antiguidade, o livro passou a ser considerado pelos gregos um suporte de leitura fundamental, além de constituir instrumento de fixação do conhecimento. Segundo Lafarge e Segré, “grandes bibliotecas helênicas, como a Alexandria, eram destinadas essencialmente à conservação das obras e à sua classificação. Instrumentos de trabalho para os sábios, eram igualmente sinais ostentatórios de poder das dinastias” (LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p.22).

Ao longo dos séculos, a escrita foi simplificada através da criação do alfabeto, o que permitiu a expansão do acesso à leitura. Entretanto, o custo do livro, seu formato e o tempo necessário para sua fabricação foram, durante muito tempo, um obstáculo para a difusão da escrita. Com a evolução dos processos de produção do livro, como a substituição do uso de folhas de pergaminho pelo rolo, por exemplo, permitiu-se a sua disseminação.

Já no final do século XII e ao longo do século XIII, com o surgimento das universidades, emergiu a necessidade de mais livros sobre assuntos variados, como matemática, filosofia, astronomia, entre outras áreas do conhecimento. Destaca-se que, nesse período, os catálogos das bibliotecas deixaram de ser apenas listas com nomes de obras e seus autores, para se tornarem um mapa geográfico que ajudaria na localização dos livros.

A classe social privilegiada reproduzia os textos autorizados. Era possível escolher as ilustrações, a caligrafia e a encadernação de sua preferência para os livros encomendados. Já os leitores que não tinham essa possibilidade poderiam recorrer às bibliotecas, que agora não eram mais consideradas depósitos de livros, mas um local de busca pelo conhecimento.

Foi apenas no início do século XIX que surgiu a indústria tipográfica na Europa. Febvre e Martin (2000) destacam que a disseminação de material impresso poderia ter acontecido antes, mas a ausência de um suporte eficiente – o papel – desacelerou esse processo.

Acredita-se que o papel chegou à Europa através dos portos italianos. Houve certa resistência para a adoção de tal suporte, pois muitos acreditavam que o papel era um produto frágil, de curta duração. Inicialmente, o papel era produzido com trapos e cordas velhas. Apenas em 1719, Réaumur deu a conhecer que seria possível produzir papel a partir da madeira. De forma lenta e não uniforme, indústrias papeleiras surgiram por toda Europa e os pergaminhos foram sendo substituídos pelo papel, considerado uma das condições indispensáveis para a propagação do livro impresso. No entanto, a escassez de matéria-prima e os altos custos de seu

transporte restringiram a produção e o acesso aos livros. Com o passar dos anos, foram criados novos moinhos de papel que contribuíram para que os preços da matéria-prima começassem a diminuir e houvesse a ampliação da quantidade de livros impressos.

As relações entre a indústria do papel e a indústria do livro são estreitas, já que o progresso de uma não existe sem o progresso da outra. Conforme Febvre e Martin, essa informação é comprovada ao comparar, nas diferentes épocas, “o mapa das fábricas de papel com o das oficinas tipográficas na Europa ocidental. Assim, não nos admiremos de que, entre 1475 e 1560, na época em que a imprensa conquista o Ocidente, a Europa se cubra de fábricas de papel” (2000, p. 49).

No início do século XIX, a demanda por material impresso era cada vez maior. Para satisfazer as necessidades de instrução e informação da sociedade da época, livros, publicações administrativas e jornais eram cada vez mais requisitados. Em consequência disso, ocorreu a mecanização e, em seguida, a modernização dos processos de produção de papel e impressão.

A língua também foi um aspecto relevante para que novos leitores surgissem. A tipografia, por sua vez, desempenhou um papel muito importante na formação e fixação das línguas. A língua escrita era o latim, mas escritores como Dante Alighieri passaram a escrever na sua língua materna, o que possibilitou que pessoas que sabiam ler, não apenas em latim, tivessem acesso aos seus livros.

No século XVII, as línguas nacionais foram perdendo espaço para os dialetos em quase todos os lugares, e muitas deixaram de existir. Conforme Febvre e Martin (2000), o público das livrarias tornava-se cada vez mais leigo – frequentemente de mulheres e de burgueses –, pouco familiarizados com a língua latina. O latim, aos poucos, tornou-se uma língua em desuso.

Para propagar suas ideias, os reformistas, assim como os humanistas, também empregavam sistematicamente as línguas vulgares modernas em seus textos. O surgimento de um público leitor leigo revelou a necessidade de textos publicados em língua vulgar. A tipografia contribuiu para que esses textos se disseminassem entre o final do século XVI e XVII e, assim, impulsionou o desenvolvimento e a fixação das línguas literárias nacionais. A demanda por leitura continuou crescendo, e as oficinas dos escribas não davam conta de alimentar o mercado.

O surgimento do papel na China e a invenção da imprensa, no século XV, possibilitaram que o livro se desenvolvesse ao longo dos séculos, até os dias atuais. Como se sabe, a criação da imprensa viabilizou que maior número de livros fosse produzido por um custo menor. Para Lafarge e Segré, a invenção da imprensa “iria transtornar a relação com a leitura,

pois iria permitir e produzir em maior quantidade, e a menor custo, obras de manuseio mais fácil” (LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 29).

A invenção do papel é atribuída ao eunuco Ts'ai Luan, e os mais antigos papéis conhecidos são oriundos da Ásia Central. Esse fato contribuiu para a descoberta da tipografia europeia. Febvre e Martin destacam que “cerca de cinco séculos antes da invenção atribuída a Gutenberg, a China conhecia a impressão por meio de caracteres móveis” (2000, p. 92). Segundo pesquisas realizadas anteriormente, “os mais antigos documentos escritos permitem-nos supor que o livro existia desde a dinastia Chang (1765-1126 a.C.)” (2000, p. 93). Quanto ao formato, os primeiros livros de que se tem conhecimento tinham as seguintes características:

Composto de quatro linhas verticais atravessadas horizontalmente por uma fivela larga, representa, de fato, o livro na sua forma mais antiga: as tabuinhas de madeira ou de bambu, nas quais se escrevia verticalmente com a ajuda de pauzinhos pontiagudos, molhados de uma espécie de verniz, que finas correias de couro ou cordas de seda atavam e mantinham em perfeita ordem. Estes livros formados em fichas estiveram em uso vários séculos (...). Das areias da Ásia Central saíram há cinquenta anos os mais antigos livros chineses atualmente existentes: são fichas de madeira de bambu; vocabulários, calendários, compilações de receitas médicas, (...)” (FEBVRE e MARTIN, 2000, p. 93).

Pesados e difíceis de serem manipulados, acabaram sendo substituídos por livros maleáveis, leves e resistentes, fabricados com seda. Entretanto, tal produto era muito caro, o que impulsionou a procura por matéria-prima mais barata para a fabricação de papel, destacando-se a borra de seda, trapos de tela, redes de pesca, cânhamo, entre outros. Ao passarem por diversas transformações, os papéis de espessura fina e maleáveis da China, da Coreia e do Japão contribuíram para que se chegasse ao formato do livro como conhecemos atualmente.

Graças à invenção do papel, que contribuiu para o desenvolvimento da imprensa e a multiplicação dos textos, o livro deixou de ser considerado um objeto precioso que se consulta na biblioteca, para tornar-se um objeto que se possa levar para todos os lugares que o leitor desejar. A produção de livros em formato portátil ocorre na primeira metade do século XVI. Nesse período, “os clérigos, os estudiosos e os grandes senhores deixam de ser, cada vez mais, os únicos a interessarem-se pelos livros e em que muitos burgueses formam as suas bibliotecas” (FEBVRE e MARTIN, 2000, p. 120). As edições em pequeno formato, normalmente mais leves, eram de obras literárias ou de textos de combate, destinados a atingir um grande número de leitores.

Lafarge e Segré (2010) apresentam dados sobre a produção de livros na França, que exemplificam como a evolução nos processos de fabricação do livro contribuíram para o aumento da demanda por leitura. As pesquisas realizadas, por exemplo, elucidam que, no século

XVIII, houve nova mudança nas edições francesas. O surgimento da prensa metálica proporcionou a aceleração na fabricação de livros, juntamente com a produção do papel em bobina. Até 1783, era possível produzir trezentas folhas por dia; com a nova prensa, a produção passou a 95 mil cópias por hora. Isso abriu muitas portas para a produção em grande escala de jornais, impressos comerciais e livros.

O desenvolvimento da sociedade como um todo (o surgimento de universidades, bancos, fábricas etc.) fez com que a escrita se tornasse cada vez mais necessária para as relações humanas, e isso contribuiu para aumentar as demandas por leitura e escrita. Por outro lado, a criação de prensas com maior capacidade de impressão e a aceleração nos processos de fabricação do papel provocaram significativas mudanças sociais, econômicas, culturais e históricas. Durante os séculos que precederam a imprensa, aqueles a quem era confiada a tarefa de produzir livros à mão (os escribas) sempre buscaram adaptar a produção de material escrito com o objetivo de atender às necessidades de seu tempo. O surgimento da possibilidade de reprodução mecânica de textos tornou o material escrito amplamente acessível. A tipografia tanto revelou as oportunidades que o novo processo oferecia e os seus efeitos transformadores, quanto lhe trouxe força de intervenção social superior à dos manuscritos.

## **2.1 O livro no Brasil**

O surgimento do livro na América está relacionado à chegada dos padres Jesuítas. Acredita-se que eles trouxeram a primeira prensa de impressão. A obra *Printing in Colonial Spanish America* mostra que não havia um mestre impressor que se interessasse em viver em terras tão remotas, de modo que os jesuítas acabaram ensinando os índios a produzirem livros por xilografia. Conforme Hallewell (2012), isso pode ter acontecido também no Brasil, no entanto, não há estudos que comprovem essa hipótese.

Hallewell faz tal afirmação baseado em algumas evidências, como o vasto acervo de livros que os colégios Jesuítas possuíam. Segundo a *História da companhia de Jesus no Brasil*, escrita por Serafim Leite, algumas escolas jesuítas tinham prelo próprio, no qual imprimiam livros. O primeiro livro impresso de que se tem notícia no Brasil é *Vocabulario de la Lengua Guarany* (1722). Na época, todavia, o território no qual a obra foi impressa pertencia ao Paraguai.

Apesar de os jesuítas libertarem os índios do jugo espanhol em 1640, Portugal, país que passava por dificuldades econômicas, organizou um movimento de destruição da Companhia de Jesus. Marquês do Pombal, que dirigia os negócios de Portugal, entre 1750 e 1777, decidiu extinguir a indústria tipográfica, porque ela era herança dos jesuítas e uma fonte

de poder. Para Hallewell, a grande perda que o Brasil sofreu com a dissolução da Companhia “pode ser sentida na destruição de suas bibliotecas: quinze mil volumes se perderam no Colégio em Salvador, outros cinco mil no Rio de Janeiro, além de mais de doze mil apenas nos colégios do Maranhão e do Pará” (2012, p. 80).

Anos antes, entre 1630 e 1655, os holandeses tentaram introduzir a impressão no Brasil, período no qual ocuparam o Nordeste brasileiro. As exigências de administração da colônia provocaram a necessidade de uma prensa. No Recife, o tipógrafo responsável era Pieter Janszoon, que faleceu ao chegar no Brasil, em 1643. Houve várias tentativas de se encontrar outro impressor, no entanto, não havia tipógrafo algum disposto a morar em terras tão distantes.

Acredita-se que a prensa trazida pelos holandeses foi a primeira que chegou ao Brasil. A partir de informações encontradas, os pesquisadores afirmam que esse prelo funcionou entre 1703 e 1706. Tem-se a notícia de que, em 1706, foi proibida a impressão de livros e papéis avulsos na tipografia em questão.

Após a expulsão dos padres Jesuítas, as terras ficaram de posse dos portugueses, que censuraram qualquer expressão de pensamento independente. Hallewell faz considerações importantes sobre Portugal naquela época. Leia-se:

[...] o pequeno país empobrecido que emergiu de seu cativeiro “babilônico” de sessenta anos e da luta e dezoito anos em prol da independência (1640-1668) foi a mais fraca, a mais pobre e a mais atrasada de todas as potências marítimas da Europa Ocidental. Foi também o país mais dominado pelo clero: mesmo o triunfo dos restauradores se deveu (como já dissemos), em grande medida, à iniciativa dos padres (e especialmente dos jesuítas) no fomento do apoio popular na luta contra o domínio espanhol. Os autos de fé continuariam por mais um século. A censura tríplice sufocou qualquer expressão de pensamento independente, até realizações inovadoras no tocante ao estilo ou à tradição literária. Quase a única obra contemporânea de algum mérito literário foram os *Sermões*, de Antônio Vieira (que foi mais brasileiro do que português) (HALLEWELL, 2012, p. 83).

Durante muitos anos, o Brasil não pôde contar com prensas. A impressão de material era proibida na colônia portuguesa, visto que sua única função era fornecer matéria-prima para Portugal, que passava por dificuldades econômicas. O isolamento do Brasil de todas as influências externas era muito importante para os portugueses, pois, dessa maneira, eles conseguiriam manter o controle social, intelectual e, principalmente, econômico da colônia. Todos os escritos originais que surgissem, por menores que fossem, precisavam ir para a Europa para serem impressos ou, então, permanecer na forma de manuscrito.

Para Martins (1998), o que se sabe sobre a introdução da imprensa no Brasil é muito confuso e não pode ser encarado como verdade absoluta, pois há diferentes versões sobre o assunto. Hallewell (2012) e Martins (1998) destacam que, a partir de 1747, há provas definitivas da existência de uma prensa no Rio de Janeiro. Isso pôde ser observado a partir da descoberta

de folhetos publicados naquela época. O responsável pela primeira tipografia no Brasil foi Antônio Isidoro da Fonseca, um dos principais tipógrafos de Lisboa, responsável pela impressão de alguns livros na colônia portuguesa.

Levando em consideração a falta de trabalhadores alfabetizados, a escassez de matéria-prima (o papel) e a censura do governo português, o livro produzido no Brasil tinha custos muito altos, de modo que não poderia competir com o preço dos livros vindos da Europa. Dessa maneira, alguns autores que almejavam imprimir seus livros acabavam fazendo isso em Portugal. A escassez de tipógrafos, que não tinham o menor interesse em vir para a colônia portuguesa, também foi um fator agravante na produção de impressos. Nesse período, as maiores cidades do Brasil não eram atraentes aos tipógrafos, pois eram “destituídas de qualquer forma efetiva de vida e de significação social e intelectual em virtude da irresistível concentração de população, produção, riqueza e poder em torno das grandes propriedades rurais” (HALLEWELL, 2012, p. 88).

Em 1792, havia apenas duas livrarias no Rio de Janeiro. A vinda da família real para o Brasil contribuiu para mudar esse cenário. Nesse período, foi criado o Museu Nacional, o Banco do Brasil, a Academia de Belas-Artes, entre outros. Em 1816, o número de livrarias aumentou para doze na capital. Apesar de D. João ser a favor, naquele momento, de uma imprensa livre, a censura era ainda muito forte, o que contribuiu para que países, como a Inglaterra e a França, a partir de 1814, investissem na edição de livros e periódicos em língua portuguesa, que chegavam ao Brasil através dos portos.

Por volta de 1808, Antônio de Araújo Azevedo trouxe outro prelo para o Brasil com a permissão do governo. Os pesquisadores afirmam que as impressões realizadas nesse período são consideradas obras-primas e de alta qualidade, à altura das impressões realizadas em Londres e Paris.

A inauguração do novo prelo ocorreu no mesmo ano, através da publicação de um folheto de 27 páginas. Conforme Hallewell (2012), em quatorze anos foram impressos mais de mil itens, um número bem considerável, tendo em vista que Portugal levou trinta e dois anos para produzir a mesma quantidade. O autor destaca que “grande parte desses itens da Imprensa Régia brasileira era constituída de documentos do governo, cartazes, volantes, sermões, panfletos e publicações secundárias” (2012, p. 114). Com o passar dos anos, a censura exercida por Portugal e o monopólio da impressão na capital (Rio de Janeiro) tiveram o seu fim.

Para Martins (1998), “a Imprensa Régia era o núcleo da nossa Imprensa Nacional e instalação oficial e definitiva da tipografia em nosso país” (p. 306). Ela foi a única imprensa existente no Rio de Janeiro até a proclamação da Independência, em 1822. Destaca-se, ainda,

que a Imprensa Régia publicou algumas obras literárias, como *Marília de Dirceu* (1810), *Uruguai* (1811), mas grande número de suas impressões corresponde a livros nas áreas do direito, economia, política e ciências e outros impressos. Martins (1998) acredita que, de certo modo, a Imprensa Régia prepara a Independência do Brasil. Conforme o pesquisador, o surgimento da imprensa nacional não corresponde à liberdade de pensamento, já que “de uma certa forma ela serviu para cerceá-la” (MARTINS, 1998, p. 309).

Sobre a impressão de textos na época da Imprensa Régia, Moreira e Azevedo afirmam:

quem desejava imprimir qualquer manuscrito apresentava-o antes com um requerimento à junta diretora, e só depois do despacho é que podia imprimi-lo; se o manuscrito dizia respeito à religião, à legislação ou à política, era a junta autorizada a manda-lo rever por pessoas de profissão competente, dirigindo-lhes para este efeito ofício em nome de Sua Alteza Real, e exigindo seu juízo e aprovação por escrito, à vista da qual se mandava imprimir com as correções necessárias, precedendo licença da Secretaria do Estado (MOREIRA e AZEVEDO apud MARTINS, 1998, p. 309).

Todas essas exigências não impediram que chegassem ao Brasil livros e jornais “subversivos”. Por exemplo, o jornal *Correio Brasiliense*, primeiro jornal brasileiro, ainda impresso em Londres, era lido no país, inclusive pelos meios oficiais. Havia outros jornais que eram editados no país, mas não eram tão populares quanto o primeiro. Dentre eles, destacam-se: *Gazeta do Rio de Janeiro*, *O Patriota* e *a Idade d’Ouro do Brasil*, *O Investigador Português*, entre outros.

Martins (1998) afirma que, “instalada abertamente a primeira oficina, transformando o Brasil, de colônia que era, em capital provisória do reino, nada mais poderia impedir, antes tudo solicitava, a multiplicação das tipografias, a intensa circulação espiritual que forçosamente deveria ocorrer” (p. 312). A consolidação da imprensa contribuiu para que periódicos se multiplicassem por todo o país. Surgiram os grandes jornais, tornando esse meio de comunicação um importante instrumento de progresso. Além disso, chegavam ao Brasil livros e papéis que propagavam princípios liberais. Algumas publicações de documentos e textos esparsos nas cidades da província também começaram a ocorrer. Acredita-se que o primeiro romance brasileiro com algum valor literário publicado no Brasil foi *O filho do pescador* (1843), de Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa (HALLEWELL, 2012, p. 177), no Rio de Janeiro. Ao longo dos anos, foram surgindo prelos nas províncias, e obras literárias também passaram a ser publicadas nesses lugares.

A impressão de livros continuou com altos custos, por isso, muitos autores continuaram a imprimir as suas obras em Portugal. Além disso, a metrópole também oferecia um mercado de circulação maior para as obras.

Os escritores ainda não conseguiam viver de suas publicações, mas, com a ajuda do governo, alguns deles passaram a trabalhar em cargos públicos, o que possibilitava que se dedicassem à produção escrita. Esse era o estímulo de D. Pedro II à produção literária nacional.

Livros técnicos, literários, didáticos, nas áreas das ciências, da história e da medicina etc., começaram a ser publicados em maior escala. Ao longo dos anos, novos escritores surgiram com suas publicações, editoras, livrarias, programas governamentais, entre outros, contribuindo para a disseminação do livro no Brasil e para a formação de leitores. Apesar da tentativa realizada pelos padres Jesuítas de promover a impressão de textos, a produção, não apenas de livros, mas de materiais em geral, enfrentou muitos obstáculos, que foram impostos pelos portugueses.

A chegada de prensas ao Brasil não foi apenas importante para o desenvolvimento da produção literária, para o aparecimento de escritores e de um público-leitor, para o progresso do mercado literário, enfim, para o desenvolvimento de um sistema literário. Conforme os estudos apresentados, a produção de material impresso também contribuiu para a disseminação das ideias de liberdade, o que corroborou para a Proclamação da Independência do Brasil, em 1822.

## **2.2 O livro no Rio Grande do Sul**

Entre 1895 e 1930, nos governos de Júlio de Castilhos e de seu sucessor Borges de Medeiros, o Rio Grande do Sul passou por um rápido desenvolvimento, através do aumento de instituições bancárias, o surgimento de faculdades, a expansão da educação de nível básico, além da criação da Varig, em 1927.

Segundo Hallewell (2012), desde 1880 houve atividade editorial no Rio Grande do Sul, entretanto, os editores rio-grandenses imprimiam muitos livros sem autorização dos editores legítimos e sem pagar os direitos autorais. Tem-se notícia da editora Americana, localizada em Pelotas, que publicava livros de baixo preço e em formato de bolso. Dentre suas principais publicações, estão obras traduzidas de Dostoiévski, Maupassant, Bourget, entre outros.

Em 1928, a editora Globo deu início a um programa editorial regular. Embora a pirataria de livros já não existisse mais, as pesquisas mostram que a de periódicos era frequente, pois não havia dinheiro para comprar material inédito. Assim, os textos eram traduzidos de outras línguas e publicados nos jornais.

Inicialmente, a Globo surgiu como uma pequena livraria e papelaria, fundada em 1883, por um imigrante português, que executava alguns trabalhos sob encomenda. Um jovem,



chamado José Bertaso, começou a trabalhar na Globo, tornou-se sócio e, em 1919, proprietário da empresa. A partir de 1922, a editora começou a publicar vários livros de artistas locais: “de certo modo, essa era a contrapartida gaúcha ao movimento modernista de São Paulo” (HALLEWELL, 2012, p.434). Foi através de Mansueto Bernardi, idealizador e diretor da *Revista do Globo*, que alguns títulos traduzidos foram publicados, fazendo com que a empresa conseguisse um pequeno avanço para alcançar um mercado mais amplo. Bernardi contribuiu para a formação de um grupo de artistas gráficos, tradutores e revisores.

Após a saída de Bernardi da Globo, em 1931, algumas de suas ambições, como torná-la uma editora de âmbito nacional, começaram a se realizar. Henrique d’Ávila Bertaso assumiu o setor editorial, e a direção da revista ficou a cargo de Erico Verissimo, na época, um jovem escritor.

Até a década de 1930, no Brasil, o consumo de livros era um privilégio apenas da elite, visto que a maior parte dos exemplares comercializados vinham da Europa (Portugal e França), e a produção de livros no país ainda era limitada. A crise econômica mundial, no início da década de 1930, mudou esse cenário. As exportações de café caíram drasticamente, o que fez com que o valor dos mil-réis sofresse desvalorização. O custo dos livros franceses, por exemplo, aumentou 600%. Os altos preços fizeram com que as importações diminuíssem, e a quantidade de livros importados caísse drasticamente no país. Agora, o livro brasileiro tornava-se competitivo no mercado.

Era a grande oportunidade para uma editora nacional de ficção traduzida. A Livraria Globo aproveitou-a. Outros logo acompanharam – a Athena Editora, do Rio, por exemplo (...). a Globo, porém, tendo saído na dianteira, iria manter uma situação de proeminência nesse campo até a década de 1950. Para compensar a sua posição geográfica, tão distante das duas cidades centrais onde se encontravam os concorrentes, já em 1943, Bertaso empreendeu uma viagem para abrir escritórios no Rio e em São Paulo e recrutar agentes distribuidores em Salvador, Recife e Natal (HALLEWELL, 2012, p. 440).

Grande parte do sucesso da editora foi a tradução de histórias policiais de livros norte-americanos. Bertaso procurava traduzir livros que poderiam tornar-se verdadeiros *best sellers*. Para Hallewell, o fato de a editora Globo publicar tantos textos traduzidos do inglês marca o declínio da influência cultural francesa no Brasil e o surgimento da influência dos EUA. Apesar de a maior parte de seus textos serem traduções da língua inglesa, a editora continuou publicando textos traduzidos de outras línguas, como do alemão, do italiano e do francês. Em relação à publicação de autores nacionais, entre 1930 e 1940, a editora tinha lançado apenas dois autores importantes: Vianna Moog e Erico Verissimo.

Em 1936, o Rio Grande do Sul contava com uma editora estruturada e reconhecida nacionalmente. Para se ter uma ideia, a sede da Editora Globo contava com

um edifício próprio de três andares e tinha quinhentos empregados. A venda de livros e o trabalho tipográfico continuavam sendo seus principais interesses – a oficina possuía agora vinte linotipos – mas a parte editorial já estava muito bem implantada, com uma produção de cerca de quinhentos títulos. Érico Verissimo foi aos poucos se afastando da *Revista*, cuja direção transferira a De Souza Júnior, para tornar-se consultor editorial de Henrique. Foi desse modo que entrou, na indústria do livro no Brasil, a figura do editor profissional, que funcionava como editor da obra sem ser dono da editora. O papel pioneiro de Verissimo nessa função veio a generalizar-se somente décadas mais tarde. (...) Somente em 1972 foram criados, no Brasil, cursos de editoração, implantados em algumas faculdades de comunicação” (HALLEWELL, 2012, p. 441).

A década de 1940, segundo Paulo Rónai, é considerada “a idade de ouro da tradução no Brasil” (RÓNAI *apud* HALLEWELL, 2012, p. 445). Isso se deve ao fato de a Segunda Guerra Mundial provocar a prosperidade no mercado de livros. O trabalho de revisão das obras traduzidas, na Globo, passava por dois estágios: a revisão técnica para a verificação da correspondência do texto traduzido com o original e uma revisão para assegurar a sua fidelidade ao original, bem como a qualidade da língua portuguesa. Entretanto, esse era um trabalho com altos custos e acabou sendo extinguido com a virada econômica do fim da Segunda Guerra Mundial. A editora Globo abandonou esse expediente em 1947.

A Globo não publicou apenas ficção e literatura em geral. Livros didáticos também fizeram parte de suas edições. A criação do Ministério da Educação, em 1931, desencadeou a grande reforma na educação do país, o que atraiu o interesse da editora em publicar livros nesse segmento. A reforma Capanema, dez anos mais tarde, tornou todos os seus livros para o nível secundário desatualizados. A partir de então, a editora passou a se concentrar apenas em livros didáticos destinados ao ensino superior. Na década de 1970, a editora voltou a publicar livros para o ensino primário e secundário e, novamente, as reformas lhe trouxeram grandes prejuízos. Em 1980, apenas um décimo de seu catálogo era de livros didáticos. Além disso, poucos autores estrangeiros tiveram mais de uma obra traduzida. A Editora passou a se dedicar à publicação de livros técnicos e obras de referência, como dicionários.

No de seu centenário (1983), apenas 45% das ações da Editora Globo estavam sob a posse de três netos de José Bertaso.

Uma reestruturação administrativa, iniciada em 1980, dispensou as subsidiárias Globo Distribuidora, JB Propaganda e Cia. Sul-Americana de Direitos Autorais, reduziu a área da sede e da livraria no centro de Porto Alegre (...) e começou a construção de uma nova sede (...), na avenida Brasil, no Rio de Janeiro, para onde já havia se mudado em 1979.

O destino final da Editora Globo foi sua aquisição em outubro de 1986, pela Rio Gráfica, editora (principalmente de revistas) da formidável organização de mídia Rede Globo (HALLEWELL, 2012, p. 454-455).

Nessa época (1986), a editora já tinha publicado 2.830 títulos. Atualmente, a editora é sediada em São Paulo e conta com 520 títulos em seu catálogo. A Editora Globo não é a única que contribuiu para o desenvolvimento de um ambiente de produção, publicação e circulação de obras, entretanto, ela é a única editora do século XIX que conseguiu se estabelecer no mercado literário nacional, por isso a sua relevância para a observação, de modo geral, do cenário do livro no Rio Grande do Sul.

A história do livro no Rio Grande do Sul atrelou-se à política quando o poeta Augusto Meyer, em 1937, foi designado, por Getúlio Vargas, o responsável por criar o Instituto Nacional do Livro (INL), “mediante reforma do Instituto Cairu” (HALLEWELL, 2012, p. 435). Meyer cuidou do INL até 1954 e entre 1961 e 1967.

O INL tinha o objetivo de criar uma enciclopédia e um dicionário para o Brasil, entretanto, isso nunca se concretizou. Outro objetivo era o de publicar obras raras ou importantes para a cultura luso-brasileira, mas esse projeto também acabou sendo suspenso. Posteriormente, o INL ficou responsável por criar uma bibliografia nacional, trabalho que a Biblioteca Nacional não conseguiu realizar. Entre 1938 e 1972, ambas as instituições tentaram, cada uma da sua forma, produzir essa bibliografia. Surgiram, então, a *Bibliografia Brasileira* e a *Bibliografia Brasileira Corrente*, mas nenhuma delas se aproximou do *Boletim Bibliográfico Brasileiro*, criado em 1967, trabalho particular de Áureo Ottoni (na época, funcionário do INL). O general Umberto Peregrino (diretor do INL, entre 1967 e 1970), transformou a *Bibliografia Brasileira*, inicialmente de caráter anual, em mensal. Após a saída do general do INL, sua publicação foi suspensa.

O governo Vargas, por sua vez, outorgou ao INL as tarefas de cuidar do livro no país e desenvolver as bibliotecas públicas. Em 1937, foi atribuído ao INL:

o controle direto do governo sobre os livros que poderiam ser legalmente publicados ou importados. Passados dois anos sem que o INL tomasse quaisquer medidas concretas nesse sentido, essas atribuições foram transferidas para um serviço de censura criado especialmente para isso, o Departamento da Imprensa e Propaganda (DIP) (HALLEWELL, 2012, p. 438).

Em 1990, o INL foi extinguido durante o governo do presidente Fernando Collor de Mello. Ele sobreviveu apenas como Departamento Nacional do Livro, um setor da Biblioteca Nacional, preocupado com a edição de livros brasileiros traduzidos no exterior.

Conforme Hallewell (2012), fora do eixo Rio-São Paulo, Porto Alegre tem sido, há muito tempo, o único centro editorial de importância nacional. Além disso, o Rio Grande do Sul conta com a feira do livro de Porto Alegre, que é a mais antiga feira de livros do país, com

uma ampla distribuição de obras e com escritores considerados importantes para o cenário literário nacional, como Luis Fernando Verissimo, Luis Antônio de Assis Brasil, Martha Medeiros, Fabrício Carpinejar, entre outros.

A história do Estado no meio editorial certamente contribuiu para alcançar esse destaque no âmbito literário nacional. Além da Editora Globo, há muitas editoras que fizeram e fazem parte desse cenário, destacando-se aqui Editora Selbach (1931-1960), Mercado Aberto (1980 – n.c.), Editora Movimento (1970), L&PM (1974), Sagra-Luzzato (1967), Sulina (1946) e editoras universitárias.

### **2.3 O livro na Serra Gaúcha**

A partir de 1875, muitos imigrantes italianos chegaram ao Rio Grande do Sul. Em linhas gerais, a vinda dos colonos era um projeto do governo tanto para povoar as terras pertencentes ao império, cujos proprietários iniciais não conseguiram provar sua posse, quanto para promover o branqueamento da população brasileira.

Nem todos os imigrantes que vieram para o Brasil eram agricultores e analfabetos, mas muitos deles se passavam por agricultores para atenderem às necessidades do governo. Os imigrantes que chegavam para povoar as terras devolutas tinham inúmeros ofícios e várias nacionalidades. Ao chegarem à Serra Gaúcha, sempre se interessaram por notícias oriundas da sua pátria de origem. Queriam saber o que se passava com os familiares que por lá ficaram. Isso ocorria através da correspondência pessoal e da leitura dos jornais.

Com o passar dos anos, os imigrantes começaram a se interessar por notícias relacionadas ao Brasil, queriam saber sobre os amigos e parentes que estavam residindo em localidades diferentes. Isso contribuiu para o surgimento dos jornais locais. Acredita-se que a primeira iniciativa foi por parte dos padres capuchinhos, que testemunharam a vinda dos italianos para o Rio Grande do Sul.

Em 1897, foi criado o primeiro jornal na região serrana, com o título de *O Caxiense*. A população regional chegava a oitenta mil habitantes e muitos distritos já haviam se tornado municípios. Conforme Pozenato e Giron (2004, p. 30), “a emancipação política e a existência de um número significativo de futuros leitores possibilitaram a criação da imprensa regional. Outro fator relevante foi a existência de tipografias. Foi nelas que nasceram os jornais”.

Segundo as pesquisadoras, os jornais eram de cunho político, literário e crítico. Elas acreditam que foi através da leitura de livros e de jornais que a língua italiana foi perdendo espaço para a língua portuguesa. Certamente, isso não ocorreu de forma passiva e mecânica, mas a história mostra que os imigrantes se adaptaram às condições, aprenderam português e

“tomaram para si o destino do seu grupo. Escreveram os primeiros jornais, engendraram seus intelectuais, escritores, jornalistas, professores” (POZENATO e GIRON, 2004, p. 12).

Para as autoras, o surgimento dos periódicos na Serra Gaúcha permitiu a garantia de uma informação mais segura e igual para todos: “a palavra impressa apresenta uma força de veracidade que o discurso oral não possui, pois pode ser conferida, o que não acontece na oralidade” (POZENATO e GIRON, 2004, p. 13). Acredita-se, ainda, que a impressão de jornais na região contribuiu para aumentar gradativamente a circulação de material impresso e a disseminação da língua portuguesa na modalidade escrita na região de imigração italiana.

No *Dicionário Bibliográfico de Escritores da Região de Colonização Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul* (2006), encontra-se a informação de que a primeira publicação literária vinculada à região, intitulada *Quadros da vida selvagem: I-Juca-Pirama* (trata-se do poema de Gonçalves Dias vertido para drama), ocorreu em 1869 e foi escrita José Bernardino dos Santos. Ressalta-se que a impressão do livro aconteceu em Porto Alegre/RS, no entanto, o fato de o escritor ter vivido durante alguns anos em Caxias do Sul/RS e produzido ficção durante esse período justifica o seu aparecimento na lista de escritores da Região de Colonização Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul (RCI).

Jerônimo Neves, Raul Augusto Villeroy, Alcides Lopes Miller, José Michel<sup>18</sup>, entre outros autores, também residiram na RCI, mas publicaram seus livros em Porto Alegre/RS ou em outras cidades do estado. O primeiro livro sobre o qual se tem notícia de que foi publicado na região em questão é uma obra de contos, que recebeu o título de *Sonho medieval* (1906) e foi escrita por Bento de Lavra Pinto. Sua impressão foi realizada pela Tipografia da Gazeta Colonial.

Ao longo dos anos, dezenas de livros de autores caxienses foram impressos nas diversas gráficas da região ou de fora dela, havia ainda alguns autores que angariavam publicações em editoras, muitas vezes, localizadas na capital (Porto Alegre/RS). Além disso, muitos escritores publicavam poemas, contos e crônicas nos jornais locais que ofereciam essa possibilidade. Apenas em 1976, surge a primeira editora na Serra Gaúcha, a Editora da Universidade de Caxias do Sul (EDUCS). Inicialmente, suas publicações eram apenas sobre conhecimentos produzidos no âmbito da própria universidade. Nos anos seguintes, a editora abriu suas portas para escritores que não estavam vinculados à universidade. Atualmente, a EDUCS tem por objetivo promover a divulgação de obras didático-pedagógicas, científicas, técnicas e culturais vinculadas à universidade.

---

<sup>18</sup> Informações sobre esses autores podem ser encontradas no *Dicionário Bibliográfico de Escritores da Região de Colonização Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul*: das origens a 2005 (2006).

No final da década de 1980, surge a Livraria do Maneco, em Caxias do Sul. Em 1991, é criada a Editora Maneco, que viabilizava a publicação de escritores serranos. Conforme informações coletadas em entrevista com Arcângelo Zorzi, proprietário da Editora, há trinta anos poucos livros eram editados na Serra Gaúcha, tendo em vista a escassa oferta de editoras. Os escritores que não conseguissem publicar pela editora da Universidade precisavam recorrer a editoras sediadas na capital. Muitos deles fizeram isso e obtiveram êxito, entretanto, outros não tiveram seus livros publicados.

A Editora Maneco surgiu a partir de uma situação em que uma escritora italiana não conseguiu publicar o seu livro por uma editora da capital e ofereceu o texto para o Maneco (Arcângelo Zorzi) publicar. A escritora pagou os custos da edição e o livro foi produzido. Os primeiros livros editados pela Maneco não foram de autores da região, mas de autores italianos. Ao longo dos anos, entretanto, muitos escritores serranos tiveram seus livros publicados pela editora.

Em 2008, surgiu em Caxias do Sul a editora Belas Letras, que, além do selo Belas-Letras, possui os selos Quatrilha e Modelo de Nuvem. A editora tem se destacado no cenário literário nacional através da publicação de obras que receberam destaque no mercado brasileiro do livro, conforme entrevista com Gustavo Guelter, proprietário da editora,

A Serra Gaúcha conta ainda com as editoras Liddo, Épsilon e Virtua, situadas em Caxias do Sul. Em Bento Gonçalves está situada a Editora Grafite. Há, ainda, inúmeras gráficas que realizam o trabalho de edição não especializada dos textos. Uma pesquisa mais aprofundada sobre o surgimento e o desenvolvimento das editoras na Serra Gaúcha ainda está por ser realizada. Portanto, ressalta-se que as informações apresentadas nesta seção devem ser consideradas de caráter provisório.

A partir das informações apresentadas acerca do aparecimento do livro no Ocidente, constatou-se que algumas mudanças na sociedade – tais como o surgimento de universidades e bibliotecas, a descoberta da fabricação do papel, a criação de diferentes modelos de prensa e impressoras, as trocas de suporte do livro, entre outras que podem não ter aparecido nesta revisão – contribuíram para o crescimento do número de leitores em diferentes lugares.

Esse processo de influências recíprocas tornou-se tão real, que é impossível imaginar como seria viver em uma sociedade sem escrita e leitura. E não se trata apenas da literatura, mas de livros didáticos, jornais, *blogs*, periódicos acadêmicos etc. A escrita é imprescindível para o registro de informações que não podem ser guardadas apenas na memória. Desse modo, atividades como ler e escrever são imprescindíveis para a maioria dos seres humanos da sociedade atual. A escrita facilitou o desenvolvimento e a propagação de informações nas mais

diversas áreas de estudo. A partir dela, tornou-se possível consultar aquilo que já foi descoberto e analisado. Desse modo, ela contribuiu para dar continuidade ao progresso do conhecimento.

Em suma, a disseminação de material impresso contribuiu para o surgimento de novos leitores, em função da quantidade e do aprimoramento do acesso aos suportes de leitura. Isso foi imprescindível para o desenvolvimento do processo de comunicação literária entre escritores, obras e leitores, contribuindo, assim, para a formação de sistemas literários nas diferentes comunidades sociais.

*“Eu não sou uma profissional, eu só escrevo quando eu quero. Eu sou uma amadora e faço questão de continuar sendo amadora. Profissional é aquele que tem uma obrigação consigo mesmo de escrever. Ou então com o outro, em relação ao outro. Agora eu faço questão de não ser uma profissional para manter minha liberdade.”*

(CLARICE LISPECTOR, 1977)<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> FONTE: Entrevista ao repórter Júlio Lerner, da TV Cultura, em 1977. Disponível em <http://www.revistabula.com/503-a-ultima-entrevista-de-clarice-lispector/>. Acesso em 10 de novembro de 2017.



### 3. CONSIDERAÇÕES ACERCA DA COLETA DE DADOS DA PESQUISA

Neste capítulo, serão apresentadas informações de cunho empírico acerca da pesquisa desenvolvida. Aqui, poderemos observar de que modo o trabalho foi conduzido e como os dados foram coletados, selecionados e analisados. Também será descrito o método utilizado para a coleta dos dados a serem apresentados nos capítulos 4, 5 e 6.

Primeiro, é preciso delimitar o âmbito espacial da pesquisa. Segundo divisão definida pelo IBGE, o Rio Grande do Sul, estado localizado no sul do Brasil, está dividido em sete mesorregiões – Nordeste Rio-grandense, Noroeste Rio-grandense, Centro Ocidental Rio-grandense, Centro Oriental Rio-grandense, Metropolitana de Porto Alegre, Sudoeste Rio-grandense e Sudeste Rio-grandense. Este trabalho volta-se para a pesquisa literária da mesorregião Nordeste, subdividida em 54 municípios agrupados em três microrregiões – Caxias do Sul, Guaporé e Vacaria.

Dentre os aspectos considerados na escolha da microrregião de Caxias do Sul, está o conhecimento prévio acerca da literatura na região obtido em trabalhos executados anteriormente e a grande quantidade de publicações de obras ficcionais que ocorre a partir dos anos 2000.

Ainda de acordo com o IBGE, a microrregião de Caxias do Sul<sup>20</sup> é composta por dezenove municípios, cuja população tem como referência o censo de 2010: Coronel Pilar (1.754), Santa Tereza (1.782), Nova Pádua (2.545), Pinto Bandeira (2.681), Fagundes Varela (2.689), Monte Belo do Sul (2.720), Boa Vista do Sul (2.860), Vila Flores (3.341), Nova Roma do Sul (3.520), Cotiporã (4.019), Antônio Prado (13.263), São Marcos (21.024), Veranópolis (24.252), Carlos Barbosa (26.976), Flores da Cunha (28.739), Garibaldi (32.578), Farroupilha (67.465), Bento Gonçalves (111.384) e Caxias do Sul (465.304). Dentre as cidades citadas, foram escolhidas as dez mais populosas para desenvolver a pesquisa, como é possível observar na imagem que segue:

---

<sup>20</sup> Todos os municípios que formam a microrregião de Caxias do Sul, também integram o rol das cidades que compõem a Serra Gaúcha. Não há um consenso sobre quais municípios fazem parte da Serra Gaúcha. Essa nomenclatura é especialmente utilizada para promover à vinda de turistas para a Região da Uva e do Vinho e para a Região das Hortênsias ao mesmo tempo. O termo engloba mais de cinquenta municípios. Portanto, ao se falar em Serra Gaúcha, é preciso que se compreenda o recorte realizado para que fosse viável a realização desta pesquisa.



obras. Entretanto, a partir de ligações telefônicas com os bibliotecários, fomos surpreendidos ao saber que muitas bibliotecas da Serra Gaúcha já possuem seu acervo em uma plataforma *online*.

Os municípios que na época possuíam seus acervos *online* eram Caxias do Sul, Farroupilha, Bento Gonçalves, Garibaldi, Carlos Barbosa e Veranópolis. Além disso, boa parte das bibliotecas contém uma seção específica para os escritores considerados caxienses, farroupilhenses, bento-gonçalvenses e assim por diante. Essas condições facilitaram a busca de informações concretas, como o nome dos escritores, os livros publicados, a editora, o ano de publicação e o gênero literário. Em Flores da Cunha, São Marcos, Antônio Prado e Cotiporã, os acervos não estavam digitalizados, no entanto, os responsáveis pelas bibliotecas predispuseram-se a encaminhar as informações por *e-mail*.

A partir dessa etapa do processo de coleta de dados, observou-se que nem todas as bibliotecas das cidades pesquisadas possuem um bibliotecário com formação adequada, fato que os próprios funcionários admitiram. Percebe-se, então, que a ausência de profissionais capacitados para desenvolver tal função nas bibliotecas da região ocorre normalmente nas cidades menores e que não possuem seu acervo disponível na internet.

Os horários de funcionamento de algumas bibliotecas foram, às vezes, um empecilho. Embora a grande maioria abra às 8 horas e finalize as atividades às 17 horas, sem fechar ao meio-dia, nas cidades menores, as bibliotecas tendem a funcionar em apenas um turno. Além disso, há casos nos quais a biblioteca não possui uma linha telefônica própria, de modo que é preciso telefonar para a prefeitura municipal, para que a recepcionista transfira a ligação.

Muitas bibliotecas municipais não se interessam em elaborar um esquema ou uma seção *online* de consulta aos nomes dos escritores que fazem parte da produção literária local. Algumas bibliotecas não possuíam essas informações organizadas em suas prateleiras ou *online*, de modo que os funcionários tiveram que procurar saber quem eram esses escritores, para colaborarem com a pesquisa. A ausência da sistematização de informações acerca dos escritores de cada município, em algumas bibliotecas, dificultou esse processo inicial da pesquisa.

Entretanto, cabe ressaltar que, ao serem solicitados, houve um esforço dos bibliotecários e dos funcionários das bibliotecas para colaborarem no levantamento dessas informações. Portanto, evidencia-se que a listagem de escritores de cada cidade selecionada para a pesquisa está baseada nos acervos das bibliotecas municipais e nas informações coletadas por seus funcionários. Outrossim, a autora desta tese buscou nomes de escritores na internet e

em conversas com pessoas do ramo literário e editorial que pudessem acrescentar autores e obras à lista.

Na conclusão da primeira etapa de coleta de dados, foi elaborado um quadro contendo as seguintes informações: nome do escritor, títulos publicados, ano e editora de publicação, e gênero de cada texto. Foram encontrados aproximadamente 350 nomes de escritores que integram a produção literária da referida região.

### **3.2 A busca de informações adicionais sobre os escritores e o mapeamento acerca dos editores da Serra Gaúcha**

A partir das informações encontradas, observou-se que a pesquisa poderia ser aprofundada e mostraria dados mais consistentes, se pudessem ser verificadas a formação do escritor (superior ou não), sua profissão principal ou secundária e o local atual de sua residência. Pensando nisso, a internet foi a principal fonte de busca por esses dados. As redes sociais, os currículos, os *blogs*, os *sites* de associações de escritores e de editoras foram páginas muito visitadas durante esse período da pesquisa, para obter as informações acerca de cada escritor.

Cabe ressaltar que, diante do grande número de escritores, foi nesta etapa do trabalho que se decidiu escolher aqueles que comporiam o *corpus* da pesquisa. Para isso, foram estabelecidos dois critérios: os escritores 1) que residiam nos municípios da Serra Gaúcha contemplados pela pesquisa; e 2) que possuíam obras publicadas a partir de 2000. Além desses dois requisitos, ao elaborar o projeto de tese, já se havia sido estabelecido que apenas os escritores vivos seriam assunto deste trabalho.

Tendo em vista esses critérios, houve redução considerável do número de escritores aptos a permanecerem no *corpus* da tese, totalizando, assim, 250 autores residentes na Serra e que publicaram livros de 2000 até 2016.

Além de novas informações sobre os escritores, também foram pesquisadas, na internet, informações acerca dos editores da região. Foram encontrados os nomes de seis editoras que publicam textos, das quais cinco localizam-se em Caxias do Sul, e uma em Bento Gonçalves. Os demais municípios contam apenas com gráficas, que oferecem o serviço de impressão e edição não especializada de livros.

### **3.3 Métodos, técnicas e abordagens**

Conforme o que foi apresentado no capítulo anterior, esta pesquisa tem como aporte teórico a sociologia da literatura e da leitura, que busca descobrir o modo como os estratos de

um sistema literário se organizam e se inter-relacionam para promover a produção, a publicação e a circulação dos textos.

De todo modo, o formato deste trabalho exigiu o estudo e a escolha da técnica mais adequada para a realização da pesquisa de campo acerca dos editores e escritores da região. A partir da busca dessas informações, constatou-se que parte da organização dos dados era de caráter quantitativo, enquanto outra parcela indicava informações que deveriam ser analisadas de forma qualitativa. Isso foi identificado com o auxílio do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Assessoria Estatística (NEPAE) da Universidade de Caxias do Sul.

No capítulo 4, especificamente, ver-se-á que houve a necessidade da escolha de um método de pesquisa quantitativo, além dos critérios iniciais estabelecidos para a seleção dos escritores. O modelo de pesquisa escolhido foi a exploração de dados secundários, ou seja, a busca de informações que já foram coletadas e organizadas em outras ocasiões. Cita-se a consulta de dados acerca da população dos municípios contemplados neste trabalho, encontrados no *site* do IBGE. Além disso, a principal fonte de pesquisa para proceder ao levantamento dos escritores da Serra e suas obras foram as informações já organizadas pelas bibliotecas municipais, disponíveis, na maioria dos casos, em bancos de dados *online*. Malhotra (2005) explicita o que é a exploração de dados secundários:

Antes de iniciar a coleta de dados primários, o pesquisador deve lembrar-se de que o problema em estudo pode não ser único. É possível que alguém tenha investigado o mesmo ou um problema de pesquisa similar. Uma busca pelos dados existentes pode levar a informações relevantes. Dados secundários representam quaisquer dados que já foram coletados para outros propósitos além do problema em questão (2005, p. 72).

Também foram consultadas outras fontes de informações *online*, como Plataforma Lattes, LinkedIn, *blogs*, *sites* de associações de escritores e prefeituras municipais, redes sociais, entre outros, principalmente para verificação de dados, como a formação acadêmica e a profissão dos autores. O processo de busca por dados secundários possibilitou a sistematização dos escritores da Serra Gaúcha, suas obras, editoras ou gráficas nas quais publicam, ano de publicação, gênero textual, grau de escolaridade e campo profissional em que atuam.

Todas as informações foram organizadas em um quadro no programa Excel 2016 e, em seguida, introduzidas no *software* IBM® SPSS® Statistics 19, que recolheu, organizou e analisou os dados que serão apresentados no capítulo 4.

Conforme o exposto no *site* de divulgação do próprio IBM® SPSS® Statistics 19, esse programa analisa dados, faz predições confiáveis e simplifica a introdução de informação,

mesmo que o volume seja grande ou com muitas variáveis. Além disso, ele realiza testes e análises de vários tipos e disponibiliza os resultados em quadros. Esses quadros e os testes realizados pelo programa, assim como suas respectivas interpretações, também serão exibidos no próximo capítulo.

Na sequência, constatou-se a necessidade de uma técnica qualitativa para a seleção dos escritores que seriam entrevistados, devido ao grande número de nomes encontrados na região. Inicialmente, a proposta de trabalho previa entrevistas com o maior número possível de autores considerados parte do sistema literário da Serra Gaúcha. Contudo, o grande volume de informações tornou essa prática insustentável, considerando o tempo limitado para a realização da pesquisa. Desse modo, optou-se por selecionar os escritores que seriam entrevistados, caracterizando, assim, parte da pesquisa (especificamente o capítulo 5) como amostragem não probabilística da população dos escritores da Serra Gaúcha.

A escolha desses autores ocorreu por conveniência e julgamento. Conforme Malhotra, “a amostragem por julgamento é uma forma de amostragem por conveniência na qual os elementos da população são escolhidos com base no julgamento do pesquisador. Este escolhe os elementos de amostragem porque acredita que representam a população de interesse” (2005, p. 266). Além de ser uma forma de escolha atraente, conveniente e rápida, o autor ainda aponta que ela é “subjetiva, dependendo da criatividade do pesquisador. Portanto, generalizações para uma população específica não podem ser feitas, porque em geral a população não é explicitamente definida” (MALHOTRA, 2005, p. 266).

Apesar dessas e de outras considerações do autor, optou-se pela técnica de amostragem por julgamento para selecionar os escritores a serem entrevistados. Independentemente da impossibilidade de se fazerem generalizações acerca dos escritores da Serra Gaúcha, acredita-se que a realização dessas entrevistas é o primeiro passo para compreender a atuação de alguns escritores no sistema literário da região.

Para conduzir a coleta direta de informações tanto com os escritores quanto com os editores, optou-se pela técnica de execução de entrevistas pessoais ou de profundidade. Malhotra explica que:

As entrevistas de profundidade são conversas levemente estruturadas com indivíduos escolhidos do público-alvo. Assim como as discussões em grupo, as entrevistas de profundidade não são um meio estruturado e direto de obter informações. Porém, diferentemente daquelas, as entrevistas de profundidade são conduzidas uma a uma. Elas duram de 30 minutos a mais de uma hora, e tentam descobrir os motivos básicos, os preconceitos e as atitudes em relação a questões delicadas (2005, p.119).

Assim como em discussões em grupo ou entrevistas simplificadas, em entrevistas pessoais de profundidade, o pesquisador tem de preparar um esboço com perguntas que poderão dirigir a entrevista<sup>22</sup>. Além de obter respostas às perguntas pré-elaboradas, é propósito desse tipo de entrevista descobrir questões implícitas que, talvez, não seriam compartilhadas em um grande grupo acerca do atual ambiente literário da Serra Gaúcha.

Conforme Alves e Silva, a análise qualitativa de dados “visa apreender o caráter multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural, bem como captar os diferentes significados de uma experiência vivida, auxiliando a compreensão do indivíduo no seu contexto” (ALVES; SILVA, 1992, p.61). Nesse sentido, essas autoras concordam com Malhotra, ao afirmarem que a realização de entrevistas de profundidade é uma técnica que pode ser utilizada para coletar dados qualitativos. Para isso, elas ressaltam que o pesquisador precisa ter consciência da necessidade de obter as informações dentro de um contexto específico e da grande quantidade de dados que deverão ser sistematizados, para que, em seguida, seja realizada a composição do texto de análise das informações coletadas.

Portanto, a análise qualitativa de dados “se caracteriza por buscar uma apreensão de significados na fala dos sujeitos, interligada ao contexto em que eles se inserem e delimitada pela abordagem conceitual (teoria) do pesquisador” (ALVES; SILVA, 1992, p. 65).

Em suma, observa-se que, neste trabalho de pesquisa, há análise de dados quantitativos, que são apresentados no capítulo 4, e qualitativos, nos capítulos 5 e 6. O uso das duas técnicas deve-se ao grande volume de informações encontradas. Acredita-se que isso contribuiu para a coleta, organização e análise dos dados, além do aperfeiçoamento das discussões realizadas nesta pesquisa.

---

<sup>22</sup> As perguntas realizadas para os escritores e editores serão apresentadas, respectivamente, na introdução dos capítulos 5 e 6.

*“Um bom escritor em geral nasce —creio— com a vocação para a literatura. O resto, que é muito, dependerá de artesanato, experiência, paciência, persistência, trabalho. Está claro que não estamos falando dos gênios, esses bichos raros que aparecem esporadicamente nas literaturas.”*

(ERICO VERISSIMO, 1970)<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> FONTE: Nós somos mais mágicos que lógicos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 de junho de 1970. Disponível em <http://almanaque.folha.uol.com.br/entericoverissimo.htm>. Acesso em 17 de novembro de 2017.



#### 4. A CONFIGURAÇÃO DA CENA EDITORIAL DA SERRA GAÚCHA DE 2000 ATÉ 2016

Neste capítulo, serão apresentados os dados que contribuíram para a verificação da configuração da cena editorial da Serra Gaúcha na atualidade. Como já foi mencionado, essas informações foram coletadas principalmente nos acervos de dados das bibliotecas municipais, mas, também, em *blogs*, *sites* e redes sociais. Em um primeiro momento, foram encontrados em torno de 350 escritores vivos considerados produtores de literatura no sistema literário serrano. Ao analisar o grande volume de informações, foi possível perceber que alguns desses escritores não haviam publicado livros a partir do ano 2000, e que outros não moravam mais em uma das dez cidades contempladas na pesquisa. Isso posto, decidiu-se que neste capítulo serão apresentados apenas os escritores que possuem livros publicados de 2000 a 2016 e residem em um dos dez municípios mais populosos da região serrana.

Diante do grande volume de informações, foi utilizado o *software IBM® SPSS® Statistics 19*, já descrito no capítulo 2 desta tese, para facilitar a organização dos dados. Esse programa possibilitou a obtenção das frequências dos dados coletados, entre eles: sexo, número de livros publicados, profissão e formação de cada escritor, editora e local de publicação, e gênero literário das obras.

Além das frequências gerais acerca dos dados lançados no *software*, o programa realiza outras operações, como o teste Qui-Quadrado, que compara as frequências observadas com aquelas esperadas para certo evento. Conforme os estudos desenvolvidos por pesquisadores da UFPA, na área da biometria, esse teste é utilizado para

[...] verificar se a frequência com que determinado acontecimento observado em uma amostra se desvia significativamente ou não da frequência com que ele é esperado; e para comparar a distribuição de diversos acontecimentos em diferentes amostras, a fim de avaliar se as proporções observadas destes eventos mostram ou não diferenças significativas ou se as amostras diferem significativamente quanto às proporções desses acontecimentos.<sup>24</sup>

Os dados coletados foram submetidos ao teste Qui-Quadrado. Neste capítulo, serão apresentados os resultados obtidos, por meio de quadros organizados pelo próprio programa. Cabe ressaltar que, além de sistematizar as informações encontradas, a análise dessas

---

<sup>24</sup> Disponível em <http://www.ufpa.br/dicas/biome/bioqui.htm>. Acesso em 24 de maio de 2016.

informações também aparece neste capítulo, de modo que seja possível compreender como o sistema literário da Serra Gaúcha tem se organizado nos últimos anos.

Escarpit (1969) discorre sobre o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa com um considerável volume de informações no campo da literatura. O autor destaca que:

Os dados estatísticos permitem fazer ressaltar as grandes linhas do facto literário. É preciso então interpretá-los no meio de um outro tipo de dados objetivos fornecidos pelo estudo das estruturas sociais que enquadram o facto literário e dos meios técnicos que o condicionam: regimes políticos, instituições culturais, classes, camadas e categorias sociais, ofícios, organizações dos ócios, grau de analfabetismo, situação económica e legal do escritor, do livreiro, do editor, problemas linguísticos, história do livro, etc. (ESCARPIT, 1969, p. 46).

Neste capítulo, em consonância com a proposta de Escarpit, serão apresentados os dados estatísticos da cena editorial da Serra Gaúcha, de modo a traçar um panorama da paisagem literária da região. Além disso, será realizada a análise das informações coletadas, para trazer à tona a discussão acerca da significação dos fenômenos observados. Nos capítulos seguintes, por meio de entrevistas com os editores e escritores da região, buscaremos aprofundar as discussões e analisar os dados coletados considerados subjetivos.

#### **4.1 Os resultados totais encontrados**

Nesta seção, de forma ampla e geral, será possível visualizar os resultados totais de todos os aspectos investigados durante a coleta de dados. No *software IBM® SPSS® Statistics 19*, esses resultados são denominados frequências, ou seja, dizem respeito à quantidade de vezes que determinada qualidade aparece durante a pesquisa.

As categorias selecionadas para apresentação neste capítulo são sexo, formação acadêmica, número de publicações e profissão dos escritores do sistema. Também serão observados aspectos que se referem à obra literária, como a cidade de edição do livro, o seu gênero e se a publicação ocorreu por meio de editora, gráfica ou na internet.

Inicialmente, destaca-se o número de escritores e escritoras considerados produtores do sistema literário da Serra Gaúcha. Observe-se o quadro 1:

**Quadro 1****Número de escritores e escritoras na Serra Gaúcha**

		<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>
<i>Valid</i>	Masculino	148	59,2	59,2
	Feminino	102	40,8	40,8
	Total	250	100,0	100,0

Fonte: elaborado pela autora desta tese.

A diferença de quase 20% deve ser levada em consideração, pois é uma particularidade importante do sistema. No século XXI, é muito difícil explicar por que ainda há mais escritores homens em grande parte das comunidades. A luta pelos direitos iguais entre os sexos reformulou as maneiras de pensar e as oportunidades disponíveis às mulheres. A partir do número total de escritores de ficção que foram considerados nesta pesquisa, a maior parte são homens. Entretanto, o número de escritoras é considerável, reservando ao sexo feminino uma parcela da produção literária da Serra Gaúcha.

Com relação à formação acadêmica dos escritores, o quadro foi dividido em duas opções de resposta: aqueles que possuem formação acadêmica (graduação, especialização, mestrado e/ou doutorado) e aqueles que não possuem formação acadêmica (apenas o ensino fundamental e/ou médio) ou estão em andamento com os seus cursos de graduação. Os resultados encontrados foram os seguintes:

**Quadro 2****Formação acadêmica dos escritores**

		<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>
<i>Valid</i>	Com formação acadêmica	145	58,0	77,1
	Sem formação acadêmica / formação acadêmica em andamento	43	17,2	22,9
	Total	188	75,2	100,0
<i>Missing</i>		62	24,8	
<i>Total</i>		250	100,0	

Fonte: elaborado pela autora desta tese.

Embora as informações tenham sido buscadas na Plataforma Lattes, em redes sociais, orelhas de livros, *sites* etc., não foram localizados dados sobre a formação de todos os escritores. Assim, há 188 dados válidos, em relação ao total de 250 escritores. Sobre os outros 62 autores,

o dado foi considerado inexistente. Destaca-se que os percentuais calculados pelo programa neste quesito estão baseados nos 188 dados válidos.

Dentre os 188 escritores, apenas 43 não possuem formação acadêmica ou estão com os seus estudos em andamento. Os outros 145 possuem formação nas mais diversas áreas e se dividem entre os que só cursaram graduação e aqueles que já finalizaram ou estão cursando especialização, mestrado e/ou doutorado. A partir desses números, observa-se que grande parte dos escritores da Serra Gaúcha possui algum curso superior que, em muitos casos, pode ter impulsionado suas carreiras enquanto escritores, como poderá ser observado em seguida.

De acordo com Candido (2011), nas sociedades modernas é possível atribuir a qualidade de artista mesmo a quem pratica outras atividades, como é o caso de Alberto de Oliveira, que foi inspetor de ensino, ou de Jorge de Lima, que se dedicou também à medicina. O crítico literário salienta que as esferas de atividade não se confundem, e o escritor “é identificado socialmente pelo papel de maior relevo na situação considerada, funcionando não raro o de artista” (CANDIDO, 2011, p. 37-38).

Dos 250 escritores, foi possível apurar a profissão declarada de somente 167. Sabe-se que o cenário ideal seria obter esse dado de todos os autores; no entanto, tendo em vista que muitos deles não possuem conta nas redes sociais ou currículo disponível *online*, tornou-se inviável a coleta total dessa informação. Portanto, decidiu-se apresentar as informações encontradas. Observe-se:

### Quadro 3

#### Área de atuação dos escritores

		<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>ValidPercent</i>
<i>Valid</i>	<i>Missing</i>	83	33,2	33,2
	Educação	43	17,2	17,2
	Comunicação	18	7,2	7,2
	Escrita profissional	14	5,6	5,6
	Outros	92	36,8	36,8
	Total	250	100,0	100,0

Fonte: elaborado pela autora desta tese.

No quadro anterior, percebe-se que há três áreas profissionais nas quais há maior concentração de escritores. A educação é o principal campo de atuação dos autores da região, com 17,2%. Aqueles que trabalham na área da comunicação contabilizam 7,2% e exercem principalmente a função de jornalista. Contrariando Candido, que destaca que muitas vezes ser

reconhecido como escritor é sinal de prestígio, apenas 5,6% dos artistas se autodeclararam escritores por profissão e admitem viver de sua escrita. Talvez, essa reação adversa à prevista por Candido ocorra por tratar-se de um sistema literário ainda pouco reconhecido por outros sistemas. Por fim, 36,8% dos escritores atuam nas mais diversas áreas, tais como direito, psicologia, empreendedorismo, medicina, funcionalismo público, fotografia, entre outras.

Sob o ponto de vista de Escarpit (1969), na maioria dos casos, a literatura não produz recursos financeiros suficientes para o sustento do escritor, por isso, muitos deles exercem uma segunda profissão. Na França, por exemplo, sempre foi muito comum os escritores serem financiados por “padrinhos intelectuais” ou procurarem uma ocupação que lhes permitisse sobreviver e continuar escrevendo.

Na Serra Gaúcha, poucos são os escritores que não possuem uma segunda profissão, o que confirma a premissa de Escarpit, que afirma que a literatura não alimenta os escritores, pois “a criação literária é um ato livre sobre o qual pesam as circunstâncias nas quais se produz” (ESCARPIT, 1969, p. 194). Portanto, o contexto social no qual os escritores estão inseridos interfere diretamente no processo de criação literária, contribuindo ou não para a sua produção. Essa interferência não diz respeito apenas a questões temáticas das obras, mas também está relacionada ao fluxo de produção literária de cada escritor, aos meios de publicação de suas obras e à formação de um público leitor próprio, por exemplo.

Nos quadros anteriores, foram apresentadas informações gerais acerca de quem são e como atuam as escritoras e os escritores que compõem o sistema literário da Serra Gaúcha. Todavia, as obras, produto do trabalho dos escritores, também possuem elementos que devem ser observados e que contribuem para a visualização da cena editorial da região. Primeiramente, foi listada a quantidade de obras produzidas por cada escritor para, em seguida, serem observados os meios e os locais de publicação, junto a outras características gerais das obras, como tipo textual e ano de publicação.

A quantidade de obras produzidas por cada escritor recebe destaque nesta discussão, pois é a sua circulação que dá vida ao sistema literário. A partir do momento em que o escritor produz um texto e decide publicá-lo, é a sua circulação que promove uma gama de ações que contribui para a formação e consolidação dos sistemas. A seguir, encontra-se o número aproximado de publicações por escritor da Serra Gaúcha:

**Quadro 4****Número de publicações por escritor**

		<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>
<i>Valid</i>	Uma publicação	137	54,8	54,8
	De 2 a 5 publicações	86	34,4	34,4
	De 6 a 10 publicações	18	7,2	7,2
	Mais de 10 publicações	9	3,6	3,6
	Total	250	100,0	100,0

Fonte: elaborado pela autora desta tese.

Observa-se, neste quadro, que a maior parte dos autores da Serra Gaúcha (54,8%) possui apenas uma publicação. Aqueles que publicaram de dois a cinco livros somam 34,4% dos escritores, um número considerável tendo em vista a grande quantidade de autores com um só livro. Há, ainda, uma minoria que possui entre seis e dez livros publicados, ou até mais. De certo modo, essas informações revelam que há um sistema literário em efervescência na região, visto que há muitos escritores novos com uma única publicação. Conforme as entrevistas concedidas pelos editores da região, alguns autores não publicarão novas obras, mas há muitos escrevendo seu segundo livro. Além disso, segundo as suas expectativas, surgirão outros escritores no ambiente literário serrano.

Publicar a obra é “terminá-la pelo seu abandono a outrem. Para que uma obra exista verdadeiramente enquanto fenômeno autônomo e livre, enquanto criatura, tem de se libertar do criador e seguir sozinha o seu destino entre os homens” (ESCARPIT, 1969, p. 98). A publicação de um livro constitui, assim, um nascimento, um desligamento entre criador e criatura. Nessa analogia, a função editorial é a de consentir com a existência do livro, através do aconselhamento e, até mesmo, do juízo acerca da obra.

Tendo em vista a afirmação de Escarpit e o objetivo de observar o panorama editorial na Serra Gaúcha, torna-se de grande importância verificar os meios utilizados pelos escritores para publicarem seus textos. Foram localizados aqueles que publicaram em gráficas e em editoras; aqueles que publicaram exclusivamente em gráficas; os que publicaram somente em editoras; e os que preferiram publicar unicamente na internet. Veja-se:

**Quadro 5****Meios de publicação dos livros (editora, gráfica e/ou internet)**

		<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>
<i>Valid</i>	Editora	111	44,4	44,9
	Gráfica	80	32,0	32,4
	Internet	3	1,2	1,2
	Gráfica e editora	53	21,2	21,5
	Total	247	98,8	100,0
<i>Missing</i>		3	1,2	
<i>Total</i>		250	100,0	

Fonte: elaborado pela autora desta tese.

É possível verificar que 44,4% dos escritores da Serra publicaram seus livros em editoras, e 32%, em gráficas. Os autores que já publicaram tanto em editoras como em gráficas somam 21,2% dos pesquisados. Como pode ser observado no quadro, há uma minoria de 1,2% que publica seus textos apenas na internet. Muitos escritores publicam poemas e trechos de romances e contos nas redes sociais, em *blogs* e *sites*; entretanto, publicar o livro completo *online* não é comum entre os escritores da região. A internet, para esses autores, é um meio de divulgação parcial de seu trabalho e uma espécie de termômetro para medir como seu público leitor está reagindo aos textos.

Destaca-se que entre 30% e 35% dos escritores da região não divulgam seu trabalho na internet ou não possuem informação alguma (pessoal, profissional etc.) disponível *online*, seja a publicação de seus currículos, seja a participação em *blogs* de escritores, redes sociais, entre outros.

Em relação aos meios de publicação, é parte deste trabalho verificar onde estão localizadas as gráficas e editoras em que os autores da Serra Gaúcha publicam, pois elas são responsáveis por multiplicar o número de livros. No caso das editoras, também lhes diz respeito contribuir para a difusão das obras, por meio de seus contatos com livreiros e distribuidores. Conhecer a localização das gráficas e editoras colabora para que se visualize, mesmo que de forma geral, por onde estão circulando as obras produzidas na região. Esses dados podem ser encontrados no seguinte quadro:

**Quadro 6****Localização das editoras e gráficas de publicação**

		<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>
<i>Valid</i>	Serra Gaúcha	161	64,4	65,7
	Outras regiões	39	15,6	15,9
	Ambas	45	18,0	18,4
	Total	245	98,0	100,0
<i>Missing</i>	<i>System</i>	5	2,0	
<i>Total</i>		250	100,0	

Fonte: elaborado pela autora desta tese.

Ao analisar o quadro, constata-se que 64,4% dos escritores que fazem parte do sistema literário serrano publicaram seus livros em editoras e gráficas localizadas na Serra Gaúcha. Em contrapartida, somente 15,9% dos autores publicaram em editoras e gráficas de outras regiões. Os escritores que transitam por gráficas e editoras da região e de fora dela representam 18% do total. Desse modo, verifica-se que há espaço para os escritores da região em gráficas e editoras da Serra, e que eles aproveitam essas oportunidades para publicarem seus livros. Apesar de existirem muitas editoras e gráficas fora da região, a partir das informações coletadas, observa-se que esse mercado é difícil para escritores iniciantes e para aqueles conhecidos apenas por determinada comunidade, os quais acabam recorrendo às gráficas e editoras locais para publicar seus escritos.

Dentre os livros publicados pelos escritores em questão, romances e poemas são os gêneros mais frequentes. No quadro a seguir, as informações coletadas foram organizadas em quatro categorias: prosa, poesia, literatura infantil/juvenil, e prosa e poesia. Sabe-se que literatura infantil/juvenil não é um tipo ou gênero textual. Contudo, esse é o modo como as bibliotecas especificam os livros direcionados ao público infantil e juvenil, motivo pelo qual se optou por manter essa categoria. Leia-se:



**Quadro 7****Tipos textuais (poesia, prosa, literatura infantil/juvenil, prosa e poesia)**

		<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>ValidPercent</i>
<i>Valid</i>	<i>Missing</i>	10	4,0	4,0
	Poesia	62	24,8	24,8
	Prosa	84	33,6	33,6
	Literatura infantil/juvenil	50	20,0	20,0
	Prosa e Poesia	44	17,6	17,6
	Total	250	100,0	100,0

Fonte: elaborado pela autora desta tese.

A grande maioria dos escritores (33,6%) publica textos em prosa, principalmente romances, contos e biografias literárias. Aqueles que publicam poesia totalizam 24,8% dos escritores. O número de autores que se dedica à publicação de prosa e de poesia é reduzido: 17,4% dos pesquisados. Por fim, 20% escrevem livros direcionados unicamente aos públicos infantil e juvenil.

Acredita-se que a quantidade de publicações de poesia seja menor que o número de textos em prosa, visto que muitas editoras não têm interesse em publicar poesia, porque a consideram de difícil circulação. A partir da primeira metade do século XX, conforme Escarpit, a função editorial sofreu uma grande mudança, que “corresponde ao declínio do capitalismo e à promoção das massas” (ESCARPIT, 1969, p. 106), de modo que houve aumento crescente das despesas através da exploração comercial realizada por empresas especializadas. Com o intuito de atingir maior número de leitores e, conseqüentemente, obter maiores lucros, as editoras optam por publicar obras de interesse de grande parte do público, evitando, assim, riscos financeiros para a empresa. Consoante entrevistas realizadas com editores da Serra, a poesia não é um tipo textual que deveria ser publicado, considerando aspectos do comércio livreiro atual, a não ser que haja um projeto literário. Talvez seja por isso que o número de autores que se dedicam apenas à publicação de poesia tenha diminuído consideravelmente nos últimos anos na Serra Gaúcha<sup>25</sup>.

Os dados apresentados até aqui objetivaram revelar um panorama geral das frequências encontradas em relação à cena editorial da Serra Gaúcha na atualidade. Na próxima seção, poderão ser observados cruzamentos de dados realizados no *software IBM® SPSS®*

<sup>25</sup> Essa discussão foi expandida no capítulo 6 desta tese.

*Statistics 19*, a fim de verificar se há associação de dependência entre algumas variáveis da paisagem literária da região.

#### 4.2 Verificação de associação entre as variáveis

Nesta seção, serão apresentados os resultados obtidos a partir do cruzamento dos dados explicitados anteriormente. Para isso, também foi utilizado o programa *IBM® SPSS® Statistics 19*, que executou o teste do Qui-Quadrado. Simbolizado por  $\chi^2$ , esse é um teste de hipóteses que “se destina a encontrar um valor de dispersão para duas variáveis nominais e avaliar a associação existente entre as variáveis qualitativas”, segundo informação encontrada na página da Biometria, no *site* da UFPA<sup>26</sup>. Ressalta-se que esse teste permite “analisar a relação de independência entre variáveis qualitativas” (PESTANA; GAGEIRO, 2005, p. 127). Os autores ainda destacam que:

Nos testes do Qui-Quadrado, os valores esperados para todas as células são comparados com os respectivos valores observados para se inferir sobre a relação existente entre as variáveis. Se as diferenças entre os valores observados e esperados não se consideram significativamente diferentes, as variáveis são independentes, ou seja, o valor do teste pertence à região de aceitação. Caso contrário, rejeita-se a hipótese da independência, ou seja, o valor do teste pertence à região crítica. (2005, p. 128)

Portanto, esse é um teste utilizado para verificar se há dependência entre as variáveis encontradas acerca do sistema literário da Serra Gaúcha. Além disso, é possível observar os resultados esperados pelo teste e aqueles realmente encontrados. Salienta-se que serão analisadas tanto as relações de dependência entre as variáveis, quanto a sua ausência, pois ambas são consideradas significativas para a leitura do panorama literário regional da Serra Gaúcha.

No quadro a seguir, podem ser encontrados os cruzamentos de informações realizados e os seus níveis de dependência:

<sup>26</sup><http://www.ufpa.br/dicas/biome/bioqui.htm>. Acesso em 31 de maio de 2016.

**Quadro 8**

**Resultados dos níveis de dependência entre as variáveis da paisagem literária da Serra Gaúcha**

<b>Cruzamentos</b>	$\chi^2$	<b>P Valor</b>
<b>Número de publicações X Gênero</b>	0,971	0,808
<b>Tipo textual X Gênero</b>	44,411	0,000*
<b>Meios de publicação dos livros (editora, gráfica e/ou internet) X Localização das editoras e gráficas de publicação</b>	53,613	0,000*
<b>Meios de publicação dos livros (editora, gráfica e/ou internet) X Tipo textual</b>	66,301 <sup>a</sup>	0,000*
<b>Gênero X Localização das editoras e gráficas de publicação</b>	1,725	0,422
<b>Gênero X Áreas de atuação</b>	6,581	0,087
<b>Gênero X Formação dos escritores</b>	2,547	0,110
<b>Meios de publicação dos livros (editora, gráfica e/ou internet) X Formação dos escritores</b>	1,796	0,616
<b>Número de publicações X Formação dos escritores</b>	0,584	0,900
<b>Número de publicações X Áreas de atuação</b>	14,825	0,251

\*P Valor < 0,05 significa que há uma relação de dependência entre as variáveis.

Fonte: elaborado pela autora desta tese.

Destaca-se que o P Valor é o resultado que deve ser observado para verificar se a relação entre as variáveis ocorre de forma dependente. Quando esse valor é menor que 0,05, significa que há relação de dependência entre as variáveis. Em contrapartida, quando o P valor é maior que 0,05, a correlação entre as variáveis ocorre de forma independente.

A partir do quadro apresentado anteriormente, serão descritos e analisados os resultados obtidos com a realização das dez associações executadas no *software IBM® SPSS® Statistics 19*, através do teste do Qui-Quadrado.

O primeiro cruzamento realizado buscou encontrar alguma relação de dependência entre o número de publicações e o gênero dos escritores. A única premissa que foi confirmada é que os homens possuem mais obras publicadas que as mulheres. Esse resultado é consequência da maior quantidade de escritores, do que de escritoras no sistema literário da Serra. Observe-se:

**Quadro 9****Associação A – Número de publicações X Gênero**

		Gênero		Total
		Masculino	Feminino	
Número de publicações	Uma publicação	78	59	137
	De 2 a 5 publicações	52	34	86
	De 6 a 10 publicações	12	6	18
	Mais de 10 publicações	6	3	9
Total		148	102	250

Fonte: elaborado pela autora desta tese.

Conforme o teste, não há relação de dependência nessa associação. Ressalta-se, aqui, que a maior parte dos escritores da região, tanto homens como mulheres, possui apenas uma publicação. Tal informação revela que esse é um sistema ainda em desenvolvimento, o que é muito positivo, visto que se deduz que há novos escritores surgindo no ambiente literário atual da Serra.

Além disso, é interessante ressaltar que há também muitos escritores (homens e mulheres) que publicaram entre duas e cinco obras. Isso indica que muitos deles encontraram e/ou conquistaram seu espaço nesse sistema. A existência de poucos escritores com seis ou mais publicações evidencia o quanto esse sistema é jovem e ainda está em fase de constituição.

Para Escarpit (1969), a produção literária é o resultado de uma população de escritores que, assim como outros grupos demográficos, está submetida a flutuações como envelhecimento, rejuvenescimento, superpopulação e despovoamento. Portanto, no caso da Serra Gaúcha, percebe-se que a população de escritores está em ascendência, tendo em vista o grande número de escritores com somente uma e até cinco obras publicadas.

Também não se pode descartar a possibilidade de existência de escritores que, na verdade, são ou serão autores de um único livro. Porém, ainda é muito cedo para tal afirmação; será necessário distanciamento histórico para observar os desdobramentos da produção literária na região nesse período.

O segundo cruzamento realizado foi entre as variáveis Tipo textual e Gênero. Os dados gerais podem ser observados no quadro que segue:

**Quadro 10****Associação B1 – Tipo textual X Gênero**

		Gênero		Total
		Masculino	Feminino	
Tipo textual	<i>Missing</i>	3	7	10
	Poesia	40	22	62
	Prosa	64	20	84
	Literatura infantil/juvenil	11	39	50
	Poesia e Prosa	30	14	44
Total		148	102	250

Fonte: elaborado pela autora desta tese.

Verifica-se que o tipo textual mais publicado pelos homens é a prosa, enquanto grande parte das mulheres escreve literatura infantil/juvenil. Destaca-se a ocorrência de escritores do sistema literário que se dedicam à publicação tanto de poesia como de prosa: trinta homens e quatorze mulheres. Todavia, a maioria dos escritores do sistema se dedica à produção de apenas um tipo de texto. Antes da realização desta pesquisa, acreditava-se que a poesia era o tipo textual mais publicado pelos escritores da região, hipótese que não se concretizou. Apesar das dificuldades encontradas para a publicação de poesia, já abordadas neste estudo, é até considerável o número de escritores que publicam textos dessa natureza, mesmo que tenham que pagar por suas edições.

A realização do teste do Qui-Quadrado mostrou que há associação de dependência entre as variáveis Tipo textual e Gênero. Leia-se:

**Quadro 11****Associação B2 – Os resultados do teste do Qui-Quadrado (Tipo textual X Gênero)**

			Gênero		Total
			Masculino	Feminino	
Tipo textual	<i>Missing</i>	<i>Count</i>	3	7	10
		<i>ExpectedCount</i>	5,9	4,1	10,0
		<i>% of Total</i>	1,2%	2,8%	4,0%
	Poesia	<i>Count</i>	40	22	62
		<i>ExpectedCount</i>	36,7	25,3	62,0
		<i>% of Total</i>	16,0%	8,8%	24,8%
	Prosa	<i>Count</i>	64	20	84
		<i>ExpectedCount</i>	49,7	34,3	84,0
		<i>% of Total</i>	25,6%	8,0%	33,6%
	Literatura infantil/juvenil	<i>Count</i>	11	39	50
		<i>ExpectedCount</i>	29,6	20,4	50,0
		<i>% of Total</i>	4,4%	15,6%	20,0%
	Prosa e Poesia	<i>Count</i>	30	14	44
		<i>ExpectedCount</i>	26,0	18,0	44,0
		<i>% of Total</i>	12,0%	5,6%	17,6%
	Total	<i>Count</i>	148	102	250
		<i>ExpectedCount</i>	148,0	102,0	250,0
		<i>% of Total</i>	59,2%	40,8%	100,0%

Fonte: elaborado pela autora desta tese.

No quadro apresentado, observam-se os números esperados pelo teste do Qui-Quadrado (*Expected Count*) e aqueles que foram encontrados pelo programa (*Count*). Como é possível verificar, as escritoras da região tendem a publicar literatura infantil/juvenil, ficando abaixo do esperado em todos os índices para publicação tanto de prosa como de poesia. Por sua vez, os homens publicam pouca literatura infantil/juvenil, pois estão bem abaixo dos resultados esperados pelo teste. Conforme os dados encontrados no quadro, eles têm se voltado para a produção de prosa e/ou poesia.

A partir das informações obtidas, seria possível afirmar que há a demanda de um público leitor de literatura infantil/juvenil na Serra e, por isso, tantas escritoras publicam esse tipo de literatura. Poderíamos ainda cogitar que há identificação maior do público feminino com crianças e jovens, o que explicaria sua dedicação em produzir literatura para esse tipo de leitor. Porém, essa é uma reflexão que necessita de estudo específico para o levantamento e a confirmação ou não das hipóteses. Vale lembrar que, nesta tese, o objetivo é apresentar as

informações como uma forma de verificação do panorama de produção, publicação e circulação literárias na região, e um estudo sobre literatura e gênero na Serra Gaúcha ainda está por ser desenvolvido.

Também foi realizado o cruzamento entre as variáveis que indicam o meio e a região de publicação das obras. Foram encontrados os seguintes dados:

**Quadro 12**

**Associação C1 – Meios de publicação dos livros X Localização das editoras e gráficas de publicação**

		Cidade			Total
		Serra Gaúcha	Outras regiões	Ambas	
Meios de publicação dos livros	Editora	64	29	18	111
	Gráfica	69	8	3	80
	Gráfica e editor	28	2	23	53
Total		161	39	44	244

Fonte: elaborado pela autora desta tese.

Nesse quadro, pode-se constatar que a grande maioria dos escritores da Serra publica em editoras ou gráficas da região. Ao lançar essas informações no *software*, foi possível observar a existência de associação de dependência entre as variáveis. Isso pode ser verificado a seguir:

**Quadro 13**

**Associação C2 - Os resultados do teste do Qui-Quadrado (Meios de publicação dos livros X Localização das editoras e gráficas de publicação)**

			Cidade			Total
			Serra Gaúcha	Outras regiões	Ambas	
Meios de publicação dos livros	Editora	<i>Count</i>	64	29	18	111
		<i>ExpectedCount</i>	72,9	17,7	20,4	111,0
	Gráfica	<i>Count</i>	69	8	3	80
		<i>ExpectedCount</i>	52,6	12,7	14,7	80,0
	Gráfica e editor	<i>Count</i>	28	2	23	53
		<i>ExpectedCount</i>	34,8	8,4	9,7	53,0
Total		<i>Count</i>	161	39	44	244
		<i>ExpectedCount</i>	160,3	38,8	44,8	244,0

Fonte: elaborado pela autora desta tese.

O teste revelou que o número esperado para escritores que publicam em editoras da Serra era de 72,9. No entanto, apenas 64 autores o fazem. Além disso, esperava-se que só 52,6

produtores de literatura publicassem em gráficas da Serra Gaúcha, porém, esse número é de 69. Isso demonstra que muitos escritores desse sistema ainda não conseguem ter seus escritos publicados em editoras da própria região. Talvez, o número reduzido de casas editoriais na Serra Gaúcha ou os altos custos para a edição especializada de uma obra sejam fatores que dificultem a publicação nesse meio.

Portanto, observa-se que, para muitos escritores, publicar um livro em uma editora pode ser um objetivo ainda não alcançado. Também é necessário levar em consideração que vários escritores que publicam em editoras da região recorrem ao financiamento público, ou, em alguns casos, assumem os riscos e bancam os custos de edição. Há, ainda, casos em que os autores enviam seus textos para as editoras, e elas financiam a obra.

Outro número que chama a atenção é a quantidade de escritores que publicam em editoras de outras regiões. O teste trazia uma previsão de 17,7, mas o resultado encontrado é de 29 autores. Desse modo, há mais escritores publicando em editoras fora da Serra, do que o esperado pelo teste. Esse pode ser um sintoma de que, quando não há espaço para os escritores publicarem em editoras regionais, eles recorrem àquelas que estão fora da região serrana. Entretanto, não se pode esquecer que há escritores que desejam publicar unicamente em editoras de fora da região, evitando, assim, o ambiente literário serrano.

Arendt (2011b) apresenta, em linhas gerais, o estudo desenvolvido por Scheichl (1993), no qual o autor alemão propõe duas questões para delimitar a sua pesquisa. São elas: “Quem pertence de fato apenas à literatura regional? Quem se enquadra no âmbito suprarregional da literatura de língua alemã e pode ser aí inserido por suas maiores ou menores relações regionais?” (ARENDR, 2011b, p. 220). Ao apresentar esses questionamentos, Arendt não considera esse ponto de vista como absoluto, pois acredita que existem autores no sistema que “desejam atuar somente no limitado âmbito regional e outros que renunciam aos temas regionais” (ARENDR, 2011b, p. 220), o que, de certo modo, confirma a premissa anterior acerca da atuação de alguns escritores no sistema literário serrano. Ele acrescenta que o critério de qualidade dos textos “também é incapaz de decidir por si só a classificação, embora a recepção fora da região em que a obra surgiu ou o autor viveu só possa ser imaginável quando o texto literário atinge certo grau de qualidade” (ARENDR, 2011b, p. 220). No entanto, não é isso que pode ser verificado na maioria dos casos dos escritores da Serra Gaúcha que publicam em outras regiões, pois muitos deles acabam publicando em editoras que pertencem a um cenário literário menos favorável que o da região da Serra, e poucos são aqueles que publicam em editoras que fazem parte de um sistema literário já consolidado e de maior alcance que o serrano.



Para Scheichl (1993), o estudo dos critérios sociológicos que envolvem a literatura produzida em uma região deve ser explorado, ficando, assim, a qualidade estética do texto em segundo plano. Nesse sentido, importa saber, aqui, “em quais meios o autor publicou, [...] a que público suas obras se dirigem e por quem elas de fato são ou foram lidas. Tal critério ajudaria a distinguir com mais propriedade a literatura regional e a literatura não regional” (ARENDDT, 2011b, p. 221).

Desse modo, os 29 escritores que publicaram somente em editoras de fora da região e os oito que publicaram unicamente em gráficas também pertencentes a outras regiões não sejam, talvez, reconhecidos pelo público leitor como escritores regionais. Tendo em vista apenas o critério do local de publicação das obras, esses autores estariam fora do sistema literário serrano. Não obstante, sabe-se que o sistema literário não é homogêneo, “compacto e coeso, mas cheio de fissuras e imperfeições” (ARENDDT, 2012, p. 89). Portanto, eles podem ter publicado fora da região, mas continuam a fazer parte de outras instâncias do sistema, através da existência de um público leitor para suas obras na Serra, do próprio reconhecimento da comunidade como sendo escritores da região e da produção crítica de caráter regional, por exemplo.

Outro cruzamento de informações que pode descortinar determinado panorama literário regional de forma geral é a análise dos meios de publicação em relação aos tipos textuais mais frequentes. No caso da Serra Gaúcha, foram encontradas as seguintes informações em relação aos escritores da região:

#### Quadro 14

##### Associação D1 – Meios de publicação dos livros X Tipo textual

		Tipo textual					Total
		<i>Missing</i>	Poesia	Prosa	Literatura infantil/juvenil	Prosa e poesia	
Meios de publicação	Editora	2	20	48	29	12	111
	Gráfica	4	27	28	16	5	80
	Internet	0	1	2	0	0	3
	Gráfica e editora	1	14	6	5	27	53
Total		7	62	84	50	44	247

Fonte: elaborado pela autora desta tese.

Observa-se que a maior parte dos escritores de prosa (48) publica em editoras. Em contrapartida, os números de escritores que publicam poesia em gráficas (27) ou editoras (20) estão equilibrados, de acordo com as informações coletadas. Sabe-se que há mais escritores de prosa, por isso, a frequência com que publicam em editoras também deverá ser maior. Contudo,

isso não justifica a baixa frequência de escritores de poesia publicando em editoras. Esses dados confirmam que os meios de publicação de maior prestígio na região dificilmente editam poesia.

Ressalta-se que os escritores da região raramente publicam textos na íntegra na internet (apenas três), como já foi verificado anteriormente nesta discussão. Dentre os escritores de prosa e poesia (44), é comum a publicação tanto em gráficas como em editoras. O interessante é que, na maioria dos casos, quando há um livro de poesia dentre outros publicados pelo autor, normalmente, este foi editado por uma gráfica, enquanto os livros de prosa passaram por editoras.

A partir do lançamento dessas informações no programa *IBM® SPSS® Statistics 19*, o *software* localizou uma associação de dependência entre as variáveis.

#### Quadro 15

##### Associação D2 - Os resultados do teste do Qui-Quadrado (Meios de publicação dos livros X Tipo textual)

			<i>Missing</i>	Poesia	Prosa	Literatura infantil/juvenil
Meios de publicação de livros	Editora	<i>Count</i>	2	20	48	29
		<i>ExpectedCount</i>	3,1	27,9	37,7	22,5
	Gráfica	<i>Count</i>	4	27	28	16
		<i>ExpectedCount</i>	2,3	20,1	27,2	16,2
	Internet	<i>Count</i>	0	1	2	1
		<i>ExpectedCount</i>	0	1	1,0	1

Fonte: elaborado pela autora desta tese.

Como pode ser observado no quadro, os escritores que publicam prosa e literatura infantil/juvenil possuem seus índices de publicação em editoras acima do esperado pelo teste, o que pode denotar que essa é a preferência das editoras locais, visto que a maior parte dos escritores se enquadra nesse critério. Além disso, é possível inferir que há público leitor para essas categorias de texto na Serra Gaúcha. Entretanto, deve-se atentar para o alerta que Escarpit (1969) faz ao afirmar que, assim como os livreiros e os bibliotecários, os editores são considerados intermediários do livro entre autor e público, pois eles controlam a compra, a venda, a troca e a edição especializada de livros.

Portanto, aliando as preferências do público leitor à obtenção de bons resultados financeiros através da venda de livros, o quadro anterior demonstra que os editores da região em questão investem na edição, principalmente, de livros de prosa e literatura infantil/juvenil. Isso acontece porque essas são as duas categorias de livros que têm maior aceitação entre os leitores na região, como pôde ser observado a partir das entrevistas realizadas com os editores da Serra.

Também foi executado o cruzamento das variáveis Gênero e Local de publicação de livros, a fim de observar se há diferenças significativas entre o local onde mulheres e homens publicam. A partir dessa proposta, foram obtidos os seguintes resultados:

**Quadro 16**

**Associação E<sup>27</sup> – Gênero X Localização das editoras e gráficas de publicação**

		Localização das editoras e gráficas de publicação			Total
		Serra Gaúcha	Outras regiões	Ambas	
Gênero	Masculino	101	20	27	148
	Feminino	60	19	18	97
Total		161	39	45	245

Fonte: elaborado pela autora desta tese.

Através do cruzamento dessas informações, o *software* não localizou relação de dependência entre as variáveis. Todavia, é interessante perceber que tanto homens quanto mulheres publicam com muita frequência em editoras e gráficas serranas. Isso também revela que há espaço na região para os escritores e escritoras publicarem seus textos nesses meios. Não obstante, deve-se observar que, mesmo que as editoras locais abram possibilidades de publicação e inclusive possuam linhas editoriais específicas para a publicação de livros oriundos da região, muitos escritores não conseguem publicar seus escritos nas casas editoriais da Serra ou não têm esse interesse e, por isso, acabam recorrendo a editoras de outras regiões ou, até mesmo, às gráficas, para publicarem seus livros.

Vale mencionar que, consoante Arendt (2011b), publicar em editoras suprarregionais é mais interessante que publicar em editoras regionais, no que diz respeito aos níveis de circulação do livro. Isso porque elas podem facilitar a “difusão de textos literários em forma de resenhas que exercem influência sobre o autor e que não são necessariamente encomendadas pelo editor a críticos apadrinhados” (ARENDR, 2011b, p. 221). No entanto, conforme já foi afirmado, para os escritores da Serra, publicar em editoras de fora da região nem sempre é sinônimo de um âmbito maior para a circulação de seus livros, porque, muitas vezes, as casas editoriais são de abrangência limitada.

Levando em consideração que na cidade de Caxias do Sul há editoras que disponibilizam os livros que editam não somente nesta microrregião, mas também em todo o

<sup>27</sup> As associações E, F, G, H, I e J não apresentaram relação de dependência entre as variáveis. Dessa maneira, optou-se por não exibir o segundo quadro gerado pelo *software*, conforme é possível observar nas associações anteriores, visto que não acrescentaria novos dados à pesquisa.

Rio Grande do Sul e, até mesmo, na região Sudeste brasileira, será realmente vantajoso para os escritores serranos, em termos de circulação de seus livros, se conseguirem publicar em editoras que contam com um âmbito de circulação maior que o de algumas editoras da Serra. Acredita-se que essas casas editoriais podem ser encontradas em Porto Alegre ou, então, no Sudeste do país. Desse modo, quer-se enfatizar que a literatura publicada em algumas editoras da Serra Gaúcha circula não apenas em âmbitos regionais, mas também em outras regiões do Brasil, de acordo com o contexto de distribuição de livros.

Contudo, deve-se atentar para mais um aspecto: publicar um livro em uma editora de Porto Alegre, por exemplo, mesmo que ela não ofereça um âmbito muito amplo de distribuição das obras, poderá atrair os olhares de críticos literários mais facilmente. Assim, para o escritor, segundo Arendt (2011b), a escolha da editora na qual irá publicar é etapa determinante, tendo em vista a projeção desejada para o texto.

A partir da análise dos dados coletados, também foi realizado o cruzamento entre o gênero e a profissão dos escritores. Nesse caso, foram cruzados apenas os dados referentes aos autores dos quais foram obtidas as informações acerca de suas áreas de atuação. Leia-se:

#### Quadro 17

##### Associação F – Gênero X Área de atuação

		Área de atuação				Total
		Educação	Comunicação	Escrita Profissional	Outros	
Gênero	Masculino	21	14	9	63	107
	Feminino	22	4	5	29	60
Total		43	18	14	92	167

Fonte: elaborado pela autora desta tese.

Como é possível perceber, não há associação de dependência ente as variáveis. Cabe salientar que foi possível verificar a profissão autodeclarada de apenas 167 escritores. Mesmo assim, acredita-se que seja relevante apresentar os dados encontrados, a fim de tentar compreender o papel do escritor na região. Escarpit (1969), ao discorrer acerca do papel do artista na sociedade, apresenta o estudo desenvolvido por Henry Havelock Ellis, que aplicou um método estatístico, nomeado “análise do gênio”, com a preocupação de salientar as origens geográficas e sócio-profissionais dos escritores. Baseado nos estudos desenvolvidos pelo pesquisador, este trabalho buscou informações acerca da profissão de cada escritor. A partir disso, foi possível constatar que, apesar de a área da educação concentrar um número relevante

de escritores ativos, a grande maioria, tanto homens quanto mulheres, trabalha nas mais diversas áreas profissionais.

Ainda em relação às características sócio-profissionais dos escritores da Serra, foi realizado o cruzamento das variáveis Gênero e Formação acadêmica de cada escritor. Encontraram-se as seguintes informações:

**Quadro 18**

**Associação G – Gênero X Formação dos escritores**

		Formação dos escritores		Total
		Com formação acadêmica	Sem formação acadêmica/formação acadêmica em andamento	
Gênero	Masculino	85	31	116
	Feminino	60	12	72
Total		145	43	188

Fonte: elaborado pela autora desta tese.

O *software* não identificou associação de dependência entre as variáveis. Dessa forma, verificou-se que o gênero dos escritores não interfere em sua formação acadêmica. Outro cruzamento de informações realizado diz respeito aos meios de publicação dos livros e à formação dos escritores. Leia-se o quadro:

**Quadro 19**

**Associação H – Meios de publicação dos livros X Formação dos escritores**

		Formação dos escritores		Total
		Com formação acadêmica	Sem formação acadêmica/formação acadêmica em andamento	
Meios de publicação dos livros	Editora	72	18	90
	Gráfica	39	15	54
	Internet	2	0	2
	Gráfica e editora	31	10	41
Total		144	43	187

Fonte: elaborado pela autora desta tese.

Apesar de o *software* não ter encontrado um grau de dependência significativo entre as variáveis, observa-se que a maior parte dos escritores que publica seus livros em editoras

possui formação acadêmica. Enquanto isso, em relação à minoria que não possui formação acadêmica, os números de publicações em editoras (18) ou gráficas (15) é equilibrado.

Para Candido (2011), há inúmeros fatores sociais atuando concretamente nas artes. A fim de provocar reflexão sobre o caso, ele cita alguns, tais como os meios de propagação do texto escrito e valores (gosto e moda), mas não significa que eles sejam os únicos. Nesta pesquisa, a formação – acadêmica ou não – e a profissão de cada escritor são informações que podem ser levadas em consideração para verificar o perfil e o campo de atuação dos autores na/da região. Conforme Stüben (2013), há fatores socioculturais que atuam sobre a produção, a recepção e a circulação das obras. Portanto, acredita-se que seja importante traçar um panorama geral acerca de quem são os escritores da região, qual é o seu campo profissional e por onde seus escritos têm circulado.

Para finalizar esta discussão, foram realizados mais dois cruzamentos de informações que envolvem a profissão e a formação dos escritores em relação ao número de livros publicados. Sobre um dos cruzamentos, foram encontrados os seguintes resultados:

#### Quadro 20

##### Associação I – Número de publicações X Formação dos escritores

	Formação dos escritores		Total
	Com formação acadêmica	Sem formação acadêmica/formação acadêmica em andamento	
Número de publicações			
Uma publicação	78	23	101
De 2 a 5 publicações	47	15	62
De 6 a 10 publicações	15	3	18
Mais de 10 publicações	5	2	7
Total	145	43	188

Fonte: elaborado pela autora desta tese.

É interessante comparar os índices de publicação dos escritores com as colunas “Com formação acadêmica” e “Sem formação acadêmica/ formação acadêmica em andamento”. Em ambas as categorias, ainda prevalecem escritores com somente uma publicação. Ao cruzar a variável referente ao número de publicações com a área de atuação de cada escritor, obtém-se o seguinte resultado:

**Quadro 21****Associação J – Número de publicações X Área de atuação**

		Área de atuação					Total
		<i>Missing</i>	Educação	Comunicação	Escrita Profissional	Outros	
Número de publicações	Uma publicação	48	24	10	4	51	137
	De 2 a 5 publicações	30	14	6	6	30	86
	De 6 a 10 publicações	2	2	1	3	10	18
	Mais de 10 publicações	3	3	1	1	1	9
Total		83	43	18	14	92	250

Fonte: elaborado pela autora desta tese.

Constata-se que, em todas as áreas de atuação, a grande maioria dos pesquisados possui apenas um livro publicado, exceto a minoria de autores que se autodeclaram como escritores e possuem entre duas e cinco obras publicadas.

A partir desses cruzamentos, surgem informações detalhadas acerca do número aproximado de obras publicadas pelos escritores com formação acadêmica, sem formação acadêmica ou em andamento e nos diferentes campos de atuação. Tendo em vista pesquisas anteriormente realizadas acerca da produção literária na Serra, acredita-se que a publicação de livros é a atividade mais significativa no sistema literário da região na atualidade. Contudo, não se pode ignorar que há, no sistema, a presença de outras atividades que também contribuem para sua consolidação. Zohar (1990), sobre a produção de textos no sistema, afirma que:

the "production of texts" does not simply equal "the production of anything else," the same holding for the rest of the factors involved. Writers, literary journals, literary criticism (in the restricted sense) are all literary factors. And there is no way to determine beforehand for any given period what activity among these is "the" literary par excellence (1990, p. 31).

Em consonância com Zohar, acredita-se que certas atividades se destacam nos diferentes cenários literários. No caso da Serra Gaúcha, a produção e a publicação de livros são atividades muito relevantes, tendo em vista o grande volume de obras que têm sido publicadas por escritores da/na região. Todavia, sabe-se que a produção de fortuna crítica, de textos para a participação em concursos literários ou para a publicação em revistas, jornais, *sites*, entre outros, também são elementos que contribuem para a dinâmica e consolidação desse sistema.

Para esta pesquisa, faz-se importante a verificação de informações como o número de obras publicadas pelos escritores e meios e locais de publicação, pois, assim como Candido,

considera-se a literatura um “sistema vivo de obras”. Portanto, são a produção, a publicação e a circulação das obras que trazem dinamismo para o sistema. Candido (2011) destaca que:

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (CANDIDO, 2011, p. 84).

Acredita-se ser possível observar boa parte do cenário editorial serrano a partir do número de obras publicadas por cada escritor, bem como dos meios e dos locais de publicação dos livros. Essas e outras informações, apresentadas ao longo do capítulo, contribuíram para a obtenção de um panorama geral sobre como se organiza esse cenário e quais são algumas de suas particularidades.

Dados como o gênero dos escritores, a sua formação e a profissão autodeclarada por muitos deles são informações que auxiliam para que se observe, mesmo que de forma elementar, os diferentes perfis dos escritores que circulam pelo sistema literário da região. Através desse parecer sobre onde estão sendo editadas e onde circulam as obras, bem como sobre áreas de atuação profissional e formação dos escritores, podem-se analisar características do cenário editorial da região que convergem para a formação, consolidação, manutenção e renovação da vida literária na Serra Gaúcha.

Ainda, cabe ressaltar que as informações apresentadas neste capítulo constituem os resultados encontrados durante o período de pesquisa, entre janeiro e julho de 2016. Portanto, é preciso mencionar que, possivelmente, após esse tempo de investigação, novos escritores podem ter surgido e novas obras também podem ter sido publicadas pelos autores já citados no quadro. Porém, para viabilizar a produção desta tese, foi necessário encerrar o período de investigação e sistematizar as informações encontradas sobretudo junto às bibliotecas municipais.

Como pôde ser observado, escritores, obras, editoras e gráficas são elementos imprescindíveis para a dinâmica do sistema literário na região. Destacam-se também os programas de financiamento cultural promovidos pelas prefeituras municipais que, através de concursos literários, premiam os vencedores pagando-lhes os custos de edição das suas obras. Desse modo, os escritores podem tentar publicar seus livros de cinco formas diferentes na região: editoras comerciais; editoras de prestação de serviços; gráficas; programas públicos de fomento à publicação literária; e internet. Na análise dos meios de publicação das obras,



percebe-se que os escritores da Serra fazem uso de todos esses recursos para publicarem seus textos.

Além disso, foi possível verificar que grande parte dos escritores da Serra atua nas mais diversas áreas profissionais e tem a escrita como atividade que é exercida em segundo plano. Essa constatação permite inferir que é muito difícil um escritor sobreviver de seus escritos na região, visto que grande parte dos autores ainda publica suas obras apenas em editoras regionais e, muitas vezes, depende de financiamento público para isso.

Este capítulo buscou apresentar os mecanismos de organização da paisagem literária da Serra Gaúcha. Com o objetivo de investigar dados acerca do cenário editorial serrano, buscou-se verificar e compreender o ambiente literário pelo qual transitam seus autores, obras e leitores. A obtenção de informações, como a quantidade aproximada de escritores na região, os seus meios de publicação, a sua profissão, a sua formação, a frequência com que publicam e os gêneros aos quais se dedicam a escrever possibilitaram uma visão ampliada desse sistema.

Nos próximos capítulos, através da apresentação dos dados coletados durante a realização de entrevistas com escritores e editores da região, buscar-se-á aprofundar com maior precisão a influência exercida e recebida por esses sujeitos, que integram o processo de produção, publicação e circulação da literatura no âmbito do sistema literário serrano.

*“Não sei como esses livros venderam tanto, não faço ideia, as coisas não acontecem repentinamente. Estou com 71 anos, escrevo há praticamente cinco décadas, até mais na verdade, porque acho que meu primeiro conto foi publicado quando eu tinha 17 anos, em 1958, não tenho certeza. Mas, de qualquer forma, são 50 anos. Então nada acontece subitamente.*

*Para quem tomou conhecimento de minha existência agora, parece que as coisas aconteceram rápido. Para quem lê biografias também. Fulano de tal nasceu em tanto de tanto de tanto, aos 18 anos ingressa na faculdade de tal, forma-se... Mas o que tem no meio do caminho as pessoas não leem, parece tudo fácil, uma transição não traumática. Enfim, eu não sei, não aconteceu de repente, então, nunca houve impacto. Sempre gostei que meu livro vendesse, mas nunca fui um sucesso estrondoso, acho eu. Aliás, acho não, nunca fui. Então, já tive livros que ficaram muitos anos em listas de mais vendidos — mas não estourando. Tenho essa sensação, que estouro nunca fui. Mas talvez por eu escrever em jornal, isso me popularize um pouco, amplie o número de leitores, não sei explicar.”*

(JOÃO UBALDO RIBEIRO, s.d.)<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> FONTE: A caminho do cânone. *Jornal da Biblioteca Pública do Paraná*, Curitiba/PR, s.d. Disponível em <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=28>. Acesso em 10 de novembro de 2017.

## 5. OS ESCRITORES DA SERRA GAÚCHA: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Conforme Chartier (1998), na Idade Média, acreditava-se que a autoria de determinado texto (oral ou escrito) era inspiração divina. Ou, ainda, o texto era compreendido como parte de uma tradição e, portanto, o escritor apenas teria a função de “desenvolver, comentar e glosar” (1998, p. 31) aquilo que já existia.

Antes dos séculos XVII e XVIII, nos últimos séculos da Idade Média, segundo Chartier (1998), os escritores contemporâneos do momento, como Petrarca, Boccácio, Dante, entre outros, começaram a ser retratados em miniaturas no interior de seus manuscritos não mais como meros espectadores que apenas ditavam os textos que recebiam de um ser divino, mas que praticavam o ato de escrever. É nesse momento também que começam a ser organizados em um único manuscrito textos de mesma temática, escritos por certos autores. Isso rompe com a tradição, pois, até então, os livros manuscritos eram organizados com textos de diferentes temas, datas e origens, nos quais não deveriam ser incluídos os nomes de seus autores.

No final do século XVI, autor era aquela pessoa que redigia um texto ou que descobria um manuscrito desconhecido. Somente em 1624 surgiu a noção do direito de propriedade sobre o texto. Em 1793, foi criada uma lei que “promulgava a propriedade do autor sobre os frutos do seu trabalho” (LAFARGE e SEGRÉ, 2010, p. 37). Desse modo, todo exemplar publicado sem a autorização do escritor poderia ser apreendido; portanto, ao autor era dado o direito exclusivo de vender e distribuir suas obras. A partir dessas mudanças, “o livro deixa de ser um produto fabricado pertencente ao livreiro, para tornar-se a produção intelectual e artística de um autor” (LAFARGE e SEGRÉ, 2010p. 38). Lajolo e Zilberman (1996) destacam que é no Romantismo que a criatividade e a genialidade do autor recebem destaque, porque, até então, a escrita literária era compreendida como uma inspiração divina ou como uma imitação de textos já existentes.

Barker e Escarpit (1975) avaliam que, nos tempos antigos, a vida do autor era menos burocrática quando comparada com a do escritor de hoje. Na Antiguidade, por exemplo, ele só dependia da sua voz, e “não precisava enfrentar editor, revisor nem distribuidor” (ESCARPIT, 1975, p. 154). Entretanto, inevitavelmente, o seu público leitor estava limitado à sua própria capacidade.

Atualmente, o escritor precisa ter habilidades e conhecimentos que vão além do processo de escrita de uma obra. É necessário que ele esteja em contato com outros escritores, editores, produtores culturais, instituições públicas e privadas, livrarias, bibliotecas, leitores etc. que compõem o sistema do qual ele participa, fazendo com que sua obra e seu próprio nome conquistem espaço nessa rede de relações. Acredita-se que o público leitor de determinado escritor contemporâneo está limitado à sua capacidade de estabelecer conexões sólidas nos diferentes sistemas literários.

Lajolo e Zilberman (1996) afirmam que os escritores precisam posicionar-se diante do cenário cultural no qual estão inseridos. Por exemplo, eles podem adotar para si a ideia de que o escritor é um “indivíduo alheio ao mundo concreto da realidade prática [...], um gênio distante, ilhado em sua torre de marfim indiferente ao financiamento da indústria e do público” (p. 62), ou podem inserir-se no grupo de “agentes pragmáticos e voltados à finalidade legítima de ganhar dinheiro” (p. 62).

A expansão do impresso, o desenvolvimento das vias de comunicação, a generalização do alfabetismo, o crescimento da renda média e a redução do tempo de trabalho contribuíram para o surgimento de novos leitores e para a difusão do livro e do jornal. Embora o livro fosse considerado de maior prestígio, o jornal ainda representava a maior parte do texto impresso, nos séculos XIX e XX. Tendo em vista esse cenário, a imprensa e o livro desencadearam uma concorrência entre si. Para competir no mercado do objeto de leitura impresso, tanto os jornais quanto os livros passaram por diversas transformações na diagramação, nos caracteres e no tipo de papel, por exemplo. Além disso, na imprensa surgiram novos gêneros textuais, dentre os quais destaca-se o folhetim. Houve, ainda, a edição de livros didáticos e de exemplares com preços mais modestos, para atingir uma parcela maior da população. Tendo em vista as informações apresentadas, Lafarge e Segré explicitam que, “a partir de então, o editor e o público de leitores foram considerados os personagens principais, enquanto o livreiro passou da arte de fazer para a de vender. De artesão que era, passou a ser um comerciante, mas comerciante de um produto cultural” (LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 39). Como consequência da evolução dos processos de produção e distribuição do material impresso, o livro, como o temos na atualidade, “transformou-se numa mercadoria, e a leitura, num consumo” (LAFARGE e SEGRÉ, 2010, p. 39).

Conforme Candido (2011), na visão romântica, a coletividade é criadora. O crítico brasileiro cita o estudo desenvolvido por Hauser (1951), que considera que as pinturas pré-históricas já demonstravam a existência de um artista especializado, o que nos remete ao reconhecimento da função social do escritor, ou seja, à diferenciação precoce do artista.

Candido apresenta o exemplo de um grupo banto de Moçambique, os tonga, no qual existe o costume de louvação pública dos chefes. Nessa cultura, surge um tipo de louvador, poeta palaciano, uma espécie de profissional que exerce essa função. Outro exemplo ocorre na ilha de Banks, na qual as pessoas têm o costume de possuírem uma canção pessoal, acreditam necessitar dela para serem bem recebidos após a morte pelos espíritos dos mortos. No entanto, nem todos são capazes de elaborar uma canção, de modo que precisam recorrer aos indivíduos capazes de realizar a tarefa, que acabam se especializando como compositores.

O crítico brasileiro também defende que em alguns grupos sociais não há a separação entre autor e público. Isso acontece porque, em muitos casos, todos do grupo produzem e recepcionam as produções artísticas. Conforme Candido, isso pode ser observado na vida caipira paulista, na qual ocorrem manifestações como a cana-verde, e observa-se que “todos os participantes se tornam poetas, trocando versos e apodos” (CANDIDO, 2011, p.44).

Na Serra Gaúcha, por exemplo, entre 1897 e 1940, a partir de pesquisas realizadas nos periódicos locais<sup>29</sup>, concluiu-se que havia autores que produziam literatura, leitores desses textos e indivíduos interessados em publicar a produção dos escritores da região. Entretanto, esses três grupos não eram formados por pessoas distintas. Possivelmente, eram os mesmos que produziam, publicavam e consumiam a literatura produzida na Serra.

Com o passar dos anos e o crescimento populacional, econômico, geográfico etc. da região, produtores, leitores e propagadores literários foram se diferenciando e formando grupos distintos, mas que sempre precisaram estar em contato para que a publicação, a divulgação e a circulação da literatura na Serra ocorressem.

Deve-se perceber que, à medida que o volume de pessoas de uma sociedade cresce, artista e público começam a se distinguir. Em uma sociedade menos diferenciada, os leitores conseguem se encontrar, mas em sociedades nitidamente diferenciadas, os receptores poderão formar um clube de leitura de Guimarães Rosa, por exemplo, para que seja possível o seu encontro. Candido ressalta que “existem, numa sociedade contemporânea, várias dessas coleções informes de pessoas, espalhadas por toda parte, formando os vários públicos das artes. Elas aumentam e se fragmentam à medida que cresce a complexidade da estrutura social” (CANDIDO, 2011, p. 45).

Portanto, percebe-se que a arte se configura e se transforma a partir da estrutura social da qual faz parte. Ao discorrer acerca do papel do artista na sociedade, Candido ressalta que sua obra é fruto de uma iniciativa individual, assim como das condições sociais em que está

---

<sup>29</sup> Os estudos estão vinculados ao projeto de pesquisa “Para uma história da leitura e da literatura em contextos regionais”, coordenado pelo professor Dr. João Claudio Arendt.

inserido. Ele ainda destaca que a relação entre artista e público pode ser pautada do seguinte modo:

em primeiro lugar, há necessidade de um agente individual que tome a si a tarefa de criar ou apresentar a obra; em segundo lugar, ele é ou não reconhecido como criador ou intérprete pela sociedade, e o destino da obra está ligado a esta circunstância; em terceiro lugar, ele utiliza a obra, assim marcada pela sociedade, como veículo das suas aspirações individuais mais profundas (CANDIDO, 2011, p. 35).

Conforme apresentado anteriormente, a consolidação da relação entre autor, obra e público é complexa e ordenada por diversos fatores. A existência de um agente que crie o texto literário e de um público que o reconheça enquanto escritor de valor são dois fatores muito importantes apresentados por Candido, no entanto, deve-se lembrar que o autor apresenta isso de forma bastante simples, e que a existência de um sistema literário envolve o estabelecimento de redes de relações entre outros elementos. Além disso, nem sempre a obra será um veículo das aspirações individuais do autor – talvez, ele possa escrever para agradar determinado público ou para tornar-se um escritor de *best sellers*.

A partir das considerações realizadas até aqui, percebe-se que, ao mesmo tempo que escritores e leitores atuam no grupo social no qual estão inseridos, eles também sofrem as suas influências. Acredita-se que a vida literária que surge em determinado tempo e espaço está diretamente ligada a questões sociais, econômicas, históricas e culturais. Também vale salientar que, mesmo que este capítulo seja destinado apenas aos escritores da região da Serra Gaúcha, autor, obra e público são estratos indissociáveis que se organizam enquanto sistema, por isso, é difícil fazer reflexões apenas em relação a uma dessas categorias, sem referenciar todas elas. Portanto, sempre que necessário, durante a análise, recorrer-se-á a outros estratos do sistema, para que se compreenda de forma mais clara como se organiza a paisagem literária serrana.

Neste capítulo, tem-se como objetivo principal apresentar e analisar os dados coletados durante a realização de 25 entrevistas pessoais com os escritores da Serra Gaúcha. As análises serão realizadas sempre levando em consideração elementos sociais, linguísticos, históricos e culturais da região em questão.

### **5.1 Panorama geral: quem são esses escritores?**

Nesta seção pretende-se apresentar detalhes específicos sobre os escritores entrevistados durante a realização desta pesquisa. No capítulo 4, foram expostas informações de todos os escritores encontrados nos dez municípios mais populosos da Serra Gaúcha, como o número de livros publicados, o gênero ao qual se dedicam, a sua área de atuação profissional, entre outros. Acredita-se que os dados que serão apresentados aqui contribuirão para trazer

subsídios para a leitura da próxima seção deste capítulo, de modo a ampliar a compreensão quanto ao recorte da paisagem literária serrana realizado neste estudo.

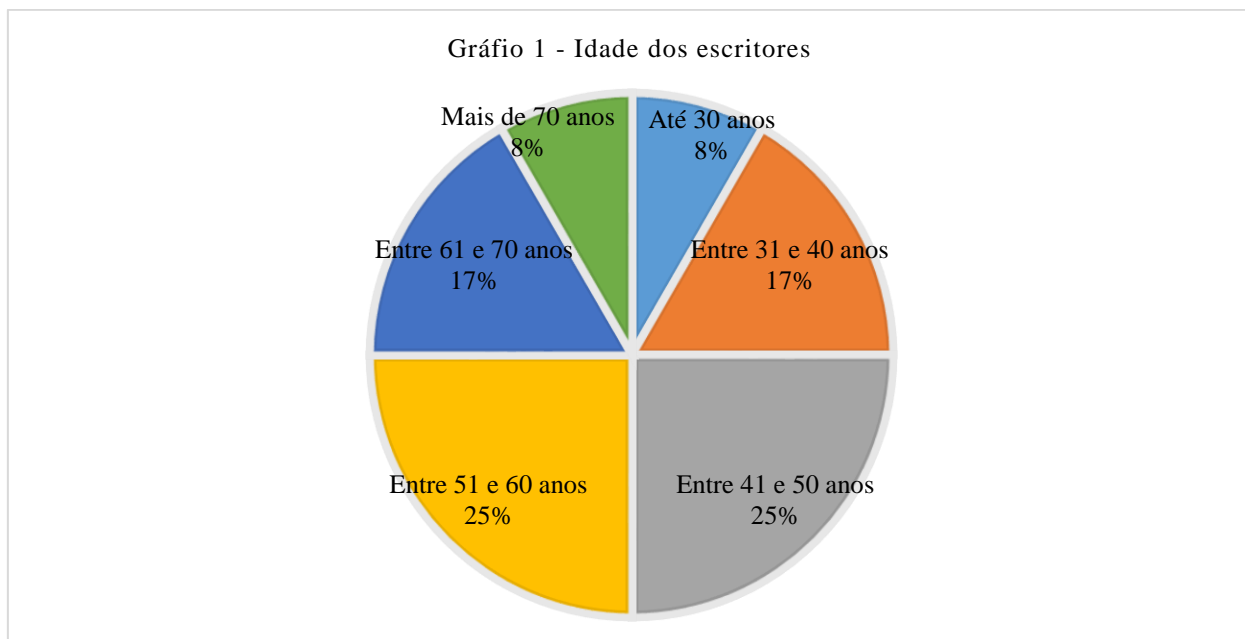
Como foi apresentado anteriormente, foram encontrados em torno de 250 escritores vivos que têm livros literários publicados e que residem em um dos dez municípios mais populosos da Serra Gaúcha, especificamente, na microrregião de Caxias do Sul. Diante da inviabilidade de se entrevistar tantas pessoas, optou-se por uma amostra de 10% da população finita encontrada. Portanto, foram entrevistados 25 escritores.

Dentre os 25 entrevistados, quinze possuem formação acadêmica nas mais diversas áreas: Letras, Jornalismo, Filosofia, Direito, Psicologia e Comunicação, e nos mais variados níveis: Graduação, Mestrado, Doutorado e Pós-doutorado. Os demais não possuem formação acadêmica ou estão em andamento com os seus estudos. Desse modo, percebe-se que o primeiro critério para a escolha dos escritores foi contemplar tanto autores com formação acadêmica como aqueles que não a possuem.

A partir desse critério, procurou-se selecionar autores que publicam poesia, prosa e literatura infantil. Dentre os selecionados, seis publicam poesia, onze publicam prosa, três publicam literatura infantil e cinco transitam por diversos gêneros literários.

Outro critério importante foi o local de residência dos escritores. Cabe lembrar que os municípios contemplados na pesquisa são: Antônio Prado (um escritor), Bento Gonçalves (dois escritores), Carlos Barbosa (um escritor), Caxias do Sul (quinze escritores), Cotiporã (um escritor), Farroupilha (um escritor), Flores da Cunha (um escritor), Garibaldi (um escritor), São Marcos (um escritor) e Veranópolis (um escritor). Durante a seleção, optou-se por entrevistar ao menos um escritor de cada município. Caxias do Sul é o local com mais escritores entrevistados, tendo em vista o grande número de autores que produzem textos de ficção na cidade.

Dentre os autores selecionados, destaca-se que dezoito são do sexo masculino e sete são do sexo feminino. A idade dos entrevistados pode ser encontrada no gráfico a seguir:



FONTE: Elaborado pela autora desta tese.

A área de atuação profissional dos escritores também pode ser uma informação importante para observarmos por onde transitam os entrevistados, contudo, não foi um critério decisivo para a realização ou não da entrevista. Os escritores selecionados atuam ou atuaram nas mais diversas áreas profissionais: há professores de ensino básico/superior, pesquisadores, jornalistas, editores, empresários, prestadores de serviços, metalúrgicos, funcionários públicos, bancários e, ainda, aqueles que se autodenominam escritores por profissão. Não se pode deixar de mencionar que alguns entrevistados são aposentados ou estudantes.

A organização desses dados contribuiu para a seleção dos escritores a serem entrevistados, por meio do estabelecimento de critérios concretos, determinados pela autora desta tese e por seu orientador. As informações exibidas são parte de um conjunto de dados obtidos antes da realização das entrevistas. São, de certo modo, as primeiras impressões acerca dos escritores selecionados, bem como os critérios de sua seleção.

Nesta seção, apenas foram apresentados dados sobre os autores de modo geral, sem especificar a quem a informação se refere. Os nomes dos escritores selecionados para a realização das entrevistas e os detalhes biográficos e bibliográficos sobre eles poderão ser observados no apêndice desta tese.

## 5.2 As entrevistas: escritores no sistema literário da Serra Gaúcha

A realização das entrevistas com os escritores selecionados ocorreu entre julho/2016 e dezembro/2016. As entrevistas foram agendadas com cada escritor por telefone ou e-mail e



realizadas individualmente em diversos lugares, como na casa do próprio escritor, em cafés, nos centros de cultura dos municípios, no local de trabalho do escritor, sempre de modo a facilitar o encontro.

Ressalta-se que todas as entrevistas foram executadas pessoalmente, conforme previa a técnica de pesquisa escolhida, a fim de trazer a espontaneidade do momento em relação aos dados fornecidos por parte dos escritores. Mesmo que alguns escritores manifestassem o desejo, não foram elaborados questionários que pudessem ser respondidos por e-mail, pois isso não estava contemplado no rol de técnicas utilizadas para a coleta dos dados.

Cada participante da pesquisa assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)<sup>30</sup> aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade de Caxias do Sul, no qual foram apresentadas informações gerais referentes à pesquisa, além dos riscos oferecidos aos participantes, assim como os seus direitos. Esses termos foram guardados no arquivo pessoal da autora desta tese.

As entrevistas tiveram duração de aproximadamente 60 minutos cada. Não estava previsto um tempo mínimo para sua realização; consoante o TCLE, a entrevista teria duração de até 60 minutos, entretanto, muitos escritores se dispuseram a falar mais tempo sobre o assunto. Ao final das entrevistas, obteve-se em torno de 25 horas de gravação de áudio e 140 páginas de suas transcrições.

As perguntas organizadas nesta tese tiveram como ponto de partida o questionário elaborado por Leonhardt (2013), utilizado pela pesquisadora para entrevistar poetisas líricas alemãs e editoras do estado de Sarre, na Alemanha<sup>31</sup>. Percebendo a pertinência das perguntas em relação aos escritores e editoras da Serra Gaúcha, decidiu-se, através dos critérios apresentados anteriormente, realizar as entrevistas. Com pequenas adaptações, as perguntas tornaram-se oportunas para esta tese. Os questionamentos realizados aos escritores estão listados a seguir:

- Editoras e publicações
- 1) Quais editoras da Serra Gaúcha você conhece? Como você as avalia, especialmente em comparação com as editoras estaduais e nacionais?
  - 2) O que você espera de sua editora quando publica de forma independente?

---

<sup>30</sup> O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pode ser observado no final deste trabalho, na seção de anexos (Anexo B).

<sup>31</sup> O questionário elaborado por Leonhardt (2013) está traduzido em: ARENDT, João Claudio. Escrita feminina em estruturas regionais. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, n. 24, p. 241-249, jan./jun. 2011a.

- 3) Muitos autores enviam seus originais imediatamente para editoras regionais, mesmo que elas não tenham alcance suprarregional e nacional. Como você explica isso? Você já procedeu dessa forma?
- 4) Editoras pequenas costumam cobrar uma parte dos custos da edição. O que você pensa sobre esse procedimento?
- 5) Quais são os seus objetivos literários a médio e longo prazos? (1. O que você deseja alcançar?  
2. Você tem algum projeto literário?)
- 6) Que chances você acha que tem nos planos regional, estadual e nacional?
- 7) Que significados você atribui às publicações regionais em geral?
- 8) Você já publicou na internet? (Em caso afirmativo, dê informações precisas.)
- Referências regionais
- 9) Você acredita que os escritores da Serra fazem referências especiais à situação histórica e cultural da região serrana?
- 10) Que temas regionais você julga importantes em sua própria obra?
- 11) Você acredita que poderia escrever de forma diferente se vivesse em outra região?
- 12) Na Serra existem diversas formas linguísticas: a língua portuguesa, os dialetos italiano, alemão e polonês. Você vê dificuldades nisso para a expressão literária?
- 13) Como você sente a presença da literatura na vida social da Serra: centralizada apenas em Caxias do Sul (principal cidade serrana) ou também difundida em outras partes da região?
- Contatos
- 14) Com quais escritores da Serra Gaúcha você mantém contato?
- 15) Você participa de alguma agremiação literária?
- Influências sócio-históricas
- 16) A sua literatura é influenciada por particularidades históricas da Serra, como, por exemplo, a vinda dos imigrantes italianos para a região?
- 17) As diferentes línguas no âmbito da Serra influenciam a sua produção literária?
- Perguntas individualizadas
- 18) Que autores nacionais ou internacionais você tem como modelo, influência ou preferência de leitura?
- 19) Que desenvolvimento você percebe em sua obra literária?
- 20) Quais objetivos/intenções você persegue com sua literatura?

A partir da exposição dos questionamentos realizados aos escritores, destaca-se que eles estão organizados em cinco grupos temáticos: Editoras e publicações, Referências

regionais, Contatos, Influências sócio-históricas e Perguntas individualizadas. A separação das perguntas por temas já havia sido realizada por Leonhardt (2007) e, portanto, decidiu-se manter esse formato.

Todas as perguntas apresentadas foram realizadas aos 25 escritores. Entretanto, como o projeto previa a execução de entrevistas pessoais, em muitos casos, durante as conversas, outros questionamentos acabaram surgindo. A técnica escolhida para a coleta de dados contribuiu para dar abertura tanto para os escritores expressarem seus pontos de vista, como para a pesquisadora desta tese elaborar perguntas não previstas no roteiro, mas que estavam de acordo com o contexto da fala dos escritores durante as entrevistas. Desse modo, a coleta de dados tornou-se dinâmica, mas, certamente, com requisitos mínimos a serem cumpridos. Assinala-se, ainda, que as perguntas elaboradas além do roteiro previsto não serão apresentadas individualmente, mas, sempre que oportuno, esses dados aparecerão na análise.

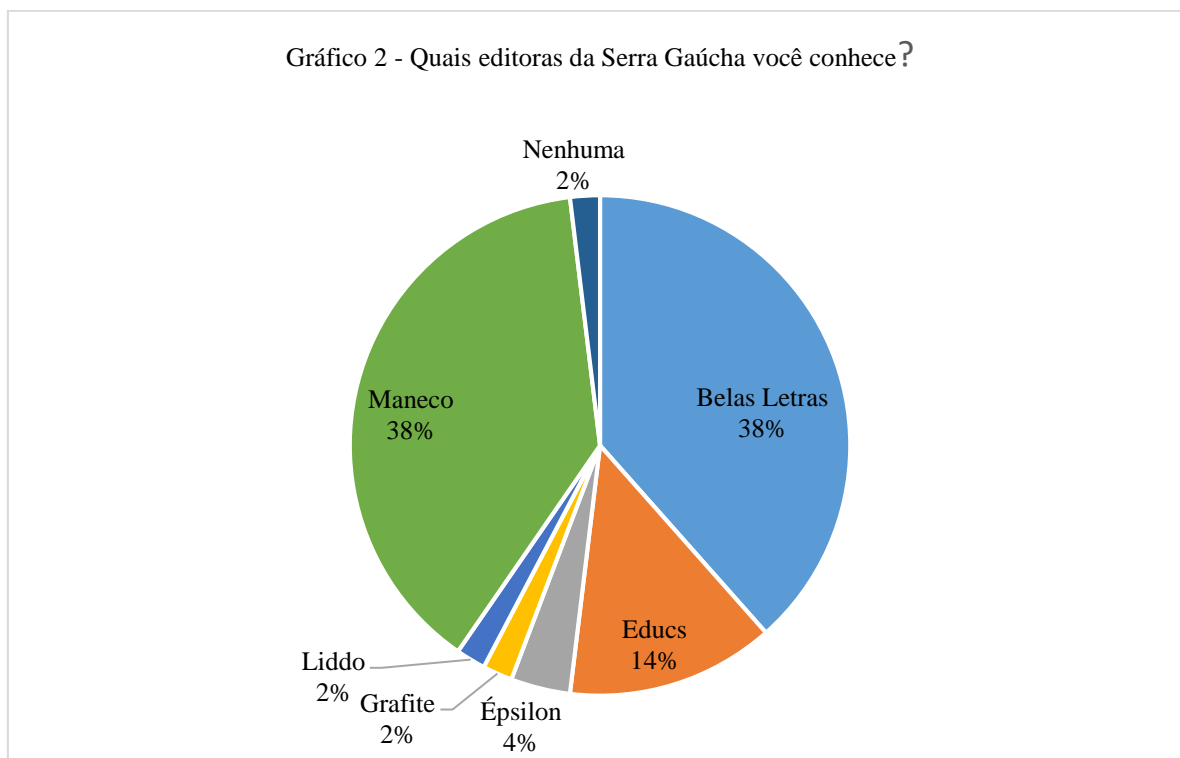
### **5.2.1 Editoras e publicações**

Para Bourdieu, “publicar é tornar público, é fazer passar do oficioso ao oficial” (BOURDIEU, In.: CHARTIER, 2001b, p. 244). Para que um escritor se torne (re)conhecido, ele precisa publicar o seu texto, e, assim, o que era oculto, íntimo e secreto passa a ser visível, revelado e divulgado. Não apenas no cenário literário serrano, mas também no nacional, publicar através de uma editora é uma maneira de disponibilizar com prestígio determinado texto ao público leitor. Quanto maior for a editora, mais prestigiados serão escritor e obra. Pensando nisso, esta seção tratará de questões relacionadas à publicação na região de modo geral e às editoras da Serra Gaúcha.

As primeiras perguntas realizadas foram organizadas na categoria “Editoras e publicações”. São oito perguntas que indagam sobre o conhecimento dos escritores acerca das editoras serranas e o trabalho que elas desenvolvem, bem como das suas chances dentro dos planos regional, estadual e nacional, dos meios nos quais realizaram suas publicações e de considerações sobre as publicações de outros escritores que também fazem parte do sistema literário regional serrano.

Acredita-se que as informações coletadas contribuem para que seja observado como os respondentes se posicionam no sistema literário em relação às editoras, aos demais escritores da região e aos planos literários (regional, estadual e nacional).

### 5.2.1.1 As editoras serranas sob o ponto de vista dos escritores entrevistados



FONTE: Elaborado pela autora desta tese.

Conforme pode ser observado no gráfico apresentado, as editoras serranas mais citadas pelos escritores da região são Belas Letras e Maneco. A Editora da Universidade de Caxias do Sul (EDUCS) aparece em segundo lugar, e as demais parecem ser muito pouco conhecidas pelos escritores. A EDUCS foi a primeira editora que surgiu na região, na década de 1970. A editora Maneco foi criada na década de 1990 e, assim como a EDUCS, já tem o seu nome consolidado no mercado editorial serrano. Já a editora Belas Letras está há quase dez anos no mercado, mas desenvolve um trabalho bem elaborado e organizado nas mídias sociais, além de ter diversos selos editoriais, como Belas Letras, Quatrilha e Modelo de Nuvem, o que também contribui para que seja uma das editoras mais conhecidas entre os escritores da região. A EDUCS está vinculada à Universidade de Caxias do Sul e nos últimos anos dedica-se principalmente à publicação de textos acadêmicos, oriundos da realização de pesquisas. As demais têm pouca expressividade, pois, em sua maioria, são editoras que estão começando e, muitas vezes, têm poucos livros editados ou não desenvolvem a divulgação de seu trabalho, por isso não são muito conhecidas.

Os escritores também foram questionados sobre como avaliam o trabalho das editoras citadas por eles. Algumas avaliações negativas mostraram-se recorrentes, como os altos custos

para a edição de um livro e a falta de interesse das editoras serranas em realizar a distribuição do material editado, de modo que a atividade, não raramente, torna-se responsabilidade do escritor. Nesse sentido, os escritores gostariam que houvesse maior apoio das editoras com a distribuição e divulgação das obras nas livrarias, redes sociais e feiras do livro.

As editoras Belas Letras e Maneco foram caracterizadas como empresas de edição de livros que desenvolvem um importante trabalho na região, pois publicam muitos autores serranos. O trabalho gráfico do livro realizado por essas duas editoras foi bastante elogiado por quase todos os escritores entrevistados. O projeto editorial, principalmente o da editora Belas Letras, recebeu destaque positivo nos comentários dos respondentes.

Entretanto, alguns escritores questionaram o conteúdo que é publicado pelas editoras, alegando que não há filtros. Visto que inúmeras publicações são independentes, as editoras não estão preocupadas se o conteúdo do livro é bom, elas querem apenas editá-lo e receber o pagamento. Conforme alguns autores, isso tem ocorrido nos últimos anos na região porque há muita verba pública para a publicação de livros, “há mais dinheiro do que livros bons para serem publicados”, portanto, muitos textos ruins também acabam recebendo dinheiro público para edição. As editoras, por sua vez, ao verem uma possibilidade de mercado sem riscos de prejuízos, abriram as portas para a edição desses livros, pré-aprovados em concursos literários e patrocinados com verba pública.

Apesar de as editoras serranas publicarem todo o tipo de livros, ou seja, não serem tão segmentadas quanto as editoras estaduais, por exemplo, alguns autores apontaram o importante trabalho que essas casas editoriais vêm desenvolvendo para tornar o livro mais atrativo. Além de projetos gráficos de qualidade, elas perceberam que era preciso direcionar o livro para o seu público: se o público é infanto-juvenil ou adolescente, há a necessidade de um *letter* diferenciado, a ilustração precisa de uma atenção especial, por exemplo. Para os autores entrevistados, algumas editoras da Serra conseguiram fazer avanços significativos nesse sentido, conseqüentemente, melhorando as edições de autores serranos publicados por elas.

A pesquisa “Publicações na Bahia: mapeamento e diagnóstico das editoras baianas”, que está vinculada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), identificou um movimento parecido com o que tem acontecido nas editoras serranas. Os pesquisadores observaram que a editoração e o projeto gráfico desenvolvido pelas editoras baianas equiparam-se aos trabalhos produzidos por editoras do Sudeste do país, ou seja, elas têm buscado desenvolver um trabalho que produza livros com cada vez mais qualidade.

Outro dado em comum entre as pesquisas é o problema da distribuição e circulação dos livros publicados pelas editoras serranas e baianas. Durante as entrevistas, vários autores lamentaram a falta de apoio das editoras no processo de distribuição dos livros, que frequentemente ficam parados na casa do próprio escritor. Enquanto isso, na Bahia:

Visto que o escritor de literatura, por vezes, paga para publicar o seu livro, estocando, muitas vezes, os exemplares em sua própria residência, seu livro possui pouca distribuição e tende a contar com um público reduzido a amigos e parentes. [...] Existe um mercado que se dá em volta de governos, principalmente em se tratando de editoras de grande porte, que têm garantia de que seus livros serão adquiridos pelo poder público. Mas essa relação acaba acontecendo no eixo Rio-São Paulo. Na Bahia, a dinâmica de incentivo acontece, mas a de compra nem tanto (OLIVEIRA; GALVÃO; SEIDEL, 2014, p. 159).

Assim como na Bahia, observa-se que o problema da distribuição e compra de livros também ocorre na Serra Gaúcha. Há políticas de incentivo à publicação, mas a maior parte dos escritores fica com os seus livros estocados em suas casas, sem conseguir fazer com que eles circulem, nem mesmo na comunidade da qual fazem parte. Conforme os próprios escritores ressaltaram, há verbas públicas que viabilizam a publicação, no entanto, as editoras que produzem o livro não estão comprometidas com a sua distribuição. Em alguns casos, acredita-se que as editoras não têm condição física e financeira para se comprometer com isso, e, portanto, essa função torna-se responsabilidade do escritor.

A partir desse contexto, na Serra, uma grande quantidade de escritores faz lançamento e relançamento de livros, participa de feiras do livro municipais e escolares, frequenta espaços literários de modo geral (saraus, grupos de escritores, academias de letras etc.) para divulgar o seu trabalho e buscar a circulação dos seus livros. Além disso, recorrem às redes sociais para fazer a divulgação do seu trabalho e tentar formar um público leitor próprio. Diante de tal cenário, os pesquisadores que se dedicam a realizar o mapeamento das editoras atualmente existentes na Bahia finalizam o seu artigo com o seguinte questionamento: “Adianta para o escritor desenvolver o seu trabalho sem um campo propício para a circulação do resultado de seu investimento criativo – do livro?” (OLIVEIRA; GALVÃO; SEIDEL, 2014, p. 166).

É importante ressaltar que a maioria dos escritores entrevistados já publicou de forma independente em algum momento de sua carreira literária. Muitos autores serranos só possuem livros publicados porque pagaram pelos custos de edição, ou seja, nunca tiveram uma editora que os acolhesse e assumisse os riscos da publicação. Há, também, alguns que nunca publicaram por uma editora. Entenda-se, aqui, que publicar de forma independente é quando o escritor paga pelos custos da edição do livro. Esse custo pode ser bancado pelo próprio autor, por patrocínio privado ou verba pública.

Dentre os escritores que responderam ao questionamento, o que mais se espera de uma editora ao publicar de forma independente é a qualidade no processo de edição do livro, a qualidade do livro em termos materiais, o diálogo entre editor e escritor e a distribuição da obra. Apesar de as editoras estarem recebendo para produzir o livro, alguns escritores relataram experiências negativas ao publicarem de forma independente, como a produção de um livro com material de má qualidade, erros de revisão ortográfica e de pontuação, além do desaparecimento de exemplares dentro da própria editora.

Os escritores desejam se sentir participantes do processo de produção do livro, eles querem dialogar com o editor e ver as melhores possibilidades para a edição da obra. Às vezes, por causa de sua visão comercial, o editor fica distante do escritor, o que pode acarretar divergências no processo de criação do livro. Entretanto, segundo os entrevistados, o editor precisa estar aberto para conversar com o escritor, e construir o projeto do livro levando em consideração a opinião do autor do texto. Deve haver respeito e clareza na relação da editora junto ao autor, que, neste caso, está pagando para que o texto seja publicado.

Os autores também esperam uma postura séria por parte das editoras em termos de trabalho gráfico, visual, técnico e editorial. É preciso que haja zelo e cuidado editoriais com o texto para que seja produzido um bom produto. A construção do livro que está sendo materializado é de extrema importância, pois ele sai do computador do escritor sem corpo e precisa ganhar forma, tornar-se, de fato, um livro. Por isso a necessidade de levar em consideração o design do produto, o que deve ser discutido entre editor e escritor.

Chama a atenção, aqui, a frequência com que os autores citam a necessidade de melhorar os processos de distribuição e divulgação de livros. As editoras distribuem apenas os livros nos quais elas apostam, e não assumem o compromisso de distribuir e divulgar as publicações independentes. Nesses casos, a venda e a divulgação de livros acabam sempre ficando na mão do escritor. Isso sobrecarrega os autores de modo geral, pois eles têm que desempenhar uma atividade que, muitas vezes, não é de sua alçada. Conforme os relatos colhidos, os escritores não são marqueteiros e, dificilmente, sabem vender a sua própria imagem e obra. Enquanto eles poderiam ocupar o seu tempo com a criação literária, precisam divulgar e tentar vender livros. Isso faz com que a produção literária acabe ficando em terceiro ou quarto plano para o escritor. Se um autor publicar mil exemplares de um livro, ele não vai querer ficar com o material em casa, mas, como a editora não faz a distribuição, cabe a ele fazer o livro circular.

Há outros fatores agravantes, apontados pelos escritores, na questão da distribuição. Por exemplo, para um livro fazer sucesso, ele precisa estar nas grandes livrarias e, portanto,

pagar pelo “espaço”. No entanto, com frequência, na vitrine é cobrado 50% do valor de venda da obra. Pensando nisso, acredita-se que o mercado para o livro independente e editora pequena são as livrarias também pequenas, a propaganda boca-a-boca e as redes sociais. É preciso que os escritores realizem um trabalho de divulgação minucioso para conduzir as pessoas a comprarem o livro.

Em 1975, ao investigarem os processos de produção, recepção e circulação de livros, Barker e Escarpit já afirmavam que investir na sua distribuição seria fator essencial para fazer os exemplares chegarem aos leitores. Eles também apontavam que poucos editores estavam preocupados com questões de distribuição, enquanto questões de conteúdo, gráficas e estéticas de produção do livro eram de seu interesse. Os pesquisadores acreditavam que era necessário haver um especialista em distribuição nas editoras, visto que as despesas de armazenamento e distribuição de livros refletem no seu preço final para os consumidores.

Observa-se que, não apenas na Serra Gaúcha, as pequenas editoras contam com problemas de distribuição. Normalmente, quando são publicadas edições independentes, a venda de livros fica por conta do próprio escritor. Os livros em cujo trabalho a editora aposta e, assim, distribui, os custos com armazenamento e distribuição dos exemplares, muitas vezes, acabam ficando por conta do escritor e do editor, que perdem uma boa parte do percentual de lucros sobre o preço de capa do livro para as empresas de distribuição e livreiros. Apesar disso, a rede de relações entre autor, editor, distribuidores, livreiros e leitores é de suma importância para que ocorra a circulação e recepção literária. Especificamente na Serra, a maior editora da região dificilmente aposta em livros de ficção, o que dificulta para que os escritores desse gênero realizem publicações e obtenham êxito nos processos de circulação e recepção das obras.

Atualmente, contar com amplo campo de distribuição de livros não é suficiente, pois há muita oferta no mercado literário. É preciso divulgar as obras na internet, principalmente. Muitas editoras já perceberam isso, inclusive na Serra Gaúcha, e atuam com força na divulgação dos livros nos quais acreditam. Muitas delas atrelam a obra à imagem do escritor nesse processo.

Alguns autores resolvem o processo de distribuição dos seus livros via editora. No entanto, são poucos os que conseguem publicar por uma editora que tenha alcance nacional, sobretudo quando estão no início de sua carreira. Desse modo, acabam optando por publicar em editoras menores e buscar livrarias onde possam deixar exemplares à venda, além de contarem com a colaboração de familiares e amigos. Como se pode perceber, há um longo processo até um escritor ser (re)conhecido por seu trabalho em determinado sistema literário.



De acordo com o que foi observado durante a coleta de dados, não é raro os escritores serranos venderem alguns livros na sessão de autógrafos e ficarem com o restante guardado em suas casas. Para os próprios escritores, isso é tido como um desperdício de dinheiro, e a situação torna-se mais grave quando o recurso é obtido junto ao poder público. Quando os escritores publicam de forma independente, os editores não estão preocupados se irão ou não vender livros, diferentemente de quando a editora aposta no trabalho de um autor. Observa-se a carência de editoras com estrutura econômica para apostar no trabalho de escritores na região.

Entretanto, é preciso ponderar que, talvez, muitos dos escritores que produzem na região estejam longe de atender às expectativas dos editores serranos e, até mesmo, das grandes editoras. Atualmente, as editoras de modo geral buscam investir em autores considerados fenômenos midiáticos, para não correrem o risco de ficar com milhares de livros parados em seus estoques e perderem o investimento realizado. As informações coletadas evidenciam que há escritores na região estudando para entrar nesse nicho de mercado, mas, por enquanto, não há alguém que se destaque.

Isso ocorre porque os custos de edição e publicação de um livro são bem altos. Então, a editora precisa ter a mínima certeza de que a aposta em determinado escritor dará certo. Conforme os editores da região, o maior custo de publicação do livro ocorre quando ele já foi impresso, ou seja, depois que ele está pronto. De maneira geral, o preço de capa do livro que é posto nas livrarias, corresponde a 100% acima do custo de produção do livro. Por exemplo, se o livro custa R\$50,00, ele será vendido a R\$100,00. Isso acontece porque os custos de distribuição e o percentual da livraria têm de ser pagos. A complexidade do mercado do livro no Brasil torna o livro caro para o consumidor.

Surpreendentemente, houve também aqueles escritores que afirmaram preferir publicar de forma independente, do que serem bancados por uma editora. Para eles, publicar de forma independente é mais rentável financeiramente, em comparação a receber apenas os direitos autorais. Dessa maneira, eles compram o livro por um valor barato e o vendem obtendo um lucro satisfatório. Em alguns casos, os lucros chegam a 100% do valor de cada exemplar. Nesse caso, os autores destacam que é preciso trabalhar o livro, fazer o livro circular em escolas, feiras do livro etc. Não obstante, eles reconhecem que, apesar do benefício financeiro de uma publicação independente, publicar por uma editora que aposta no seu trabalho contribui para o seu currículo enquanto escritor, uma questão de *status* e prestígio.

Inúmeros fatores influenciam a rede de relações entre escritores e editores serranos. Conforme foi observado, os altos custos para a edição de um livro no Brasil atingem diretamente os mecanismos de produção, publicação, recepção e circulação literária estadual e

regional. Diante de tal cenário, as publicações independentes tornam-se cada vez mais comuns, especialmente através das leis de incentivo à cultura que oferecem dinheiro público para a publicação literária. Entretanto, isso ainda não é o suficiente. É preciso fazer com que esses livros circulem, ao menos nas comunidades das quais esses escritores fazem parte. É preciso pensar em processos e políticas de distribuição do livro mais baratos e eficientes, que façam com que as obras cheguem aos leitores e não se tornem desperdício de tempo, mão de obra, material e dinheiro público e privado.

Sabe-se que editoras pequenas sempre cobrarão ao menos uma parte dos custos da edição, pois dificilmente terão dinheiro reservado para bancar toda a publicação. Na visão dos escritores, isso ocorre porque as editoras são empresas e, por isso, necessitam pagar funcionários, aluguel, material, impostos e, também, obter lucros. Os recursos para essas despesas precisam vir de algum lugar, e como o mercado do livro é muito difícil no Brasil, elas acabam tendo que cobrar do escritor. É um mecanismo para dividir os riscos da publicação.

No caso dos autores serranos, grande parte deles destacou que paga todos os custos de edição e publicação de seus livros, e não apenas uma parte. Acredita-se que editoras pequenas são empresas que de certa forma estão em dificuldade. Publicar um livro sempre será um processo de risco para o editor, porque não há garantia de que os exemplares produzidos sejam vendidos. Tendo em vista a falta de recursos financeiros das editoras e o desejo dos autores de terem seus textos publicados, é preciso que estes façam um investimento, também financeiro, para realizarem a sua aspiração. É óbvio que as editoras ficarão com uma parcela dos lucros, porque elas precisam sobreviver.

Um ponto destacado pelos escritores é que há um movimento no mundo literário para a volta das editoras pequenas. As tiragens estão diminuindo, e os livros, frequentemente, estão ganhando um estilo mais artesanal. O fato de o escritor conseguir publicar tiragens menores ajuda a baixar os custos de publicação. Assim, ao cobrar uma parte dos custos, a editora pequena consegue se sustentar e acaba ajudando o autor a colocar a sua obra no cenário literário. Essa é uma maneira de viabilizar as publicações, especialmente as dos novos escritores. Isso contribui para fomentar a publicação, inclusive na Serra Gaúcha, vista da grande quantidade de autores serranos que têm seus textos publicados nesse sistema.

Os autores entrevistados não concordam com o fato de as grandes editoras ficarem com boa parte do percentual de lucros. Sabe-se que o escritor ganha muito pouco – em torno de 10% sobre o preço de capa do livro. Segundo os entrevistados, o escritor é quem produz a essência do livro e é quem menos recebe nesse processo. Nesse sistema, quem acaba ganhando

mais são as editoras e, principalmente, as livrarias. Os escritores também confessam não saber como resolver essa difícil equação, mas chamam a atenção para tal arbitrariedade.

Eles ainda destacam que muitas editoras, quando o escritor paga o preço total da publicação, não se comprometem em oferecer um serviço sério e de qualidade: muitas delas possuem serviços precários de revisão, gráficos e impressão. Então, é preciso que os autores pesquisem e esclareçam todas as dúvidas sobre o processo de edição do livro antes de fazê-lo, porque, conforme eles próprios evidenciaram, muitas vezes, “o barato sai caro”.

Assim como há escritores que sempre pagaram por suas publicações, há aqueles que afirmaram que jamais pagariam para terem o seu livro publicado, ressaltando que há outras maneiras de isso ser feito, como através de recursos públicos, por exemplo. Eles advogam que a autopublicação faz com que muitos livros sejam editados sem passar por uma avaliação criteriosa, contribuindo para que diversas publicações de pouca qualidade circulem no ambiente literário. Eles alertam para uma situação de abandono do trabalho desenvolvido por editoras sérias, destacando que editar e publicar um livro são tarefas bem diferentes.

Os autores que publicam pela Amazon, por exemplo, estão sozinhos. Pode ser que existam escritores de qualidade que não precisam de muita revisão no seu texto, mas um trabalho editorial não faz apenas isso, ele também elabora a capa, escolhe o papel no qual o livro será impresso, entre outros. Muitos desses livros são de mau gosto porque não passaram pelo processo de edição. Por outro lado, a pessoa que quis pagar para ter o seu livro publicado talvez jamais seria custeada por uma editora ou ganharia um concurso literário, e só conseguiria publicar por essa via.

Apesar de haver aqueles que compreendem o fato de as editoras cobrarem uma parte dos custos de edição, como pôde ser observado, há uma minoria que não concorda com isso e acredita que, se o autor tem um texto consistente e com um bom conteúdo, que se enquadra na linha editorial de determinada editora, ela é quem deveria pagar todos os custos de edição e publicação. Eles afirmam que a editora é uma indústria do livro, por isso, se ela aprovou o original, ela teria que bancar, distribuir e vender os exemplares. Mas isso não funciona na prática. Na opinião desses autores, as editoras pequenas não conseguem fazer isso, porque são apenas um pouco mais do que gráficas.

Para alguns escritores, publicar através de uma editora é muito caro e, portanto, eles preferem enviar seus originais para serem impressos em uma gráfica ou, até mesmo, publicar na internet, porque esses são caminhos mais baratos. Além disso, a distribuição do livro quase nunca está incluída no orçamento, apenas o lançamento. Dessa maneira, eles acreditam que se

torna mais barato imprimir o livro em uma gráfica, tendo em vista que nenhuma das duas irá ajudar o escritor com a distribuição dos exemplares.

Conforme as informações apresentadas, os escritores serranos possuem diferentes opiniões acerca do fato de as editoras cobrarem uma parte ou todos os custos de edição. Na Serra, observa-se que as pequenas editoras exercem uma função importante, pois colaboram para que mais autores tenham os seus textos editados e publicados. As gráficas locais também contribuem para isso, e os custos são menores, mas a edição do texto não é especializada. A divisão dos riscos de publicação entre editor e escritor ou, até, mesmo, o pagamento total da publicação pelo escritor, são ferramentas que fomentam a produção e a publicação, assim como o surgimento de novos escritores no sistema literário. Condições para o lançamento de novas obras e novos escritores existem no ambiente literário em questão, entretanto, as etapas seguintes do processo literário, como a formação de um público leitor, a distribuição e a venda de livros, ainda envolvem altos riscos, tanto para os escritores quanto para as editoras da região.

#### **5.2.1.2 Os planos literários regional, estadual e nacional**

A maior parte dos escritores entrevistados já enviou seus originais para editoras regionais. Eles apontam diversas justificativas para procederem dessa forma, destacando a ideia de que, ao mandarem os originais para uma editora regional, teriam maiores chances de serem publicados. Além disso, alguns autores preferem publicar por editoras regionais, por confiar que elas distribuirão melhor o livro no ambiente pelo qual eles transitam, no entanto, nem sempre isso acontece.

Outro fator importante na escolha da editora são os contatos que o autor possui. Os autores entendem que, muitas vezes, os seus contatos estão nas editoras regionais, o que facilita a publicação de seus textos. Acredita-se que o fato de as editoras regionais estarem mais próximas geograficamente do autor facilita o contato com o editor no processo de produção do livro.

Ressalta-se ainda que o escritor tem mais chances de conseguir uma avaliação do seu texto ao mandá-lo para uma editora menor. As grandes editoras, frequentemente, não leem os originais enviados, apenas encaminham uma carta padrão dizendo que receberam o texto e que manterão contato, mas, na verdade, isso não ocorre. Então, em conformidade com os relatos de alguns escritores, é quase inútil procurar grandes editoras, já que elas não leem os originais enviados. É preciso já ter um trabalho sobre o qual elas tenham conhecimento para que entrem em contato com o escritor. Em uma editora menor, é mais fácil o autor conseguir atenção, mesmo que ele receba uma avaliação negativa do texto. O discurso de que as editoras estão

sempre atentas e ávidas por descobrir novos talentos e apostar neles não se aplica na prática. Editoras são empresas que visam lucro, e não vão apostar em um escritor desconhecido, pois correm riscos muito altos.

Outra justificativa para os escritores enviarem seus textos para editoras regionais é o fato de estarem cientes sobre como é difícil conseguir publicar um livro em uma grande editora. Ao terem seus trabalhos negados por diversas vezes, alguns autores entrevistados decidiram enviar os seus originais para editoras serranas. À vista disso, começaram a levar em consideração que publicar por uma editora regional poderia ser mais fácil e que, caso a editora não apostasse no texto, poderiam pagar os custos do processo de editoração do livro.

Há, ainda, aqueles autores que em hipótese alguma enviam seus originais para editoras da região, porque acreditam que ficarão limitados geograficamente. Eles preferem enviar seus textos para editoras do Sudeste do país, para tentar alcançar âmbitos maiores, mesmo que elas, na maioria dos casos, não façam a distribuição e divulgação dos livros.

Apesar desses poucos escritores que ignoram a possibilidade de publicação em editoras regionais, observa-se que elas desempenham um importante papel no processo de publicação literária na Serra Gaúcha. Inúmeros autores desencorajados por grandes editoras acabam encontrando abertura nas editoras regionais para obter uma avaliação de seu texto e, até mesmo, publicá-lo. O fato de muitos contatos dos escritores estarem nessas casas editoriais também contribui para que eles recorram a elas, apostando, assim, em uma boa relação com o editor no processo de produção do livro.

Apesar de haver muita produção literária em toda a Serra Gaúcha, acredita-se que Caxias do Sul é um caso bem específico da literatura *na* região, visto como o núcleo desse sistema literário. O município concentra a maior parte dos escritores do sistema, além de contar com cinco editoras, que publicam ficção, e programas públicos de incentivo à publicação de literatura. Esses elementos promovem o fortalecimento do sistema literário e colaboram para que haja tantas pessoas escrevendo e publicando na atualidade, não apenas em Caxias do Sul, mas na região como um todo. Observa-se que os escritores dos demais municípios contemplados neste trabalho têm Caxias do Sul como uma de suas referências literárias, tanto nos mecanismos de produção, como também de publicação, venda de livros e formação de um público leitor. Isso contribui para que redes de relações sejam estabelecidas entre os municípios serranos na busca de um objetivo comum: a ampliação dos horizontes de circulação e recepção da literatura regional.

Grande parte dos entrevistados tem convicção de que é conhecida e reconhecida pelo seu trabalho no âmbito regional, mas não sabe dizer quais são as suas chances nos planos

estadual e nacional, ou acredita que essas chances não existem. Alguns afirmam não serem lembrados enquanto escritores, nem mesmo na sua cidade ou na Serra Gaúcha, mas como poeta-show, compositor musical, jornalista, produtor cultural e empresário.

Os escritores também destacaram que essa é uma questão bastante complexa, porque a educação brasileira está instável, talvez por causa das mudanças políticas. Eles apontam que há movimentos interessantes em prol da leitura e da escrita, como o “Quindim”, coordenado pelo caxiense Volnei Canônica, que trabalha questões de leitura em nível regional, estadual e nacional. Entretanto, o apoio maior, dos governos estadual e federal, ainda é precário.

Deve-se levar em consideração que nem sempre o sucesso de uma obra tem relação com a qualidade do texto, já que há uma série de outras questões envolvidas, como a crítica, por exemplo, que pode revelar escritores e editoras pequenas<sup>32</sup>. Além disso, o mercado editorial está “espetacularizado”, ou seja, a figura do escritor tornou-se muito importante, e ele precisa aparecer nos mais diversos lugares, como escolas, televisão e eventos em geral. Algumas editoras, atualmente, querem que se crie uma rede de culto à imagem do escritor. Alguns dos entrevistados manifestam opinião contrária à forma como muitas editoras lidam com essa questão, mas outros afirmam que utilizam as redes sociais para atingir essa visibilidade que as grandes editoras consideram essencial para publicar determinado escritor. Um exemplo citado por um dos respondentes é o caso de Ferreira Gullar, escritor bastante conhecido e que escrevia muito bem, entretanto, não se pode negar que deve haver outros escritores que escrevam tão bem ou melhor que ele, e não fazem parte do cenário da poesia nacional. Conforme o exemplo citado, há também escritores que escrevem como Carpinejar, mas são o nome e imagem dele que estão na mídia, e por isso ele alcançou projeção nacional.

Outra questão de grande relevância que apareceu nas entrevistas é a falta de planejamento estratégico dos escritores para alcançar âmbitos maiores. Alguns julgam que poderiam conquistar o público leitor estadual e nacional se fossem planejados, organizados e trabalhassem para divulgar as suas obras. Muitos deles declaram não ter tempo para isso, visto que possuem outras demandas profissionais, pessoais ou familiares.

Não obstante, há um grupo de autores serranos que tem buscado divulgar o seu trabalho nas escolas locais, na comunidade em geral e, principalmente, nas redes sociais, pois as editoras estão em busca de escritores que já tenham um público leitor consolidado, e não talentos desconhecidos.

---

<sup>32</sup> Questões sobre a literatura como uma prática cultural já foram discutidas no capítulo 1 desta tese.

Os escritores de poesia ressaltam que esse é um gênero que as grandes editoras não querem publicar, pois as pessoas, de forma geral, não compram livros de poesia. Então, para eles, ser reconhecido pelo seu trabalho na literatura é muito difícil. Vários chegam a afirmar que escrevem e publicam por prazer, sem o objetivo de conquistar um espaço no cenário literário regional, estadual ou nacional.

A partir das discussões realizadas, fica em evidência que a qualidade literária de uma obra não é sinônimo de sucesso entre os leitores regionais, estaduais ou nacionais. Para um escritor conquistar o seu público leitor, ele precisa divulgar o seu trabalho, muitas vezes atrelando-o a sua imagem enquanto escritor. Acredita-se que, para um escritor alcançar âmbitos maiores, é necessário ter estratégias mercadológicas, de comunicação e com temáticas específicas. Muitos escritores da Serra Gaúcha estão buscando fazer parte desse novo mercado literário para conseguirem uma publicação com uma grande editora; outros não fazem questão de participar desse “negócio” e preferem continuar produzindo produtos literários que os agradem, mesmo que seja para pequenos públicos.

Destaca-se, ainda, que alguns escritores acreditam que são bem-vistos pela crítica literária, pelos intelectuais e por outros escritores, ou seja, eles têm um trabalho reconhecido por quem é do meio literário. Mesmo assim, contam que nunca esgotaram nenhuma edição, não são famosos e não têm um público leitor consolidado. Apesar de sua produção literária ser de alta qualidade, muitos escritores do sistema literário serrano não conseguem ultrapassar os âmbitos regionais e, em alguns casos, seus escritos acabam sendo lidos apenas pelo grupo de contatos/círculo de amizades.

Essa constatação demonstra que, para ser lido, publicar a obra não é o suficiente. É preciso que seja estabelecida uma rede de relações entre o escritor, as mídias digitais, a crítica literária, outros escritores, o público etc., em torno da obra, para que ela conquiste um grupo específico de leitores e, talvez, transborde o horizonte literário regional. Ao discorrer sobre questões da leitura, Zilberman (2001) aponta que:

Uma ciência da leitura coloca o leitor na posição de protagonista; contudo, não pode excluir o objeto a que se dirige a atenção dele, o livro, mercadoria que dispõe de mecanismos próprios de distribuição e circulação. O livro confere materialidade à literatura, e seu consumo participa da lei da oferta e da procura que movimenta a sociedade capitalista, gerando lucros, acionando indústrias e abarcando trabalhadores assalariados. Um deles detém um estatuto particular, o escritor, cuja situação social e econômica depende do grau de envolvimento e compromisso com o mercado (2001, p. 81).

Apesar de o leitor não ser o centro das análises deste trabalho, é preciso levá-lo em consideração junto ao objeto ao qual ele dirige a sua atenção – o livro. Conforme Zilberman, o

livro tem meios próprios de distribuição e circulação, porém, não se pode excluir o leitor desses mecanismos, pois a aceitação ou não de determinada obra pelo público pode alterar o percurso tanto da obra como de seu escritor. Ainda para a pesquisadora, “a discussão dos modos de socialização do escritor não fica longe de uma teoria da leitura, porque ele põe à disposição da audiência um produto que contará ou não com sua adesão, disputará a preferência por muito ou pouco tempo e lutará por um espaço institucional” (ZILBERMAN, 2001, p. 80).

Muitos autores avaliam que as suas chances nos planos regional, estadual e nacional estão diretamente ligadas à consolidação de um público leitor e à produção de crítica literária sobre as suas obras. Outros pensam que devem investir em ações mercadológicas para serem (re)conhecidos enquanto escritores. Não se sabe ao certo o que contribuirá para que uma obra chegue a romper com o âmbito regional, entretanto, acredita-se que a articulação de diferentes fatores, como a divulgação nas mídias, o círculo de convivência dos escritores, o oferecimento de um produto (livro) de qualidade, a formação e a consolidação de um público leitor, entre outros, poderão ser (ou já foram) decisivos para o transbordo da literatura produzida na Serra Gaúcha.

### **5.2.1.3 Considerações sobre as publicações regionais em geral**

Os escritores destacam que em diversos aspectos a região está no caminho certo em relação à literatura, ou seja, há muitos textos bons sendo publicados e o cenário literário se mostra em ampliação e desenvolvimento, com público leitor para todos os gostos. Além disso, alguns enfatizam que a literatura que vem sendo produzida está sendo influenciada, principalmente, pela nova literatura fantástica e pela literatura europeia e americana. Isso se deve ao fato de muitos escritores estarem buscando a universalidade na sua produção, por isso optam por tendências/modelos literários que estão em voga no âmbito nacional e internacional. Cada vez menos, os autores serranos estão escrevendo sobre questões regionais, sob o ponto de vista de alguns dos entrevistados. No entanto, isso não quer dizer que, se algum escritor escrever sobre questões regionais, não poderá atingir certa universalidade. Como os próprios autores apontam, um escritor que fez isso e deu certo é José Clemente Pozenato. Apesar de sua trilogia, por exemplo, tratar de questões regionais, em algum momento, nela aparecem conflitos que fazem sentido também para um ambiente maior que o regional, como a questão da imigração, os conflitos da adaptação a um lugar estrangeiro, os questionamentos sobre qual é o lugar do ser humano no mundo, entre outros.

Hoje, a tendência da literatura produzida na Serra Gaúcha não é mais mostrar a realidade da região. Segundo alguns respondentes, há uma inclinação para a *self literatura*, na



qual o escritor procura se colocar no centro do seu texto. Essa é uma tendência que, talvez, seja motivada pela internet.

Alguns escritores também afirmam que, apesar de haver muitos textos bons sendo publicados, há também muitos textos ruins. Diversos autores reclamam a falta de bons romancistas no cenário literário serrano e destacam que, ao terem contato com alguns textos de ficção, têm a impressão de que os autores dessas obras não leem. Para publicar um bom romance, é preciso ler e estudar o gênero, assim como acontece com a escrita de poesia. Para eles, escrita é técnica, é conhecimento, é leitura. Eles argumentam que o seu posicionamento não é uma questão de burocratização do processo de escrita, mas de busca de uma produção que realmente seja de qualidade. Eles acreditam que a promoção de mais oficinas de produção literária, encontros e bate-papos literários seria um primeiro passo para melhorar a produção desse gênero, que é bastante produzido entre os autores locais e o mais apreciado pelos leitores, conforme informações obtidas junto às editoras serranas.

Um motivo para existirem tantos textos avaliados como ruins no cenário literário serrano, sob o ponto de vista dos escritores, é o fato de as leis de incentivo terem facilitado a publicação, pois normalmente há mais verba do que bons produtos culturais para serem publicados. Dessa maneira, o filtro de seleção de contemplados é praticamente inexistente. A publicação independente possibilitou que tanto livros considerados bons quanto ruins fossem publicados. Talvez, inúmeros escritores que tiveram seus livros publicados no cenário atual, há vinte anos, jamais conseguiriam publicá-los. A publicação independente e os programas de incentivo à publicação abriram portas para que os escritores serranos conseguissem publicar seus textos.

Entretanto, isso trouxe problemas em relação à qualidade do que está sendo publicado, pois, muitas vezes, os autores não têm paciência para deixar o texto no seu “tempo de gaveta”, enviar para outras pessoas lerem e darem a sua opinião, retomar o texto e melhorá-lo. Isso ocorre porque o processo de publicação foi facilitado. Através da publicação independente, os escritores perceberam que o sonho de publicar um livro se tornou realidade e, por esse motivo, imediatamente ao terminarem de escrever, procuram uma editora que tenha um selo de prestação de serviços ou gráfica para editar e imprimir o seu livro. Muitos escritores ficam ansiosos para publicar o seu livro e conseguir alguma visibilidade e, por isso, acabam publicando o trabalho antes do tempo. Até certo ponto, isso é normal: quem tem um trabalho quer publicá-lo e dividi-lo com as pessoas. Porém, os escritores defendem que é preciso ter um cuidado maior antes de publicar, é preciso analisar o trabalho com paciência para tentar melhorar o texto e, até mesmo, trocar ideias com pessoas próximas.

Outra questão apresentada pelos entrevistados é que a produção serrana, no seu conjunto, é bastante isolada, sem apoio estratégico significativo de divulgação e circulação em outros ambientes literários. Talvez, fosse necessária uma articulação entre os escritores e o poder público para divulgar o trabalho dos autores da região. Ao serem questionados, os escritores afirmaram não saber como resolver isso.

Há quem afirme que a literatura de alta qualidade produzida na Serra circula pouco porque a maior parte da população, inclusive serrana, não possui bagagem cultural suficiente para compreendê-la, o que dificulta a identificação do leitor com o texto. Alguns escritores advogam que essa produção atende às necessidades de públicos bem específicos e não do grande público, que seria atendido por uma literatura tida como simples.

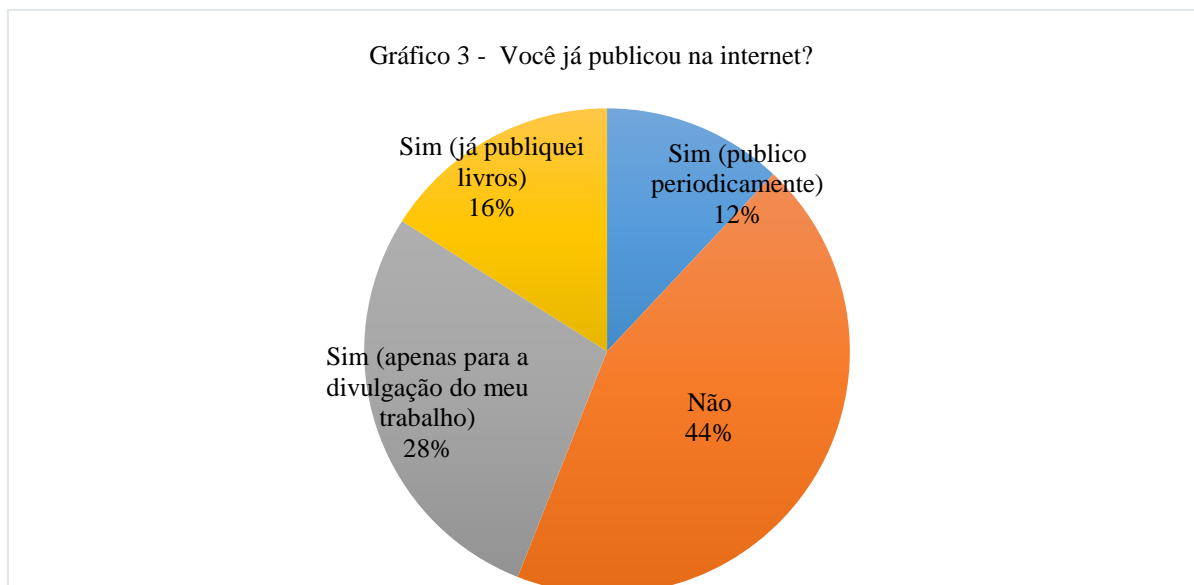
Muitos escritores destacam que o material literário serrano considerado bom é de ótima qualidade, o que eles associam à história da literatura no estado, onde há autores de destaque, como Érico Veríssimo, Josué Guimarães e Moacyr Scliar, além de grandes escritores considerados serranos, como os poetas do Grupo Matrícula, Italo Balen, Vivita Cartier, entre outros. Isso, na opinião de alguns escritores, gera uma boa literatura, mas não é toda a literatura produzida na região que é de qualidade. No entanto, é possível encontrar bons autores oriundos da região em função da sua história.

Apesar de muitos escritores terem apresentado opiniões pontuais acerca da qualidade dos textos literários produzidos na Serra, acredita-se que a herança cultural-literária de uma região pode ser mais importante para pensar a literatura regional enquanto prática cultural, do que em termos de qualidade do texto.

Ressalta-se ainda que a existência de uma produção literária considerada de qualidade pelas instituições que compõem o sistema (como a academia, por exemplo), a perspectiva crítica de alguns escritores em relação ao que tem sido produzido na região, a promoção de eventos literários em geral e o grande número de publicações na região evidenciam uma rede de relações que vem se estabelecendo ao longo do tempo e do espaço, colaborando para a renovação e/ou para o fortalecimento não apenas da produção literária local, mas do sistema literário serrano como um todo.

### **5.2.2 Os escritores serranos e a publicação na internet**

A partir das informações coletadas, podem ser observados os seguintes resultados:



FONTE: Elaborado pela autora desta tese.

Observa-se que mais da metade dos escritores publica ou já publicou na internet. Dentre os escritores que já o fizeram, há diferentes modalidades de publicação *online*. Cerca de 28% dos entrevistados publica alguns poemas, trechos de contos ou romances para divulgar o seu trabalho e tentar formar o seu público leitor. A maioria deles usa o meio digital para divulgar o que fazem no meio impresso e/ou como forma de memória do que produzem no impresso, ou seja, publicar *online* facilita a busca de textos de anos anteriores.

Existem também aqueles que publicaram um livro na internet e não gostaram da experiência. Eles afirmam que poucos leram o seu texto e não conseguiram a visibilidade que esperavam alcançar. Para eles, ao mesmo tempo que os *blogs*, as redes sociais, as plataformas de publicação de livros parecem ser um espaço bem visível, através dessa experiência, ficou a impressão de que esses espaços são invisíveis, pois não conseguiram dar continuidade ao trabalho e angariar leitores para a sua obra.

Há, ainda, escritores que estão passando por uma fase de transição. Um dos escritores entrevistados, além de publicar alguns de seus textos *online* para a divulgação do seu trabalho, também tem um público leitor que recebe os seus textos através de cartas. Quando ele começou a escrever, o acesso à internet era muito precário; assim, consciente de que precisava conquistar seu público, ele divulgava o seu trabalho através de cartas que até hoje são enviadas a pedido de alguns leitores específicos. De qualquer forma, a internet é uma poderosa ferramenta de que os autores dispõem para divulgar o seu trabalho. Através da velocidade do acesso à informação, quem faz uso desse recurso pode conquistar um público leitor maior e em menor tempo.

A internet também facilita o contato entre o escritor e os seus leitores, pois, ao publicar *online*, mesmo que seja um pequeno texto para a divulgação de determinada obra, por exemplo, os autores, em sua maioria, conseguem um retorno quase que imediato dos leitores que comentam as suas publicações.

Em torno de 16% dos escritores publicaram um livro em alguma plataforma digital, e ressalta-se que 8% o fizeram no ano de 2016. Dois autores publicaram um livro na plataforma *Wattpad*, na qual qualquer pessoa pode publicar no formato de capítulos, além de poder incluir músicas, imagens e vídeos. Esses autores destacam que o que os motivou a publicar *online* foi o fato de poder receber um *feedback* em curto espaço de tempo por parte dos leitores. No caso do livro físico, o retorno dos leitores pode ser um pouco mais demorado. Eles destacam que publicar nessa plataforma foi uma experiência bem interessante, especialmente por causa do contato imediato com os leitores e pela visibilidade que ganharam, chegando a alcançar mais de duas mil leituras.

A partir do *Wattpad*, muitos livros passaram do meio digital para o impresso. Um exemplo é a coletânea de livros *After*, que teve mais de um bilhão de leituras *online*, e que também foi projetada para o cinema. Esses escritores ponderam que essa pode ser uma porta de entrada significativa para o cenário literário nacional e internacional.

E, finalmente, 12% dos entrevistados publicam periodicamente na internet, mas nunca publicaram livros *online*. Alguns deles administram *sites* e/ou *blogs* nos quais divulgam o seu trabalho e publicam crônicas, tiras, contos e trechos de romances. Outros também mantêm colunas em revistas e jornais, portanto, publicam periodicamente na internet. Mesmo assim, o número de escritores serranos que nunca publicou ou divulgou o seu trabalho na internet ainda é grande, cerca de 44% dos entrevistados. Entretanto, acredita-se que esse cenário, mesmo que lentamente, está mudando. Com exceção de poucos que dizem que não gostariam de ver o seu texto *online* e que “não têm tempo para internet”, os autores estão se dando conta de que ela é uma ferramenta eficiente em termos de divulgação de seu trabalho e captação de leitores. Muitos acreditam que, se sua obra estivesse toda publicada na internet, o seu número de leitores seria bem maior.

Em suma, a ideia romântica de que o escritor fica no seu sótão escrevendo a sua obra não existe mais. As pessoas, de modo geral, estão cada vez mais conectadas, interagindo com os participantes do seu círculo de convivência, de sua comunidade ou de fora dela através dessa ferramenta. Por isso, é preciso que os escritores da atualidade, se desejarem promover a sua obra, serem (re)conhecidos enquanto escritores, criarem o seu público leitor e publicarem em uma grande editora, façam uso das redes sociais, *blogs*, *sites* etc. De fato, a internet pode ser

um instrumento bastante eficiente de divulgação do texto literário e de seus escritores, além de contribuir para a captação de novos leitores.

É no final do século XX que surgem os *e-books* (os livros eletrônicos). A partir da ampliação da capacidade de armazenar informações virtualmente, é possível encontrar uma grande quantidade de livros disponíveis *online*, que permitem o *download* (sob pagamento ou não) e, até mesmo, podem ser impressos pelo leitor. Este ainda tem a possibilidade de fazer uso da tinta eletrônica, ferramenta com que é possível grifar trechos e fazer anotações no *e-book*, que também ficarão armazenadas.

Através da internet, é possível difundir o conhecimento de forma eficiente e veloz. Zilberman (2001) afirma que as transformações tecnológicas, especialmente o surgimento de novos instrumentos de computação e multimídia, estão contribuindo para que ocorram mudanças nas atividades de leitura e escrita, por um lado, “mais solitárias e menos dialógicas, porque resultantes da relação do sujeito com a máquina” (ZILBERMAN, 2001, p. 115); de outro, porém, “apresentam-se alternativas técnicas de manipulação colocadas ao alcance do receptor, o usuário do mecanismo, a quem se faculta intervir no texto, driblando a proibição imposta pela noção de propriedade intelectual” (ZILBERMAN, 2001, p. 116).

A pesquisadora acrescenta que o equipamento eletrônico é também meio de comunicação que ocorre através da internet. Como foi possível observar, muitos escritores da região já fazem uso dessa ferramenta como forma de divulgação de seu trabalho para formar seu público leitor. A socialização da consulta é outra consequência apontada pela autora, pois “operações em rede disponibilizam todo e qualquer tipo de informação, corporificando, ainda que de forma virtual, a biblioteca de Babel ideada por Jorge Luis Borges” (ZILBERMAN, 2001, p. 116). Além disso, conforme a autora, os custos de acesso ao conhecimento e à cultura acabam tornando-se menores e podem assessorar o trabalho das escolas.

Ao refletir acerca das transformações que o livro vem sofrendo diante dos avanços tecnológicos, muitos anunciavam que o livro físico, no formato como o conhecemos, desapareceria da sociedade. Para a estudiosa, outros produtos culturais, como o teatro e o cinema, por exemplo, também sofreram previsões de que iriam desaparecer. O surgimento do cinema ameaçou a hegemonia no teatro, “mas os dois gêneros harmonizaram-se, acabando por se subsidiarem mutuamente” (ZILBERMAN, 2001, p. 117). De mesmo modo, o surgimento da televisão ameaçou o cinema, entretanto, a convivência se restabeleceu. Para a autora, as mudanças são necessárias, porque o mercado precisa se renovar “para que o consumidor se interesse por equipamentos mais novos e eficientes” (ZILBERMAN, 2001, p. 117), de modo a atender aos interesses comerciais de uma sociedade capitalista.

As mudanças no sistema literário “determinam não apenas rupturas, mas também continuidades, desde que adaptações ocorram” (ZILBERMAN, 2001, p. 117). Para a autora, o livro não desaparecerá, apenas se adaptará às condições de sua época para encontrar o seu espaço e estabelecer novamente a sua rede de relações.

Chartier (2001a) também advoga que o livro não desaparecerá, mas ganhará um novo suporte. Mesmo assim, o estudioso não garante que o livro no formato físico continuará fazendo parte de nossas vidas. Por outro lado, ele pondera que a profissão de editor sempre terá o seu valor, porque, mesmo que o livro seja publicado *online*, ainda existe a necessidade de um editor para garantir que seja oferecido um *e-book* de qualidade em termos de edição para os leitores. Dessa forma, o editor deverá utilizar os recursos multimídia a seu favor, de modo que venha a qualificar sua função.

Darnton (2009) acrescenta que o *e-book* é uma saída interessante para as editoras acadêmicas, por exemplo. Segundo o autor, os recursos digitais facilitam a organização das pesquisas realizadas, como monografias e artigos, além de possibilitarem o acesso à informação para a comunidade acadêmica em geral. Contudo, para que isso ocorra, é preciso investir em um sistema de produção e edição digital e distribuição original de alta qualidade. Apesar de não estabelecer relações entre o livro eletrônico e textos de ficção, Darnton (2009) acredita que ‘o mundo do saber’ “continuará dentro dos limites da galáxia de Gutenberg – ainda que essa galáxia vá se expandir graças a uma nova fonte de energia, o livro eletrônico, que servirá como suplemento, e não substituto, da grande máquina de Gutenberg” (DARNTON, 2009, p. 95).

A tecnologia avança de forma bastante rápida, por isso, torna-se difícil prever como será o mundo dos livros no futuro. Observa-se que na Serra Gaúcha há uma movimentação dos escritores para se inserirem no mundo digital, com o propósito de divulgar o seu trabalho ou de publicar seus textos *online*. No entanto, observa-se também que há uma forte tendência no mercado do livro brasileiro acerca da publicação de pequenas tiragens. Nesses casos, os livros, normalmente, têm um aspecto artesanal e são muito bem trabalhados esteticamente.

Assim como as opiniões apresentadas, acredita-se que o livro não vai desaparecer no formato como o temos hoje, mas não se pode ignorar a revolução pela qual os livros estão passando. O custo-benefício para as editoras e para os escritores, a rapidez com que o livro pode chegar aos leitores, a possibilidade de amplo campo de divulgação e distribuição de livros, os baixos custos de distribuição dos exemplares, o *feedback* quase que imediato dos leitores são aspectos que contribuem para que o *e-book* seja uma forte tendência do mercado do livro e para que escritores dos mais diversos lugares, inclusive os serranos, busquem se inserir no mundo digital.

### **5.2.3 A literatura e a vida social**

Nesta seção, verifica-se como se estabelece o contato entre os escritores serranos, o que é importante para observar a rede de relações que se estabelece entre os produtores de literatura do sistema. Essa análise é pertinente para o estudo uma vez que, se há um sistema literário na Serra, as relações desse sistema são estabelecidas por diferentes elementos (como pôde ser observado no capítulo 1 desta tese), inclusive pelos escritores, que são um importante estrato do sistema e que, através de seus contatos com outros autores, também contribuem para tecer essa rede de relações, que poderá transformar significativamente determinada paisagem literária. Ainda serão apresentadas impressões sobre como os escritores entrevistados percebem a presença da literatura na vida social da Serra Gaúcha, centralizada apenas em Caxias do Sul ou também difundida em outras cidades da região.

#### **5.2.3.1 Os escritores serranos e seus contatos literários**

Os entrevistados citaram uma grande quantidade de autores com quem eles mantêm contato. Isso parece ser positivo, pois revela que os escritores não estão isolados no sistema do qual fazem parte. No entanto, numerosos autores são citados apenas uma vez, durante aproximadamente 25 horas de entrevista, o que permite a conclusão de que, apesar de conviverem com outros escritores, muitos contam com uma rede de contatos limitada e, por vezes, superficial. Dentre os 250 nomes de escritores encontrados na região, aproximadamente apenas 40 apareceram nas entrevistas. Isso não significa que os demais estejam totalmente isolados. De alguma maneira, eles precisam entrar no sistema, mesmo que seja em uma posição periférica, para que as suas obras circulem. Isso pode ocorrer através do contato com outros escritores do sistema ou editores, por exemplo.

Observa-se, ainda, que muitos autores entram no sistema literário ao publicarem sua obra, mas ao longo do tempo não investem em sua carreira literária e acabam caindo no esquecimento. Há alguns casos de escritores que não estão vinculados às redes sociais, não participam de grupos de escritores, academias, feiras do livro, enfim, os quais apenas foi possível encontrar porque seu(s) livro(s) estava(m) nas bibliotecas públicas. Caso contrário, esses autores não estariam vinculados a esta pesquisa. Observa-se que esses escritores fazem parte do sistema, mas estão em situação periférica. Isso pode ter ocorrido, principalmente, pela divulgação precária da obra, por desinteresse ou falta de tempo do autor em formar um público leitor para os seus textos, pelo não envolvimento da editora nos processos de divulgação e distribuição ou, até mesmo, pela condição social (*status*) do escritor.

É preciso levar em consideração que alguns autores não desejam manter contato regularmente com outros autores. Entretanto, através das entrevistas, pode-se constatar que a maioria deseja trocar ideias e textos, participar de discussões, palestras, enfim, estar envolvida e ser reconhecida como escritor, ao menos nos lugares que costuma frequentar.

Dentre os nomes que mais apareceram como contatos dos escritores, destacam-se, em ordem alfabética, Adriana Antunes, Alessandra Rech, Jayme Paviani, João Cláudio Arendt, José Clemente Pozenato, Leandro Angonese, Marco de Menezes, Marcos Fernando Kirst, Natália Borges Polesso, Paulo Ribeiro e Uili Bergamin. Os nomes apresentados foram todos citados três vezes ou mais pelos entrevistados. Isso pode significar que os autores citados se relacionam bastante com outros escritores, circulam em locais onde se espera encontrar escritores, ou, ainda, são lidos pelos respondentes.

Além desses, em torno de outros trinta escritores foram citados uma ou duas vezes, dos quais destacam-se Ademir Antonio Bacca, Jaime Bettega, Camila Gobbi, Juliana Santos, Angela Broilo, Greice Marinelli, Dolores Maggioni, Fernando Bins, Pippo Pezzini, Marli Tasca, Clóvis Da Rolt, Douglas Ceccagno, Pedro Guerra, Tiago Marcon, Lucio Saretta, Gustavo Guelter, Ana Júlia Poletto, Bernardete Pierina Ghidini Zardo, Guilherme Bianchin, Darcy Loss Luzzatto, Rejane Romani Rech, Luis Narval, Dinarte Albuquerque Filho, Elaine Cavion, Maristela Deves, Marília Galvão, Terezinha Isabel Rihl Tregansin.

A quantidade de escritores citados durante as entrevistas coloca em evidência, mais uma vez, o vasto número de autores que estão produzindo na Serra Gaúcha, especialmente em Caxias do Sul. Isso também revela que, apesar de afirmarem que possuem um contato amigável com a maior parte dos autores, se organizam em pequenos grupos para trocar ideias e textos. Na maioria dos casos, esse contato ocorre por meio das redes sociais, sobretudo através do grupo de escritores de Caxias do Sul no *Facebook*, e, também, através dos encontros da Academia Caxiense de Letras, localizada no Centro de Cultura Dr. Henrique Ordovás, e do Órbita Literária<sup>33</sup>, que ocorre na livraria Do Arco da Velha.

Observa-se que os autores mais citados durante as entrevistas, em sua maioria, já receberam prêmios literários ou foram patronos de feiras do livro, além de muitos estarem vinculados à Universidade de Caxias do Sul, como professores e/ou pesquisadores. Esses fatos podem ter impulsionado a sua trajetória, a fim de que se tornassem referência entre os escritores da região. Outro fator relevante é o local de residência desses autores: todos moram em Caxias do Sul. A seguir, será observado que grande parte dos escritores e eventos sobre literatura se

---

<sup>33</sup> O Órbita Literária é um encontro que promove oficinas literárias, mesas-redondas, debates, palestras etc. sobre literatura.



concentra no município. Essa realidade parece revelar que há certa tendência para que Caxias do Sul seja considerada o núcleo do sistema literário serrano.

Destaca-se, ainda, que apenas sete dos entrevistados afirmaram participar de agremiações literárias, como a Associação Gaúcha de Escritores, a Academia Rio-Grandense de Letras, a Academia Sul Brasileira de Letras, a Academia de Letras do Brasil, o Partenon Literário e a Academia Caxiense de Letras.

Quatro escritores declararam participar de grupos informais, nos quais eles e seus pares reúnem-se para discutir literatura periodicamente. O restante não participa regularmente de nenhuma agremiação literária ou grupo, e acrescenta não ter esse desejo. Alguns comentaram acerca de sua participação nessas instituições e relataram que não querem voltar a frequentá-las, porque, para eles, os encontros não são produtivos, há muita burocracia e, até mesmo, porque não possuem tempo disponível.

Além dos motivos apresentados, o fato de poucos autores participarem de agremiações literárias e grupos de escritores periodicamente pode estar vinculado ao próprio processo de escrita, que, na verdade, é solitário. Quer dizer, a produção, o seu aprimoramento e a formação de um público leitor dependem das ações do próprio escritor – o que ele lê, com quem conversa, as palestras das quais participa etc. –, e não das ações de uma agremiação literária. Talvez seja por esse motivo que os escritores entrevistados raramente frequentam agremiações ou grupos como membros. Quando o fazem, é sem compromisso, apenas para discutir algum assunto de seu interesse.

Pode-se ponderar, ainda, que a participação em agremiações possibilita certa visibilidade ao escritor. Entretanto, o que tem sido observado no sistema literário serrano é que cada vez mais os escritores estão se dando conta de que, se quiserem ser reconhecidos pelo seu trabalho, precisam dedicar tempo para estudo (aprimoramento de sua escrita) e, principalmente, para divulgação de sua produção para, assim, formarem o seu público leitor.

### **5.2.3.2 Os escritores serranos e suas leituras**

Observou-se que os escritores serranos leem grande quantidade de autores, desde os clássicos até os contemporâneos. A seguir, encontra-se a lista com os nomes dos autores que são modelo, influência e/ou preferência de leitura dos escritores da Serra Gaúcha.

- Nacionais: Affonso Romano de Sant’Anna, Álvares de Azevedo, Ana Cristina Cesar, Ana Luísa Escorel, André Vianco, Angélica Freitas, Augusto Cury, Augusto dos Anjos, Bruna Vieira, Carlos Drummond de Andrade, Casimiro de Abreu, Clarice Lispector, Cristóvão Tezza, Daniel Galera, David Coimbra, Eduardo Spohr, Erico Verissimo, Erick Novello,

Fernando Sabino, Flávio Luis Ferrarini (escritor serrano), Francisco de Assis Almeida Brasil, Graciliano Ramos, Hilda Hilst, Ignácio de Loyola Brandão, Laurentino Gomes, Liberato Vieira da Cunha, Luis Fernando Verissimo, Luis Ruffato, Jimmy Rodrigues (escritor serrano), João Anzanello Carrascoza, João Bergmann, João Cabral de Melo Neto, João do Rio, João Guimarães Rosa, Jorge Amado, José Mauro de Vasconcelos, Josué Guimarães, Leon Eliachar, Machado de Assis, Manoel de Barros, Manuel Bandeira, Marçal Aquino, Maria Dinorah, Marília Garcia, Marina Colasanti, Mario Quintana, Martha Medeiros, Michel Laub, Moacyr Scliar, Oscar Bertholdo (escritor serrano), Osman Lins, Paula Pimenta, Raduan Nassar, Rafael Dracon, Rafael Montes, Roberto Piva, Rubem Braga, Sérgio Porto, Thalita Rebouças, Thiago de Mello, Vinícius de Moraes, Zuenir Ventura.

- Internacionais: Adolfo Bioy Casares (argentino), Agatha Christie (britânica), Alberto Moravia (italiano), Allen Ginsberg (norte-americano), Antonio Di Benedetto (argentino), Cesare Pavese (italiano), Charles Baudelaire (francês), Charles Dickens (inglês), Dan Brown (norte-americano), Douglas Adams (britânico), Edgar Allan Poe (norte-americano), Émile Zola (francês), Ernest Hemingway (norte-americano), E.T.A. Hoffmann (alemão), Fernando Pessoa (português), Fiódor Dostoiévski (russo), Francis Scott Fitzgerald (norte-americano), Isabel Allende (peruana), Italo Calvino (italiano), Gabriel García Márquez (colombiano), Gonçalo Tavares (português), Gustave Flaubert (francês), Herberto Helder (português), Honoré de Balzac (francês), Jack London (norte-americano), James Joyce (irlandês), Jeffrey Eugenides (norte-americano), John Flanagan (australiano), John Maxwell Coetzee (sul-africano), Jorge Luis Borges (argentino), José Saramago (português), Juan Carlos Onetti (uruguaio), Julio Cortázar (argentino), Lewis Carroll (britânico), Liev Tolstói (russo), Mario Vargas Llosa (peruano), Markus Zusak (australiano), Mia Couto (moçambicano), Miguel de Cervantes (espanhol), Pablo Neruda (chileno), Patrick Rothfuss (norte-americano), Paul Auster (norte-americano), Philip Roth (norte-americano), Rosa Montero (espanhola), Sophia de Mello (portuguesa), Stephen King (norte-americano), Thomas Meyer (suíço), Valter Hugo Mãe (português), Virginia Woolf (britânica), William Faulkner (norte-americano), William Shakespeare (britânico).

Observa-se que há grande diversidade de escritores nacionais e internacionais citados como modelo, influência ou preferência de leitura pelos entrevistados. As duas listas contemplam desde os clássicos da literatura, até escritores contemporâneos sobre os quais o futuro é incerto e, portanto, não é possível saber se irão subsistir no cenário literário de longo prazo.

Apesar da vasta quantidade de escritores citados, alguns aparecem com maior frequência, como Augusto dos Anjos, Clarice Lispector, Fernando Pessoa, Gabriel García Márquez, João Guimarães Rosa, José Saramago, Machado de Assis, Mario Quintana e Mario Vargas Llosa. Observa-se que os escritores mais mencionados são aqueles considerados importantes pela crítica para a literatura nacional e internacional. Isso não significa que os escritores citados apenas uma vez não sejam importantes para o cenário literário. Por exemplo: na atualidade, há escritores que produzem textos de gênero fantástico ou policial, que foram, quase sempre, lembrados apenas por quem se dedica a escrever textos de mesma natureza, diferentemente dos autores considerados “clássicos”, que aparecem com maior frequência.

Quando questionados sobre a literatura produzida na Serra, embora vários entrevistados tenham afirmado que mantêm contato com escritores da região e que há produção de literatura de qualidade, dificilmente manifestam como preferência, modelo ou influência de leitura autores serranos – há apenas três referências a escritores da região. Foram citados Oscar Bertholdo e Flávio Luis Ferrarini, autores que se dedicaram, principalmente, à publicação de poesia, e Jimmy Rodrigues, que se concentrou na produção de crônicas. Há inúmeros escritores serranos que receberam prêmios locais, estaduais e nacionais, mas não foram citados. Isso pode significar vaidade dos respondentes em citar um colega que compõe o mesmo cenário literário que ele ou a falta de valorização/conhecimento em relação ao que é produzido na região. Talvez, mesmo que de forma velada, a literatura serrana seja considerada menos significativa na bagagem de leituras dos escritores do sistema, mesmo que existam textos premiados e considerados de alta qualidade literária.

### **5.2.3.3 A literatura na vida social da Serra**

Muitos escritores acreditam que a literatura está centralizada apenas em Caxias do Sul, e outros pensam que ela está difundida em todas as partes da região. Para os escritores dos municípios menores, como São Marcos, Antônio Prado e Cotiporã, a literatura está centralizada em Caxias do Sul. Eles justificam o posicionamento, afirmando que nesta cidade há diversos eventos literários, inclusive uma grande feira do livro municipal. Eles também afirmam que Caxias do Sul é o ponto de referência para todos os escritores da Serra, é onde eles encontram outros escritores e amigos que compartilham os mesmos gostos literários.

Apesar de Caxias do Sul ser centralizadora nesse sentido, eles acrescentam que, graças ao ambiente literário que tem crescido a cada dia no município, as demais cidades serranas também acabam sendo despertadas para a importância da literatura na vida das pessoas, e acabam promovendo as feiras do livro municipais, por exemplo.

Por outro lado, alguns escritores assinalam que a literatura é pouco vivida na Serra Gaúcha. Isso se deve ao fato de as pessoas se preocuparem demais com a obtenção de bens materiais, ou seja, com o “ter”, e não com o “ser”. Esses autores consideram que a literatura é essencialmente o “ser”, mas, por questões históricas e culturais da região, acaba ficando em segundo, terceiro ou até quarto plano na vida social da Serra.

Há aqueles escritores que defendem que a literatura na vida social nas cidades da Serra é proporcional ao seu número de habitantes. Pensando nisso, pode ser interessante observar a frequência com que as pessoas vão às livrarias, bibliotecas e eventos que ocorrem em função da literatura (saraus, entrevistas com escritores, feiras do livro etc.). Possivelmente, nos centros urbanos maiores, como Caxias do Sul, essa vida literária aconteça com mais vigor, mas isso devido à grande concentração populacional. Nas cidades menores, há menos livrarias, menos pessoas nas bibliotecas, as feiras do livro contam com poucos livreiros e são de curta duração, e não há grande quantidade de eventos que envolvam literatura. Acredita-se que isso sofra influência do número de habitantes dos municípios, mas uma pesquisa aprofundada sob esse viés ainda está por ser realizada. A partir do que tem sido observado, Caxias do Sul concentra não apenas grande quantidade de escritores, mas também de eventos sobre literatura, além da maior feira do livro da região e o maior valor em verba pública para publicação de obras de artistas premiados em concursos. Apesar de haver eventos literários, feiras do livro, escritores e editoras na Serra, os autores consideram que há, ainda, muito para ser feito na região, como novos programas de incentivo à leitura, a ampliação das feiras do livro municipais e escolares e a divulgação do trabalho dos escritores serranos em parceria com o poder público.

Conforme as informações coletadas, todas as cidades nas quais os escritores entrevistados residem promovem uma feira do livro anual, exceto São Marcos, que por questões financeiras deixou de realizá-la em 2016. Embora em menor escala que em Caxias do Sul, a literatura está cada vez mais presente na vida social das demais cidades serranas. Observa-se que as escolas da Serra têm realizado trabalhos de fomento à leitura muito bem pensados com os seus alunos, e autores nacionais e internacionais têm sido convidados para participar das feiras do livro. Também há diversos recursos que viabilizam a publicação na região, e todas as cidades possuem seus escritores, além de haver muita produção cultural de forma geral na Serra.

Acredita-se que a valorização da literatura na Serra seja generalizada. Não é apenas em Caxias do Sul que há movimentação literária; isso também pode ser verificado nas

inscrições do concurso literário que ocorre nessa cidade, mas que é aberto para a região<sup>34</sup>, do qual inúmeros escritores de outros municípios participam. Isso mostra que há produção literária em outras cidades da Serra Gaúcha. Talvez, a presença de produtores culturais que consigam promover encontros, bate-papos, saraus etc. colabore para que a literatura esteja cada vez mais presente na vida social serrana. É preciso que exista alguém que organize esses eventos, porque, nem sempre, os escritores conseguem ou estão interessados em fazer isso.

Destaca-se que, talvez, os financiamentos públicos para a publicação de livros têm causado significativa diferença entre o cenário literário das cidades em que há o programa e aquelas que não o possuem. Presume-se que, apesar de haver um concurso para os escritores da região em Caxias do Sul, as cidades que não contam com programas específicos para a publicação de autores locais têm mais dificuldade em acessar de modo massivo a literatura na vida social, embora haja outras iniciativas das prefeituras municipais para promover o ambiente literário.

Apesar de Caxias do Sul capitanear a Serra em vários aspectos, não apenas no literário, existe uma propagação (irradiação) disso no entorno, como pode ser observado nas cidades que compõem este trabalho e que possuem feiras do livro próprias, com patronos locais e fomento à leitura. Há escritores de renome regional que não são de Caxias do Sul, como Flávio Luis Ferrarini (1961-2015), que residiu durante anos em Flores da Cunha. Há também escritores na região que conquistaram prêmios literários importantes, como Natália Borges Polessso, Marco de Menezes, Marcos Fernando Kirst e Eduardo Dall'Alba (1963-2013), entre outros. Isso demonstra a existência consolidada do cenário literário serrano, que também se manifesta através da publicação de obras de autores locais consideradas de qualidade pela crítica literária.

Candido (2011) ressalta que há uma ligação direta entre a produção literária e a vida social. O autor explicita isso através da apresentação de um estudo desenvolvido acerca da literatura nas suas diferentes relações com a comunidade paulistana. Ele apresenta cinco maneiras diversas de associação entre os escritores e a vida social paulistana. Leia-se:

Um grupo virtual, bruxuleando na cidade indiferente; um grupo ordenado, estabelecendo a tradição literária; um grupo ordenado e vivo, criando uma expressão à margem da cidade; a cidade absorvendo este grupo e chamando a si a atividade literária, que se ordena pelos padrões eruditos da burguesia culta; da cidade surgindo num grupo que rompe esta dependência de classe e, quebrando as barreiras acadêmicas, faz da literatura um bem de todos. Há uma história da literatura que se

---

<sup>34</sup> O Concurso Anual Literário revela os talentos literários da cidade, ao mesmo tempo que reconhece e premia autores que já publicaram algum livro, evidenciando o desenvolvimento do meio literário caxiense. Premia textos inéditos com troféu, medalha e publicação em antologia. Podem participar escritores maiores de 16 anos, que moram há pelo menos 2 anos em Caxias do Sul. Já a categoria Obra Literária - Prêmio Vivita Cartier destina-se a livros publicados no ano anterior por autor ou editora de Caxias do Sul e dos demais municípios da Associação dos Municípios da Encosta Superior do Nordeste (AMESNE). Informação disponível em <https://www.caxias.rs.gov.br/cultura/texto.php?codigo=882>. Acesso em 16 de novembro de 2017.

projeta na cidade de São Paulo; e há uma história da cidade de São Paulo que se projeta na literatura (CANDIDO, 2011, p. 175).

A partir desse estudo, Candido exemplifica a influência que a literatura exerce sobre a vida social e o modo como a sociedade pode também modificar os mecanismos de produção, publicação, recepção e circulação literária.

Conforme Zilberman (2001), a pesquisa literária de orientação sociológica procura considerar dois processos: a história e o presente. O primeiro busca “no passado a configuração de certas práticas”, já o outro tem como propósito “compreender a que procedimentos estão sendo conferidas relevância e difusão institucional” (ZILBERMAN, 2001, p. 82). A partir dos estudos desenvolvidos por Chartier (1990)<sup>35</sup>, a autora ainda acrescenta que:

a leitura não é uma invariante histórica – mesmo nas modalidades mais físicas; as transformações por que passa, por sua vez, dependem não apenas de fatores econômicos e materiais, mas também das formas de sociabilidade, das representações do saber e do lazer, das concepções de individualidade. As concepções postas em circulação por grupos sociais interferem na maneira como se processa a leitura; e essa, que corresponde à apropriação de um discurso, leva o leitor, da sua parte, a uma nova forma de compreensão de si mesmo e do mundo” (ZILBERMAN, 2001, p. 83).

Segundo Zilberman (2001), Chartier pondera a relação literatura, leitura e vida social como um processo dialético, pois, “atravessado pelas práticas vigentes no meio em que vive, o leitor absorve-as e as reproduz; mas a incorporação delas dá-se sob a forma de interpretação” (p. 84). Portanto, o leitor interfere no mundo que lhe é apresentado na literatura e, de mesmo modo, o texto acaba por influenciar o modo de ver o mundo do leitor. O mundo “aparece sob a forma de um texto, o que significa dizer que a realidade se apresenta a ele mediada por palavras fixadas pela escrita, impressas conforme os mecanismos em vigor, organizadas segundo um sistema de circulação e distribuição” (p. 84).

Na Serra Gaúcha, a produção, a publicação, a recepção e a circulação literárias não poderiam acontecer de forma diferente. Caxias do Sul conta com uma vida literária mais intensa que outros municípios. São frequentes lançamentos de livros, saraus, encontros de escritores (formais e informais), concursos literários; também há maior quantidade de livrarias, bibliotecas (públicas e particulares), escritores, publicações etc., sendo que esses eventos estão diretamente atrelados à quantidade de pessoas que é maior do que em outros municípios da Serra, e ao desenvolvimento econômico da cidade, também considerado o mais significativo da região.

---

<sup>35</sup> CHARTIER, Roger. Introdução. “Por uma sociologia histórica das práticas culturais”, em *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

Como pôde ser observado, os demais municípios que fazem parte desta pesquisa também contam com vida literária própria. São municípios com bem menos da metade da população de Caxias do Sul, menores em extensão de território e com uma economia também menor. Conseqüentemente, observa-se que os eventos literários de modo geral ocorrem entre intervalos maiores e há menor quantidade de escritores e publicações.

Apesar de a pesquisa em questão não se deter a realizar observações estéticas em relação ao texto literário, os fatores sociais (externos) do texto já revelam a relação dialética entre literatura e sociedade. Os dados coletados junto aos escritores da região confirmam essa premissa e detalham parcialmente de que forma isso acontece na Serra Gaúcha.

#### **5.2.4 Referências regionais**

Aqui, serão apresentadas respostas dos escritores para questões que se concentram especificamente em aspectos regionais que podem ser encontrados na literatura serrana. Serão discutidas questões sobre a existência de temas regionais e a influência das diferentes formas linguísticas na obra dos escritores da região. Questões acerca da existência ou não de referências especiais à situação histórica e cultural da região serrana na literatura produzida nos últimos anos também serão expostas.

Nesta seção, poderão ser encontradas informações que estabelecem relação entre escritores, obras e questões históricas e culturais da Serra Gaúcha. Essa discussão torna-se pertinente ao trabalho, dado que revela quais especificidades da região têm influência nos textos literários sob o ponto de vista de seus escritores. Os questionamentos referem-se à obra do próprio escritor entrevistado e também ao que ele conhece acerca de outros escritores que têm publicado na região. Cabe salientar que não foi realizada a leitura do texto literário para a prática de uma análise mais aprofundada, pois observar as especificidades regionais que contribuem para a construção de determinada narrativa não é objetivo deste trabalho.

##### **5.2.4.1 A presença de temas regionais nos textos literários**

Muitos dos entrevistados acreditam que há autores que fazem referências especiais à situação história e cultural da região serrana. A grande maioria cita como exemplo o escritor José Clemente Pozenato<sup>36</sup>, que já publicou diversos textos nesse viés. No entanto, apesar de o número de publicações ter crescido significativamente nos últimos dez anos, os escritores

---

<sup>36</sup> No apêndice desta tese, podem ser encontradas informações biográficas e bibliográficas sobre o escritor, tendo em vista que ele foi um dos autores entrevistados nesta pesquisa.

destacam que textos que façam referências a questões históricas e culturais da região têm sido publicados com cada vez menor frequência. Eles afirmam que já houve na região um apego mais sério em relação à tradição e à cultura regional, que se refere tanto a sua mitificação como a sua desmitificação.

Conforme as informações coletadas, a geração anterior de escritores, à qual pertencem José Clemente Pozenato e Oscar Bertholdo, por exemplo, tinha como foco trazer para a literatura as peculiaridades da região. A tentativa de busca pela universalização da literatura produzida na Serra parece ser uma característica de nossa época.

No que tange às obras que têm sido publicadas e que trazem referências regionais, alguns escritores indicam que muitos desses textos estão voltados para o plano da ficção, sem conseguir estabelecer relação com a realidade. Para esses autores, tais publicações precisam ser melhor trabalhadas (lapidadas), através da leitura e do conhecimento, até que o escritor consiga falar da sua cidade e seus fatos históricos ou fazer alguma referência a eles com fluidez no texto. Caso contrário, continuarão sendo narrativas truncadas e estereotipadas.

Foi possível perceber certa resistência ou falta de conhecimento prévio por parte de alguns (poucos) entrevistados em relação aos textos literários que fazem referência a determinada região, neste caso, a Serra Gaúcha. Comentários como “não dá para ficar só nisso”, “é preciso expandir” e “falar só sobre a região torna o texto maçante” apareceram durante algumas entrevistas. Deve ficar claro que, diferentemente dos dados apresentados no parágrafo anterior, no qual os escritores buscam soluções para melhorar os textos ficcionais que fazem referências à região, aqui, os escritores se mostraram bastante incomodados com essa questão, afirmando que é preciso tratar de temas mais abrangentes.

Observa-se que para esses escritores parece não existir distinção entre literatura regional e literatura regionalista. Para eles, toda a literatura que trata de temas regionais é excludente e busca a idealização da região representada na obra. Segundo Pozenato (2003), o equívoco cometido pelos escritores entrevistados é muito recorrente ao se tratar das relações entre literatura e região. O pesquisador afirma que é necessário analisar a literatura regional sob o viés da regionalidade, ou seja, das particularidades que permitem identificar determinada região. A partir dessa perspectiva, o regionalismo é identificado “como uma espécie particular de relações de regionalidade” (p. 155) que tem como propósito criar um espaço “simbólico, bem entendido – com base no critério da exclusão, ou pelo menos da exclusividade” (p. 155). Por sua vez, a literatura regional não possui necessariamente um caráter idealizador, mas é configurada a partir de regionalidades que possibilitam o reconhecimento de determinada região que pode aparecer representada no texto literário. A literatura regional não limita-se



apenas a determinadas obras que tratam de temas regionais, mas inclui todo e qualquer texto literário que está vinculado à região por questões temáticas, de produção, circulação e recepção.

Atualmente, percebe-se a presença de muitos jovens escritores no cenário literário serrano. Acredita-se que eles escrevem o que consomem enquanto leitores, então, há livros de terror e policiais, por exemplo, ambientados em Caxias do Sul. Para vários dos entrevistados, é uma literatura produzida por escritores que moram em Caxias do Sul e buscam a universalidade<sup>37</sup>. Hoje em dia, em um mundo globalizado e integrado, é possível ser um escritor caxiense e escrever uma literatura do tipo norte-americana. A cada dia, há uma literatura cada vez mais diversificada na região. Além disso, há um grande número de livros sendo publicados, o que permite concluir que a produção literária serrana está contribuindo para um processo de transformação e ampliação do cenário literário regional ao longo dos próximos anos.

Destaca-se, ainda, que em torno de 60% dos entrevistados alegam que sua obra não é influenciada por particularidades históricas da região. Alguns autores manifestaram o desejo de produzir textos de ficção dessa natureza, mas admitem que precisarão de muito estudo para conseguir escrever um bom texto. Outros ressaltam que assumem temáticas diferentes e não possuem o desejo de escrever sobre esse tema no momento.

Aproximadamente 40% dos escritores concordam que sua obra é influenciada por particularidades históricas da região. A cultura de imigração italiana é o principal assunto tratado nos textos dos escritores que assumem essa influência histórica. Alguns deles assinalam que sua obra trabalha com a desconstrução de alguns mitos que, muitas vezes, eles consideram um atraso cultural, um engessamento da questão da vinda dos imigrantes italianos.

Ressalta-se, ainda, que muitos autores tratam de temas regionais, mas seus textos abordam as regionalidades da Serra na atualidade, no cotidiano das pessoas que vivem na região. Verifica-se que este é um novo modelo de literatura sendo produzido nesse sistema, que está ganhando espaço na vida de seus leitores. Em contrapartida, cada vez menos romances históricos estão sendo escritos, e as particularidades da região estão sendo tratadas com cada vez menor profundidade, pois muitas obras não entram nos conflitos que estão escondidos nessa cultura. Pode ser que a produção de textos que contemplem questões culturais da Serra na atualidade seja uma porta de entrada para se voltar a pensar a região através da literatura e sob um ponto de vista crítico.

Há diversos temas regionais que os escritores consideram importantes em seus textos, tais como a natureza, a paisagem, a imigração italiana, as cidades de Garibaldi, Bento

---

<sup>37</sup> Ao utilizarem o termo “universalidade”, os escritores se referem ao texto literário que consegue romper as barreiras de circulação e recepção no âmbito regional.

Gonçalves e Caxias do Sul, a vida urbana na região, a Festa da Uva, as particularidades do cotidiano da sociedade serrana, os fatos históricos, o idoso, as questões sobre a mulher, a acumulação de capital na região, o papel da Igreja e os costumes locais.

A tendência é considerar que a cultura regional seja apenas de base rural, mas isso não é verdade. Conforme Berumen (2005), o reconhecimento de determinada cultura regional ocorre, principalmente, através da verificação de um conjunto de valores compartilhados pelos habitantes de um mesmo território, de um passado histórico em comum, de formas de vida que identificam uma comunidade e a distingue das demais. Observa-se que os três fatores apresentados podem ser encontrados tanto em regiões rurais quanto urbanas.

Alguns escritores já possuem a percepção de que a cultura regional também está presente no espaço urbano, o que tem sido revelado em seus textos literários e nas entrevistas realizadas. A Serra Gaúcha já conta com cidades de porte médio, como Caxias do Sul e Bento Gonçalves, por exemplo, o que leva a perceber a presença do fenômeno urbano na vida social da região. De acordo com os dados coletados, há, na região, escritores que têm um olhar especial para a questão do urbano na Serra Gaúcha. Elementos como passar na rua e ver e ouvir as pessoas falando alto, conversando, até mesmo discutindo assuntos do cotidiano, como o trânsito que não funciona, a entonação dos imigrantes ao falar, as pessoas nos celulares etc., tudo isso tem chamado a atenção de alguns autores da Serra Gaúcha, especificamente de Caxias do Sul e Bento Gonçalves. Através da sua produção literária, eles conseguem representar como grande parte da região cresceu em termos de urbanização. Muitas vezes, não há nos textos referências regionais específicas, como nomes ou datas, mas a temática do urbano, que pode ser observada no cotidiano social da Serra, é uma característica significativa de alguns autores que estão produzindo na região.

Há, ainda, autores que atrelam a sua produção a acontecimentos históricos da cultura serrana, como a vinda dos imigrantes italianos. Entretanto, segundo os dados coletados, cada vez menos escritores têm feito isso, pois a nova geração de autores tem uma produção bastante diversa, como pôde ser observado anteriormente. Mesmo assim, muitos jovens escritores já fizeram menção a temas regionais em seus textos, ainda que superficialmente, e os julgam importantes, assim como aqueles que nunca trabalharam com a temática regional e têm o desejo de inseri-la em sua obra.

Observa-se que os novos autores estão dispostos a continuar trazendo para a produção literária a temática regional, mas provavelmente ela aparecerá a partir de novas abordagens, sob novos pontos de vista, como a questão do urbano, por exemplo. Esse é um processo que poderá

ser investigado daqui a alguns anos, quando houver o distanciamento temporal para tais constatações.

#### **5.2.4.2 As diferentes formas linguísticas e a expressão literária**

A maior parte dos escritores não acredita que as diferentes formas linguísticas (especialmente os dialetos italiano, alemão e polonês) atrapalhem a expressão literária. Eles destacam que o seu uso pode ser bastante enriquecedor para o texto literário e para o leitor, linguística e culturalmente. Entretanto, eles se preocupam com os autores que se propõem a escrever um livro em dialeto, pois acabam assumindo um risco muito alto em relação à circulação do texto literário. Alguns respondentes declaram, por exemplo, que dificilmente alguém de Porto Alegre lerá o livro, se ele estiver todo escrito em dialeto, apenas as pessoas que entendem o idioma farão essa leitura. Então, nesse caso, a língua poderia tornar-se um empecilho para a circulação do texto em âmbitos maiores. Há autores que explicam que um livro escrito em linguagem gaúcha possivelmente terá um âmbito de circulação maior que um livro que esteja escrito em dialeto italiano ou que sofra a sua influência. Os autores concluem que isso se deve ao fato de existir um número maior de leitores que conhece e que se identifica com a linguagem e cultura gaúcha.

Alguns entrevistados manifestaram a sua opinião em relação ao uso de expressões em dialeto no texto literário escrito em língua portuguesa. Sobre o tema, os autores destacam que é possível fazer uso dessas expressões, mas isso precisa ser bem feito, pois, do contrário, poderá dificultar a compreensão dos leitores. Na opinião desses escritores, se a obra for consistente e madura, a linguagem poderá ser um diferencial do texto. Há ainda aqueles que defendem o uso de notas de rodapé contendo a tradução dos termos em dialeto, para facilitar a vida do leitor que não conhece o idioma.

Há autores que consideram as diferentes formas linguísticas uma dificuldade para a expressão literária. Esses autores discutem a questão da elaboração de diálogos, o que, para eles, é bastante complexo. A primeira escolha que um escritor precisa fazer, especialmente o ficcionista, é qual padrão linguístico seguir: um padrão linguístico gramatical (se é que isso existe) ou se vai escrever como as pessoas falam (o que pode ser um risco do ponto de vista de apreciação do leitor). Além disso, o escritor precisa pensar que o registro da fala pode perder sentido na escrita, porque na fala há muitas interrupções, repetições etc., o que pode tornar o texto escrito cansativo e ineficiente. Reproduzir a riqueza da fala popular na escrita em variados meios é muito difícil, e é preciso que o escritor preste muita atenção para elaborar um texto dessa natureza.

Alguns autores afirmam publicar os seus textos sem se preocupar em traduzir as expressões em dialeto, pois a maioria das pessoas da Serra conhece o idioma e, se tiver dificuldades, poderá perguntar para alguém no seu trabalho, no seu bairro ou na sua rua, que, com certeza, saberá o que a expressão significa. Percebe-se, aqui, que esses escritores assumem que os seus textos circulam essencialmente na região serrana. Para muitos autores, os dialetos, as expressões gauchescas e o falar urbano caxiense enriquecem o texto literário. Para eles, esses são elementos intangíveis que os influenciam, porque, como escritores, estão sempre atentos, absorvendo as influências da cultura local. Então, em vez de erguerem uma barreira contra isso, decidiram introduzir expressões regionais nos seus textos, a fim de promover uma identificação do público leitor e admitir, mesmo que inconscientemente, as influências regionais que recebem. Entretanto, o contrário também existe: muitos escritores não introduzem o elemento regional em suas obras, mas publicam literatura policial, por exemplo, pois reconhecem que também há público leitor na região para esse gênero, que nem sempre envolve temas ou linguagem regionais.

A grande maioria dos escritores (68%) esclarece que as diferentes línguas no âmbito da Serra não influenciam a sua produção literária. Apesar de, em alguns casos, tratarem de temáticas regionais, os seus textos são escritos em língua portuguesa.

Já 32% dos respondentes afirmam que há influência em seus textos das diferentes línguas no âmbito da Serra. A língua italiana e o dialeto vênето são os principais idiomas citados por esses autores. Ressalta-se que na maioria dos casos essa influência contribui para o escritor compor as suas personagens, conforme eles próprios destacaram durante as entrevistas. Há, também, escritores que já publicaram textos em língua italiana e/ou tiveram algumas de suas obras traduzidas.

Uma minoria reconheceu a influência da língua polonesa e alemã em seus textos. Nesses casos, os autores ressaltam que expressões desses idiomas aparecem no texto literário, escrito em língua portuguesa, para ajudar a compor suas personagens e a ambientação da narrativa.

Destaca-se a existência de escritores que afirmam utilizar o dialeto italiano em seus textos para fazer a manutenção da língua. Eles acreditam que fazendo isso contribuirão para que o dialeto vênето não caia no esquecimento da comunidade local.

Para um escritor que deseja conquistar o seu público leitor, pode ser arriscado escrever em uma língua que não seja a oficial do lugar onde ele vive. O uso de expressões de outras línguas, quando bem utilizadas, pode ser um diferencial da obra literária. No entanto, são poucos os escritores que fazem esse uso de forma que agregue valor à obra, e não a desmereça.

É preciso ter certeza do que se está fazendo, para que a língua não se torne um empecilho para os leitores ou para que as personagens não fiquem estereotipadas e previsíveis.

É necessário observar que cada vez menos escritores estão escrevendo em dialeto italiano ou buscando trazer referências da língua para o seu texto. Os escritores entrevistados, em sua maioria, não pensam em escrever em outra língua que não seja a portuguesa. Por fim, sabe-se que há muitos imigrantes (senegaleses, haitianos etc.) se instalando na Serra. A vinda desses imigrantes poderá ocasionar mudanças linguísticas bem significativas na região e isso, a longo prazo, provavelmente aparecerá na literatura serrana.

#### **5.2.4.3 A influência que a região exerce sobre a produção literária**

A maior parte dos escritores acredita que se vivesse em outra região escreveria de forma diferente. Eles afirmam que o lugar onde vivem, as pessoas com quem convivem, o que aprenderam a gostar ou a não gostar, o passado histórico em comum, enfim, a paisagem cultural da região serrana influencia a sua obra, especialmente na escolha de temas e do local em que as narrativas serão ambientadas. Muitos destacam que a região (os relacionamentos, a gastronomia, o clima, a paisagem etc.) é fonte de inspiração para sua produção literária.

Entretanto, há autores que discordam, mas não completamente. Por um lado, pensam que não escreveriam de forma diferente se vivessem em outra região e, por outro, sim. Eles justificam tal resposta com o argumento de que escrevem o que leem. Para eles, a leitura é a principal matéria-prima de quem se propõe a escrever. Portanto, todas as suas leituras vão criando uma espécie de almoxarifado intelectual e emocional, que possivelmente será acessado enquanto escrevem. Esses autores julgam as suas leituras mais fundamentais que o local onde se encontram, apesar de admitirem, parcialmente, a influência em suas obras do contexto em que vivem.

Alguns escritores são mais incisivos em sua resposta e destacam que não importa o que se vê, mas o modo como se vê. Então, independentemente do lugar em que moram, eles escrevem uma literatura com a sua própria visão, adquirida a partir das leituras que acabaram moldando a sua perspectiva de ver o mundo.

Acredita-se que é preciso levar em consideração que, dependendo do lugar onde estiverem os escritores, eles terão diferentes referências de mundo e de relações, que também poderão influenciar a sua escrita. No entanto, isso não pode ser compreendido de modo determinista. Há variados exemplos na literatura produzida na Serra Gaúcha de escritores que são influenciados pela região em sua produção escrita, mas há casos em que se torna difícil buscar essa influência em suas obras, e há também aqueles que não a reconhecem em seus

textos. Apesar de serem atravessados pela paisagem cultural da qual fazem parte o tempo inteiro, muitos escritores defendem que a sua escrita sofre influência e se desenvolve a partir do seu processo de busca, de leitura e de conhecimento. Pensando nisso, a formação do indivíduo, as suas leituras, as influências que recebeu e, até mesmo, a região, podem ser decisivas no processo de produção da escrita literária.

Outro elemento apresentado como decisivo é a escolha dos pares, ou seja, dos escritores e editores da região com os quais se tem contato. Os livros de literatura serrana que são lidos, assim como os lançamentos de livros, as academias, as rodas de leitura, os concursos literários, as feiras do livro da região das quais se participa ou se frequenta, também poderão influenciar não apenas a produção escrita do autor, mas inclusive o âmbito de circulação das obras. Observa-se que os lugares por onde as obras circulam e a existência de um público leitor também poderão influenciar a produção literária de caráter regional. Isso decorre da compreensão de que a literatura regional está inserida em uma rede de relações que compõe determinado sistema literário regional. Tendo em vista os estudos alemães sobre a produção literária regional, Arendt (2011b) afirma que:

Regiões literárias podem ser determinadas e delimitadas entre si ora como áreas diferenciadas pelo trabalho de criação dos autores, ora como espaços de experiência que orientam temática e objetivamente os autores, ora como zonas de interação entre autores e meios de divulgação, ora como áreas de efeito dos textos literários. Daí emergiriam dois aspectos centrais para uma história literária das regiões, tomando a inter-relação entre literatura e espaço: primeiro, o espaço como motivação dos autores para a escrita e sua consequente vinculação temática; segundo, o lugar em que os autores encontram de forma massiva o seu público (ARENDR, 2011b, p. 226).

Na Serra Gaúcha, a partir das informações coletadas entre os escritores serranos, foi possível constatar que, muitas vezes, há uma conexão temática com o espaço e a produção literária local. Além disso, muitos deles possuem um público leitor consolidado ou em formação na região, o que também contribui para o fortalecimento do vínculo entre os autores e o espaço. Ressalta-se que temas regionais já foram bem mais recorrentes na produção local. Apesar de aparentemente essa vinculação estar diminuindo gradativamente, a relação entre espaço e produção literária parece estar ganhando novos rumos relacionados à recepção, publicação e circulação literárias. Acredita-se nisso porque é na Serra Gaúcha que muitos escritores serranos conseguem angariar leitores para as suas obras. Para muitos desses autores, o objetivo inicial é conquistar um público leitor na região e, mais tarde, buscar romper as barreiras regionais e conquistar leitores em âmbitos maiores.

### **5.2.5 Literatura serrana: passado, presente e futuro**

Os entrevistados foram convidados a pensar sobre o desenvolvimento percebido em sua obra ao longo do tempo e quais objetivos perseguem com a sua produção literária. Aqui, eles apenas respondem questionamentos sobre a sua própria experiência enquanto escritores na região da Serra Gaúcha.

#### **5.2.5.1 Passado: os desenvolvimentos percebidos**

Os escritores apresentaram diversos fatores vistos como avanços em suas produções, como a aposta de uma editora em sua obra, melhores condições de distribuição de seus livros, questões acerca da estrutura do texto, a formação/consolidação de um público leitor e o recebimento de prêmios de literatura.

Muitos escritores deram ênfase às mudanças de estrutura dos seus textos. Eles acreditam que isso representa o principal desenvolvimento de sua obra literária. Nesse aspecto, os autores ressaltam que foram ganhando mais firmeza e concisão em sua escrita, a estrutura das obras tornou-se mais complexa, ou seja, deixaram de escrever textos simples para chegar a uma fase na qual as personagens e os temas são mais profundos. Também o texto deixou de ser truncado, cheio de excessos, para ganhar fluidez. Ainda houve maior exigência em relação ao conteúdo (temas), refinamento na linguagem, escrita de um texto mais questionador, mudanças na estrutura de frases, versos e capítulos e evolução das técnicas narrativas.

Observa-se que vários escritores associam o desenvolvimento na estrutura dos seus textos à maturidade – que tem a ver com a idade – e ao conhecimento – que tem a ver com o tempo de estudo e pesquisa. Eles sustentam que é preciso haver essa evolução do produtor de literatura enquanto pessoa (maturidade) e escritor (busca de conhecimento). Alguns declaram que é válido escrever antes dos quarenta anos, entretanto, após essa idade, percebem que ganharam maior tranquilidade para escrever e para esperar a publicação da obra. Quando jovens, muitos deles escreviam e logo publicavam, assim, não voltavam ao texto para lapidá-lo. Eles avaliam que é importante amadurecer as leituras e visitar textos já lidos para observar o que ainda não foi percebido. A maior parte dos escritores que já completou quarenta anos ou mais considera que está no ápice de sua escrita literária.

Há escritores que destacam como desenvolvimento em sua obra literária o fato de conseguirem uma editora que apostasse no seu trabalho. Muitos deles afirmam que tiveram que pagar pelos custos de publicação dos seus primeiros livros, então, conseguir uma editora que acreditasse neles foi um grande avanço. Eles atribuem às editoras a ampliação do âmbito de

distribuição de seus livros, o que também é visto como um progresso significativo no que se refere aos fatores que se encontram no entorno da obra.

A formação e consolidação de um público leitor é outro fator apontado como progresso na carreira de alguns escritores. Eles acreditam que há diversas razões envolvidas para que isso ocorra, como a qualidade do texto, a publicação por uma grande editora, que distribua os livros em todo o Brasil, e o trabalho do escritor em divulgar os seus livros, ou seja, apresentá-la ao público leitor potencial.

Para os escritores mais jovens, avançar nesse sentido é ver as pessoas se interessarem por seu trabalho e entrarem em contato, pessoal ou virtualmente, porque querem conhecer um pouco mais o escritor e seu texto. O recebimento de prêmios literários também é considerado um desenvolvimento importante na obra de muitos entrevistados.

Há, por fim, escritores que destacam que não houve um desenvolvimento em seus textos, mas sim uma continuidade. Para eles, isso acontece por uma única razão: eles só publicam quando já estão convencidos de que aquilo merece tornar-se público. Eles percebem que o seu estilo de escrita permeia os seus textos, portanto, as suas obras podem mudar tecnicamente, mas há um estilo próprio. Conforme esses autores, isso se deve ao fato de não terem pressa para publicar e trabalharem intensamente no texto, até se darem por convencidos de que ele pode ser publicado.

Como pôde ser observado, há diferentes tipos de desenvolvimento que os escritores percebem em seus textos. Isso ocorre por diversos fatores, como o número de publicações que cada um possui, a maneira como são reconhecidos por seu trabalho, os meios pelos quais publicaram, o gênero ao qual se dedicam, as experiências literárias que viveram etc. Embora façam parte de uma rede de relações, escritores e obras trilham um caminho próprio, influenciados direta ou indiretamente por outros estratos do sistema, o que fará com que a trajetória de cada escritor na literatura seja única e, por isso, o desenvolvimento de cada obra também torna-se singular.

#### **5.2.5.2 Presente e futuro: os objetivos literários**

Todos os escritores manifestaram o desejo de continuar escrevendo. Muitos já têm novos textos bem encaminhados, outros possuem apenas esboços sobre o que desejam escrever. Apesar de afirmarem que, para continuar escrevendo, é preciso gostar bastante de escrever, porque não é um caminho fácil, o projeto literário principal de todos eles é dar continuidade ao seu trabalho com cada vez mais qualidade e encontrar canais para publicar os seus textos.



A partir disso, algumas especificidades podem detalhar com maior precisão esse desejo de escrever e publicar livros. Há escritores que têm como objetivo conseguir uma editora que aposte neles, ou seja, que queira publicar a obra e pagar pelos custos de sua edição. Interferir no universo literário, no sentido de contribuir para a produção de uma literatura brasileira cada vez melhor, também foi um desejo apresentado por alguns entrevistados.

Alguns respondentes são ambiciosos e manifestam o desejo/projeto de publicar por uma grande editora, serem chamados para participar de grandes eventos literários nacionais e internacionais, serem traduzidos para outras línguas e considerados destaque dentro do gênero que publicam. Esses autores afirmam que, para conseguir isso, será preciso, no mínimo, ter um romance, porque o romance é o gênero que vende, ou seja, é o que as grandes editoras querem publicar. Segundo as informações coletadas, há agentes literários que fazem o contato entre escritores e grandes editoras, e alguns autores serranos já estão procurando se inserir nesse mercado. Dessa maneira, eles acreditam que poderão atingir um público maior de leitores.

Outros autores contam que já sonharam em ser grandes escritores e publicar por uma grande editora, mas perceberam que há muita gente boa no mercado literário. Eles admitem que precisam se dedicar ainda mais ao seu trabalho, aprimorar a sua escrita e buscar o seu espaço, para, talvez, algum dia, terem seu público leitor consolidado.

Alguns escritores afirmam não ter objetivos ou intenções com a sua literatura. Eles asseguram que escrevem por prazer, por essência e por necessidade, e porque são felizes (satisfeitos) escrevendo – escrevem porque isso os define enquanto seres humanos e sociais. Eles defendem que o escritor de verdade precisa escrever para sobreviver.

A maioria dos entrevistados acredita que a literatura transforma o mundo. Sua intenção ao escrever é fazer com que as pessoas se apaixonem pela literatura e, conseqüentemente, venham a enxergar a vida, o mundo, a sua comunidade de maneira diferente. Esses escritores têm como objetivo fazer com que aquilo que escrevem dê sentido, não apenas para as suas vidas, mas para a vida de outras pessoas também. O incentivo à leitura, principalmente entre crianças e adolescentes, é a intenção que muitos escritores têm com suas obras e palestras nas escolas, feiras do livro, lançamentos de livros, entre outros. Apresentar a leitura como algo prazeroso é um dos principais objetivos dos escritores que trabalham com o público infantil e adolescente.

Há escritores que ressaltam ter objetivos e intenções, mas indiretamente. Eles têm preocupações com a sociedade que acaba aparecendo em seus livros, mas isso não é prioridade em seus textos. A principal preocupação é a estética do texto, o que eles estão oferecendo como obra para um bom leitor de literatura. Eles advogam que não é bom pensar demais sobre o

assunto, pois corre-se o risco de produzir uma obra de tese, com a defesa de um tema, ou de tentar atingir determinado público com questões individuais (que, muitas vezes, não são importantes para ninguém). Por isso, eles não pensam em demasia sobre quais são seus objetivos e intenções, apenas escrevem.

Há escritores com objetivos bem claros acerca de sua carreira literária, como trabalhar melhor a divulgação dos seus textos para que a sua obra chegue aos leitores potenciais, publicar o próximo livro, publicar livros sobre temas específicos para leitores também específicos, preencher lacunas do mercado literário, aprofundar as suas leituras e aprimorar o seu processo de escrita.

Outros desejam apenas contar boas histórias, narrar. Esses escritores acreditam que as histórias são condutoras, permeadas por forças de pensamento, ou seja, são repletas de sabedoria e de conhecimento humano. Para eles, deve-se ler literatura para compreender melhor o ser humano. Eles confiam que, ao produzir literatura, estão colaborando com isso, a partir da leitura que cada leitor faz dos seus textos. Entretanto, eles também pensam que não podem ter essa intenção decidida, porque podem cair no erro de achar que poderão ensinar alguém. Portanto, a sua pretensão é apenas compartilhar histórias e deixar que elas ajam por conta própria a partir do processo de leitura de cada um.

Após realizar a leitura de todas as respostas obtidas junto aos escritores, verifica-se que o desejo de colocar os seus livros em circulação nos mais diferentes âmbitos (regional, estadual e nacional) e apresentar determinada visão do mundo para os seus leitores são objetivos comuns a todos os entrevistados. Apesar de alguns serem mais ambiciosos que outros, em relação ao que desejam para suas carreiras literárias, todos querem apresentar as suas ideias e almejam que seus livros sejam lidos.

Pesando nisso, acrescenta-se que o processo literário só se dará por iniciado se existirem autores que produzam e publiquem e leitores que apreciem (ou não) o texto literário. Se a obra não se tornar pública e não angariar leitores, será considerada “sem vida”, pois não contribuiu para a propagação da rede de relações do sistema.

As obras também correm o risco de ter uma vida útil bastante curta, pois alguns exemplares são vendidos no dia do lançamento e depois caem no esquecimento do público. Para este estudo, isso não é um problema, mas algo a ser observado e analisado. Entretanto, para qualquer escritor, essa deve ser uma experiência frustrante, pensando que quem escreve o faz porque deseja ser lido, caso contrário, não colocaria suas ideias no papel.

Consoante Pierre Bourdieu, em debate com Roger Chartier, o livro pode operar de forma mágica, ou seja, ele tem poder sobre pessoas que o escritor não conhece, e possibilita ao

escritor agir a distância. Para Bourdieu, o homem intelectual pode mudar a visão do mundo e os hábitos dos seus leitores. Contudo, o autor afirma que, por vezes, os escritores não percebem ou esquecem o poder que está em suas mãos, de agir sobre o intelecto de quem os lê. Observa-se:

[...] O intelectual é também alguém que pode agir a distância ao transformar as visões de mundo e as práticas cotidianas, que pode agir sobre a forma de aleitar as crianças, a forma de pensar e de falar à namorada etc. Assim, penso que a luta pelos livros pode ser uma cartada extraordinária, uma cartada que os próprios intelectuais subestimam [...]. Os intelectuais esquecem-se de que por meio de um livro se pode transformar a visão do mundo social e, através da visão de mundo, transformar também o próprio mundo social (BOURDIEU, In.: CHARTIER, 2001b, p.243).

Para o estudioso, isso ocorre porque os intelectuais da atualidade estão preocupados demais com questões materiais de sua obra, da atividade que desenvolvem. Os escritores, foco deste trabalho, estariam concentrados com a divulgação, a distribuição e a venda de livros, por exemplo. Desse modo, “estão de tal maneira impregnados de uma crítica materialista de sua atividade que terminam por subestimar o poder específico do intelectual, que é o poder simbólico, o poder de agir sobre as estruturas mentais e, através da estrutura mental, sobre as estruturas sociais” (BOURDIEU, In.: CHARTIER, 2001b, p.243).

Em suma, a partir das entrevistas realizadas com os escritores serranos, é possível constatar que alguns deles percebem o caráter de transformação da literatura, e isso fica em evidência em suas falas quando ressaltam querer apresentar um novo ponto de vista sobre determinado tema ou cultura, além de fazer as pessoas refletirem sobre o seu modo de viver, sobre o ser humano etc. Ao mesmo tempo, há grande preocupação com a circulação da sua produção, não apenas na região, mas também fora dela. Apesar de grande parte dos autores apontar a circulação dos seus livros como uma de suas inquietações principais, há aqueles que não estão pensando nisso. Isso ocorre por dois motivos: ou já possuem um público leitor consolidado, ou preferem ignorar o assunto. Dentre os que estão preocupados com a circulação literária há, pelo menos, dois grupos distintos: aqueles que estão dispostos a atrelar a sua imagem de escritor à sua obra para conquistar leitores, e aqueles que evitam esse tipo de divulgação e buscam apenas promover o texto literário.

*“O que atrapalha a criação de um novo romance é a presunção de que somos capazes de criar. Diante da grandiosidade da tarefa, descubro que não sou coisa nenhuma. Era preciso partir da consciência de minha própria insignificância, e reconhecer com humildade que a tarefa nem grandiosa é, mas apenas um ato de louvor a Deus na medida das minhas forças.”*

(FERNANDO SABINO, s.d.)<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> FONTE: LISPECTOR, Clarice. *Clarice Lispector entrevistas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

## 6. AS EDITORAS DA SERRA GAÚCHA: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Para Chartier (2001a), a edição é o momento em que um texto se torna objeto, para, em seguida, encontrar ou ser encontrado pelos leitores. É apenas em 1830, na França, que a função de editor se torna autônoma e não se confunde com as funções de livreiro e impressor. Nessa época, era comum os editores serem proprietários de livrarias e empresas tipográficas, motivo pelo qual as funções não eram compreendidas separadamente. O desenvolvimento do mercado do livro contribuiu para que o ofício de editor fosse compreendido como uma atividade autônoma e particular. O estudioso define a atividade de edição como uma profissão de natureza intelectual e comercial que visa buscar textos, encontrar autores e controlar o processo que vai da impressão da obra até a sua distribuição.

O pesquisador explica que existiram três modos de edição na História: a leitura em voz alta, a edição vinculada ao comércio da livraria e a invenção moderna do editor como ofício particular. A leitura de um texto em voz alta é considerada o primeiro modo não apenas de edição, mas também de publicação de uma obra.

O segundo momento corresponde ao vínculo estabelecido entre a edição e o comércio da livraria, período em que já estava acontecendo a impressão de livros. Nos séculos XVI, XVII ou XVIII, não havia diferença entre o ofício de livreiro e o de editor. O capital mercantil do livreiro-editor era de suma importância, pois definia o poder dentro do mundo da cultura impressa. O livreiro-editor poderia ser proprietário de uma oficina tipográfica para realizar a impressão dos livros que vendia ou contar com um prestador de serviços, o impressor. Observa-se, ainda, que, nessa sistemática, grande parte das obras oferecidas aos leitores estava vinculada ao catálogo do livreiro-editor. Contudo, ele poderia incrementar esse catálogo por meio do intercâmbio de obras com seus colegas do ramo. Nesse caso, a dimensão da livraria torna-se fundamental para a edição e comercialização de livros, pois é em torno dela que se organiza toda a atividade editorial. Conforme Chartier, “a atividade de livraria comandava a atividade de edição, seus mecanismos e seus limites” (1998, p. 53-54).

Apesar de o livreiro-editor ser a figura central da edição de livros nesse período, é preciso considerar que possivelmente havia outras pessoas envolvidas nos processos de produção, impressão e distribuição das obras. Acredita-se que por trás do livreiro-editor havia

anônimos que desempenhavam atividades importantes, quase sempre sem receber os créditos por seu trabalho.

A invenção moderna do editor corresponde ao terceiro modelo apresentado por Chartier (2001a). O ofício de editor acaba se distanciando do mundo mecânico, da oficina de impressão e do mundo comercial da livraria. O capital financeiro não é mais apenas pessoal ou familiar, e as editoras começam a se organizar enquanto empresas prestadoras de serviços. A imagem do editor enquanto conquistador se dissipa em favor de um grupo de pessoas envolvidas nos processos de produção, edição, impressão e distribuição dos livros.

Para o pesquisador, até o surgimento da edição eletrônica, esses são os três momentos que descrevem a história da produção de livros. O autor destaca que as transformações do capitalismo editorial “originaram reagrupamentos, criaram empresas multimídia, de capital infinitamente mais variado e muitos menos pessoal, e provocaram um certo enfraquecimento desse vínculo que unia a figura do editor e a atividade de edição” (1998, p. 53).

Em suma, o editor profissional “coordena diversos trabalhos, como um diretor de orquestra, que não toca nenhum instrumento, mas sem o qual não há espetáculo nem música” (CHARTIER, 2001a, p. 47). Essa figura ficou bem definida a partir de 1830, quando foi reconhecida como alguém “capaz de escolher um programa editorial: de propor, consultar, encarregar e executar” (CHARTIER, 2001a, p. 47). Cabe a ele, por exemplo, atribuir tarefas a um tradutor ou a um revisor de texto para preparar o original, planejar a estratégia comercial e de distribuição.

Escarpit (1969) destaca que, no início do século XIX, a existência do editor já completava cerca de meio século. Assim como Chartier, Escarpit apresenta o editor como um empresário que deixou ao impressor a função técnica e ao livreiro a função comercial, para poder tomar a iniciativa da edição, coordenar a fabricação de acordo com as necessidades da venda, contatar autores e diversos colaboradores. Ou seja, ele tomou para si a responsabilidade de organizar as ações de publicação dentro de uma política geral de empresa.

Sobre o editor moderno, Escarpit acredita que sua função não se limita apenas ao papel conciliador e organizador de atividades como revisão do texto, elaboração da capa, impressão e venda de livros. Para o pesquisador, o editor moderno “tenta agir sobre os autores em nome do público e sobre o público em nome dos autores, numa palavra, conseguir um público e autores regulados uns pelos outros” (1969, p. 108). Além disso, o ideal para um editor é encontrar um autor a seguir e, quem sabe, pedir a ele que continue a produzir conforme o protótipo experimentado, de modo que se crie uma linha editorial que resulte na produção de novos escritores desejosos de se instalarem nela.

Chartier (2002) ainda ressalta que os editores também contribuíram para a organização da grande quantidade de material escrito da humanidade. Foram eles, em grande parte, que coletaram textos antigos, realizaram a edição de manuscritos, transformaram, graças à imprensa, esses textos em objetos duráveis que pudessem ser armazenados. Eles também promoveram a multiplicação dos exemplares e a difusão do texto escrito. Conforme o autor, a grande quantidade de textos a serem multiplicados e difundidos foi ordenada por “múltiplos atores, mas os editores, por suas escolhas, desempenharam um papel essencial nessa domesticação da abundância” (2002, p. 75-76).

Somente a atividade editorial e o comércio do livro podem “assegurar a constituição de um mercado dos textos e dos julgamentos” (2002, p. 75), pois eles são uma das condições necessárias à construção de um ambiente propício à produção, à edição, à circulação e à recepção literária. Por outro lado, “em virtude de suas próprias leis, a edição submete a circulação das obras a coerções e a finalidades que não são idênticas àquelas que governaram sua escrita. Entre essas duas exigências, a tensão não se resolve facilmente” (CHARTIER, 2002, p. 76).

Assim como Chartier, acredita-se que essa tensão contribui para que a história da mediação editorial não seja compreendida apenas como um capítulo da história econômica, e sim uma circunstância para que se possam observar dois percursos: o do texto, “cujas significações mudam quando mudam as formas de sua feitura” (2002, p. 76), e o do público leitor, “cuja composição social e cujas expectativas culturais se modificam quando se modificam as possibilidades de acesso à cultura impressa” (2002, p. 76).

É possível observar que o ofício de edição de textos já passou por diversas mudanças ao longo da história da humanidade. A invenção da prensa, do papel e do livro está entre as criações que influenciaram o aparecimento da profissão de editor. O surgimento da internet, juntamente com a tecnologia digital e o acesso à informação, está entre os acontecimentos decisivos que transformaram a edição de livros na contemporaneidade.

Atualmente, existem editoras de grande, médio e pequeno porte, e as tiragens podem ser de milhares ou de apenas centenas de exemplares. Há, ainda, editoras que fabricam livros artesanais e apenas depois de já serem adquiridos. Os livros podem ser impressos ou digitais, as edições podem ser pagas pela editora, pelos próprios escritores ou através de verba pública, enfim, há inúmeras possibilidades de edição e publicação de livros na atualidade.

Tendo em vista todas essas variáveis, Chartier (2001a) destaca que os pesquisadores se deparam com uma grande quantidade de informações que parecem ser relevantes para determinada pesquisa e, ao mesmo tempo, com a ausência de dados concretos, porque a

proliferação de informações tanto revela o conhecimento, como acaba o ocultando, tornando difícil para o pesquisador a seleção de dados a serem analisados.

Acredita-se que, para realizar pesquisas factuais sobre o cenário editorial contemporâneo, seja preciso delimitar o trabalho de investigação e coleta de dados. Desse modo, as pesquisas voltadas à busca de informações sobre os cenários editoriais regionais são uma saída para reduzir a infinita quantidade de dados a serem analisados.

Com o objetivo de compreender o cenário editorial da Serra Gaúcha na atualidade, neste capítulo serão apresentadas e analisadas as informações coletadas junto aos editores da região. Esta seção está organizada em duas subseções, que terão como ênfase o ponto de vista dos editores serranos em relação à paisagem literária da Serra Gaúcha. Tem-se a intenção de apresentar informações sobre o modo como os editores compreendem esse cenário e como eles influenciam e sofrem influência da rede de relações da qual fazem parte.

### **6.1 Panorama geral: quais são as editoras serranas?**

Em um primeiro momento, foi necessário levantar informações acerca de quais são as casas editoriais que atuam na região serrana. Foram encontradas seis editoras especializadas, que publicam textos de ficção: Belas Letras, Editora do Maneco, Épsilon, Liddo Editora e Virtua Editora Multimídia, localizadas em Caxias do Sul, e Editora Grafite, em Bento Gonçalves. As demais cidades contempladas nesta pesquisa não contam com empresas especializadas na edição de livros, apenas com gráficas que se comprometem com aspectos relacionados à impressão dos exemplares.

A Editora do Maneco foi a segunda a surgir na Serra Gaúcha, na década de 1990, conforme já foi afirmado neste trabalho. Ela conta com centenas de livros publicados, especialmente de escritores da região. Durante muitos anos, além da Editora da Universidade de Caxias do Sul, que normalmente publicava textos de escritores vinculados à Universidade, a Editora do Maneco foi a única opção em edição especializada de livros de ficção na região. As gráficas existentes só faziam o trabalho de impressão do livro, ficando sob responsabilidade do escritor a edição do texto.

A Editora Belas Letras apareceu no cenário literário serrano em 2008 e publica livros de variados gêneros, inclusive ficção. Além do selo Belas Letras, ela conta com os selos Quatrilho e Modelo de Nuvem. Os escritores da região que publicam pela editora quase sempre o fazem através do selo de prestação de serviços (Quatrilho Editorial).

Em relação à Editora Épsilon, só foi possível contar com as informações disponíveis *online*, pois não se obteve retorno das ligações e e-mails enviados ao editor. Portanto, sabe-se



apenas que ela foi criada com o propósito de facilitar a entrada de autores iniciantes no mercado editorial de Caxias do Sul (informação disponível na página do *Facebook* da editora, em 10 de julho de 2017). Temos a notícia de que a editora já publicou alguns livros de autores da região sob o padrão de prestação de serviços. Sobre a Editora Liddo não foram encontradas informações.

A Virtua Editora Multimídia foi criada em 2014 e, segundo dados disponíveis na sua página do *Facebook* (em 10 de julho de 2017), tem como objetivo contribuir para a prosperidade econômica e cultural de Caxias do Sul. A editora já conta com dezenas de livros publicados, de escritores da região e de fora dela, sob o modelo de prestação de serviços, conforme informação disponibilizada pelo proprietário da editora.

Bento Gonçalves conta apenas com a Editora Grafite, que, conforme informações coletadas, publica em torno de dez livros por ano. A editora opera no sistema cooperativado, ou seja, os escritores se reúnem para editar e publicar determinado livro em conjunto e dividir os custos da publicação. A editora também trabalha sob o sistema de prestação de serviços, caso em que o custo de edição do livro é repassado para o escritor.

Essas são algumas informações gerais acerca das editoras que fazem edição especializada de livros de ficção na região. A seguir serão apresentadas as informações coletadas junto aos quatro editores que aceitaram participar da pesquisa. As entrevistas foram realizadas com cada editor, pessoal e individualmente, entre julho e dezembro de 2016.

A técnica escolhida para a realização dos questionamentos foi a mesma utilizada durante as conversas com os escritores, ou seja, entrevistas pessoais. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade de Caxias do Sul.

Assim como as perguntas realizadas aos escritores, os questionamentos destinados aos editores também foram organizados tendo em vista as entrevistas realizadas por Leonhardt (2013). Observa-se:

- 1- Como você avalia a cena editorial da Serra Gaúcha?
- 2- Como você vê – especialmente para a região da Serra e a sua editora – as chances de um escritor publicar? Você ainda vê possibilidades para publicar poesia/prosa sem que o autor pague a edição?
- 3- Como você vê o papel de subsídios públicos para a publicação na Serra Gaúcha?
- 4- Como você vê o fato de escritores da Serra publicarem os seus textos através da internet?
- 5- Como você avalia o desempenho da literatura serrana nos últimos anos?

- 6- Existem escritores na região da Serra sobre os quais se possa dizer que têm futuro literário?
- 7- Como se lhe afigura o mercado literário na Serra?
- 8- Grandes editoras patrocinam a publicação de poesia com o lucro obtido na publicação de prosa. Pequenas editoras dificilmente têm esse sucesso. Em que medida é possível para uma pequena editora publicar poesia?
- 9- Como se afigura, na sua editora, o pagamento da publicação pelos autores, bem como os incentivos/subsídios de terceiros para a publicação literária?
- 10- A publicação de textos literários de autores regionais dá prestígio à editora ou ela é menosprezada?
- 11- Na sua opinião, como a comunidade serrana vê a sua editora?

Acredita-se que as informações coletadas, tendo em vista os questionamentos anteriores, contribuem para observar como as editoras serranas se organizam no cenário literário regional na atualidade. Considerações sobre a produção literária serrana, as chances de um escritor publicar e como se estabelece o mercado literário na região farão parte das discussões deste capítulo. Poderá, ainda, ser observado como se estabelecem as relações entre as editoras e os escritores da região, sob o ponto de vista de seus editores. Por fim, serão apresentadas algumas considerações acerca do prestígio e da difusão literária na Serra Gaúcha.

## **6.2 O cenário editorial da Serra Gaúcha**

Para Escarpit (1969), o ciclo da edição se resume em três palavras: escolher, fabricar e distribuir. Fica a cargo do editor, que tem um papel central nesse processo, manter a responsabilidade moral e comercial desse conjunto de tarefas. Após decidir qual livro será publicado, o editor precisa pensar na fabricação do livro, por isso, deve levar em conta o possível público ao qual este será dirigido e, portanto, verificar o material que será usado para sua fabricação (papel mais caro ou mais barato), além de escolher o *letter*, o tamanho do livro, as cores, entre outros.

O papel do editor é muito mais importante que o de um empresário que explora a sua matéria-prima. Escarpit e Barker destacam que “o editor dirige a produção intelectual e, como as condições em que o autor e o tradutor trabalham dependem dele em grande parte, é o responsável pela qualidade e pela quantidade de material a ser publicado” (BARKER e ESCARPIT, 1975, p. 31). Por fim, os autores destacam que ainda é necessário vender o livro, para que o ciclo da função de uma editora esteja completo. É preciso se concentrar no número de leitores, mesmo que este seja pequeno, para que aconteça a venda dos exemplares.

Nos dias de hoje, a distribuição nem sempre está contemplada no contrato de trabalho entre autor e editora. Tudo depende da relação que se estabelece entre ambos. A publicação pode ocorrer de duas maneiras: sob o regime de prestação de serviços ou comercial. Na maior parte dos casos, quem estabelece o tipo de contrato é a editora.

Para Barker e Escarpit (1975), o editor é organizador, crítico e psicólogo, e deve ser também artista e técnico. A função de editor envolve mais do que escolher um original e mandá-lo para impressão, é necessário observar a apresentação do livro, pensar sobre a sua divulgação e ter em vista o leitor potencial. Acredita-se que, atualmente, tanto o editor quanto o escritor precisam acompanhar o livro em todas as suas etapas.

O interesse comercial influencia qualquer decisão de publicação e supõe que o editor possa prever as probabilidades que o livro tem de ser lido. Para isto ele deve ser um bom crítico, certamente capaz de julgar o valor do trabalho e, o que é ainda mais importante, capaz de compreender rapidamente o que torna a obra interessante, o que ela oferece, a que sentimentos públicos corresponde e como os expressa (BARKER, ESCARPIT, 1975, p. 33).

Chartier também acredita que o editor desempenha um papel central na unificação de todos os processos que fazem de um texto um livro. Pode-se dizer que ele tem a função de “maestro do processo de publicação” (CHARTIER, 2001a, p. 51). O autor acrescenta que a profissionalização dos escritores, que ocorreu a partir do século XIX, ocasionou tensões entre escritores e editores em relação aos direitos autorais, pois os autores começaram a querer viver de sua produção literária e a solicitar aos editores que levantassem recursos para sustentar esse novo estilo de vida.

Além disso, se antes os escritores não se importavam com as características estéticas do livro enquanto produto final, após o romantismo, observa-se que eles estão preocupados com o formato do objeto livro. Esse é outro motivo vinculado ao aparecimento de uma série de tensões e desconfortos entre editores e autores no processo de produção do livro. As divergências entre autor e editor, respectivamente, em relação à forma impressa do texto e em função do que pensa do texto ou do que espera dele o mercado, “se traduzem na afirmação do novo ofício e, ao mesmo tempo, na afirmação de uma nova maneira de relação do autor com o livro e com a própria profissão de escritor” (CHARTIER, 2001a, p. 50).

Consoante Barker e Escarpit (1975), durante a década de 1970, a maioria dos editores estava preocupada com os conteúdos dos livros que publicavam e com os seus autores. Alguns prestavam demasiada atenção ao lado estético do livro, enquanto outros tinham grande capacidade de venda de livros e ficaram conhecidos como livreiros. No entanto, uma minoria ingressou no ramo editorial, interessada nos problemas relacionados à distribuição de livros. Os

pesquisadores destacam que “o desejo ardente de difundir uma mensagem e a logística necessária para essa difusão são duas coisas bem diferentes” (BARKER, ESCARPIT, 1975, p. 85).

Em suma, acredita-se que os editores contemporâneos precisam ainda mais atentar para o conteúdo dos livros e seus autores, para o *design* das obras, para o leitor em potencial, para a distribuição e venda de livros. É necessário que desenvolvam todas as habilidades necessárias para a produção e negociação do objeto de leitura ou, então, contratem profissionais que o façam. Isso se deve ao fato de o mercado do livro estar cada vez mais competitivo, exigindo a profissionalização não apenas do escritor, mas de toda a cadeia que envolve os processos de produção, distribuição e venda de livros, conforme poderá ser observado a seguir.

### **6.2.1 Considerações sobre a literatura serrana**

De maneira geral, os quatro editores entrevistados acreditam que a cena editorial da Serra Gaúcha tem se desenvolvido ao longo dos anos. Para eles, isso pode ser observado principalmente a partir do surgimento de escritores, livrarias e editoras na região. As verbas públicas, disponibilizadas pelos governos municipais para promover a publicação literária, também são um aspecto relevante desse cenário. Observa-se, ainda, que aspectos que não foram citados pelos editores, como as feiras do livro municipais e escolares, os concursos literários, os eventos culturais, os investimentos para informatizar e ampliar os acervos das bibliotecas públicas e privadas, entre outros, são avanços que também têm contribuído para o desenvolvimento e renovação da cena editorial serrana. Entretanto, este trabalho se limitará às considerações realizadas por seus entrevistados.

Em relação à produção literária, os editores percebem que há grande diversidade de gêneros sendo publicada, como contos, crônicas, romances e poesias. Ainda que a cena editorial serrana tenha tido uma oxigenação importante nos últimos dez anos, por conta de editoras pequenas e médias que surgiram, é uma paisagem que detém qualidade bastante elevada em alguns momentos e qualidade muito rebaixada em outros, segundo alguns de seus editores. Há inúmeros livros sendo produzidos e publicados, dentre os quais um editor afirmou que há alguns que ele não publicaria, mesmo que o escritor pagasse pelos custos de edição, porque considera os textos de pouca qualidade. Levando em consideração que essas obras de menor qualidade fazem parte da cena literária, ele acredita que as editoras e os próprios autores deveriam ser mais criteriosos antes de publicá-las. Esse editor destaca que há textos imaturos e crivados de clichês literários que, na sua opinião, em nada contribuem para a qualificação geral da literatura serrana.

Para os editores da região, o desempenho da literatura serrana nos últimos anos tem sido satisfatório. Eles destacam que muitos escritores surgiram no cenário literário e acreditam que há outros que ainda irão aparecer. Conforme os entrevistados, há textos muito bons e outros que ficam em um estágio raso.

Eles chamam a atenção para a grande quantidade de novos autores que surgem e se extinguem velozmente, além daqueles que apostam na repetição de fórmulas “manjadíssimas” em seus textos. Os editores também destacam que há uma “cena subterrânea” que, às vezes, fica em evidência, com textos surpreendentemente consistentes, tanto em prosa quanto em poesia.

Para a maioria dos editores, há muitos textos sendo publicados, mas que ainda precisariam ser aprimorados; outros são considerados “intocáveis” para a grande maioria de leitores; e poucos são vistos pelos entrevistados como textos de qualidade e que têm potencial para alcançar um bom número de leitores.

Eles destacam que alguns autores serranos são reconhecidos por seu trabalho não apenas na região, mas também nos âmbitos estadual e nacional. Há, ainda, aqueles que pagaram os custos de edição e publicaram um ou mais livros por uma editora serrana e agora estão sendo convidados a publicar em grandes editoras. Isso revela que, aos poucos, a literatura na região tem conquistado espaço em âmbitos maiores.

Apesar de haver bons escritores na Serra, um entrevistado aponta que eles têm certa dificuldade no pós-vendas. Ou seja, eles trabalham muito na divulgação do lançamento do livro, mas as editoras sentem que falta motivação para fazer a divulgação dos livros depois que eles são lançados. Esse comentário do editor diz respeito aos escritores que publicam de forma independente, ou seja, que pagam pelos custos da edição. Nesses casos, a editora não disponibiliza serviços de divulgação e distribuição da obra para os escritores. No contrato, apenas estão previstos gastos com edição, impressão de certo número de exemplares e, às vezes, lançamento. Ressalta-se ainda que as editoras serranas, em sua maioria, não têm capital disponível para pagar sozinhas os custos de publicação de uma obra; elas precisam que os escritores paguem parcialmente ou, na maioria dos casos, totalmente a publicação. A dificuldade em conseguir uma publicação sem que o autor invista recursos financeiros pessoais compreende grande quantidade de escritores da região, conforme apontado no capítulo anterior.

Observa-se que os escritores acreditam que as editoras poderiam auxiliá-los na distribuição dos exemplares, no entanto, elas não estão interessadas em fazê-lo, pois isso geraria custos muito altos para a empresa. Sendo assim, torna-se vantajoso economicamente para as

casas editoriais passar tal responsabilidade para o escritor, pois, na verdade, elas não estão apostando no sucesso da obra literária e do escritor, apenas estão oferecendo um serviço.

Por fim, os editores ressaltam que não é possível delimitar geograficamente a literatura, cercá-la por topografias municipais ou regionais. Eles defendem que o texto que é bom na Serra é bom em qualquer lugar, inclusive na internet. O que é ruim, igualmente. Entretanto, é preciso observar que certas redes de relações que se estabelecem no sistema literário podem trazer prestígio e *status* para determinadas obras e escritores, o que contribuirá para que rompam o âmbito regional e conquistem novos espaços em sistemas literários mais amplos, muitas vezes independentemente de sua qualidade literária.

Todos os editores acreditam que há escritores com futuro literário promissor na região. No entanto, eles não citam nomes. Eles explicam que há diversos escritores com talento na Serra, mas é difícil saber se eles serão reconhecidos por seu trabalho.

Eles consideram perigoso citar nomes porque a literatura (para os editores, essa parece ser a mágica de todo o processo) é como se fosse uma bolsa de valores, pois envolve muitos fatores imprevisíveis. Pedro Almeida, editor da Novo Conceito, elaborou uma lista sobre como fazer um *best seller*. Ele cita diversos fatores, mas o último deles, que conforme o editor é o mais importante, é o “Fator X”, que significa qualquer coisa. Ou seja, ninguém sabe qual será o diferencial que poderá tornar a obra um *best seller*. Pode ocorrer de um excelente escritor jamais conseguir conquistar muitos leitores. Na História, por exemplo, há muitos casos de escritores que não foram reconhecidos por seu trabalho literário na sua época, apenas posteriormente. Portanto, os editores podem considerar determinado escritor um talento, mas isso não garante que ele tenha uma carreira literária promissora.

Para Escarpit, “uma obra não é como uma máquina cujo efeito se constata na prática, uma invenção verificável por 100 maneiras, um segredo cujo sucesso se prova” (1976, p. 133). Mesmo para uma obra considerada de qualidade institucionalmente, por exemplo, “o sucesso depende de uma infinidade de circunstâncias, razoáveis ou extravagantes, que nenhum interesse, por mais sagaz, teria capacidade de prever” (Diderot *apud* Escarpit, 1976, p. 133).

Escarpit define várias formas de sucesso dos livros. Os *livros de impacto* “atingem rapidamente elevadas cifras de vendagem, têm sua rentabilidade assegurada em poucas semanas, depois caem progressivamente no esquecimento, sem que haja necessidade de mobilizar novos capitais e reimpressões” (1976, p. 110). Os *livros de fundo* se lançam lenta, mas regularmente, “sem variações maiores que as de circunstâncias de épocas: férias, retorno às aulas, prêmios literários, festas etc. Tais livros têm rentabilidade assegurada por vários meses, talvez vários anos, e sua longa carreira permite ao editor reinvestir seu capital várias

vezes com toda segurança” (1976, p. 110). O típico livro de fundo é quase sempre um livro funcional que responde a uma necessidade permanente, como manuais escolares, tratados científicos ou livros de cozinha. Por fim, o *livro best seller* “é a forma mais espetacular de sucesso, pois combina os dois tipos: começa sua carreira como livro de impacto, e a continua como livro de fundo” (1976, p. 110).

Observa-se que, há alguns anos, para um bom escritor obter sucesso, ele só precisava encontrar uma boa editora que publicasse o seu livro. O processo era simples quando havia poucos livros publicados por ano: uma editora encontrava um Gabriel García Márquez, por exemplo, e era só colocá-lo no mercado para fazer sucesso. Hoje, vários livros vendem milhões de exemplares nos Estados Unidos, por exemplo, e aqui vendem 700 exemplares – e o contrário também acontece. Por isso, há inúmeros casos de grandes livros que ninguém conhece.

Atualmente, são lançados 150 livros novos por dia no Brasil, fora as reedições, o que significa que o mercado está muito mais pulverizado, e existe, na internet, uma guerra de divulgação de diversos produtos e serviços. Quando as editoras divulgam um livro, elas competem no mesmo patamar com “The Game of Thrones”, por exemplo. Elas não competem mais apenas com livros publicados por outras editoras e pequenos *games*, elas chegaram a um ponto no qual a internet as faz competir até mesmo com as redes sociais. Os parâmetros todos mudaram, e por isso os editores entrevistados consideram difícil citar nomes de escritores serranos com um futuro literário promissor. Alcançar o sucesso depende do imponderável e de um esforço gigantesco do próprio escritor para divulgar o livro e criar a sua plataforma de leitores.

### **6.2.2 As chances de um escritor publicar**

Todos os quatro entrevistados afirmam que sempre existe a possibilidade de um escritor publicar um livro. Todos os autores concordam que as chances de publicação são maiores que antigamente, no entanto, é difícil para um autor publicar o seu primeiro livro em uma editora comercial, ou seja, ter os custos de publicação pagos por ela. Casas editoriais de porte médio e pequeno dificilmente assumem todos os riscos de publicação de uma obra, pois, na maioria das vezes, não possuem capital financeiro suficiente para arcar com essas despesas. Conforme informações coletadas, o custo para a editora torna-se muito alto, pois além do trabalho de revisão e gráfico, por exemplo, ainda há gastos com a impressão, que é muito cara, visto que o mercado gráfico é regido por altos impostos.

A Editora Belas Letras, por exemplo, opera com dois selos principais, Belas-Letras e Quatrilho. O primeiro é o da editora comercial e o segundo refere-se à prestação de serviços.

Em uma editora comercial, o autor não desembolsa qualquer valor financeiro: a editora paga todos os custos e o autor recebe um percentual sobre o preço de capa dos livros vendidos. Já no selo da prestação de serviços, o autor paga pela publicação. A diferença entre esses dois modelos é que em um deles o risco maior é da editora, e no outro o risco é do autor. A editora comercial faz um investimento e espera retorno. Desse modo, quando ela recebe os originais para avaliação, está em jogo se o livro vale o investimento que deverá ser realizado. Os livros que não se pagam e não têm relação de conteúdo com o selo são retirados do rol de possíveis publicações da editora. Por outro lado, na prestação de serviços, a editora não realiza essa triagem, porque os riscos ficam por conta do próprio escritor. Nesses dois perfis de editora, os riscos são transferidos de um para outro (do autor para a editora ou vice-versa). Nesse sentido, as leis de incentivo são extremamente importantes, porque eliminam os dois riscos, do editor e do autor. A maioria das editoras funciona dessas duas maneiras; caso isso não acontecesse, alguns escritores nunca teriam a chance de publicar, pois as editoras não assumiriam os riscos.

Segundo os entrevistados, as chances de um escritor publicar não têm relação unicamente com a qualidade do texto, que é o mínimo que ele precisa ter. A editora comercial toma muito cuidado com aquilo que avalia, porque o risco é enorme. No selo comercial, as editoras assumem os riscos, mas fazem uma série de análises, como quantos fãs o autor tem na internet e quantos exemplares o livro precisa vender para pagar o investimento.

Portanto, é muito difícil, nos dias atuais, um escritor publicar um livro sem ter que pagar toda a edição ou, ao menos, parte dela. A obra tem que realmente ser de alta qualidade (sob a percepção de seu editor) para que isso ocorra, além de atender às necessidades do mercado do livro e contar com um público leitor potencial. Na Editora Maneco, por exemplo, a primeira edição dos livros publicados geralmente é bancada pelo próprio autor ou por investimentos de terceiros. Se o livro obtiver uma boa aceitação por parte dos leitores e se os exemplares estiverem praticamente esgotados, a editora paga a segunda edição. Para que isso aconteça, o editor destaca que a editora faz parcerias com as escolas da região e leva o escritor até lá para que haja divulgação da obra e venda dos exemplares.

A editora Virtua, por sua vez, cobra o custo de produção (que, segundo o seu editor, é menor que o de outras editoras, porque ele trabalha sozinho), mas o próprio autor negocia o pagamento da gráfica, quando possível. O editor cobra 50% do valor de entrada e, ao finalizar o trabalho, o envia para a gráfica, e o escritor paga o restante. O editor destaca que 34 títulos foram publicados nesse sistema pela editora, em três anos. Para os livros de pequena tiragem (até 100 exemplares), ele consegue oferecer produção própria, é um processo artesanal, mas que chega bem perto da qualidade de grandes gráficas. O sistema de pagamento é o mesmo.



Em relação à publicação de poesia, os editores afirmam que esse segmento tem um público bastante restrito, o que faz com que as editoras fiquem bem mais cuidadosas e criteriosas na hora de investir. Um romance fantástico, por exemplo, é mais procurado pelos leitores, o que poderá encorajar a editora a investir nessa publicação. Além disso, a publicação de prosa parece receber mais atenção dos programas públicos de financiamento de literatura.

Dentre os entrevistados, um editor afirma que ainda não conseguiu assumir integralmente os custos de qualquer publicação. Ele relata que já recebeu textos que, se tivesse condições, teria publicado e acredita que teria obtido bons lucros, mas a ausência de capital financeiro na editora impossibilitou tal investimento. Para ele, se a literatura em geral já tem um público bem restrito, na poesia isso se acentua mais ainda. Para uma editora publicar uma obra de poesia, é preciso que o autor já seja reconhecido por seu trabalho. A editora precisa ter muita segurança para bancar uma obra desse gênero. No caso das pequenas editoras, por exemplo, torna-se impossível pagar os custos de uma obra de poesia, pois não é possível vislumbrar uma recuperação do investimento realizado.

Apenas um editor afirma que publica poesia sem que o autor pague pela edição. No entanto, ele destaca que a editora precisa se certificar de que a obra trará retorno financeiro. A decisão de pagar ou não os custos da edição dependerá do texto que o escritor apresentará para a editora.

Um dos editores destaca que, há algum tempo, a única maneira de consumir poesia se dava através de um livro. Hoje, é possível encontrar poesia no *Facebook*, em jogos americanos e até em muros. Ou seja, a poesia não morreu, ela só utiliza outras plataformas para se manifestar. Para tornar a poesia novamente publicável e rentável, é preciso entender que não é mais só a poesia que vai atrair o leitor, é necessário transformar os livros em objetos de desejo.

Um exemplo sobre como tornar o livro de poemas um objeto de desejo é o projeto literário realizado entre a editora Belas Letras e o escritor gaúcho Carpinejar. Nesse projeto, a editora comprou uma antiga máquina de escrever e a enviou para o escritor, que, durante cem dias, escreveu cem poemas de amor à máquina, posteriormente publicados em um livro. Observa-se que o objetivo da editora não é apenas publicar e comercializar um livro de poesia, mas criar expectativa no leitor para que ele compre seu exemplar. O editor responsável pelo projeto acredita que há um caminho para a publicação de poesia nesse viés, mas é preciso ser criativo e atrair os leitores. O entrevistado destaca que os poetas em geral não têm a noção de que isso é necessário para a nova poesia, porque eles ainda estão muito presos à ideia de escrever e enviar o material a uma editora. A poesia tem viabilidade bem menor do que tinha

antes, mas, através de um projeto, de uma releitura do que seja a poesia, é possível que a editora pague pelos gastos de sua publicação.

Os editores destacam que as leis de fomento à cultura que alguns municípios da Serra criaram colaboraram para aumentar as chances de publicação de muitos escritores. Ao serem premiados nos concursos, os autores recebem recursos financeiros para pagar os custos de edição do seu livro. Nesse sistema, tanto a editora quanto o escritor ficam isentos de investimentos financeiros no processo de publicação das obras. No entanto, após ter seu livro publicado, cada escritor fica encarregado de distribuir e vender os exemplares, pois, conforme já apresentado, as editoras não se comprometem com tais atividades.

Todos os editores entrevistados concordam que as leis de incentivo à publicação criaram um mercado até então inexistente. Além disso, viabilizaram a publicação para autores que talvez jamais conseguiriam publicar, seja por falta de condições financeiras ou de uma editora que aceitasse pagar os custos de sua publicação.

Mesmo assim, apesar de viabilizar a edição de livros de muitos autores, alguns editores destacam os pontos que precisam ser melhorados em relação à provisão de recursos públicos para publicação de obras. Eles acreditam que ainda ocorre mau uso da verba pública, por conta da falta de planejamento das prefeituras, o que se percebe na maneira como elas organizam todo o processo dos concursos. Por exemplo, determinada prefeitura disponibiliza R\$ 35 mil para a organização de um livro, mas, às vezes, o custo efetivo é de somente R\$ 5 mil. No entanto, como o dinheiro é público, as gráficas e editoras superfaturam o orçamento. Um editor relata que já trabalhou em uma editora cujo dono mandava aumentar o valor do orçamento quando a produção do livro estava vinculada a programas públicos de incentivo à produção cultural. Acredita-se que o gerenciamento desse dinheiro poderia ser melhor organizado. Uma alternativa seria aumentar o número de projetos contemplados ou diminuir o valor por projeto premiado e repassar o restante do dinheiro para outras áreas, ou seja, o processo deveria ser melhor gerenciado por parte dos governos municipais. Acredita-se, ainda, na necessidade da conscientização dos prestadores de serviço, pois muitos deles veem isso como uma maneira de ganhar dinheiro fácil e, quando o livro está pronto, apenas fazem a entrega dos exemplares e esquecem o autor.

Outro editor também destaca que os processos de seleção dos textos contemplados precisam ser qualificados, pois há muitos textos financiados cuja qualidade literária é questionável, na sua opinião. Ele pontua que nos concursos há textos ótimos (poucos, raros), medianos e ruins (a maioria). Frequentemente, os textos considerados regulares acabam entrando no rol de premiações, o que de certa forma, ainda que seja a porta de entrada de muitos

autores, dilui a qualidade geral da produção serrana. Em muitos casos, a premiação para determinado escritor poderá contribuir para impulsionar sua carreira, ou para extingui-la. Entretanto, apesar de observar que existem muitos textos ruins sendo premiados, o editor acredita que, daqui a algum tempo, a Serra Gaúcha irá crescer nesse aspecto e melhorar as avaliações dos textos. Ele defende, inclusive, que se em determinado edital não houver obra que detenha qualidade (ainda que "qualidade" seja um critério inevitavelmente atravessado pela subjetividade do avaliador), ninguém seja contemplado.

Apesar dos altos orçamentos propostos por algumas editoras locais e da grande quantidade de textos premiados considerados de baixa qualidade, conforme apontaram alguns dos editores do sistema, acredita-se que o financiamento público ainda é fundamental para o contínuo desenvolvimento da paisagem literária serrana. É preciso buscar soluções para qualificar as diferentes etapas dos concursos, para que seja feito o uso consciente, adequado e efetivo das verbas públicas disponibilizadas para a publicação literária, de modo que os resultados sejam ainda mais oportunos e para que o sistema literário em questão siga se fortalecendo. Portanto, para alguns editores, o financiamento público é uma excelente iniciativa, mas deve ser repensado.

Vale mencionar que os entrevistados acreditam que é muito bom para as editoras serranas publicar autores oriundos da região, uma vez que dessa forma contribuem para manter e renovar o cenário literário regional. Entretanto, o que realmente importa é a qualidade do texto literário; nenhuma editora irá pagar os custos da edição só porque o escritor pertence à mesma região de origem que ela. Conforme os entrevistados, o que realmente faz a diferença é a qualidade do texto e a existência de um público leitor interessado na obra e no seu escritor.

### **6.2.3 As mídias digitais e os escritores serranos**

Os editores reconhecem que atualmente é preciso entrar no mundo virtual para ampliar os horizontes de recepção de determinada obra. Para eles, a internet pode contribuir de forma efetiva não apenas para os escritores divulgarem a sua produção literária e venderem seus exemplares, mas também para publicarem textos inéditos.

Entre 1897 e 1980, na Serra Gaúcha, por exemplo, eram publicados muitos textos literários em jornais. A Serra contava, inclusive, com diversos jornais exclusivamente literários, que surgiram ao longo dos anos e foram, durante muito tempo, o principal meio de publicação da literatura produzida na região. Hoje, a internet é a forma mais viável para divulgação e publicação de textos, pois na televisão os custos são muito altos e nos jornais também é necessário investimento financeiro. Além disso, é muito difícil conseguir abertura nesses meios

de comunicação. Portanto, ela é um canal de comunicação barato e disponível para os escritores e que, na opinião dos editores, deve ser usado.

Já faz alguns anos que existe a discussão sobre se a internet irá acabar com o livro. Os editores serranos advogam que ela não é o fim do livro, mas o seu começo. Enquanto muitos veem a rede mundial de computadores como uma ameaça, os editores entrevistados acreditam que ela é um ponto de partida para os escritores ampliarem o alcance do seu trabalho. Atualmente, muitas editoras, inclusive serranas, têm a internet como ponto de partida. Muitos autores que têm publicado livros na atualidade vieram do mundo virtual para o livro impresso. Conforme os relatos, centenas de autores entram em contato com os editores perguntando como devem proceder para que a editora pague os custos de edição do seu livro. Os editores deixam claro que incentivam o autor a divulgar o seu trabalho em plataformas digitais, e não oferecê-lo às editoras.

Acredita-se, diante do cenário atual, que diversos escritores estão batendo nas portas erradas, uma vez que, enquanto enviam originais para as editoras, elas estão deixando de ler o material recebido para pesquisar na internet quem são os escritores que já contam com um público leitor potencial. Algumas editoras ficam mais tempo pesquisando escritores que estão conectados com o mundo virtual, do que avaliando os originais que chegam todos os dias. Por isso, não apenas para alcançar um público de leitores, mas também para ser publicado por uma editora, a internet é o ponto de partida. É onde tudo começa, e não onde termina.

Os editores também problematizam a questão no sentido de que a internet possibilita a publicação de textos independentemente do seu conteúdo, forma ou qualidade literária reconhecida. Um dos entrevistados acredita que o escritor não deveria publicar seus textos apenas na internet, exclusivamente. Ele salienta que o livro físico, nesse sentido, parece ser muito mais sedutor, perene e consistente. Apesar de muitos textos literários serem publicados em *blogs*, *sites* e redes sociais, em sua opinião, o livro (inclusive o *e-book*) persiste como o principal suporte do texto literário.

A extrema facilidade de se publicar na internet ainda é muito recente e, por isso, é possível deparar-se com impasses como, por exemplo, a proibição da submissão de textos que já foram divulgados *online* em alguns concursos literários, ou a escassa frequência dos internautas na maioria dos *blogs* voltados para esse fim. Os editores acrescentam que algumas pessoas publicam textos inacreditavelmente ruins pensando que o que produziram é literatura. Para eles, apenas o distanciamento histórico ajudará a perceber as consequências (positivas ou negativas) de se publicar obras literárias na internet.

Outro entrevistado afirma que a internet para as editoras é um grande rival, que pode, contudo, ser também um forte aliado, dependendo do modo como os editores lidam com ela. Os escritores partem para a publicação de obras em plataformas digitais porque terão pouco ou nenhum investimento financeiro, além de terem a possibilidade de fazer todo o gerenciamento do seu livro pessoalmente. No entanto, em muitos casos, eles não poderão contar com um editor para dar sugestões que qualifiquem o livro (*e-book*) que está sendo produzido. Questões visuais da obra e o perfil da escrita *online* são exemplos de aspectos com os quais um editor pode contribuir para oferecer um *e-book* de qualidade aos leitores. Então, se a editora souber trabalhar isso, poderá mostrar ao escritor que a parceria com ela dará origem a um produto melhor e trará melhores resultados para a versão final do escrito. É comum as editoras perderem muitos autores por eles terem acesso fácil e grátis a esse serviço de publicação *online* de textos. Isso também ocorre quando os autores partem para as gráficas, que inserem o texto em determinado programa e o imprimem, sem trabalhar a parte gráfica e visual do livro, por exemplo.

Portanto, a internet pode ser um grande problema, uma vez que as editoras acabam perdendo campo de trabalho. No entanto, ao mesmo tempo, pode ser vantajoso para os editores, se eles conseguirem convencer os escritores de que o resultado será melhor ao trabalharem com uma editora. Obviamente, os serviços oferecidos deverão estar de acordo com a nova necessidade dos escritores, ou seja, as editoras precisarão se adequar ao mercado de prestação de serviços da publicação *online*.

#### **6.2.4 O mercado literário da Serra Gaúcha**

Os editores, em sua maioria, afirmam que não há um mercado literário consolidado na Serra Gaúcha. Sob o ponto de vista mais pessimista, não existe um mercado, porque há a necessidade de vários profissionais de cada área e, na Serra, algumas áreas ainda não estão estabelecidas de forma plena. Um editor explica seu posicionamento ao afirmar que há uma pequena oferta de livrarias na região. Para ele, ainda não existe um mercado, mas há potencial para o seu surgimento e consolidação. Conforme o entrevistado, a oferta de livrarias é ponto de partida para que se observe o mercado literário, mas, se não houver livrarias, não há leitores, e sem leitores não há mercado.

Além disso, ele destaca que algumas áreas encontram-se defasadas, como a de marketing para escritores. Estes escrevem, publicam e não sabem o que fazer com os livros, não sabem como chegar aos leitores. Para existir efetivamente um mercado, ele defende a necessidade de maior profissionalização, principalmente das livrarias, das editoras e dos escritores.

Apesar das considerações anteriores, os editores acreditam que a Serra está muito mais avançada que outras regiões do estado. Para eles, no Rio Grande do Sul, apenas Porto Alegre já galgou avanços maiores em termos de desenvolvimento de um mercado literário. Em síntese, a maioria dos editores acredita que não há um mercado consolidado na região, mas considera que ele está em formação.

Outro fator apontado como problema para a consolidação de um mercado literário local é a centralização do sistema literário no Sudeste do país. Há um consenso involuntário entre escritores, editores e leitores de que é preciso que as obras e seus autores se insiram em mercados literários maiores, como Rio de Janeiro e São Paulo, para que possam ficar conhecidos. Nesse sentido, parece que o sistema literário regional é apenas um mecanismo de impulso, pois para ser um escritor de sucesso é necessário alçar âmbitos maiores. Na visão dos editores, é necessário criar novas vias e redes, que precisarão ser articuladas de modo rizomático para que o cenário literário local se movimente e continue se desenvolvendo.

Os editores também destacam a necessidade de os escritores apresentarem uma postura diferente ao publicar uma obra. Eles ressaltam que há falta de planejamento em relação ao mercado literário por parte dos escritores. Segundo os relatos, eles ficam ansiosos para publicar o livro e acabam esquecendo a fase de pós-lançamento. É preciso que eles entendam as três etapas do processo: escrever, publicar e vender. Existem escritores que escrevem para si mesmos e provavelmente nunca venderão muitos livros. E há também aqueles que escrevem para os outros e que poderão conquistar o mercado. Entretanto, o escritor precisa ter consciência de qual é o tamanho do outro: será que ele escreve para 50 pessoas ou para 1 milhão de pessoas que terão interesse no livro? Alguns editores acreditam que falta profissionalismo por parte dos escritores da região, pois, quando eles escrevem, precisam ser conscientes sobre para quem estão escrevendo e qual é o interesse legítimo que as pessoas podem ter naqueles livros que eles estão produzindo.

Para Escarpit (1969), há quatro escalões de sucesso: *o falhanço*, quando a venda do livro é uma perda para o editor e para o livreiro; *o semi-sucesso*, quando o livro equilibra o seu orçamento; *o sucesso normal*, quando a venda corresponde aproximadamente às previsões do editor; e *o best seller*, quando a obra ultrapassa os limites previstos de venda, além do normal.

Tanto os editores serranos, quanto Escarpit (1969), acreditam que o sucesso de um livro está diretamente relacionado ao número de leitores que poderão se interessar por determinada obra. Inicialmente, os leitores de uma obra são os familiares e amigos mais próximos do escritor. Após esse estágio inicial, vem o trabalho do escritor em construir sua carreira literária e angariar leitores para a sua produção.

Portanto, segundo Escarpit (1969) e os editores entrevistados, é necessário que os escritores compreendam para quem escrevem e tenham noção do tamanho do seu público, para, assim, atuarem de maneira eficiente na divulgação, distribuição e venda de livros, especialmente nos casos em que a editora não se compromete com esses processos.

Os editores defendem que é preciso aumentar o consumo de livros na região. Segundo a opinião de um editor, o mercado literário na Serra estagnou há pelo menos três anos. Por isso, tem-se buscado alternativas para criar novos leitores e manter os já conquistados. Na Serra, segundo pesquisas de mercado desenvolvidas pelas editoras locais, os leitores leem um livro de determinado escritor e não buscam outras obras de mesma autoria, pois não há essa cultura na região. É preciso intervir na cultura regional, que, conforme os entrevistados, se resume a trabalhar e pagar contas, sem ter tempo para o lazer. E quando se tem esse tempo, o livro normalmente é uma das últimas opções de lazer a serem escolhidas. Infelizmente, estamos em um país onde não existe o hábito de comprar livros e entender isso como um ato para benefício próprio. Pensa-se, muitas vezes, que é algo supérfluo. Por isso, é preciso trabalhar de modo que se consiga manter os leitores e conquistar novos. Escarpit ressalta que:

A produção e o consumo de livros literários estão ligados à estrutura política na medida em que são atividades voluntárias, que traduzem a existência, em certas pessoas – escritores ou leitores – de uma necessidade de um certo tipo de comunicação. Essa necessidade pode ser limitada exteriormente por fatores institucionais – propaganda, política, polícia, religião – ou por fatores que atuam de modo direto, favorável ou desfavoravelmente, sobre o desejo e a capacidade de comunicação das pessoas – analfabetismo ou educação, miséria ou alto nível de vida. De qualquer forma, não pode haver produção literária original em um país se não existe uma população de escritores suficiente para alimentar essa produção e se não existe uma população de leitores suficiente para permitir o consumo que a justifique doutrinal ou economicamente. O grau de sucesso do livro literário nos diferentes países depende, pois, em última análise, das instituições políticas e sociais do país, do grau de instrução e de lazer de seus habitantes e da situação demográfica – da existência, no país, de uma população capaz de fornecer um número suficiente tanto de leitores como de escritores. As duas categorias se interdependem. Esquece-se frequentemente que o escritor, primeiro, é leitor, é uma emanção do meio literário, e por este sustentado não só moral como economicamente. Se num país não há leitores suficientes para manter o escritor, haverá menos escritores, pois só poderão dedicar-se a escrever os que tiverem recursos necessários para trabalhar sem remuneração, ou, no caso de uma economia dirigida, tiverem sua subsistência assegurada pelo Estado ou por outro organismo (ESCARPIT, 1976, p. 65).

Escarpit explica como a população de escritores e a de leitores depende uma da outra. Apesar de tratar o assunto em nível nacional, é possível transferir algumas de suas considerações para pensar o cenário literário regional. Os editores afirmam que é necessário aumentar o número de leitores na região em questão, pois o mercado literário regional está estagnado. No capítulo 4 desta tese, foi possível observar que há muitos escritores produzindo na Serra, no entanto, poucos são os que conseguem sobreviver de sua escrita – a maioria exerce

outra profissão para pagar suas despesas. Em uma análise que não leva em consideração a qualidade estética das obras, isso possivelmente se deve ao fato de não haver leitores suficientes na região para absorver todos esses escritores que estão publicando. Por isso, talvez, haja tantos autores com apenas uma publicação. A ausência de público que absorva a grande quantidade de livros que surgem no mercado regional dificulta a publicação por editoras comerciais, bem como a profissionalização dos escritores e a circulação das obras.

Além disso, os editores atentam para questões culturais da região de imigração, principalmente italiana, que supervaloriza o trabalho e a aquisição de bens materiais, em detrimento da emancipação intelectual e artística. Certamente, essa seria outra pesquisa a ser desenvolvida, entretanto, o que se observa, conforme afirmações de escritores e editores da região, é que a população de modo geral não tem o hábito de ler como atividade de lazer, mas apenas com fins específicos, como adquirir conhecimento acerca de determinada área, resolver alguma prova etc. Esse também parece ser o lugar que a literatura ocupa no cenário nacional, conforme as opiniões dos entrevistados.

### **6.2.5 Questões de prestígio e difusão da literatura serrana**

Os editores articulam que grande parte dos escritores que estão escrevendo atualmente é composta de jovens em sua carreira, que por isso enfrenta muitas dificuldades para ter seus livros publicados. Normalmente, eles publicam apenas através de uma lei de incentivo à cultura, pois não têm como pagar os custos de edição da obra e as editoras não estão dispostas a publicar escritores que não possuem um público leitor consolidado.

Apesar de existirem escritores talentosos na literatura serrana, há dificuldades para esses escritores publicarem e divulgarem o seu trabalho, inclusive por causa da resistência de algumas livrarias da região. Há relatos de que boa parcela das livrarias é fechada para os escritores locais. Segundo os entrevistados, muitas livrarias não recebem escritores e editores serranos. Os respondentes acreditam que essa abertura das livrarias contribuiria para a difusão da literatura produzida na região.

Conforme Barker e Escarpit, na década de 1970, as livrarias eram consideradas parte essencial na distribuição de livros, pois, mediante o contato com o livreiro, o editor poderia compreender melhor as demandas do público leitor. Os autores destacam que:

A demanda de certos tipos de publicações – compêndios, tratados e livros para certas áreas como medicina e direito – pode ser conhecida de antemão pelo editor com um grau razoável de acerto. Não obstante, o editor precisa que o livreiro mantenha em estoque não apenas esses títulos “garantidos” e os *best sellers* do momento, mas também outros títulos que o leitor normalmente não compraria se não os encontrasse



ao seu alcance ou não os pudesse encomendar com um mínimo de trabalho (BARKER, ESCARPIT, 1975, p. 72).

Atualmente, com os avanços na comunicação, que ocorreram principalmente através da democratização do acesso à internet, os editores buscam *online* informações sobre leitores, tendências e gostos literários, de modo que não se encontram mais tão dependentes dos livreiros para saber quais temáticas, gêneros, autores etc. os leitores estão procurando. No entanto, especialmente no caso da literatura regional, as livrarias podem exercer forte influência sobre o leitor. O fato de um livro, de cuja existência o leitor talvez jamais tomasse conhecimento, estar ao seu alcance na prateleira de uma livraria pode ser decisivo para que ele venha a adquiri-lo. De acordo com Barker e Escarpit (1975), na pior das hipóteses, a livraria serve para vender livros a um leitor impulsivo ou de ponto de parada para um leitor em potencial. Na melhor das hipóteses, a livraria, principalmente a especializada, oferece ainda a vantagem de orientação sobre livros de interesse particular do leitor.

Para os autores, “a livraria é praticamente uma extensão do depósito do editor – recebendo o produto por atacado e passando-o aos clientes” (BARKER; ESCARPIT, 1975, p. 73). Ressalta-se, ainda, que muitas vezes as livrarias estimulam a demanda simplesmente por terem os livros à venda. “[...] Juntamente com as bibliotecas a livraria é o instrumento principal de atendimento das necessidades locais dos livros” (BARKER; ESCARPIT, 1975, p. 73).

Atualmente, não se pode ignorar a internet como poderosa ferramenta de divulgação e distribuição de livros. Conforme foi observado, cada vez mais os escritores serranos estão buscando se inserir no meio virtual para divulgar sua produção e angariar leitores. Editoras serranas também atuam de forma eficiente nessa esfera para divulgar a sua marca e os livros que estão publicando. No entanto, há aquelas sobre as quais não foi possível encontrar informação alguma *online*, ou que disponibilizam informações desatualizadas e com baixa frequência. Apesar de a internet ser o principal canal de comunicação da maior parte das pessoas e muito oportuna para divulgação e venda de livros, conforme os entrevistados, na Serra Gaúcha as livrarias continuam sendo essenciais para o fomento à leitura e para a divulgação e venda de livros de autores que produzem na região para a comunidade local.

Escarpit (1976) destaca que a circulação comercial do livro é muito particular, pois o público terá reações diferentes diante de cada obra. Não apenas a qualidade do texto e a sua temática estão em jogo: quem publica, quem vende, quem critica, quem divulga determinado texto são exemplos de fatores que poderão fazer bastante diferença para impulsionar ou não a circulação literária.

Acredita-se que a programação de edições, especialmente da fase em que ocorre a pesquisa das demandas dos leitores, permite que se descubram importantes massas de leitores especializados. Contudo, é necessário que o editor esteja com um olhar atento, para não publicar apenas aquilo que considera seguro e confortável para a sua editora, pois frequentemente há textos com muito potencial, nos quais vale a pena investir tempo e dinheiro, e correr riscos para garantir “a vitalidade e a força criativa da edição” (ESCARPIT, 1976, p. 134).

Alguns editores destacam ainda que entre eles deveria existir um convívio um pouco mais amigável, visto que há um jogo de conflitos entre as editoras, sobretudo envolvendo os programas de financiamento público para publicação de obras de autores locais. O conflito se deve ao fato de que a maior parte dos projetos literários é feita por uma única editora. Os demais editores querem que se abram oportunidades para a participação de outras casas de edição e que se criem critérios para a sua escolha. Dessa forma, eles acreditam que todas as editoras poderão ser beneficiadas com o programa, impulsionando não apenas a produção literária, mas também o crescimento das empresas de edição especializadas na publicação literária na região.

Os editores ressaltam que o financiamento público, nos moldes como hoje existe, provocou aumento na demanda da avaliação de trabalhos. No entanto, ainda existe um cacoete antigo, uma forma de avaliar os textos literários que leva muito em conta o compadrio e a amizade – e isso ocorre não só na Serra. Para os editores, na literatura, isso é péssimo, pois a definição da cena, de seus contornos, fica comprometida por algo extraliterário. Basta observar a cena literária brasileira para se ter uma ideia de que determinados grupos de autores, de determinadas casas editoriais, autores ligados a esta ou àquela instituição, próximos da chamada grande imprensa, são os que mais aparecem. Desse modo, o critério especificamente literário se afoga no meio de outros. Nesse sentido, pequenas editoras em parceria com autores novos, inéditos, pouco conhecidos, acabam por compor uma outra cena, periférica, insubmissa ao mercado editorial clássico. Pequenas editoras via de regra não dispõem de fundos para bancar integralmente edições, de modo que precisam contar com a parceria dos autores para viabilizá-las; e o problema da circulação e da distribuição continua sendo central para a permanência de pequenas editoras.

Acredita-se que Escarpit (1969) esteja correto ao afirmar que o desequilíbrio da distribuição literária está diretamente ligado ao desequilíbrio que também ocorre na sua produção. Para o autor:

Vê-se que, em última análise, o desequilíbrio da distribuição corresponde ao desequilíbrio da produção, mas ambos são apenas aspectos parciais do mesmo problema. As soluções institucionais do tipo Caixas das Letras, para produção, ou do tipo organização cultural, para a distribuição, são apenas paliativos técnicos. A

solução, se há solução, encontra-se apenas ao nível do comportamento dos grupos humanos frente à literatura, isto é, ao nível do consumo (ESCARPIT, 1969, p. 161).

Na Serra Gaúcha, esse desequilíbrio fica em evidência ao compreendermos que há muitos escritores produzindo textos, mas que não conseguem fazer com que eles circulem nem mesmo na comunidade da qual fazem parte. Acredita-se que o grande número de escritores que publicam de forma independente na região, ou seja, que pagam pelos custos de edição do livro (através de recursos próprios, de verbas privadas ou públicas), tem contribuído para que o desequilíbrio entre produção, distribuição e consumo de obras tenha se acentuado nos últimos anos.

Em 1975, Barker e Escarpit atentavam para a necessidade de um especialista em distribuição nas editoras. Naquela época, as despesas de distribuição já eram um problema, pois os altos custos com armazenamento, faturamento, acondicionamento e expedição já refletiam no preço dos livros. Na Serra, as editoras afirmam que não podem assumir o compromisso de distribuir as obras literárias, principalmente aquelas publicadas de forma independente, pois não contam com um amplo âmbito de distribuição, além da falta de recursos financeiros para manter o estoque (aluguel, questões logísticas etc.). Outro fator que impede as editoras de distribuírem as obras publicadas de forma independente é a falta de relação do texto com a sua linha editorial. Dessa maneira, ela só realiza a edição do livro, mas não se compromete em distribuí-lo, já que o texto não está de acordo com os parâmetros de publicação pré-estabelecidos pela linha de trabalho da editora.

Essa é uma equação difícil de resolver, que precisa ser pensada de forma especial pelos órgãos públicos que investem altos recursos financeiros na promoção da impressão de textos literários com o objetivo de fomento não apenas à publicação literária, mas também à leitura, ao intercâmbio literário e à criação de possibilidades para novos escritores terem os seus textos circulando no mercado. No entanto, observa-se que escritores com vários livros editados continuam dependendo dos financiamentos públicos para se manterem publicando, assim como escritores que já publicaram de forma independente estão com centenas de exemplares guardados em suas casas, porque não conseguem fazê-los circular.

O diálogo entre editores, escritores, livreiros, instituições públicas e privadas poderá encontrar alternativas para ampliar a difusão da literatura serrana. No entanto, parece que não existe, ainda, a compreensão global da situação por parte de todos os envolvidos no processo de produção, distribuição e venda de livros na Serra.

Mesmo assim, a discussão sobre o tema e a busca de soluções para ele não significa que todos os textos publicados terão prestígio e circulação garantidos. E não é esse o propósito

de pensar sobre o assunto. Acredita-se que, a partir daí, surgirão possibilidades e estratégias para que obras literárias serranas circulem e cheguem aos leitores da região. Certamente, muitas delas poderão ser rejeitadas pelo público, mas ao menos terão sido apresentadas aos leitores, que farão suas próprias escolhas literárias.

Por fim, “é preciso não minimizar a importância da obra literária que fracassa. O sucesso é apenas a parte mais notável da multiformidade da vida intelectual e artística” (ESCARPIT, 1976, p. 116). Não importa se apenas um livro dentre dezenas alcançou um renome durável, mesmo assim, outros livros terão sido publicados e lidos por, talvez, um número considerável de pessoas, visto que o acesso às obras foi garantido. Além disso, dentre muitos textos enviados para concursos literários, apenas alguns ganharão o benefício de serem publicados, o que supõe a existência de atividade intelectual e artística em vários níveis. Em suma, acredita-se que a intensidade e a riqueza da vida literária de uma região não podem ser dimensionadas pelo número de seus *best sellers*, “mas pelo número de escritores e leitores, pela sua diversidade de talentos e gostos, pela multiplicidade de intercâmbios, pela variedade de muitas espécies de experiências culturais” (ESCARPIT, 1976, p. 116).

*“Eu acho que a função do poeta é produzir emoção, é despertar no próximo um sentimento de beleza, de alegria, de tristeza — mas sobretudo um sentimento de comunhão com a vida. A vida é múltipla, complexa, não se limita à restauração de direitos democráticos ou a uma ordem em que todas as pessoas respeitem a natureza. Viver é o ato mais importante da vida, e viver envolve todos os compromissos, todas as liberdades possíveis. Então eu acho que o poeta cumprirá melhor sua missão se fizer versos e esses versos forem bons. Se os seus temas coincidirem com os problemas do mundo de hoje, tanto melhor; mas se ele contar apenas a sua dor-de-cotovelo, a sua emoção particular, ainda assim estará fazendo um bem à humanidade.”*

(CARLOS DRUMMOND ANDRADE, 1984)<sup>39</sup>

---

<sup>39</sup> FONTE: Entrevista concedida a Edmilson Caminha, em 1984.

Disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br>. Acesso em 17 de novembro de 2017.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz da Sociologia da Literatura, foi possível observar a organização do sistema literário serrano por meio da realização de entrevistas tanto com escritores que residem na região e que têm livros de ficção publicados, quanto com editores do sistema. Inicialmente, estava previsto que seriam entrevistados todos os escritores e editores serranos que quisessem participar da pesquisa. Contudo, durante a coleta dos dados, foram encontrados 250 escritores que residem na Serra e contam com livros literários publicados de 2000 até 2016. Essa informação exigiu a reestruturação de toda a pesquisa, pois, em um primeiro momento, acreditava-se que havia menos de um terço da quantidade total de escritores encontrada. Por meio do estabelecimento de critérios já explicitados, foi definido o número de entrevistas a serem realizadas.

Em contrapartida, foram encontradas apenas seis editoras que publicam literatura na região, e esse número reduzido viabilizou entrar em contato com todas elas. Foi possível estabelecer diálogo com quatro editores que se disponibilizaram a responder os questionamentos.

Assim, esta tese contou com 29 entrevistas, sendo 25 com escritores e quatro com editores. Dentre as informações coletadas, foram, aproximadamente, 30 horas de gravações de áudio, que resultaram em 160 páginas de transcrição dos dados obtidos.

Inicialmente, buscou-se organizar a parte teórica da tese, no entanto, ela precisou ser alterada ao longo de sua elaboração para atender as demandas dos dados investigados. Isso se deve ao fato, principalmente, da grande quantidade de informações encontradas, que dificultou a organização da tese e poderia fazer com que o trabalho de pesquisa ficasse apenas no âmbito da suposição, das impressões e, até mesmo, da imaginação. Para não correr esse risco, procurou-se sistematizar, de forma objetiva, o percurso de investigação, coleta e análise de dados em seis capítulos, conforme pôde ser observado.

A proposta de investigação do cenário editorial e literário serrano está relacionada à dissertação de mestrado da autora desta tese, intitulada *Poetas em reunião: o Grupo Matrícula* e a consolidação de um sistema literário regional da Serra Gaúcha, elaborada entre 2012 e 2014. A pesquisa desenvolvida no mestrado tratou da investigação da paisagem literária da Serra Gaúcha entre os anos de 1950 e 1980, na qual foi possível constatar que 1967 foi um ano considerado “divisor de águas” na literatura serrana. Essa constatação ocorre devido a três

acontecimentos principais que puderam ser observados: a criação da Universidade de Caxias do Sul; o surgimento do Concurso Literário Anual; e a publicação da antologia poética *Matrícula*, escrita por Oscar Bertholdo, José Clemente Pozenato, Jayme Paviani, Ary Nicodemos Trentin e Delmino Gritti.

Durante a pesquisa, foi possível concluir que antes de 1967 já existia um sistema literário na região. Porém, os acontecimentos citados, considerados pela pesquisadora como “eventos literários”, favoreceram a consolidação do sistema ao longo dos anos seguintes. A produção de fortuna crítica, a organização de outras edições do Concurso Literário Anual, a expansão da Universidade de Caxias do Sul, o surgimento de novas bibliotecas, a promoção de clubes de leitores e escritores, a publicação de textos literários nos jornais locais, os lançamentos de livros, dentre outras atividades, foram eventos que contribuíram para a formação e a consolidação da paisagem literária na Serra Gaúcha.

Ao escrever as considerações finais da dissertação em 2014, a autora já atentava para a necessidade de se desenvolverem outras pesquisas que investigassem a literatura na região após 1980. Sob tal perspectiva, desenvolveu-se a seguinte hipótese de pesquisa: depois de passar por um processo de consolidação na década de 1960, o sistema literário da Serra Gaúcha, atualmente, está em fase de renovação e fortalecimento de suas redes de relações estabelecidas no passado, nos planos regional, estadual e nacional.

Depois de longos meses, nos quais procurou-se fazer o levantamento dos escritores serranos, chegou-se à conclusão de que seria inviável pesquisar o cenário editorial de 1981 até os dias atuais, tendo em vista a grande quantidade de informações encontradas. Observou-se, ainda, que houve um aumento significativo no número de publicações a partir do ano 2000, o que contribuiu para a realização do recorte temporal sob o qual a pesquisa foi desenvolvida.

Apesar de este trabalho não ser uma continuação cronológica dos estudos desenvolvidos durante o percurso de mestrado da autora, as pesquisas estão associadas, pois procuram levantar informações sobre a paisagem literária serrana e analisá-las à luz da sociologia da literatura. Acredita-se que, nesta tese, as discussões teóricas, principalmente aquelas propostas por Zohar (1990), foram aprofundadas e, inclusive, ampliadas, pois autores, como Barker (1975), Chartier (1999, 2001a, 2001b e 2002), Escarpit (1969, 1975 e 1976), Lafarge e Segré (2010), Darnton (2009), entre outros, foram incorporados às discussões sobre como funcionam os mecanismos de produção, publicação e circulação literários. Além disso, muitas informações, principalmente teóricas, pesquisadas durante o período de elaboração da dissertação de mestrado e que não foram redigidas na época, acabaram contribuindo para a construção das análises realizadas nesta tese.

A partir das leituras, investigações e análises realizadas, foi possível constatar que na região há uma grande quantidade de escritores que estão publicando diversos gêneros, especialmente romances, contos, crônicas e poesias. Já a publicação dos livros ocorre de duas maneiras principais: através da editora comercial e da editora de prestação de serviços. Destaca-se que a maioria dos escritores publica de forma independente, até mesmo porque a maior parte das editoras serranas são apenas prestadoras de serviços. Gráficas também são um recurso utilizado pelos autores para terem os seus livros impressos e há, ainda, uma minoria que publica na internet.

O fato de muitos autores publicarem de forma independente, revela a difícil situação na qual se encontram as editoras da Serra Gaúcha, pois, conforme as informações coletadas, muitas vezes, elas não têm condições de patrocinar todos os custos de uma única edição. Além disso, é preciso levar em consideração que, talvez, algumas editoras não estejam interessadas em publicar os autores serranos, seja porque não gostaram do texto, seja porque o escritor não possui uma plataforma de leitores consolidada ou, até mesmo, porque a obra não se enquadra na linha da editora. Por esses motivos, a única editora que, talvez, poderia ter condições para pagar pelos custos de edição de determinada obra criou um selo que atende os escritores que se encontram em uma das situações descritas, tendo como pressuposto um contrato de prestação de serviços.

Para qualquer escritor, não apenas na Serra, ter os gastos de uma publicação pagos pela editora é muito difícil, especialmente em início de carreira. Frequentemente, as primeiras publicações são pagas pelo próprio escritor ou com verbas públicas de incentivo à publicação. É preciso que o texto seja considerado muito bom pelo avaliador, atenda às necessidades do mercado, esteja de acordo com a linha da editora e tenha uma plataforma de leitores consolidada, para que a editora avalie a possibilidade de publicar o texto e assumam todos os riscos da edição.

O maior problema enfrentado pelos escritores da região é o de distribuição dos exemplares, pois, ao publicarem de forma independente, as editoras raramente se comprometem com essa tarefa. Isso prejudica a circulação dos livros e, se eles não circulam nem na região da qual são oriundos, possivelmente, não alcançarão âmbitos maiores.

Acredita-se que essa dificuldade não é apenas ocorrência da falta de interesse ou capital financeiro das editoras e dos escritores em fazerem os livros circular, mas, também, de um desequilíbrio entre o número de autores e leitores. Durante a coleta de dados, ficou em evidência que há muitos escritores produzindo e publicando seus livros na região, enquanto, ao que parece, o número de leitores não absorve a grande quantidade de obras.



Entende-se que a grande quantidade de autores que publicam na região e a precariedade nos processos de divulgação e distribuição das obras contribuem para o cenário editorial serrano no estado em que se encontra hoje. Combinadas a isso, temos questões históricas e culturais que acentuam o problema da falta de absorção das obras pelo público leitor.

Acredita-se que é preciso encontrar mecanismos para ampliar a circulação dos livros produzidos na região em questão, para assim aumentar o número de leitores e, conseqüentemente, o consumo de livros. Talvez o caminho sejam parcerias entre empresas privadas, o setor público, escritores, produtores culturais, editores, livreiros, escolas, bibliotecas, enfim, entre todos que, de alguma forma, fazem parte dos processos de produção, circulação, distribuição e recepção do livro, de modo a amenizar ou, até mesmo, solucionar os problemas de divulgação e de acesso dos leitores aos livros produzidos na Serra Gaúcha.

Ao analisarem e discutirem questões sobre o cenário literário mundial nas décadas de 1960 e 1970, Barker e Escarpit (1976) concluem que uma forte indústria editorial é essencial para o desenvolvimento nacional. Conforme os autores, o cenário do livro, especialmente nos países em desenvolvimento, era o seguinte: insuficiência de autores e tradutores, graves problemas de produção, canais de distribuição deficientes, problemas com analfabetismo e com a não leitura, e a impossibilidade de fazer com que o livro atendesse plenamente às necessidades da educação e do progresso econômico e social.

Atualmente, no Brasil, observa-se que por dia em torno de 150 livros, entre nacionais e traduções, são publicados. Os processos de produção estão cada vez mais especializados, ao mesmo tempo em que as editoras têm buscado oferecer objetos de leitura mais elaborados esteticamente. Elas também procuram fabricar edições com preços mais acessíveis. Além disso, há livros para todos os gostos, dos mais variados gêneros e temáticas para atender a gama de propósitos dos leitores em geral, da educação e do progresso econômico e social.

Entretanto, o analfabetismo e a falta leitura, combinados com os graves problemas de distribuição de livros que algumas editoras (principalmente as pequenas) enfrentam, seguem sendo centrais no cenário literário nacional. São problemas que acabam refletindo nos sistemas literários regionais, especialmente no que diz respeito a questões de distribuição dos livros e interesse da comunidade em geral pela leitura nos seus mais diversos propósitos. Para os entrevistados, a falta de interesse pela leitura na Serra Gaúcha, principalmente como atividade de lazer, está intrinsecamente relacionada à cultura regional e nacional.

Pondera-se, conforme Barker e Escarpit (1976), que condições favoráveis à produção de livros são necessárias para o desenvolvimento editorial. Na região pesquisada, foi possível

verificar que há condições favoráveis para a produção de livros, viabilizadas especialmente pelo oferecimento de verbas públicas para a publicação literária. Observa-se que o número de editoras especializadas que publicam ficção na região aumentou de uma para seis. Apesar de a maioria delas serem pequenas, esse crescimento já revela que significativas mudanças na produção e publicação de livros têm acontecido, de modo que venham a favorecer o desenvolvimento do cenário editorial em questão. O aumento do número de escritores e obras na paisagem literária serrana, nos últimos dezesseis anos, é também consequência do fortalecimento das condições necessárias para facilitar a publicação de ficção de autores locais.

No entanto, a maior editora da região dificilmente aposta em uma obra de autoria regional. Na maioria dos casos, as publicações de autores locais não ocorrem pelo selo comercial da editora, mas pelo selo de prestação de serviços. Além disso, a maior parte do seu faturamento não diz respeito à região serrana, mas ao sudeste do país. Enquanto isso, as editoras que publicam apenas os autores regionais, quando buscam distribuir os exemplares, fazem-no principalmente no mercado local. Foi possível constatar que essas editoras estão em dificuldades financeiras e, por isso, na maioria das vezes, trabalham apenas oferecendo o serviço de edição do livro para o escritor que puder pagar.

Conforme os editores entrevistados relataram, o mercado do livro é muito difícil no Brasil pelos problemas citados anteriormente, até mesmo para as grandes editoras. As pequenas, por sua vez, não possuem capital financeiro para pagar os custos de edição de uma obra, sobretudo porque não têm condições favoráveis à distribuição dos livros que edita.

O fato de a maior editora da região publicar, através do selo comercial, principalmente autores que não fazem parte do âmbito literário regional, é algo a ser observado. Isso pode ter relação com a ausência de uma plataforma de leitores para determinado escritor serrano e sua obra. Ou, ainda, pode-se inferir que os escritores da região não produzem obras que sejam do interesse dos leitores, ou seja, não estão empenhados em atender às necessidades do mercado do livro no Brasil, escrevem apenas por prazer, por hobby ou para um pequeno público. Sabe-se que não é isso que as grandes editoras têm procurado atualmente. Elas querem publicar livros que gerem vantagens, não apenas financeiras, mas, também, relacionadas ao *status* e ao prestígio que poderão obter ao investirem em determinado escritor e obra.

Conforme foi observado nas entrevistas, alguns escritores não estão interessados em produzir obras de acordo com as demandas do mercado do livro no Brasil, e preferem escrever produtos culturais que os agradem e que estejam de acordo com os seus ideais. Há, ainda, aqueles que têm interesse em conquistar um grande número de leitores e serem reconhecidos pelo seu trabalho, nacional e internacionalmente. Esses autores precisarão se adequar às

exigências do mercado, investir em estratégias mercadológicas, encontrar canais eficientes para a distribuição de suas obras, para, talvez, inserirem-se no rol de escritores reconhecidos, de forma massiva, por seu trabalho.

Barker e Escarpit (1976) destacam também que os livreiros fornecem um serviço fundamental, como um elo entre editores e leitores, pois é pela mão deles que o livro chega ao público. Atualmente, há outros meios de difusão do material impresso, como os *sites* de vendas. Entretanto, segundo os editores e escritores entrevistados, as livrarias podem fazer muita diferença na circulação da literatura na Serra. Eles reclamam a falta de interesse das livrarias locais em abrir concessões para a venda de livros autores serranos. Conforme os relatos colhidos, as livrarias da região, muitas vezes, não recebem os editores ou escritores para conversarem sobre a possibilidades de comercializar seus livros. Nesse sentido, a internet tem se mostrado uma ferramenta eficiente, que tem colaborado para suprir a necessidade de divulgação e distribuição, além de atingir maior número de leitores, em comparação às livrarias regionais de rua.

Ressalta-se que não levamos em consideração as possibilidades de apresentar os livros dos autores para as grandes livrarias, pois elas trabalham com fornecedores específicos que as abastecem com o material impresso que é de seu interesse e, muitas vezes, pagam espaços para que os seus livros estejam nas vitrines das livrarias. Nesses casos, os escritores e editores precisariam desenvolver uma rede de contatos juntos às distribuidoras de livros.

Portanto, conclui-se que a falta de interesse das livrarias é um problema que colabora para a deficiente circulação das obras de autores locais dentro da própria região. Se muitos escritores serranos não conseguem fazer seus textos circularem no ambiente literário no qual estão inseridos, como poderiam fazê-lo em âmbitos maiores? Certamente, essa não é a situação de todos os autores da região, mas, conforme as pesquisas realizadas, é a de uma quantidade considerável de escritores.

Acredita-se que a formação de associações profissionais relacionadas com material de leitura, o surgimento de altos padrões profissionais e técnicos na produção de livros, a promoção de serviços adequados das bibliotecas, o despertar do público acerca da importância do livro, o estímulo à leitura em todas as camadas da população, o oferecimento de oficinas sobre assuntos relacionados com o material de leitura, a realização de pesquisas e investigações sobre problemas relacionados à leitura, o surgimento de programas públicos para a edição e publicação de livros, o aparecimento das editoras, entre outras possibilidades, não apenas contribuíram para a formação e consolidação do sistema literário serrano, mas continuam sendo essenciais para a manutenção e renovação desse sistema.

Ressalta-se, ainda, que é preciso investir na discussão acerca de questões relacionadas à distribuição da produção literária local, para que soluções sejam encontradas. Entretanto, observa-se que essa é uma deficiência que também integra o cenário literário nacional.

Esta tese não conseguiu verificar e analisar todas as particularidades do sistema literário serrano, mas certamente contribuiu para investigar os mecanismos de produção, publicação e circulação da literatura produzida na Serra Gaúcha, entre 2000 e 2016, sob o ponto de vista da experiência de seus escritores e editores. O grande volume de informações coletadas obrigou a seleção dos dados que foram apresentados ao longo dos seis capítulos. Ressalta-se que ficou para trás um pequeno banco de informações, que não foi disponibilizado neste trabalho por não ser compreendido como ponto central da discussão que estava sendo realizada.

Existem outras pesquisas que podem ser realizadas a partir da investigação aqui apresentada, todas relacionadas ao sistema literário serrano. Dentre elas, destacam-se o uso das plataformas digitais no processo de distribuição e divulgação da produção literária, a verificação das temáticas que mais agradam ao público leitor, a frequência dos leitores às bibliotecas e livrarias, as estratégias para ampliar o horizonte de distribuição da literatura, as questões temáticas e de qualidade estética da produção literária nos últimos anos, a produção literária realizada por mulheres, a produção de literatura infantil, romances (históricos, fantásticos, policiais etc.) e poesia, entre outras.

Por fim, acredita-se que seria de suma importância, a partir desta e de outras pesquisas já realizadas ou em andamento, organizar a redação de uma História da Literatura da Serra Gaúcha. Uma história que compreenda a literatura como uma rede de relações intrínsecas, que envolve não apenas elementos literários (autor, obra e leitor), mas que está carregada de eventos históricos, sociais, culturais e simbólicos. Esse será um trabalho não apenas de registro desses “eventos”, mas que contribuirá para a realização de reflexões mais aprofundadas acerca do sistema literário em questão.

Apenas para fins de registro e como um banco de dados a ser explorado, poder-se-ia organizar uma plataforma *online* com os nomes dos autores serranos, obras, ano e local de publicação e informações biográficas. Entretanto, é preciso pensar sobre como seria feito o gerenciamento dessa ferramenta e como os dados seriam atualizados, garantindo a autenticidade das informações.

Distante de encerrar as discussões, esta tese constitui uma pequena contribuição para os estudos literários regionais. Como já pôde ser observado, há ainda muito a ser explorado nesse universo. As entrevistas realizadas nos permitem verificar, mesmo que parcialmente, como acontece a vida literária na Serra Gaúcha, a partir da noção de sistema. A grande

concentração de escritores e editoras na região, que caracteriza a Serra como a segunda maior paisagem literária do Estado, permite, através das pesquisas e análises realizadas, identificar um cenário que está em transformação. Nesse caso, renovação e manutenção do sistema são consideradas palavras correlacionadas, pois um movimento depende do outro para que o sistema como um todo continue se desenvolvendo.

Apesar de haver um desequilíbrio entre o número de leitores e escritores no sistema, o que contribui para agravar os problemas de circulação das obras, acredita-se que as redes de relações que estão sendo e serão estabelecidas entre os elementos que o constituem propiciarão a continuidade do sistema literário serrano. Deve-se lembrar que, se essa disfunção no âmbito da circulação literária não for amenizada, ocorrerá o definitivo esquecimento de autores e obras, independentemente de questões de qualidade do texto, fato que já pode ser observado.

Em suma, reforça-se que a investigação de determinado cenário literário e editorial precisa levar em consideração os mecanismos de produção, publicação, distribuição e recepção literária dentro de seus contextos. Portanto, todos os processos que envolvem um texto até que ele venha a se tornar um livro (objeto de leitura) e, em seguida, chegar ao leitor, acabam sendo de interesse de pesquisas como esta. Ressalta-se, por fim, que já existem trabalhos que exploram o cenário editorial em outras regiões do Brasil. Em relação à Serra Gaúcha, este é o primeiro de muitos estudos que ainda poderão ser realizados.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Marcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli. SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. *Paidéia*, Ribeirão Preto, n. 2, p. 61-69, fev/jul. 1992.

ARENDRT, João Claudio. Escrita feminina em estruturas regionais. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, n. 24, p. 241-249, jan./jun. 2011a.

\_\_\_\_\_. Contribuições alemãs para o estudo das literaturas regionais. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, n. 17, p. 217-238, jul. 2011b.

\_\_\_\_\_. Do outro lado do muro: regionalidades e regiões culturais. *Revista Rua*, Campinas, n.18, p. 82-98, nov. 2012.

\_\_\_\_\_. Notas sobre regionalismo e literatura regional: perspectivas conceituais. *Todas as letras Z*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 110-126, maio/ago. 2015

BARKER, Ronald. ESCARPIT, Robert. *A forme de ler*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1975.

BERUMEN, Humberto Félix. *La frontera en el centro*. Ensayos sobre literatura. Baja California: Universidad Autónoma de Baja California, 2005. p. 39-75.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In.: *Vários escritos*. 5. Ed. São Paulo: Ouro sobre azul, 2001. p. 169-191.

\_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira*. 12. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2009.

\_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. 9.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul, 2011.

CHARTIER. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1990

\_\_\_\_\_. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

\_\_\_\_\_. *Cultura escrita, literatura e história*. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001a.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Práticas da leitura*. 2. ed. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001b.

\_\_\_\_\_. *Os desafios da escrita*. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora Unesp, 2002

\_\_\_\_\_. *Inscriver e apagar*. Trad. Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

DARNTON, Robert. *A questão dos livros: presente, passado e futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ESCARPIT, Robert. *Sociologia da literatura*. Lisboa: Editora Arcádia, 1969.

ESCARPIT, Robert. *A revolução do livro*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1976.

FEBVRE, Lucien. MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian., 2000.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

JOACHIMSTHALER, Jürgen. A literarização da região e a regionalização da literatura. *Antares* (Letras e Humanidades), Caxias do Sul, n. 2, p. 27-60, jul/dez 2009.

LAFARGE, Chantal. SEGRÉ, Monique. *Sociologia da leitura*. Trad. Mauro Gama. Cotia/São Paulo: Ateliê editorial, 2010.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LEONHARDT, Katja. Aspectos de gênero na literatura regional: o caso das poetisas sarenenses. In.: ARENDT, João Claudio. NEUMANN, Gerson Roberto. *Regionalismus (Regionalismos)*. Caxias do Sul: Educ, 2013, p. 127-156.

MALHOTRA, Naresh K. *Introdução à pesquisa de marketing*. São Paulo: Pearson, 2005.

MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo: Ática, 1998.

OLIVEIRA, Calila das Mercês. GALVÃO, Raquel Machado. SEIDEL, Roberto Henrique. Dinâmicas da economia criativa do livro na Bahia. *Antares*, Caxias do Sul, n. 12, p. 152-167, jul/dez 2014.

PESTANA, Maria Helena. GAGEIRO, João Nunes. *Análise de dados para as ciências sociais*. Lisboa: Gráfica Manuel A. Pacheco, Ltda, 2005.

POLAR, Antonio Cornejo. *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*. Orgs. Mario J. Valdés. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

POZENATO, José Clemente. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In.: \_\_\_\_ *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003. p. 149-157.

POZENATO, Kenia Maria Menegotto. GIRON, Loraine Slomp. *100 Anos de Imprensa Regional – 1897-1997*. Caxias do Sul: Educs, 2004.

STÜBEN, Jens. Literatura regional e literatura na região. In.: \_\_\_\_ ARENDT, João Claudio. NEUMANN, Gerson Roberto. *Regionalismus (Regionalismos)*. Caxias do Sul: EDUCS, 2013. p. 37-73.

ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: SENAC, 2001.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; BERTUSSI, Lisana Teresinha; SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. *Dicionário biobibliográfico de escritores da região de colonização italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: das origens a 2005*. Porto Alegre: EST, 2006.

ZOHAR, Itamar Even. The Literary System. In.: \_\_\_\_\_. *Poetics Today* (International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication). 11:1 1990

### Referências de sites

Dados do IBGE:

<http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em 06 de agosto de 2014.

Dados sobre o IBM® SPSS® Statistics 19:

<http://ibm-spss-statistics-64bits.softonic.com.br/>. Acesso em 18 de maio de 2016.

Dados sobre os escritores:

<http://lattes.cnpq.br/>.

<http://adaowons.blogspot.com.br/p/premiacoes.html>. Acesso em 09 de agosto de 2017.

[https://www.avozdapoesia.com.br/autores.php?poeta\\_id=321#Bibliografia](https://www.avozdapoesia.com.br/autores.php?poeta_id=321#Bibliografia) . Acesso em 09 de agosto de 2017.

<http://adyacolimoreira.blogspot.com.br/>. Acesso em 9 de agosto de 2017.

<http://www.kalungashow.com.br/> . Acesso em 10 de agosto de 2017.

<https://www.ceresmarconescritora.com/>. Acesso em 15 de agosto de 2017.

<http://www.douglasceccagno.com.br/?pg=142902>. Acesso em 15 de agosto de 2017.

<https://eucajus.blogspot.com.br/>. Acesso em 15 de agosto de 2017.

<https://www.escritorpedroguerra.com/pedro>. Acesso em 17 de agosto de 2017.

<http://uilibergamin.blogspot.com.br/>. Acesso em 19 de agosto de 2017.



Consulta aos acervos das bibliotecas municipais:

<http://bfm.phlnet.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl82.xis&cipar=phl82.cip&lang=por>.

<http://biblio.caxias.rs.gov.br/>.

Textos utilizados como epígrafe:

<http://www.revistabula.com/383-a-ultima-entrevista-de-guimaraes-rosa/>. Acesso em 17 de novembro de 2017.

<http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/ManuelBandeira.htm>. Acesso em 10 de novembro de 2017.

<http://www2.uol.com.br/omossoroense/120903/entrevista.htm>. Acesso em 10 de novembro de 2017.

<http://www.revistabula.com/503-a-ultima-entrevista-de-clarice-lispector/>. Acesso em 10 de novembro de 2017.

<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=28>. Acesso em 10 de novembro de 2017.

<http://www.jornaldepoesia.jor.br>. Acesso em 17 de novembro de 2017.

<http://almanaque.folha.uol.com.br/entericoverissimo.htm>. Acesso em 17 de novembro de 2017.

Outros:

<https://www.caxias.rs.gov.br/cultura/texto.php?codigo=882>.

### **Bibliografia complementar**

ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

ARENDR, João Claudio. NEUMANN, Gerson Roberto (Orgs.). *Regionalismus - Regionalismos*. Caxias do Sul: Educs, 2013.

BONNEVWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.

BURKE, Peter (Org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo. UNESP, 1992.

CASTRILLÓN, Silvia. *O direito de ler e de escrever*. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. Trad. de Cláudia Cavalcanti, Fulvia M. L. Moretto, Guacira Marcondes Machado e José Antônio de Macedo Soares. São Paulo: Ática, 1999. 2v.

CECCHIN, Aline Brustulin. *Poetas em “reunião”*: o grupo matrícula e a consolidação de um sistema literário regional na serra gaúcha. 2014. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, 2014.

CHARTIER. *A ordem dos livros*: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília, Universidade de Brasília, 1994.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Trad. Betânia Amoroso e José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HAUSER, Arnold. *Sociologia del arte*. V. 4 Sociologia del público. 2. Ed. Barcelona: ed. Labor, 1977.

LAJOLO, Marisa ; ZILBERMAN, Regina. *Das tábuas da lei à tela do computador*: a leitura em seus discursos. São Paulo: Ática, 2009. [livro eletrônico]

LAJOLO, Marisa. *Literatura*: leitores & leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

LEFFA, Vilson J. *Aspectos da leitura*. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/textecc/traducao/teorias/files/aspectos\\_leitura.pdf](http://www.ufrgs.br/textecc/traducao/teorias/files/aspectos_leitura.pdf)

LEONHARDT, Katja. *Weibliches schreiben in regionalen strukturen – saarländische lyrikerinnen der gegenwart*. Alemanha: Herbert Utz Verlag, 2008.

LYONS, Martyn e LEAHY, Cyana. *A palavra impressa*. Histórias de leitura no século XIX. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MAROZO, Luis Fernando. RIZZON, Carlos. CUNHA, Yanna Karlla. Teoria dos polissistemas. *Revista Translatio*, Porto Alegre, n. 4, p. 2-21, 2013.

NUNEZ, Lucio Mendieta y. *Sociologia da arte*. In. VELHO, Gilberto (Org.). *Sociologia da arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

ONG, Walter. *Oralidade y escritura*: tecnologias de la palabra. México: ondo de Cultura Economica, 1996.

POZENATO, José Clemente. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Porto Alegre, Movimento, 1974.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

SCHEICHL, Sigurd Paul. Der Austritt aus der Regionalliteratur. In: Tontsch, Brigitte; Schwob, Anton (Orgs.). *Die siebenbürgisch-deutsche Literatur als Beispiel einer Regionalliteratur*. Köln, Siebenbürgisches Archiv, 1993, p. 33-49.

ZILBERMAN, Regina. *Questões de história da leitura: escritores e público em intercâmbios pouco recíprocos*. Disponível em <http://eduep.uepb.edu.br/sociopoetica/publicacoes/v1n1pdf/12%20Regina%20Zilberman.pdf>

\_\_\_\_\_. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

#### **Outros textos:**

FISCHER, Ernest. A função da arte. In.: BERTELLI, A. R. PALMEIRA, M. G. *Sociologia da arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.

\_\_\_\_\_. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

GOLDMANN, Lucien. BERNAR, Michel. LALLEMAND, Roger. *Sociologia da literatura*. São Paulo: Mandacaru, 1989.

MERQUIOR, José Guilherme. *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1969.

SANGUINETI, Edoardo. *Literatura e sociedade*. Lisboa: Estampa, 1973.

## APÊNDICE

Nome: **Adão Wons**<sup>40</sup> (1972)

Idade: 45 anos

Local de nascimento: Cotiporã/RS

Formação: Ensino médio

Livros de ficção publicados: *Transparências* (2014)

Prêmios literários:

Seus poemas já foram premiados inúmeras vezes na Itália, França, Argentina, Austrália e em vários estados no Brasil.

Outras informações:

Editor do Cotiporã Cultural, fanzine que circula praticamente em todos os estados brasileiros e por vários países, como Estados Unidos, Cuba, Inglaterra, Suíça, China, Itália, França, Argentina, Chile, Espanha, Grécia, Portugal, Ilha de Chipre, Japão e China. O escritor mantém um intercâmbio cultural com escritores, poetas, jornalistas e instituições de cultura no Brasil e no mundo.

Participa de coletâneas literárias internacionais em países como Argentina, Estados Unidos, Austrália e Itália. Seus poemas já foram traduzidos para o inglês, francês, espanhol, italiano, grego e russo e publicados em inúmeros jornais culturais alternativos.

---

<sup>40</sup> As informações apresentadas estão disponíveis em <http://adaowons.blogspot.com.br/p/premiacoes.html>. Acesso em 09 de agosto de 2017.

Nome: **Adelir Moresco**<sup>41</sup> (1955)

Idade: 62 anos

Local de nascimento: São Marcos/RS

Formação: Ensino médio

Livros de ficção publicados: *Crenças* (2011) e *Sonhos de estrada* (2012).

Prêmios literários: n.c.

Outras informações: n.c.

---

<sup>41</sup> As informações foram disponibilizadas pelo próprio escritor.

Nome: **Ademir Antonio Bacca**<sup>42</sup> (1951)

Idade: 66 anos

Local de nascimento: Serafina Corrêa/RS

Formação: Ensino médio

Livros de ficção publicados:

Ademir Antonio Bacca e Hary Dalla Colletta: *Bento X Cassia: barufa que no se finisse mia* (s.d.), *Marieta, la ghetto doperada ancoi?* (s.d.), *Frotole e buzie* (1986), *Tosati, pian con le bocie che'l bocin le de legno* (1986), *E ve le contemo nantre tante* (1987), *Fin peca morir* (1991), *Poeta mostra tua cara* (1991), *Le meio storie de Bacca e Colletta* (1994), *Parona fame ciaro* (1994), *Ciuchi ma no bauchi* (2001) e *Fin che la dura, mais paúra!* (2004).

Outras publicações: *Página de jornal* (s.d.), *Inventário de emoções* (s.d.), *Pátria amada e outros poeminhas insensatos* (s.d.), *A tragédia dos anjos* (s.d.), *Uma porta aberta* (1974), *Boca no mundo* (1978), *Asas do coração* (1979), *Medida Provisória* (1992), *Pandorgas ao vento* (2001) e *Plano de voo* (2004).

Prêmios literários:

1984 – Portaria de louvor da Câmara de Vereadores de Bento Gonçalves.

1990 – Homenagem e medalha em sessão solene da Casa do Poeta Rio-grandense pela realização do 1º Congresso Brasileiro de Poesia e do 1º Encontro Latino-Americano de Casas de Poetas, em Porto Alegre/RS.

1991 – Homenagem e medalha em sessão solene da Casa do Poeta Rio-grandense pela realização do 2º Congresso Brasileiro de Poesia e do 2º Encontro Latino-Americano de Casas de Poetas, em Porto Alegre/RS.

1992 – Recebeu também medalha cultural Oscar Bertholdo, conferida pela Câmara de Vereadores de Bento Gonçalves/RS.

1993 – Certificado de honra ao mérito da Associação Paulista de críticos de arte pela realização do 3º Congresso Brasileiro de Poesia, em São Paulo.

1995 – Citation of Meritorious Achievement pelo International Writers and Artists Association, nos Estados Unidos.

1997 – Medalha Castro Alves – honra ao mérito cultural, em nível nacional, pela Casa do Poeta Brasileiro, Casa do Poeta Latino-Americano e Casa do Poeta Rio-grandense.

1999 – Mérito cultural Jucelino Kubitschek, pela Ordem Internacional da Ciências, das Artes, das Letras e da Cultura.

2000 – Diploma Personalidade Cultural da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro.

---

<sup>42</sup> As informações apresentadas estão disponíveis em [https://www.avozdapoesia.com.br/autores.php?poeta\\_id=321#Bibliografia](https://www.avozdapoesia.com.br/autores.php?poeta_id=321#Bibliografia) . Acesso em 09 de agosto de 2017.

Como escritor, recebeu vários prêmios:

1977 – 3º lugar no concurso de contos da X Semana de Bento Gonçalves.

1978 – 1º lugar no concurso de contos da XI Semana de Bento Gonçalves.

1979 – 1º lugar no concurso de contos eróticos da Grafipar, em Curitiba.

1979 – 4º lugar no concurso de poesia da XI Semana de Bento Gonçalves.

1980 – 3º lugar no concurso de crônicas da XII Semana de Bento Gonçalves.

1980 – 1º lugar no concurso de contos XII Semana de Bento Gonçalves.

1981 – 2º lugar no concurso de contos XIII Semana de Bento Gonçalves.

1983 – 2º lugar no concurso de contos da XVI Semana de Bento Gonçalves.

1983 – 1º lugar no concurso de poesia da XVI Semana de Bento Gonçalves.

1984 – 3º lugar no Concurso Nacional de Poesia da Editora Crisális, no Rio de Janeiro.

1985 – 4º lugar no IV Concurso Nacional de Poesia Raimundo Correa, no Rio de Janeiro.

Outras informações:

Em parceria com Hary Dalla Colletta publicou livros de folclore. Com Vânia Elisabeth Larentis publicou *Boca do mundo*. Participou de 24 antologias poéticas e tem trabalhos publicados nos Estados Unidos, Espanha, Argentina, Uruguai, Cuba, Itália, França, Canadá, México e Portugal. Como jornalista, fundou os jornais "Laconicus" e "Garatuja". Criou e coordena o "Congresso Brasileiro de Poesia", o "Encontro Latino-Americano de Casas de Poetas", a "Mostra Internacional de Poesia Visual" e a "Noite da Poesia Brasileira em Havana". Criou, ainda, a "Semana Oscar Bertholdo de Poesia" e é Presidente do Proyecto Cultural Sur/Brasil. É cônsul em Bento Gonçalves do "Poetas del Mundo". Integra diversas entidades culturais, algumas delas no exterior. Participou como patrono da XIV Feira do Livro de Bento Gonçalves, no ano 2000<sup>43</sup>.

---

<sup>43</sup> ZINANI, Cecil Jeanine Albert. BERTUSSI, Lisana. SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. *Dicionário bibliográfico dos escritores da região de colonização italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre/RS: EST, 2006.



Nome: **Adriana Antunes de Almeida**<sup>44</sup> (1976)

Idade: 41 anos

Local de nascimento: Caxias do Sul/RS

Formação: Doutorado em Letras

Publicações literárias: *Http://temporário* (2007), *As meninas* (2011) e *As mulheres ou sobre muito pouca coisa* (2016).

Prêmios literários:

2012 - Livro do Ano 2012, Associação Gaúcha de escritores (AGES).

2009 - II Prêmio Literário Canon de Poesia, Scortecci Editora.

1994 - Menção Honrosa, Instituto da Poesia Internacional.

1994 - Honra ao Mérito, Instituto da Poesia Internacional.

Outras informações:

Atualmente é Secretária Municipal de Cultura no município de Caxias do Sul. Doutora pelo Programa de Doutorado em Letras - Associação Ampla UCS e UniRitter, com a tese "Uma possível leitura irônica das colunas femininas de Clarice Lispector". Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade pela mesma instituição, com ênfase em Processos Culturais com a dissertação "Shulchan aruch, a mesa posta: a reatualização da diáspora judaica e a formação de territórios a partir da comida na obra *Por que sou gorda, mamãe?*, de Cíntia Moscovich". Pós-graduada em Literatura infanto-juvenil, também pela UCS, com ênfase em Ciberpoesia, e jornalista. Atualmente é diretora de programação da UCSTV. Professora do curso de graduação em Multimídia. Membro do Centro de Leitura Quindim (que trabalha com literatura infanto-juvenil). Além disso, ministra oficinas de literatura e comunicação, é artista visual e ilustradora. É também curadora de conteúdo jornalístico da Rede Prosa (rede de televisões universitárias ligadas ao COMUNG).

---

<sup>44</sup> As informações apresentadas estão disponíveis na Plataforma Lattes. Acesso em 09 de agosto de 2017.

Nome: **Adriano Moreira**<sup>45</sup> (1970)

Idade: 47 anos

Local de nascimento: Caxias do Sul/RS

Formação: Ensino médio

Publicações literárias: *Alcova dos anjos* (2012) e *Brumas do silêncio* (2013).

Prêmios literários: Já recebeu menções honrosas em diversos concursos literários.

Outras informações:

O autor se dedica principalmente à poesia, mas também escreve crônicas e contos. Conta com diversas publicações em antologias de âmbito nacional e internacional.

---

<sup>45</sup> As informações estão disponíveis em: <http://adyacolimoreira.blogspot.com.br/>. Acesso em 9 de agosto de 2017.

Nome: **Alessandra Paula Rech**<sup>46</sup> (1975)

Idade: 42 anos

Local de nascimento: Mundo Novo/MT

Formação: Doutorado em Letras/Literatura Brasileira

Publicações literárias: *Aguadeiro* (2007), *O sumiço do canário* (2012) e *Mirabilia* (2014).

Prêmios literários:

2015 – Prêmio Vivita Cartier de Literatura.

Outras informações:

Doutora em Letras/Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com a tese: “Agudíssimas Horas - Imagens do Tempo na Poesia de Hilda Hilst”. Mestre em Letras e Cultura Regional pela Universidade de Caxias do Sul (2005), quando defendeu a dissertação “A Indistinção Primeira - Amor e Interdito Social na Obra de João Guimarães Rosa”. Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade de Caxias do Sul (1996). Membro do corpo colaborador de docentes do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da UCS - mestrado e doutorado. Desde agosto de 2007 integra o corpo docente do Departamento de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul. Foi repórter e editora na Zero Hora Editora Jornalística (Jornal Pioneiro, de Caxias do Sul), entre 1993 e 2007. Cronista semanal do Jornal Pioneiro, entre 2000 e 2001. Colunista de cinema da revista Bon Vivant (Flores da Cunha -RS). É autora, ainda de *Na Entrada-das-Águas - Amor e Liberdade no Sertão Rosiano*, 2010. Produz reportagens para a revista Casa&Cia no jornal Pioneiro (Grupo RBS). É colaboradora da revista Bon Vivant, com textos sobre cinema. Membro do colegiado de curso de Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul, desde março de 2016. Integrante do corpo editorial da Revista Dobra.

---

<sup>46</sup> As informações apresentadas estão disponíveis na Plataforma Lattes. Acesso em 10 de agosto de 2017.

Nome: **Ana Júlia Poletto**<sup>47</sup> (1975)

Idade: 42 anos

Local de nascimento: Itapiranga/SC

Formação: Doutorado em Letras

Publicações literárias: *Os mandamentos do não* (2002) e *Corpos para um vitral* (2013).

Prêmios literários:

2001 – 1º lugar no V Concurso Regional Literário da ACL, categoria contos, Academia Caxiense de Letras.

2000 – 2º lugar no IV Concurso Regional Literário da ACL, categoria contos, Academia Caxiense de Letras.

1999 – 1º lugar no Concurso Literário da Academia Caxiense de Letras, Academia Caxiense de Letras.

1998 – 1º lugar no Concurso Literário Memória Histórica e Cultural de Flores da Cunha, Prefeitura Municipal de Flores da Cunha.

Outras informações:

Graduada em Direito pela Universidade de Caxias do Sul (1999). Mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina (2006). Doutora em Letras, ênfase em Leitura e Processos Culturais, com a tese intitulada "A leitura dos espaços inóspitos em Alice Munro: corpos (des)habitados e lugares (des)construídos (UCS-UniRitter-2017).

---

<sup>47</sup> As informações apresentadas estão disponíveis na Plataforma Lattes. Acesso em 10 de agosto de 2017.

Nome: **Anna Vera Herlinger Boff**<sup>48</sup> (1937)

Idade: 80 anos

Local de nascimento: Veranópolis/RS

Formação: Graduada em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

Publicações literárias: *Todas as estações* (2003), *De Muros, de Redes, de Condes e de Pacotes* (2008) e *A terra vem do leite* (2010).

Prêmios literários:

A autora já participou e foi premiada em diversos concursos literários, destacam-se:  
1995 – 2º Lugar no Concurso *Quem conta um conto*, promovido pelo Departamento de Cultura da Sociedade Hebraica Cultura Esportiva e Recreativa do Rio de Janeiro.

1996 – 2º Lugar no Concurso *Prosa e Verso*, promovido pela Associação Regional de apoio à terceira idade, de Caxias do Sul.

2002 – Menção honrosa no Concurso Literário de Bento Gonçalves.

2016 – 1º lugar no Concurso literário Mansueto Bernardi.

Outras informações:

Cursou a Oficina Literária de Contos ministrada por Luiz Antonio de Assis Brasil, em Porto Alegre/RS. A autora também já publicou muitos textos em antologias e coletâneas.

---

<sup>48</sup> ZINANI, Cecil Jeanine Albert. BERTUSSI, Lisana. SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. *Dicionário bibliográfico dos escritores da região de colonização italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre/RS: EST, 2006.

Nome: **Armando Wartha<sup>49</sup> (1955)**

Idade: 62 anos

Local de nascimento: n.c.

Formação: Graduado em Filosofia

Publicações literária: *Ecos de uma vida* (2009), *Quatro versos* (2013) e *Causos do coronel Altamiro* (2016).

Prêmios literários:

O autor conta com vários prêmios literários, destacam-se:

2011 – Prêmio Lila Ripoll.

2016 - XIV Concurso Regional de Contos, Crônicas e Poesias Oscar Bertholdo.

Outras informações:

Publicou seu primeiro poema no jornal *O Farroupilha*, aos 51 anos. Ao todo foram 130 poemas publicados no jornal, que foram reunidos em um livro. O autor foi também patrono da 26° Feira do livro de Farroupilha, em 2011.

---

<sup>49</sup> As informações foram disponibilizadas pelo próprio escritor.

Nome: **Carlos Heráclito Mello Nunes<sup>50</sup> (Kalunga) (1949)**

Idade: 68 anos

Local de nascimento: Jaguarão/RS

Formação: n.c.

Publicações literárias: *O primeiro namorado* (1986), *Não deixe morrer meu sonho* (1989), *Indecentemente romântico* (1993), *Criança não faz de conta* (2003), *A bengala mágica da tia Zuaraide* (2005), *O sapo inglês e a sapa espanhola* (2005), *Os casos do detetive Bolotinha* (2007), *Que amor de bruxinha* (2007), *Quero-Quero* (2009), *Da cuca lelé aos repolhinhos de Bruxelas* (2009), *Gre-Nalzinho é sempre Gre-Nalzinho* (2011), *A cidade dos meus sonhos* (2011) e *Em nome da mãe, em nome do pai* (2012).

Prêmios literários:

O autor conta com diversos trabalhos premiados. Destacam-se *Criança não faz de conta*, que recebeu premiação nacional e internacional e *Quero Quero*, texto também premiado internacionalmente.

Outras informações:

Poeta, escritor de literatura infantil e infanto-juvenil, instrumentista, compositor e oficinairo. Possui livros publicados por diversas editoras, entre elas Vozes-RJ, Paulinas-SP, FTD-SP, Miguilim-MG, Franco-MG, InVerso-PR, Maneco-RS, Livroebooks-GO. Conta com textos publicados em diversas coletâneas e livros didáticos. Alguns dos seus livros foram adaptados para teatro, como *Criança não faz de conta*. Participa de Feiras de Livros e eventos literários por todo o território nacional.

---

<sup>50</sup> As informações apresentadas estão disponíveis em <http://www.kalungashow.com.br/>. Acesso em 10 de agosto de 2017.

Nome: **Ceres Postali Marcon**<sup>51</sup> (1965)

Idade: 52 anos

Local de nascimento: Antônio Prado/RS

Formação: Graduada em Letras

Publicações literárias: A autora conta com diversos textos literários (contos, romances, crônicas) em plataformas virtuais, como *Amazon* e *Watpad*. Dentre as suas publicações, destacam-se dois romances *O ascendente* (2016) e *Não duvide de mim* (s.d.).

Prêmios literários:

2010 – 1º lugar no concurso literário de Jacareí/SP.

2011 – 2º lugar no concurso literário de Jacareí/SP.

2014 - Prêmio Mulher Destaque de Antônio Prado/RS, na categoria Educação e Cultura.

Outras informações:

Em sua trajetória como escritora, concluiu oficinas de produção literária com o autor Paulo Bentancur, Diego Schutt, Marcelo Spalding e Felipe Colbert. Teve seus contos publicados em algumas coletâneas, como "Vitor" (Editora Corujito), "Lembrança de sangue" e "A Música Proibida" (Editora Andross) e "A Queda" (Editora Literata). Além disso, algumas obras estão disponíveis para leitura gratuita na *Amazon* e na plataforma *Wattpad*. Em seu site, publica regularmente resenhas de livros. Também escreve para os jornais "Dupla Notícia" e "New Prado", nos quais mantém uma coluna mensal com temas na área da Literatura. Foi patronesse da 15ª Feira do Livro de Antônio Prado/RS.

---

<sup>51</sup> As informações apresentadas estão disponíveis em <https://www.ceresmarconescritora.com/>. Acesso em 15 de agosto de 2017.



Nome: **Denize Maria Leal**<sup>52</sup> (1954)

Idade: 63 anos

Local de nascimento: Garibaldi/RS

Formação: Graduada em Letras

Publicações literárias: *Champolina* (1888), *Guinha, uma grande formiga* (1988), *Travessuras poéticas* (1993) e *A joaninha desbotada* (2007).

Prêmios literários:

A autora ganhou diversos prêmios em concursos literários, especialmente na categoria de contos infantis, destacam-se:

1984 – 1º lugar no IV Concurso de História Infantil de Bento Gonçalves/RS.

1985 – Menção Honrosa no V Concurso de História Infantil de Bento Gonçalves/RS.

1986 – 3º lugar no VI Concurso de História Infantil de Bento Gonçalves/RS.

1987 – 3º lugar no VII Concurso de História Infantil de Bento Gonçalves/RS.

Outras informações:

Suas obras *Champolina* (1988) e *Travessuras poéticas* (1993) foram adaptadas para o teatro. A autora criou e dirigiu a encenação de peças infantis: “O lobo que não era mau”, “Pensando com o coração”, “A turma da Champolina”, “João mistura tudo”, “A história de Natal”, “Autos de Natal”, “A rebelião do lixo”, além de ter feito adaptações de obras de Maria Clara Machado e Kalunga. Em 1986, escreveu e dirigiu a peça teatral “Imigranti vita e stòrie”, e, em 2000, as peças “Novo paese” e “Reinvenção e identidade dos sentidos”.

---

<sup>52</sup> ZINANI, Cecil Jeanine Albert Zinani. SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. *A mulher na história da literatura: estudos da produção literária de escritoras da região de colonização italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul. Caxias do Sul/RS: Educ, 2015.*

Nome: **Douglas Ceccagno**<sup>53</sup> (1979)

Idade: 38 anos

Local de nascimento: Farroupilha/RS

Formação: Doutor em Teoria da Literatura

Publicações literárias: *Calendário* (2006) e *Rábula* (2015).

Prêmios literários:

2013 – I Concurso de Contos e Crônicas - 1º lugar, Biblioteca Pública Érico Veríssimo - Flores da Cunha/RS.

2004 – III Concurso Universitário de Poesia - 3º lugar, Universidade de Caxias do Sul.

2002 – I Concurso Universitário de Poesia - 2º lugar, Universidade de Caxias do Sul.

Outras informações:

Fez graduação em Letras de Língua Portuguesa e Inglesa e mestrado em Letras na Universidade de Caxias do Sul, além de doutorado na área de Teoria Literária pela PUC/RS, com estágio na Université Paris. Leciona disciplinas de literatura e língua portuguesa no âmbito da graduação e também atua no mestrado em Letras da Universidade de Caxias do Sul. Começou a publicar poemas em jornais em 1996. O autor também escreve contos e canções e já publicou textos de opinião em jornais, poemas em antologias de concursos literários e artigos em revistas de estudos de literatura.

---

<sup>53</sup> As informações apresentadas estão disponíveis em <http://www.douglasceccagno.com.br/?pg=142902>. Acesso em 15 de agosto de 2017. Algumas informações também foram encontradas na Plataforma Lattes.

Nome: **Eugênio Carlos de Jesus**<sup>54</sup> (**Eucajus**) (**1961**)

Idade: 56 anos

Local de nascimento: Caxias do Sul/RS

Formação: Ensino Médio

Livros Publicados: *Alucinação* (1984), *Espelho sem fundo* (1987), *Flor de metal* (1989), *Sangue do meu sangue* (1998), *Escorpião* (1999), *A prole* (2001), *Borboleta* (2012), *Chocante* (2012), *Poezia marginal* (2012), *Sarau irado* (2012) e *Ordem dos fantasmas* (s.d.).

Premiações:

1994 – Menção honrosa e 2º lugar no Concurso Histórias de Trabalho, promovido pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Porto Alegre/RS.

Outras informações:

Eucajus Eugênio é o pseudônimo de Eugênio Carlos de Jesus. O autor é conhecido como poeta da galera, e já realizou mais de 1500 palestras em escolas da região sul do Brasil. Trabalha também como produtor e promotor de eventos culturais.

---

<sup>54</sup> As informações apresentadas estão disponíveis em <https://eucajus.blogspot.com.br/>. Acesso em 15 de agosto de 2017.

Nome: **Guilherme Bianchin de Carmargo (2000)**

Idade: 17 anos

Local de nascimento: Caxias do Sul/RS

Formação: Ensino médio incompleto

Livros Publicados: *Os guardiões de Termília: o guerreiro esquecido* (2015) e *Os guardiões de Termília: aprendizes da elite* (2014).

Premiações: n.c.

Outras informações: n.c.

Nome: **Jayme Paviani**<sup>55</sup> (1940)

Idade: 77 anos

Local de nascimento: Flores da Cunha/RS

Formação: Dourado em Linguística e Letras

Publicações literárias: *Matrícula* (1967), *Uvas da consolação* (1972), *Onze horas úmidas* (1974), *Águas de colônia* (1979), *O exílio dos dias* (1982), *Agora e na hora das origens* (1986), *Poemas* (1990), *Antes da palavra* (1998) e *As palavras e os dias* (2002)<sup>56</sup>.

Prêmios literários: Dentre as distinções que obteve, destacam-se:  
1989 – Troféu Caxias do Sul em Cultura.

1999 – Cidadão Honorário Caxiense pela Câmara de Vereadores de Caxias do Sul/RS.

Outras informações:

Possui graduação em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul (1964), graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade de Caxias do Sul (1969), mestrado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1976) e doutorado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1987). Atualmente é doutor adjunto III da Universidade de Caxias do Sul. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Metafísica, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, filosofia, dialética, Platão e conhecimento. O autor foi patrono 37º Feira do livro de Flores da Cunha/RS em 1998 e da 18º Feira do Livro de Caxias do Sul/RS em 2002.

---

<sup>55</sup> ZINANI, Cecil Jeanine Albert. BERTUSSI, Lisana. SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. *Dicionário bibliográfico dos escritores da região de colonização italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre/RS: EST, 2006.

<sup>56</sup> CECCHIN, Aline Brustulin. *Poetas em “reunião”*: o grupo matrícula e a consolidação de um sistema literário regional na serra gaúcha. 2014. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, 2014.

Nome: **José Clemente Pozenato**<sup>57</sup> (1938)

Idade: 79 anos

Local de nascimento: São Francisco de Paula/RS

Formação: Doutor em Letras

Livros Publicados:

No âmbito da poesia, publicou *Vária figura* (1971), *Carta de Viagem* (1982), *Meridiano* (1983) e *Cânti Rústegui* (1993).

No âmbito da narrativa, o autor publicou *O caso do martelo* (1985), novela policial que foi adaptada para a televisão; *O Quatrilho* (1985), romance que foi adaptado para o cinema por Fábio Barreto, e concorreu ao Oscar em 1996, na categoria de melhor filme estrangeiro; *O caso do loteamento clandestino* (1989) e *O caso do e-mail* (2000), que também são novelas policiais; *A Cocanha* (2000) romance que conta a história da chegada dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul; *A Babilônia* (2006), romance que faz o fechamento da trilogia sobre a história dos imigrantes italianos e seus descendentes. No gênero conto, o autor publicou *O limpador de fogões* (1998). No ano seguinte, publicou *Conversa solta* (1999), no qual reuniu algumas de suas crônicas publicadas no *Jornal Pioneiro* (Caxias do Sul). O autor também escreveu dois livros para o público infantil: *O jacaré da lagoa* (1990) e *Pisca-tudo* (2001)<sup>58</sup>.

Prêmios literários:

2005 – Diploma pela brilhante participação em atividades culturais do município de Caxias do Sul, Academia Caxiense de Letras.

2005 – Voto de Congratulações pela autoria do tema da Festa da Uva 2006: "A alegria de estarmos juntos", Câmara Municipal de Caxias do Sul.

2004 – Membro do Conselho do Patrimônio Histórico e Cultural de Caxias do Sul - COMPHAC, Conselho do Patrimônio Histórico e Cultural de Caxias do Sul - COMPHAC.

2003 – Membro do Conselho de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

2002 – Brilhante participação como autor presente, IV Feira Municipal do Livro de Não-Me-Toque/RS.

2001 – Menção Honrosa pela qualidade do romance "A Cocanha", UPF e Prefeitura Municipal de Passo Fundo/RS.

2001 – 1º lugar - Prêmio Joaquim Norberto (Romances Editados) - *A Cocanha*, União Brasileira de Escritores - RJ.

1999 – Membro da Academia Riograndense de Letras, Academia Rio-grandense de Letras.

<sup>57</sup> Informações encontradas na Plataforma Lattes. Acesso em 16 de agosto de 2017.

<sup>58</sup> CECCHIN, Aline Brustulin. *Poetas em "reunião": o grupo matrícula e a consolidação de um sistema literário regional na serra gaúcha*. 2014. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, 2014.

1997 – Membro da Academia Sul-brasileira de Letras, Academia Sul-brasileira de Letras.

1991 – Recebeu da Câmara Municipal de Vereadores de Caxias do Sul/RS, o título de Cidadão Caxiense, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados nas áreas de educação e cultura.

1987 – Diploma pelo brilhante trabalho literário de valorização da cultura popular, Prefeitura Municipal de Nova Prata/RS.

1984 – Primeiro Prêmio - Obra Literária, III Concurso Anual Literário de Caxias do Sul/RS.

1983 – Primeiro Prêmio - Poesia, II Concurso Anual Literário de Caxias do Sul/RS - SMEC.

1983 – Primeiro Prêmio - Crônica, II Concurso Anual Literário de Caxias do Sul/RS - SMEC.

1983 – Menção Honrosa - Obra Literária, II Concurso Anual Literário de Caxias do Sul/RS.

1982 – Premiado, Concurso de Poesias - I Concurso Anual Literário de Caxias do Sul/RS - SMEC.

1973 – Menção Honrosa, Concurso Literário do Estado do Rio Grande do Sul - SEC/DAC/IEL.

Outras informações:

Possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição (1960), mestrado em Estudos em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de São Carlos (1995) e doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2005). Foi professor titular da Universidade de Caxias do Sul. Atualmente é Diretor Técnico do Sapiens Centro de Educação e Cultura. Tem experiência em etnografia cultural, com ênfase em patrimônio imaterial. Docente colaborador do Doutorado em Letras, Associação Ampla UCS/UniRitter. O autor foi patrono da 11ª Feira do Livro de Caxias do Sul/RS em 1994, da 11ª Feira do Livro de São Francisco de Paula em 2006 e da 11ª Feira do Livro de Carlos Barbosa em 2000.

Nome: **Leandro Angonese<sup>59</sup> (1970)**

Idade: 47 anos

Local de nascimento: Caxias do Sul/RS

Formação: Ensino médio

Publicações literárias: *Amores e revolução* (2015), *Delirium tremens* (2014), *O homem só* (2014), *Orações de um ateu* (2010), *Pá de cata-vento* (2007), *Palavras ao vento* (2005) e *Inquietudes* (2017).

Prêmios literários:

2002 – 1º lugar no VI Concurso Regional Literário da Academia Caxiense de Letras.

2002 – Honra ao Mérito no Concurso Nacional Brasileiro Literário, em Caxias do Sul/RS.

2003 – 1º lugar no Concurso de Contos, Crônicas e Poesias de Caxias do Sul/RS.

2003 – 3º lugar no Concurso de Contos, Crônicas e Poesias de Caxias do Sul/RS.

2003 – 1º lugar no IV Gramado em Prosa, Contos e Crônicas, em Gramado/RS.

2003 – 2º lugar no Concurso Literário Bruno Segalla, em Caxias do Sul/RS.

Outras informações:

Componente do grupo literário *Litteres Te Deum* e membro efetivo da Academia Caxiense de Letras.

---

<sup>59</sup> ZINANI, Cecil Jeanine Albert. BERTUSSI, Lisana. SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. *Dicionário bibliográfico dos escritores da região de colonização italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre/RS: EST, 2006.



Nome: **Marcos Fernando Kirst<sup>60</sup> (1966)**

Idade: 51 anos

Local de nascimento: Ijuí/RS

Formação: Graduado em Jornalismo

Publicações literárias: *A Sombra de Clara* (2015), *Insetolândia: uma viagem ao redor do quintal* (2015), *Serra Gaúcha: o passado presente* (2014), *Em silêncios* (2012), *Tetraedro* (2012), *Dois passos antes da esquina* (2009) e *O gato que não sabia de nada* (2008).

Premiações:

2016 – Prêmio Vivita Cartier em Caxias do Sul/RS.

2014 – Prêmio Açorianos em Porto Alegre/RS.

2001 – Concurso Anual Literário da Biblioteca Pública Municipal de Caxias do Sul, na categoria Obra Literária

Outras informações:

Cursou Jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria. Trabalhou por muitos anos na redação de vários jornais impressos, entre eles *A Razão* e *Diário de Santa Maria*, em Santa Maria, e *Pioneiro*, em Caxias do Sul, onde está radicado desde 1992. Colaborou com a revista *Acontece Sul*, de Caxias do Sul, e com os jornais *Informante* e *O Farroupilha*, de Farroupilha. Também atuou nos jornais *Correio Serrano*, de Ijuí, e *Folha de Candelária*, de Candelária. Assina uma coluna semanal de crônicas no jornal *Pioneiro*. Como escritor, tem vários livros publicados nos gêneros infanto-juvenil, poesia, crônica, romance e resgate histórico. É membro da Academia Caxiense de Letras. Foi Patrono da 26ª Feira do Livro de Caxias do Sul em 2010.

---

<sup>60</sup> Informações disponibilizadas pelo próprio escritor.

Nome: **Marcos Mantovani**<sup>61</sup> (1979)

Idade: 38 anos

Local de nascimento: Lages/SC

Formação: Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade

Publicações literárias: *Sala de embarque* (2011) e *Borboleta nua* (2013).

Prêmios literários:

2014 – Prêmio Vivita Cartier em Caxias do Sul/RS.

Outras informações:

Graduado em Relações Públicas pela Universidade de Caxias do Sul. Ex-cronista da Folha de Caxias (2013). Participou como membro da CASF, segmento de Literatura do Financiarte (2015 e 2016) e da comissão julgadora do Concurso Anual Literário de Caxias do Sul (2015).

---

<sup>61</sup> Informações disponíveis na Plataforma Lattes. Acesso em 16 de agosto de 2017.

Nome: **Natalia Borges Polesso<sup>62</sup> (1981)**

Idade: 36 anos

Local de nascimento: Bento Gonçalves/RS

Formação: Doutora em Teoria da Literatura

Publicações literárias: *Coração à corda* (2015), *Amora* (2015) e *Recortes para álbum de fotografia sem gente* (2013).

Prêmios literários:

2016 – Prêmio AGES Livro do Ano - narrativa curta (Livro: *Amora*), Associação Gaúcha de Escritores.

2016 – Prêmio Jabuti - 1º lugar na categoria contos e crônicas (Livro: *Amora*), Câmara Brasileira do Livro.

2016 – Prêmio Jabuti - 1º lugar na categoria escolha do leitor - contos e crônicas (Livro: *Amora*), Câmara Brasileira do Livro.

2016 – Prêmio Açorianos de literatura - categoria contos (livro: *Amora*), Coordenação do Livro e da Literatura.

2014 – 48º Concurso Anual Literário de Caxias do Sul - 2º Lugar na categoria Poesia, Secretaria Municipal da Cultura de Caxias do Sul.

2014 – Edital FINANCIARTE - Literatura - publicação de livro, Secretaria Municipal de Cultura de Caxias do Sul.

2013 – Prêmio Açorianos de Literatura – categoria contos (Livro: *Recortes para álbum de fotografia sem gente*), Prefeitura de Porto Alegre, Coordenação do Livro e Secretaria Municipal de Cultura.

2012 – Edital FINANCIARTE - Literatura - publicação de livro, Secretaria Municipal de Cultura de Caxias do Sul.

2009 – 43º Concurso Anual Literário de Caxias do Sul - Categoria autor já premiado – categoria contos, Secretaria Municipal de Cultura e Biblioteca pública municipal.

2008 – Contos premiados na categoria estreante 42º Concurso Anual Literário de Caxias do Sul, Prefeitura de Caxias do Sul - Secretaria Municipal da Cultura.

Outras informações:

Doutora em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade na Universidade de Caxias do Sul (2011). Possui graduação em Letras Licenciatura Plena em Português, Inglês e respectivas literaturas, pela Universidade de Caxias do Sul (2007). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura e Ensino de língua Inglesa. De janeiro a outubro de 2015 realizou um período de

<sup>62</sup> Informações disponíveis na Plataforma Lattes. Acesso em 17 de agosto de 2017.

doutorado-sanduiche na Université Sorbonne com a orientação do Prof. Dr. José Leonardo Tonus. A autora foi patronesse da 33º Feira do Livro de Caxias do Sul.

Nome: **Paulo Ricardo Ribeiro**<sup>63</sup> (1960)

Idade: 57 anos

Local de nascimento: Bom Jesus/RS

Formação: Doutor em Letras e Literatura Brasileira

Publicações literárias: *Glaucha* (1989), *Vitrola dos ausentes* (1993), *Iberê* (1996), *Valsa dos aparados* (2000), *Missa para Kardec* (2002), *Quando cai a neve no Brasil* (2002), *O livro da feira* (2006), *Cozinha gorda* (2006), *As luas que físgam o peixe* (2007), *O tal eros só: osso relato* (2010), *Tríptico para Iberê* (2010), *Chegaram os americanos* (2011), *Bonja* (2013), *O cabelo de Dalila* (2014), *O passo do socorro* (2014) e *Bagorra* (2016).

Prêmios literários:

2002 – Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

1999 –Homenageado nos 25 Anos da Rádio Aparados da Serra, Rádio Aparados da Serra.

1997 – Prêmio ARI de Jornalismo - Categoria Crônica, Associação Rio-grandense de Imprensa.

1997 –Indicação do Romance Iberê para o Troféu Açorianos, Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre.

1997 –Troféu do Concurso Literário - Categoria Contos, Secretaria Cultural de Caxias do Sul.

1994 –Indicação do romance Vitrola dos Ausentes para o Troféu Açorianos, Secretaria de Cultura de Porto Alegre.

1994 –Prêmio Henrique Bertaso - Narrativa Longa com Vitrola dos Ausentes, Associação dos Editores do Rio Grande do Sul e Feira do Livro de Porto Alegre.

1994 –Homenageado da Feira do Livro de Bom Jesus, Secretaria Municipal de Educação e Cultura

Outras informações:

Possui graduação em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1987), mestrado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul(1994), doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul(2000) e doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul(1998). Atualmente é professor titular da Universidade de Caxias do Sul. Atuando principalmente nos seguintes temas: Processo de criação, Formas poéticas, Grotesco, Expressionismo, Modernidade. O autor foi Patrono da 3º Feira Regional do Livro de Bom Jesus em 2003 e da 23ª Feira do Livro de Caxias do Sul em 2007.

---

<sup>63</sup> Informações disponíveis na Plataforma Lattes. Acesso em 17 de agosto de 2017.

Nome: **Pedro Guerra**<sup>64</sup> (1992)

Idade: 25 anos

Local de nascimento: Caxias do Sul/RS

Formação: Graduado em Jornalismo

Publicações literárias: *O menino debaixo da minha cama* (2010), *Você pode guardar um segredo?* (2012), *A rainha está morta* (2013), *Queda livre* (2015), *Precisava de você* (2015) e *Como eu imagino você* (2017).

Prêmios literários:

Em seu site, o autor ressalta que ganhou diversos prêmios nas áreas de contos, crônicas e poesias, sendo o mais recente o prêmio Açorianos de Literatura, pelo livro *Precisava de Você* em 2016.

Outras informações:

Pedro Guerra é empreendedor e *event planner*. Jornalista formado pela Universidade de Caxias do Sul e pós-graduando em Marketing pela FGV. Além de escrever livros, é cronista do jornal Pioneiro. Trabalha ministrando cursos de escrita, criatividade e marketing literário, bem como realizando visitas em escolas, onde promove a disseminação da leitura entre os adolescentes. Em cinco anos de carreira, mais de 10 mil estudantes já foram atingidos com o trabalho do autor.

Seus livros contemplam duas frentes: a regional, com os títulos *A rainha está morta* (7ª edição) e *Queda Livre* (3ª edição); e a nacional, com livros de romance juvenil, *Precisava de Você* (lançado em 2015).

---

<sup>64</sup> As informações apresentadas estão disponíveis em <https://www.escritorpedroguerra.com/pedro>. Acesso em 17 de agosto de 2017.

Nome: **Uili Bergamin<sup>65</sup> (1979)**

Local de nascimento: Bento Gonçalves/RS

Idade: 38 anos

Formação: Ensino médio

Publicações literárias: *O Sino do Campanário* (2005), *Cela de Papel* (2006), *Do Útero do Mundo* (2007), *A Ilha Mágica* (2011), *Contos de Amores Vãos* (2011), *Tetraedro* (2012), *A Mordaça* (2013), *O Suor dos Fortes* (2014), *Bisbilhoteca* (2014), *Cadê a Tampa?* (2015), *Desvio de Amor* (2015), *As Novas Aventuras de Dom Quixote* (2016) e *O Deserto de Nós* (2016).

Prêmios literários:

1999 – Classificado para a antologia poética Grande escritores do Conesul do Rio de Janeiro.

2000 – 2º lugar no II Gramado em Prosa.

2001 – Menção honrosa no III Gramado em Prosa.

2001 – Menção honrosa no Concorso Litterario Internazionale da Itália.

2001 – 2º lugar no XI Concurso literário São Luiz Gonzaga.

2001 – 1º lugar no VIII Concurso literário Mansueto Bernardi de Veranópolis.

2002 – 1º lugar no I Concurso literário Hospital Pompéia de Caxias do Sul.

2002 – 2º lugar no VI Abraço Poético de Gramado.

2002 – 2º lugar em Concurso da Academia Caxiense de Letras.

2003 – 1º lugar no Concurso de contos, crônicas e poesias de Caxias do Sul.

2003 – 1º lugar no I Concurso Nacional Literário/ASL.

2003 – 3º lugar no IV Gramado em Prosa.

2004 – Menção honrosa no XI Concurso literário Mansueto Bernardi de Veranópolis.

2004 – 1º lugar em votação popular, na I Querência da Poesia Gaúcha de Caxias do Sul.

2005 – 1º lugar no Concurso de declamação do CTG Pousada dos Carreiros de Cotiporã.

2005 – 3º lugar no VII Abraço Poético de Gramado.

2005 – 1º lugar no Concurso regional de contos de Bento Gonçalves.

---

<sup>65</sup> Algumas informações também foram encontradas em <http://uilibergamin.blogspot.com.br/>. Acesso em 19 de agosto de 2017.

2005 – Classificado nos seguintes concursos: I Concurso Lima Barreto de conto (Rio de Janeiro), I Concurso Jorge de Lima de poesias (Rio de Janeiro), I Varal da poesia (Flores da Cunha).

Outras informações:

Aos 8 anos de idade mudou-se, com a família, para o pequeno município de Cotiporã/RS, terra de seus avós paternos. Lá viveu até os 20 anos, tornando-se autor da letra do Hino dessa cidade. No início dos anos 2000 mudou-se para Caxias do Sul, também na Serra Gaúcha, onde vive até hoje. Trabalhou em livrarias da cidade, numa sala de cinema e na Biblioteca Pública Municipal. Escreveu para jornais e revistas da região, como a Revista Acontece Sul e Volare Club, além de ter sido criador e primeiro apresentador do programa Café com Letras, da TV Câmara Caxias . Teve suas obras adaptadas para diversos suportes artísticos, como cinema, teatro, música, artes visuais, espetáculos de dança e outros. Vencedor de diversos prêmios literários, foi patrono e homenageado nas Feiras do Livro de Cotiporã, Veranópolis, Bento Gonçalves, Flores da Cunha, Caxias do Sul, Tupandi, entre outras. Atua como oficinairo e palestrante em escolas e eventos literários de todo o Rio Grande do Sul<sup>66</sup>.

---

<sup>66</sup> ZINANI, Cecil Jeanine Albert. BERTUSSI, Lisana. SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. *Dicionário bibliográfico dos escritores da região de colonização italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre/RS: EST, 2006.



Nome: **Vanderlei Camini**<sup>67</sup> (1966)

Local de nascimento: Carlos Barbosa/RS

Idade: 51 anos

Formação: Graduado em Letras e Psicologia

Publicações literárias: *Raízes do amor* (1992), *Pétalas* (1995), *Violetas* (2000), *Uma história de amor* (2001) e *As pessoas os pilares e o poder* (2013).

Prêmios literários:

1990 – Menção honrosa no IV Concurso de Literatura da Secretaria Municipal de Educação de Carlos Barbosa.

1993 – Menção honrosa no 6º Concurso Nacional de Poesia, do Instituto da Poesia Internacional de Porto Alegre.

Outras informações:

Além de professor, psicólogo e escritor, Vanderelei Camini é compositor de mais de cem músicas gravadas por bandas gaúchas, como Rainha Musical, Miramar Show, Musical Eccos, Banda Rei Sol e Banda Toque de Mágica<sup>68</sup>.

---

<sup>67</sup> ZINANI, Cecil Jeanine Albert. BERTUSSI, Lisana. SANTOS, Salette Rosa Pezzi dos. *Dicionário bibliográfico dos escritores da região de colonização italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre/RS: EST, 2006.

<sup>68</sup> Algumas informações também foram encontradas em <http://vanderleicamini.blogspot.com.br/>. Acesso em 19 de agosto de 2017.

**ANEXOS**

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** O cenário editorial da Serra Gaúcha: uma investigação sobre os mecanismos de produção, recepção, publicação e circulação literária

**Pesquisador:** Aline Brustulin Cecchin

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 59622516.8.0000.5341

**Instituição Proponente:** Universidade de Caxias do Sul-RS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 1.811.070

**Apresentação do Projeto:**

Ver parecer substanciado n. 1.731.507.

**Objetivo da Pesquisa:**

Ver parecer substanciado n. 1.731.507.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

As pendências do parecer substanciado n. 1.731.507 foram atendidas.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Ver parecer substanciado n. 1.731.507.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

As pendências do parecer substanciado n. 1.731.507 foram atendidas.

**Recomendações:**

Não há.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

As pendências do parecer substanciado n. 1.731.507 foram atendidas.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Endereço:** FRANCISCO GETULIO VARGAS

**Bairro:** PETROPOLIS

**CEP:** 95.070-560

**UF:** RS

**Município:** CAXIAS DO SUL

**Telefone:** (54)3218-2829

**Fax:** (54)3218-2100

**E-mail:** cep-ucs@ucs.br

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS  
DO SUL-RS**



Continuação do Parecer: 1.811.070

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_773947.pdf	27/09/2016 14:30:16		Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	27/09/2016 14:26:45	Aline Brustulin Cecchin	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	27/09/2016 14:25:51	Aline Brustulin Cecchin	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetodeTese.pdf	27/09/2016 14:23:22	Aline Brustulin Cecchin	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	18/08/2016 14:18:52	Aline Brustulin Cecchin	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CAXIAS DO SUL, 08 de Novembro de 2016

---

**Assinado por:  
Luciane Andreia Bizzi  
(Coordenador)**

**Endereço:** FRANCISCO GETULIO VARGAS

**Bairro:** PETROPOLIS

**CEP:** 95.070-560

**UF:** RS

**Município:** CAXIAS DO SUL

**Telefone:** (54)3218-2829

**Fax:** (54)3218-2100

**E-mail:** cep-ucs@ucs.br

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
PROGRAMA DE DOUTORADO EM LETRAS-ASSOCIAÇÃO AMPLA UCS-UNIRITTER

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) escritor(a),

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **O cenário editorial da Serra Gaúcha: uma investigação sobre os mecanismos de produção, recepção, publicação e circulação literária** desenvolvida por mim, Aline Brustulin Cecchin, aluna do Programa de Doutorado em Letras da Universidade de Caxias do Sul, sob a orientação do Prof. Dr. João Claudio Arendt.

O objetivo da pesquisa é investigar a produção, a recepção, a publicação e a circulação literária na Serra Gaúcha. Os dados obtidos a partir do presente questionário servirão para conhecer melhor o cenário literário da região, sob o ponto de vista de seus escritores e editores. Este trabalho justifica-se pela contribuição que pode trazer aos estudos literários regionais, como também à sociologia da literatura e da leitura, para compreender o cenário editorial serrano na atualidade.

Informo que os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução n. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Ainda de acordo com a Resolução já citada, esta pesquisa oferece riscos mínimos ao participante, compatíveis com os do cotidiano, como dispor de determinado tempo para participar da pesquisa. Além disso, o sujeito participante da pesquisa poderá sentir certo desconforto em compartilhar informações pessoais ou confidenciais, ou poderá haver alguns tópicos sobre os quais ele possa sentir incômodo em falar. Desse modo, antes de começar a entrevista, deverá ficar claro que o sujeito entrevistado não precisa responder a qualquer pergunta ou parte de informações obtidas em debate/entrevista/pesquisa, se sentir que ela é muito pessoal ou sentir desconforto em falar.

A única forma de coleta de dados será realizada por meio de uma entrevista, que será gravada (apenas o áudio) e, em seguida, transcrita, de modo que venha preservar o anonimato dos participantes. Ressalta-se que a entrevista terá duração de sessenta minutos, e que os dados coletados serão exclusivamente para fins de estudo.

Fica de sua total liberdade desistir ou interromper sua colaboração nesta pesquisa no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação. Em caso de dúvida quanto a sua participação na pesquisa, mesmo que no decorrer dela, fico disponível a prestar esclarecimentos.

Para finalizar, declaro que os dados obtidos a partir desta entrevista poderão ser divulgados em publicações e eventos científicos, mas você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Após esses esclarecimentos, solicito seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto, preencha, por gentileza, os itens que seguem:

( ) Confirmando que recebi cópia deste Termo de Consentimento e autorizo a realização da entrevista bem como a divulgação dos dados obtidos no estudo.

( ) Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, ....., de forma livre e esclarecida, manifesto meu comprometimento em participar da pesquisa.

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do Participante da Pesquisa)

Agradeço sua colaboração.